

VI Colóquio de **Extensão** da **UERN**

1º Livro do Colóquio de Extensão da UERN

Extensão Universitária: Diálogos e Práticas

ISBN Nº 978-85-7621-070-2



PROEX 
Pró-Reitoria de Extensão da UERN

VI Colóquio de **Extensão** da **UERN**

1º Livro do Colóquio de Extensão da UERN

Extensão Universitária: Diálogos e Práticas

ISBN Nº 978-85-7621-070-2



PROEX >>
Pró-Reitoria de Extensão da UERN

Coordenação Geral

Prof. Dr. Francisco Vanderlei de Lima

Comissão Administrativa

Prof. Ms. Auris Martins de Oliveira –
Coordenador
Prof^a. Esp. Antônia Leonides Barbosa –
Secretária
TNM Isabelle Azevedo de Lima –
Secretária geral
TNS Esp. Marcela Karin Pereira Ribeiro
– Secretária

Comissão de Cultura

Prof. Ms. Adalberto Veronese da Costa –
Coordenador
TNS Ms. Raimundo Nonato Santos da
Costa
Inst. Esp. Sadraque Eduardo Tavares
Mendonça
Prof. Esp. Evandro Hallyson Dantas
Pereira

Comissão Pedagógica

Prof^a. Dra. Suzaneide Ferreira da Silva
Menezes – Coordenadora
TNS Dra. Lígia Maria Bandeira Guerra
Prof. Ms. Sebastião Emídio Alves Filho
Prof^a. Ms. Rosa Maria Rodrigues Lopes
Prof. Dr. Bergson da Cunha Rodrigues
Prof^a. Ms. Érica Louise de Souza
Fernandes Bezerra
Prof^a. Ms. Salete Gonçalves
Prof. Ms. Etevaldo Almeida Silva

Comissão de Divulgação e Mídia

TNS Demóstenes Vieira Targino –
Coordenador
TNE Daniel Costa de Medeiros
TNE Ícaro Dias Diógenes
TNE Cícero Pascoal Pinto

Produção Técnica / Editoração

Márcia Egina Câmara Dantas

Catálogo da Publicação na Fonte. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

E96 Extensão universitária: diálogos e praticas. / Auris Martins de Oliveira; Rosa Maria Rodrigues Lopes; Suzaneide Ferreira da Silva Menezes (Orgs.) – Mossoró, RN: Edições UERN, 2013.

211 p.

ISBN 978-85-7621-070-2

Artigos selecionados do VI Colóquio de Extensão da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Extensão universitária. 2. Universidade – Extensão e ensino. 3. Universidade - Pesquisa. 4. Divulgação científica I. Oliveira, Auris Martins de. II. Lopes, Rosa Maria Rodrigues de. III. Menezes, Suzaneide Ferreira da Silva. IV. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. V. Título.

UERN/BC

CDD 378

Bibliotecária: Jocelania Marinho Maia de Oliveira CRB 15 / 319

ISBN: 978-85-7621-070-2

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	6
CAPITULO I - EXTENSÃO E FORMAÇÃO CIDADÃ.....	8
DO OLHAR INQUIETO À AÇÃO COMPROMETIDA: UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO DE JOVENS PARA INGRESSO NO ENSINO SUPERIOR POR MEIO DA EXTENSÃO.....	9
VIVÊNCIA NA UBSF E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DO ACADÊMICO DE ENFERMAGEM.....	20
EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA ACADEMIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	29
PRODOCÊNCIA PEDAGOGIA UERN: CONTRIBUIÇÕES PARA A PRÁTICA DOCENTE	38
PROGRAMA BALE: LEITURA “EM CENA” PARA A FORMAÇÃO DE NOVOS LEITORES.....	47
CORPO HUMANO REAL E FASCINANTE: A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO UMA VIVÊNCIA E APRENDIZADO ENTRE O ENSINO MÉDIO/PROFISSIONALIZANTE E O SUPERIOR.....	60
CAPÍTULO II - EXTENSÃO E GARANTIA DE DIREITOS.....	68
NUCLÉOLO DO ESTUDO DO FÍGADO: UMA PROPOSTA DE EXTENSÃO E ATENÇÃO INTEGRAL AOS PACIENTES COM CIRROSE HEPÁTICA E OUTRAS HEPATOPATIAS CRÔNICAS.....	69
GESTÃO DE FINANÇAS PESSOAIS: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA CIDADE DE MOSSORÓ-RN.....	79
PROJETO SER-TÃO: EXPERIÊNCIAS DE ASSESSORIA JURÍDICA E EDUCAÇÃO POPULAR NO SEMIÁRIDO.....	90
UNIVERSIDADE, ESCOLA E UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE: A INTERSETORIALIDADE COMO CAMINHO PARA A PROMOÇÃO DA SAÚDE DO ADOLESCENTE.....	101
PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE COM PROFESSORES DE UMA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL DO MUNICÍPIO DE MOSSORÓ/RN: O PET-SAÚDE COMO ESPAÇO DE ARTICULAÇÃO ENTRE ENSINO E SERVIÇO.....	115
ATUAÇÃO ODONTOLÓGICA EDUCATIVA E PREVENTIVA NO ÂMBITO HOSPITALAR.....	128
AMBULATÓRIO DE DOENÇA DE CHAGAS: ATENÇÃO INTEGRAL AOS PACIENTES DA MESORREGIÃO OESTE POTIGUAR.....	139
CAPÍTULO III - EXTENSÃO, CULTURA, GERAÇÃO, GÊNERO E MÍDIA	151
O ENCANTADO UNIVERSO DOS CORDÉIS: EXPERIÊNCIAS NO MUSEU DE CULTURA SERTANEJA.....	152
CÂNCER DE MAMA, A CURA É POSSÍVEL, CONHECER É NECESSÁRIO: UMA AÇÃO EXTENSIONISTA DO PROGRAMA SAÚDE EM FOCO NAS ONDAS DO RÁDIO.....	163

MEMÓRIA, CULTURA E IDENTIDADE: A EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA ESCOLA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA JATOBÁ (PATU/RN).....	172
SAÚDE EM FOCO NA WEB RÁDIO: CARTA DOS DIREITOS DOS USUÁRIOS DA SAÚDE.....	185
COLEÇÃO MOSSOROENSE: INCENTIVO À LEITURA POR MEIO DA FORMAÇÃO DE BIBLIOTECAS.....	193
RELATO DE EXPERIÊNCIA NO PROJETO DE EXTENSÃO “DESENVOLVIMENTO SOCIAL UMA QUESTÃO GERACIONAL E DE GÊNERO”	206
A FASCINANTE ARTE DE CONTAR E RECONTAR HISTÓRIAS COM A TURNÊ: TEM HISTÓRIA HOJE? TEM SIM SINHÔ!.....	220

APRESENTAÇÃO

A extensão vem ganhando espaço no âmbito das instituições de ensino superior que vêm despertando para sua relevância enquanto uma das funções responsáveis pelo compromisso social das Universidades, que através da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão complementam a formação acadêmica, profissional e para a vida dos discentes, fortalecendo sua missão universitária, que tem como centralidade a construção de conhecimentos.

Esse processo, ainda tímido por muitos, tem suscitado discussões importantes que compõem a agenda de debates dessas instituições, oportunizando como marca central: nuances transversais que anunciam um cenário preenche de significados se pondo a desafiar a compreensão das práticas extensionistas em seus aspectos filosóficos, administrativos e metodológicos. Nesse sentido, sua concepção perpassa pelo entendimento do que se pretende na prática extensionista, considerando a relação entre os seus diversos agentes e o produto dessa relação. A esse respeito, vale destacar os princípios de sustentabilidade, interdisciplinaridade, participação, diversidade, interinstitucionalidade, ética dentre outros que permeiam e enriquecem esses debates.

Administrativamente esses desafios se fazem sentir na forma de se gerenciar essas práticas, na autonomia administrativa e financeira dada e encontrada no âmbito das IES, expressando, de forma contundente, tratamentos diversificados no fomento à extensão universitária. Nessa perspectiva, vale destacar o alinhamento dessas práticas ao que se propõem as IES em seus aspectos normativos em sintonia com instrumentos normativos de órgãos educacionais superiores.

Do ponto de vista didático e pedagógico, a extensão universitária vem se refazendo em suas práticas a partir de metodologias diversas e inovadoras que se projetam como possibilidades cada vez mais ricas para as diferentes áreas do conhecimento, concebendo, dessa forma, resultados mais profícuos que descortinam horizontes promissores, abrindo espaço para a superação de diferentes desafios contemporâneos.

É tomando como referência esse entendimento que apresentamos à sociedade e à academia esta obra, produto do VI Colóquio de Extensão da Universidade do Estado do Rio Grande que se propôs a encaminhar uma discussão relacionada à extensão nas universidades estaduais, considerando seus aspectos desafiadores e as perspectivas que delineiam o porvir dessas práticas no contexto acadêmico, estimulando a reflexão e a construção de conhecimento a partir de um referencial teórico metodológico capaz de possibilitar o diálogo

entre os diferentes saberes, a contextualização e a transformação da realidade na perspectiva de sua resolutividade.

Nessa perspectiva, sistematizamos o presente livro a partir de um processo seletivo entre os artigos inscritos no VI Colóquio de extensão, dos quais foram selecionados 20 artigos que apresentam experiências extensionistas em várias áreas de conhecimentos que versam sobre diálogos, experiências e práticas extensionistas no contexto universitário.

O presente livro titulado “Extensão diálogos e práticas” está dividido em três capítulos, o primeiro aborda a temática extensão e formação cidadã, no qual é formado por seis artigos, que tem como eixo norteador a educação, formação acadêmica e experiências práticas no ensino médio. O segundo capítulo titulado de extensão e garantia de direitos, tem como eixo norteador promoção a saúde, educação financeira e acesso a assessoria jurídica. No terceiro capítulo o eixo norteador perpassa pelas temáticas a cultura e identidade, a mídia e a leitura como fonte geradora de formação, gênero, geração e etnia.

Sem dúvidas, este livro enquanto produção acadêmica e científica se constitui um processo de difusão de algumas práticas extensionistas desenvolvidas na UERN, institucionalizada e que refletem as possíveis alternativas de curricularização da extensão, ou seja, há possibilidades e capacidade de implementá-la a partir da flexibilidade curricular, da interdisciplinaridade e pela indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Portanto, há um longo caminho a ser trilhado e somos nós docente, técnicos-administrativos e discentes da UERN e demais setores da sociedade que compõem a extensão universitária que devemos desenhar esse caminho, por isso convidamos a todos a nos acompanhar nessa leitura e agradecemos a todos que colaboraram com a construção e realização do VI Colóquio de Extensão.

A todos nosso muito obrigada.

Mossoró 26 de outubro de 2013

Profª. Dra. Suzaneide Ferreira da Silva Menezes

Profª. Ms. Rosa Maria Rodrigues Lopes

CAPITULO I - EXTENSÃO E FORMAÇÃO CIDADÃ

DO OLHAR INQUIETO À AÇÃO COMPROMETIDA: UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO DE JOVENS PARA INGRESSO NO ENSINO SUPERIOR POR MEIO DA EXTENSÃO

Francileide Batista de Almeida Vieira*

Larissa Aquino de Sousa**

Vancicleide Alves de Lima***

Kainara Souza de Alencar****

RESUMO

Este trabalho apresenta as estratégias metodológicas de formação de jovens para ingresso no ensino superior e os resultados alcançados por meio do Projeto de extensão “Abrindo Caminhos para a Universidade”, realizado no município de Campo Grande/RN, a partir do ano de 2008. Como metodologia para a realização da ação extensionista, as estratégias de formação foram organizadas em dois módulos: o primeiro, “Desvendando as Vocações” e o segundo, “Preparando para o processo seletivo”. A formação dos jovens, rumo à universidade, é realizada por meio de palestras, visita a instituições universitárias, projeção de filmes, oficina de estratégias de estudo, aulas por áreas do conhecimento, ações sociais, revisões com foco no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e nos processos seletivos de instituições de ensino superior da região. Abordaremos, neste trabalho, o modo pelo qual se têm obtido resultados satisfatórios, colaborando com a mudança da realidade educacional e individual dos jovens envolvidos, uma vez que, ao longo de cinco anos, eles ingressaram em diferentes cursos universitários. Constatamos, assim, que as ações extensionistas, voltadas para os jovens do ensino médio, público, ampliam o capital cultural necessário à participação nos processos seletivos, estimulando-os a acreditarem nas possibilidades de acesso, bem como colaboram para que assumam a responsabilidade pelo seu processo de aprendizagem. O projeto foi aprovado pelo edital MEC/PROEXT/2011, mas os recursos advindos desse edital só foram executados no ano de 2012. A experiência desenvolvida no ano de 2012 constitui o foco deste trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino superior. Extensão Universitária. Inclusão. Jovens.

* Professora do Departamento de Educação do Campus Avançado de Assu/Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Doutora em educação. Coordenadora do Projeto de extensão Abrindo Caminhos para a Universidade. E-mail: leidaalmeid@hotmail.com

** Graduanda do curso de Letras/Língua Portuguesa, do Campus Central/UERN. Bolsista do Projeto de Extensão Abrindo Caminhos para a Universidade. E-mail: larissaaquino2008@hotmail.com

*** Graduanda do curso de Matemática, do Campus Central/UERN. Bolsista do Projeto de Extensão Abrindo Caminhos para a Universidade. E-mail: vancicleide1@hotmail.com

**** Graduanda do curso de Letras/Língua Portuguesa, do Campus Central/UERN. Bolsista do Projeto de Extensão Abrindo Caminhos para a Universidade. E-mail: kainara.souza@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A luta pela inclusão social tem se ampliado intensamente nas últimas décadas, apresentando-se como alternativa para a superação das práticas excludentes, típicas das sociedades capitalistas. Nesse sentido, Sassaki (2003) discute que a inclusão social consiste num movimento mundial que busca criar situações de inclusão de pessoas que enfrentam barreiras para tomar parte na vida ativa dos diversos segmentos sociais, por não terem reais oportunidades de inserção, assim como determinados grupos de pessoas as tem.

No contexto do século XXI a extensão universitária no Brasil, compreendida aqui como uma forma de fazer universidade em diálogo com o mundo, tem-se apresentado como uma das alternativas ao enfrentamento da crise de legitimidade. Para Santos (2004), a universidade deve ampliar o acesso às demandas locais, aproximar-se da educação básica, praticar a pesquisa-ação, praticar a ecologia dos saberes e está em sintonia com os setores produtivos, espaço de atuação dos profissionais formados.

Dessa afirmação advém a nossa compreensão sobre o papel da universidade como espaço de formação dos jovens e adultos, de desenvolvimento de ciência e tecnologia, criação e difusão de cultura e conhecimentos, que precisa atentar e apostar em ações extensionistas, ensino e pesquisa com pertinência social para promover a compreensão do ser humano, do espaço em que ele vive para, assim, coletivamente promover mudanças em suas trajetórias de vida (TOSCANO, 2006).

Seguindo as perspectivas educacionais inclusivas, identificamos que, no Brasil, a criação do Fórum de Pró-Reitores de Extensão, ocorrida no ano de 1987, fez surgir entre alguns profissionais a compreensão de que um dos caminhos de aproximação da Universidade junto às demandas da população que a financia é a extensão universitária. Esta, uma vez institucionalizada na universidade como prática acadêmica, torna-se “essencial para a formação do profissional cidadão, em diálogo com a comunidade, visando corroborar uma outra alternativa de caminho para as instituições públicas de ensino superior, ao identificar os problemas da sociedade e propor soluções” (TOSCANO, 2006, p. 259).

Inseridos nessa discussão, ressaltamos que um dos grupos que se encontra marginalizado consiste nos jovens de baixa renda, residentes em municípios de pequeno porte, cuja escolarização a que tem acesso apresenta um nível bastante insatisfatório, não lhes proporcionando condições para concorrer com outros jovens melhor preparados nos processos seletivos para ingresso no ensino superior.

Essa realidade foi identificada no município de Campo Grande por professores e outros profissionais que atuam no referido município, visto que o número de pessoas que obtinham aprovação no vestibular não chegava a cinco por cento do total de concluintes do ensino médio. Os próprios jovens manifestaram a necessidade de realização de uma ação que tivesse o intuito de melhorar o processo de formação para que obtivessem sucesso nas avaliações referentes ao ingresso no ensino superior. Tal necessidade foi expressa, de modo explícito, ao final de um processo de formação realizado no município, em cuja avaliação os jovens participantes ressaltaram o desejo de terem acesso a uma ação dessa natureza.

Dessa forma, no ano de 2008, foi elaborado e desenvolvido um projeto de extensão, denominado “Em busca do acesso à universidade: caminho para o exercício da cidadania”, por meio do Departamento de Ciências Sociais do Campus Central da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), contando com professores de outros departamentos da UERN e de instituições do próprio município, tais como a Prefeitura Municipal, a Secretaria Municipal de Educação e o Núcleo Sertão Verde.

Este projeto reafirma a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9.394, aprovada em 20 de dezembro de 1996, quando sinaliza para a universidade, em seu Art. 43, Inciso IV, que esta deve “[...] promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e profissional que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação” (BRASIL, 1996).

Assim, em sintonia com a legislação, buscou-se a elaboração, desenvolvimento e continuidade dessa ação de extensão. A partir do ano de 2011, o projeto passou a ser denominado “Abrindo Caminhos para a Universidade”. A experiência vem sendo desenvolvida há cinco anos e, no presente texto, serão abordados alguns dados referentes ao trabalho que ocorreu no ano de 2012. Atualmente, o projeto é vinculado ao Núcleo de Pesquisa em Educação, do Departamento de Educação do Campus Avançado Prefeito Walter de Sá Leitão/UERN.

METODOLOGIA

O procedimento metodológico adotado nessa ação extensionista consistiu na atuação compartilhada e participativa de instituições parceiras e pessoas voluntárias do município, contando também com pessoas remuneradas no ano de 2012, mas que mantiveram os princípios de coletividade e compromisso social que permeiam a ação. Para a articulação e execução realizamos reuniões entre os coordenadores do projeto, os parceiros locais,

colaboradores voluntários para pensar e organizar as estratégias formativas dos jovens, seleção, encontros para definição do calendário das aulas.

A concepção de participação diz respeito àquela apresentada por Thiollent (2003, p. 57) a apontar como “[...] um conjunto de procedimentos pelos quais interlocutores envolvidos no projeto, internos e externos à universidade, estão inseridos em dispositivos de consulta, diagnóstico, ensino, pesquisa, planejamento, capacitação, comunicação, sempre elaborados para alcançar objetivos comuns”.

Entre os anos de 2008 a 2011 a ação foi desenvolvida preponderantemente por professores e alunos da UERN e por professores e outros profissionais voluntários, residentes no município de Campo Grande ou de municípios circunvizinhos, contando com um coordenador da comunidade local e uma coordenadora da UERN.

No ano de 2010, por meio de edital nacional, o projeto foi contemplado com um recurso no valor de cinquenta mil reais (R\$ 50.000,00), através do Programa de Extensão Universitária (ProExt), do Ministério da Educação (MEC), que tem o objetivo de apoiar as instituições públicas de ensino superior no desenvolvimento de programas ou projetos de extensão que contribuam para a implementação de políticas públicas. O edital mencionado era referente ao ano de 2011, contudo, tal recurso só foi executado no ano de 2012, em virtude dos trâmites burocráticos entre o MEC e a UERN.

Da mesma forma que ocorreu nos anos anteriores, para o início das atividades do ano de 2012, foi feita a seleção dos alunos, cuja inscrição foi anunciada nos meios de comunicação locais e através das redes sociais. Após as inscrições, os coordenadores e outros membros do projeto, procederam com a seleção, que obedeceu a alguns critérios: ter cursado todo o ensino médio em escolas de rede pública; estar disponível para colaborar de forma voluntária com as próprias atividades do projeto ou com outros projetos sociais que envolva o município, além da caracterização relativa ao nível social do candidato.

A princípio, o projeto sempre ofereceu um total de cinquenta vagas, visto que não há condições operacionais de se organizar mais de uma turma. Essa realidade foi mais difícil nas quatro primeiras versões da ação, já que todo o trabalho era feito de forma voluntária. Contar com mais de uma turma demandaria a necessidade de, pelo menos, dois voluntários por noite, o que nem sempre era possível. Contudo, a equipe executora, desde a primeira edição, decidiu conceder mais vagas, considerando a grande procura dos jovens e a possibilidade de evasão.

Em relação a esse último aspecto, um fato que se repete ao longo dos anos diz respeito à desistência de alguns participantes do projeto. Esse fato também contribui para a aceitação de um maior número de pessoas no início das atividades, por ocasião da seleção. Em média de

oitenta a noventa pessoas foram selecionados, nos quatro primeiros anos. Ressaltamos que a evasão desses jovens é motivo de preocupação entre a equipe de execução, constituindo-se como objeto que deve ser cuidadosamente investigado. Diante dessa realidade, a equipe tem procurado desenvolver estratégias para mobilizar os jovens, através de conversas pessoais e coletivas, depoimentos de pessoas que se promoveram socialmente através dos estudos, pelo envolvimento da família nesse trabalho, dentre outras. Contudo, ainda não se obteve o êxito esperado.

No ano de 2012 foram selecionadas cento e dez pessoas, que foram organizadas em duas turmas. Esse aumento foi possível devido aos recursos do ProExt 2011, executados no ano de 2012. Os recursos garantiram a contratação de bolsistas, que permitiram uma melhor organização do trabalho. Uma vez que essas pessoas passaram a ser remuneradas, era possível garantir a realização das atividades, sem os imprevistos que costumavam ocorrer nos anos anteriores. Quando o trabalho era desenvolvido exclusivamente por voluntários, muitas vezes, havia desistência do colaborador e a coordenação precisava buscar outros apoios de modo emergencial, o que nem sempre era possível, sendo que, algumas vezes, a aula chegou a não se realizar.

No referido ano, também foi feita a seleção de doze bolsistas, sendo dez para ministrar aulas dos diversos componentes curriculares, um para o apoio logístico e um para a parte de divulgação do projeto. Após a seleção, iniciaram-se as atividades, que foram estruturadas em dois módulos, os quais constituem a estrutura básica do projeto desde o ano de 2008.

A metodologia do projeto foi planejada visando uma formação mais integral dos participantes, para além da dimensão propedêutica. Por isso, as estratégias metodológicas adotadas para o desenvolvimento das ações do cursinho foram estruturadas em dois momentos, conforme já mencionado. O primeiro, com uma característica mais centrada na reflexão sobre a importância da escolha profissional e composto de atividades norteadas pelo objetivo de possibilitar uma formação para exercício da cidadania e o desenvolvimento de uma postura crítica diante da estrutura social das profissões. O segundo momento, composto de atividades de preparação para o processo seletivo de ingresso para o ensino superior, organizado em aulas, palestras com temas gerais para colaborar na elaboração de redação no PSV, sessões de aulas com vídeos, dentre outros.

O primeiro módulo denomina-se: “Desvendando as vocações” e tem o objetivo de suscitar reflexões que possibilitem a identificação pessoal com uma área profissional, considerando-se a dimensão de atuação da referida área e as características pessoais dos

candidatos. Uma das atividades que integra o primeiro módulo é o roteiro para caracterização de profissionais e de sua profissão.

O segundo módulo é denominado: “Preparando para o processo seletivo”, que tem como objetivo favorecer um melhor embasamento teórico- metodológico e procedimental aos jovens participantes, com vistas a lhes possibilitar o ingresso no ensino superior, através do processo vestibular, buscando atender a todas as áreas do conhecimento (TOSCANO; VIEIRA; PAIVA, 2010). Ao término de cada etapa do projeto foi feita uma avaliação juntamente com alunos, professores e as demais pessoas e instituições envolvidas para servir como base para a elaboração e execução da próxima etapa. Essa avaliação vem sendo feita em todas as edições do projeto.

De forma geral, o projeto envolve toda a cidade de Campo Grande-RN e comunidades adjacentes por meio de divulgação na rádio local; elaboração das fichas de inscrições com critérios para participação; exposição das aulas e local onde serão ministradas as aulas. Em 2012 a maior parte das atividades do projeto foi desenvolvida no mini auditório do Núcleo Sertão Verde. As aulas referentes ao segundo módulo foram ministradas pelos alunos bolsistas da UERN, estudantes de diversas áreas do conhecimento.

O objetivo deste trabalho foi complementar os conteúdos programáticos exigidos pelo processo seletivo da UERN, bem como do ENEM. Porém, o projeto também tem como objetivo trabalhar o desenvolvimento da autonomia dos participantes, no sentido de desenvolverem estratégias de estudo e de aprendizagem, bem como aspectos relativos à formação para o exercício da ética e da cidadania. Para a escolha dos bolsistas, em 2012, foram feitos convites aos professores da UERN que trabalham com estágios para envolver os alunos das licenciaturas no projeto. Posteriormente, foram realizados encontros com os alunos interessados para apresentação do projeto e para oficializar o convite para participação nas aulas, na condição de bolsistas. Os bolsistas foram selecionados com base nos currículos apresentados, bem como pela participação em uma entrevista realizada por professores membros do projeto.

Após a seleção, os bolsistas participaram de um encontro de formação com professores da UERN, sendo uma pedagoga, um da área de jornalismo e um da área de ciências exatas. A formação tinha como objetivo despertar os jovens bolsistas para os aspectos didáticos do trabalho a ser desenvolvido, bem como para a importância das relações estabelecidas com a comunidade beneficiária do projeto. Posteriormente, os bolsistas foram orientados a elaborar um plano de trabalho, contemplando os conteúdos, a metodologia e os recursos didáticos a serem trabalhados em suas áreas de atuação.

RESULTADOS

Os resultados alcançados foram muito satisfatórios, principalmente para os jovens que vivem em áreas urbanas e rurais do município de Campo Grande e nas redondezas. Afinal, sabemos que muitos desses jovens possuem uma educação limitada devido ao fato de se dedicarem, desde muito cedo, a ajudarem aos pais, seja nas tarefas familiares ou nas atividades agrícolas. Através do projeto de extensão “Abrindo caminhos para a universidade” podemos ver um aumento relevante da demanda para os processos seletivos oferecidos pelo governo para o ingresso no ensino superior em diversas instituições.

Após o primeiro ano de realização do projeto, no processo seletivo para ingresso no ensino superior de 2009, tivemos um total de dezoito jovens aprovados no vestibular. Nos anos seguintes, com a continuação do projeto, os resultados só foram aumentando esse percentual. No ano de 2010 o número de aprovações foi de trinta e três jovens; no ano de 2011 obteve-se o total de trinta e quatro aprovações; no ano de 2012 foram aprovados vinte e três pessoas; e, finalmente, no ano de 2013 houve um total de quinze jovens aprovados, totalizando cento e vinte e três aprovações.

Considera-se que essas aprovações trouxeram grandes benefícios à comunidade. Destacamos o desenvolvimento dos jovens, também, fora da sala de aula, evidenciado por meio do empenho nos estudos, não somente durante as atividades do projeto, mas fora dele, o que foi fortalecido através do incentivo constante dos seus executores. Com isso, observamos a melhoria de algumas carências educacionais relatadas pelos estudantes relativas ao ensino médio, a ampliação de seus conhecimentos, o incentivo ao ato de estudar e alcançar seus sonhos e objetivos e, principalmente, a melhoria da sua autoestima.

Todos esses dados foram identificados através da realização de um formulário de avaliação que é aplicado na última sessão de aula oferecida pelo cursinho. As diversas aprovações em diferentes cursos de universidades públicas e particulares da região, obtidas desde o começo do projeto, só serviram para fortalecer os sonhos dos participantes de entrar em uma universidade, tornando realidade algo que antes parecia tão distante.

Para os alunos que atuaram na condição de bolsistas, ministrando aulas dos diversos componentes curriculares, o projeto também proporcionou bons resultados. Ao final da ação, por solicitação da equipe de trabalho da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) da UERN, a coordenadora encaminhou uma questão aberta para todos os bolsistas desejando saber: Quais são os pontos mais importantes que o projeto proporcionou para sua formação acadêmica e humana?

A seguir, apresentaremos algumas das respostas emitidas, que consideramos constituir-se como parte importante dos resultados deste projeto.

Esse projeto de extensão apoiado pela UERN e desenvolvido na cidade de Campo Grande foi de grande benefício tanto para os professores bolsistas quanto para os alunos. Em primeiro lugar ofereceu-nos uma experiência como professores, pois muitos de nós ainda não tínhamos essa realidade vivida dentro de uma sala de aula. Possibilitou o convívio disciplinar com os alunos, pois através da interação e do diálogo podemos nos entender e aprender novas expectativas. Em segundo lugar, foi uma tentativa de demonstrar nossa capacidade de fazer crescer nosso objetivo para a pesquisa e a extensão, pois esses projetos são valorizados dentro da academia e nos possibilitam um desempenho maior nos nossos currículos. (Bolsista de História).

Em primeiro lugar, experiência nessa modalidade de ensino, e em segundo, a admiração e o respeito pelos demais envolvidos no projeto. Pois um trabalho como esse requer muito mais que empenho e dedicação, requer amor pela educação, pela atividade não só desempenhada pelo professor em sala de aula, mas pelo cidadão que busca, de alguma forma, contribuir para a melhoria e o desenvolvimento desses jovens, que buscam, assim como nós também o fizemos um dia, entrar na Universidade e ter um futuro melhor (Bolsista de Biologia).

Proporcionou a oportunidade de lecionar pela primeira vez para a maioria dos bolsistas dando início a carreira de professor, bem como, uma maior interação com um grupo de professores (coordenação) voltado para a educação, e comprometidos com o resultado. Vejo isso como um novo currículo em minha vida o qual me fez perceber a importância de projetos como esses (Bolsista de Geografia).

Com a participação no projeto puder adquirir certa experiência em sala de aula, afinal, foi o projeto abrindo caminhos que proporcionou meu primeiro contado com alunos, me ajudando a por em prática o conhecimento adquirido na universidade. Percebi que a educação é algo que é construído em equipe, uma equipe que todos tenham o mesmo foco, o mesmo desejo de ajudar e compartilhar conhecimentos. Percebi isso nos bolsistas e coordenadores do projeto (Bolsista de Redação).

Com a participação no projeto Abrindo Caminhos Para a Universidade pude aprimorar minha experiência em sala de aula. O projeto me ajudou a pôr em prática o conhecimento adquirido na universidade e a compartilhar esse conhecimento com a comunidade, com outros bolsistas e coordenadores do projeto (Bolsista de Inglês).

O principal ponto foi sair da teoria e pôr em prática os meus conhecimentos acadêmicos. O projeto Abrindo Caminhos para a Universidade não conta apenas com as práticas profissionais, mas também com a prática social, tanto do professor bolsista no relacionamento em sala de aula com os alunos e também com os demais bolsista que é um trabalho todo em equipe e para os alunos que são beneficiados com esse projeto, que eu considero um grande serviço social prestado a toda comunidade (Bolsista de Gramática).

Acredito que o Projeto de Extensão Abrindo Caminhos para a Universidade, contribui no processo de transformação social, pois é uma ação positiva de se trabalhar com uma proposta metodológica voltada para a motivação e humanização dos educandos e professores. É preciso estar atento para o que o estudante pensa, para entender a sua realidade e necessidades, para motivá-lo a buscar alternativas e ser sujeito da sua história (Bolsista de Literatura).

Conforme podemos identificar nas respostas dos bolsistas, o projeto proporcionou resultados muito relevantes, também para eles. Em primeiro lugar, destaca-se a oportunidade de vivenciar uma experiência docente, que muitos ainda não tinham. Eles abordam, ainda, como uma grande contribuição de suas participações no projeto, a aprendizagem relacionada à extensão e à pesquisa, que muitos alunos universitários não têm. Outro aspecto importante diz respeito à motivação pela realização de trabalhos de caráter social e pelo exercício da cidadania. O fato de atender a pessoas de baixa renda, que não tem recursos para frequentarem cursinhos privados, despertou esse sentimento entre os bolsistas.

Por conseguinte, eles ressaltaram que aprenderam a importância do trabalho coletivo, que tiveram a oportunidade de estabelecer relações entre a teoria que vinham estudando na universidade e a prática profissional. Por fim, uma das alunas pontuou que a participação no projeto lhe possibilitou a compreensão de que, por meio da extensão, a universidade pode intervir para efetuar transformações de caráter social. Todos esses aspectos apontam para a importância da realização dessa ação, bem como para a necessidade de sua continuidade.

CONCLUSÃO

Antes desta atividade de extensão, os jovens que terminavam o ensino médio, não acreditavam na possibilidade de ingressarem no ensino superior, pois percebiam a baixa qualidade do ensino e constataavam a situação sociocultural da região, que não contribuía com mudanças naquela realidade. Com cinco anos de atividades programadas e realizadas o projeto “Abrindo Caminhos para Universidade” reafirma a capacidade de mobilização da juventude e colaboradores em torno da perspectiva de ampliação do acesso à universidade.

Enfim, com a criação e desenvolvimento do projeto, percebemos que os sonhos de entrar na universidade vêm se tornando numa realidade cada vez mais presente na vida dos participantes. Dentre as conquistas destacamos: cento e vinte e três aprovações nos processos seletivos para ingresso na universidade, diferindo, consideravelmente, da realidade anterior; amplo aumento do número de inscritos nos processos seletivos da região; aprovação em diferentes cursos de universidades públicas e privadas da região. Finalmente, esses jovens

aprovados também têm se inserido no mercado de trabalho local e realizado concursos públicos.

O projeto não trouxe experiências positivas apenas para os alunos, mas também para os bolsistas participantes desse trabalho. Em primeiro lugar, ofereceu a oportunidade de vivenciar de perto a realidade de uma sala de aula, pois a maioria dos bolsistas, que atuaram no ano de 2012, não tinha passado, ainda, por essa experiência e os que tinham passado, puderam aprimorá-la em outro espaço diferente da sala de aula. Além disso, os bolsistas participantes puderam ter uma visão diferente sobre o poder que a educação tem de mudar histórias de vida, compreendendo que ela constitui-se como um processo que deve ser construído em equipe para a emancipação das pessoas.

Assim, sendo a inclusão um desafio a ser enfrentado coletivamente, por todos os segmentos sociais, a universidade não pode se eximir dessa função. Com base no que abordamos, ressalta-se a necessidade de não apenas contemplarmos as necessidades presentes nas realidades sociais em que estamos inseridos, mas assumirmos o compromisso com essa realidade, o que pode se dá por meio de medidas simples, mas comprometidas.

A extensão universitária se constitui como uma estratégia capaz de favorecer, por meio de projetos como o que acabamos de descrever, a inclusão de jovens de baixa renda ao ensino superior. Porém, essa é apenas uma das inúmeras possibilidades que lhes são inerentes.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996. Brasília: MEC, 1996.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade**. São Paulo: Cortez, 2004. (Coleção Questões da Nossa Época, v. 120).

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. 5. ed. Rio de Janeiro: WVA, 2003.

THIOLLENT, Michel. Metodologia participativa e extensão universitária. In: THIOLLENT, Michel et all. **Extensão universitária: conceitos, métodos e práticas**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003. p. 57 - 67.

TOSCANO, Geovânia da Silva. **Extensão Universitária e formação cidadã: a UFRN e a UFBA em ação**. 2006. 285p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2006.

TOSCANO, G. S.; VIEIRA, F. B. A.; PAIVA, F. C. O. M. **Em busca do acesso à universidade:** caminho para o exercício da cidadania (Relato de uma experiência de extensão universitária no município de Campo Grande/RN. Inter-legere (UFRN), v. 7, p. 422-440, 2010.

INSTITUIÇÃO DE FOMENTO

Ministério da Educação/ProExt

VIVÊNCIA NA UBSF E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DO ACADÊMICO DE ENFERMAGEM

Francisca Patrícia Barreto de Carvalho^{*}
Amélia Carolina Lopes Fernandes^{**}
Ana Gêssica Costa Martins^{***}
Tatiane Aparecida Queiroz^{****}
Jéssica Rabelo Holanda^{*****}

RESUMO: A Atenção Básica à Saúde caracteriza-se por um conjunto de ações de saúde, desenvolvidas com o objetivo de promover uma atenção integral ao indivíduo e as coletividades. A função do profissional de enfermagem na atenção básica é de extrema relevância, sendo muito importante a convivência de discentes no cotidiano de uma Unidade Básica de Saúde da Família (UBSF). Diante disso, o objetivo desse trabalho foi possibilitar as discentes à experiência e vivência das atividades do enfermeiro na Estratégia Saúde da Família (ESF), aproximando docência, profissionais de saúde e comunidade, fortalecendo, assim, a parceria entre a UBSF e a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). As atividades foram desenvolvidas na UBSF do bairro Lagoa do Mato, localizado no município de Mossoró/RN, por duas docentes e em seis discentes do 3º e 5º períodos de Enfermagem. Os encontros na UBSF ocorreram semanalmente todas as segundas e sextas-feiras pela manhã, durante os dois semestres letivos do ano de 2012. As ações realizadas aconteceram de acordo com a dinâmica suscitada pelas necessidades do serviço e da comunidade. A inserção dos acadêmicos de Enfermagem na rotina do serviço de saúde evidenciou o relevante espaço para a reconstrução e aprimoramento do saber/fazer em saúde, considerando que o conhecimento da realidade e das necessidades de saúde se dá pela experiência/contato. Nesse sentido, essa prática de extensão foi de grande relevância a formação das discentes, pois permitiu que estas interagissem com a população atendida pela ESF e conhecer suas principais necessidades e problemas de saúde.

Palavras-chave: Enfermagem; Unidade Básica de Saúde; Saúde da Família.

^{*} Enfermeira. Mestre em Enfermagem pela UFRN. Docente Adjunto I do Departamento de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: patriciabarreto36@gmail.com

^{**} Enfermeira. Discente de Pós-Graduação em nível de Mestrado em Saúde e Sociedade (PPGSS/UERN). Docente do Departamento de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: amelia.carol@gmail.com

^{***} Acadêmica do 5º período de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Bolsista do Programa de Educação Tutorial em Enfermagem. E-mail: gessicamartins23@gmail.com

^{****} Acadêmica do 5º período de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Bolsista do Programa de Educação Tutorial em Enfermagem. E-mail: tati.queiroz@hotmail.com

^{*****} Acadêmica do 5º período de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: jeholanda2010@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A Atenção Básica à Saúde (ABS) caracteriza-se por um conjunto de ações de saúde, no âmbito individual e coletivo, que abrange a promoção e a proteção da saúde, a prevenção de agravos, o diagnóstico, o tratamento, a reabilitação, a redução de danos e a manutenção da saúde com o objetivo de desenvolver uma atenção integral que impacte na situação de saúde e autonomia das pessoas e nos determinantes e condicionantes de saúde das coletividades (BRASIL, 2012).

Atua em todo o território nacional na eliminação da hanseníase; no controle da tuberculose, da hipertensão arterial e do diabetes mellitus; na eliminação da desnutrição infantil; na saúde da criança, da mulher e do idoso; na saúde bucal e na promoção da saúde. Outras áreas de atuação podem ser definidas regionalmente de acordo com prioridades definidas nas Comissões Intergestoras Bipartites (CIBs) (BRASIL, 2007).

Pode-se considerar que a história do Programa de Saúde da Família (PSF), hoje denominado de Estratégia de Saúde da Família, teve início quando o Ministério da Saúde formou o Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS) em 1991, pois a partir do PACS começou-se a enfocar a família e não somente o indivíduo nas práticas de saúde, sendo introduzida a noção de área de cobertura por família (VIANA; POZ, 2005).

Em decorrência dos bons resultados obtidos pelo PACS e em resposta a solicitação de secretários municipais de saúde para que houvesse a expansão do programa dos agentes comunitários para outros tipos de profissionais, o Programa de Saúde da Família foi concebido nos dias 27 e 28 de dezembro de 1993 em Brasília, em uma reunião do Ministério da Saúde sobre o tema Saúde da família, entrando o programa oficialmente em vigência em 1994 (VIANA; POZ, 2005).

A Estratégia de Saúde da Família surgiu então como uma nova maneira de trabalhar em saúde, tendo a família como centro de atenção e adotando um processo de intervenção em saúde que age preventivamente sobre a população (ROSA; LABATE, 2005) e visa à reorganização da Atenção Básica no país, de acordo com o Sistema Único de Saúde (BRASIL, 2007).

Tendo em vista o papel da atenção básica, os profissionais envolvidos devem conhecer bem a finalidade do serviço, a fim de prestar uma assistência de acordo com os princípios e diretrizes que regem o programa. A função do profissional de enfermagem na atenção básica é de extrema relevância, sendo estes responsáveis tanto pelo cuidado direto ao paciente quanto pelo gerenciamento da equipe de enfermagem e da equipe da Estratégia Saúde da Família.

Nesta, embora não haja uma indicação formal neste sentido, há uma tendência ao gerenciamento de fato, delegando, supervisionado, auxiliando, analisando e avaliando a assistência proporcionada à comunidade.

Nesse sentido, é muito importante, no processo de formação, a convivência de discentes no cotidiano de uma Unidade Básica de Saúde da Família (UBSF), espaço onde se dá o acesso do usuário a Atenção Básica de Saúde, pois tal vivência possibilita o contato com situações, procedimentos, patologias, programas e políticas de saúde que auxiliam e complementam sua formação como enfermeiro e como pessoa, para além das atividades rotineiras das disciplinas. O conhecimento dessa realidade possibilita ao discente compreender o contexto social no qual o processo saúde/doença das pessoas que procuram os serviços da UBSF está inserido.

A presença de discentes na UBSF traz para os profissionais a possibilidade de educação em serviço, desenvolvimento de habilidades novas, aquisição de novos conhecimentos, desenvolvimento de atividades diferenciadas para a comunidade, renovação da rotina da UBSF e trabalho em equipe, trazendo mais satisfação com o trabalho desenvolvido por todos.

Atualmente, estamos vivenciando uma hiperfragmentação e uma hiperespecialização no pensar-fazer. Temos dificuldade de articular ideias, de unir conhecimentos de diferentes áreas, de estabelecer diálogo entre opiniões divergentes. Por outro lado, as situações e as problemáticas enfrentadas em nosso cotidiano mostram-se complexas no sentido de requerer um olhar plural que vislumbre a realidade a partir de diversas perspectivas, enxergando os múltiplos fatores que a constituem (MORIN, 2000). Por isso, uma das discussões que vem ganhando cada vez mais espaço no campo da educação é a interdisciplinaridade, isto é, a necessidade de estabelecer pontos de interlocução entre as disciplinas, como forma de que o aluno, ainda na formação, consiga fazer esse exercício de religar saberes (LUCK, 2010).

Neste sentido, a interação, entre academia e serviços de saúde, traz benefícios mútuos, pois a troca de saberes, os conhecimentos e a formação de vínculos, fortalecem todos os envolvidos no processo, os acadêmicos, os profissionais e os usuários da comunidade. Essa troca amplia o campo de visão dos alunos e ajuda a formar egressos mais capacitados para atuarem na ABS, na perspectiva da promoção da saúde e inversão do modelo de assistência ainda vigente.

Salientamos também que, a democratização do ensino superior requer uma prática pedagógica crítica, articulada ao mundo do trabalho cotidiano, estabelecendo uma relação de mediação entre os sujeitos e o mundo, capaz de ampliar a percepção coletiva a respeito das

questões e situações-limite àquelas para as quais as respostas não estão dadas e precisam ser coletivamente construídas (PIRES, 2005).

Diante disso, o objetivo desse trabalho foi possibilitar as discentes à experiência e vivência das atividades do dia-a-dia do enfermeiro na Estratégia Saúde da Família, aproximando docência, profissionais de saúde e comunidade, fortalecendo assim a parceria entre esta UBSF e a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

METODOLOGIA

As atividades foram desenvolvidas na UBSF do bairro Lagoa do Mato localizada na Zona Sul do município de Mossoró/RN e ocorreram durante os dois semestres letivos do ano de 2012.

A equipe de execução do Projeto de Extensão consistiu em duas docentes, nas pessoas das professoras Francisca Patrícia Barreto de Carvalho, na condição de coordenadora, e Amélia Carolina Lopes Fernandes, na condição de membro. As discentes se constituíram em seis, na época quatro cursando o 3º Período de Enfermagem e duas cursando o 5º Período. Os horários foram oportunizados conforme os turnos livres das alunas, de modo que as alunas do 3º Período realizavam atividades nas segundas e sextas pela manhã e as do 5º Período realizavam atividades atinentes ao horário das quartas-feiras à tarde.

O planejamento das ações foi realizado em conjunto pelos docentes e discentes do projeto, representantes da UBSF José Fernandes de Melo e representantes da comunidade, de modo que as ações realizadas aconteceram de acordo com a dinâmica suscitada pelas necessidades do serviço e da comunidade. Os encontros na UBSF ocorriam semanalmente todas as segundas e sextas-feiras pela manhã.

As ações realizadas compreenderam o acompanhamento das consultas do HIPERDIA realizadas pelas enfermeiras, visitas as escolas do bairro para a realização de atividades preconizadas pelo Programa de Saúde na Escola (PSE) e o auxílio à gerência da UBSF no referenciamento dos usuários para outros serviços de saúde.

Estas foram realizadas tanto no espaço físico da UBSF, como também nos equipamentos sociais no território de abrangência assistido pela Estratégia Saúde da Família (ESF), dentre eles 02 (duas) Escolas Estaduais, nas quais, baseadas no Programa Saúde na Escola, foram realizadas atividades com a finalidade de se conhecer a situação nutricional dos alunos, bem como propor medidas intervencionistas eficazes de acordo com o estado no qual os alunos se encontravam.

Também foram realizadas ações de visitas domiciliares, acompanhamento de consultas periódicas junto aos profissionais enfermeiros, além da participação em atividades comemorativas e de lazer do serviço de saúde referido, de forma a possibilitar a aproximação e estabelecimento de vínculo entre a universidade e a comunidade assistida pela UBSF.

Além disso, houve uma semana destinada ao “Lagoa Kids”, evento realizado pela UBSF, o qual possui o nome do bairro de abrangência e que consiste em uma série de atividades de lazer, aprendizagem e de interação entre as crianças, seus familiares e o serviço de saúde.

RESULTADOS

A inserção dos acadêmicos de Enfermagem na rotina do serviço de saúde evidenciou o relevante espaço para a reconstrução e aprimoramento do saber/fazer em saúde, considerando que o conhecimento da realidade e das necessidades de saúde dá-se pela experiência/contato com estas e da percepção das suas repercussões no indivíduo que as possui.

Além disto, a transformação e enriquecimento das práticas em saúde exigem de seus profissionais mais do que as habilidades, mas o convívio, a compreensão, o planejamento como estratégia para resolução satisfatória – o que é refletido no conhecimento que os indivíduos recebem e na confiança que estes usuários depositam nas pessoas que tem como atribuições: investigar, entender, repassar, construir, aprender e intervir no momento oportuno.

A participação das discentes nas atividades das Escolas Estaduais da área de abrangência da UBSF pôde proporcionar uma aproximação com a saúde nutricional dos alunos com base nos IMC (Índice de Massa Corpórea), despertando-lhes, portanto, para posteriores intervenções de Promoção da Saúde e Educação Popular em Saúde, a fim de fornecer informações e orientações com relação a uma alimentação saudável, buscando uma maior interação/articulação entre a UBSF e a escola, evitando agravos e melhorando a qualidade de vida dos alunos.

O acompanhamento das consultas de enfermagem, bem como a participação em outras atividades que a UBSF oferece, não foram planejadas e destinadas tão somente à cura do aspecto biológico dos indivíduos, como também biopsicossocial, levando em consideração o contexto no qual estão inseridos. Dentre estas atividades, está o “Lagoa KIDS”, onde foi possível a realização de atividades com as crianças da área e com seus familiares, de forma interativa e descontraída, proporcionando momentos de aprendizagem atrelados ao lazer,

como leitura de histórias, pinturas e brincadeiras, despertando a curiosidade e instigando a recreação das crianças. Esses momentos puderam proporcionar maiores experiências e domínio para execução dos conhecimentos apreendidos na universidade, considerando que esta deve ser produtora de conhecimentos que devem ser relevantes à sociedade.

Após a realização das visitas domiciliares, percebeu-se que estas são um imprescindível instrumento de captação das necessidades de saúde para os profissionais de saúde e discentes nos domicílios da área de abrangência, além de proporcionar a efetivação do diálogo, reconstrução de práticas alternativas, da ida dos usuários à UBSF. A participação no acompanhamento nutricional de crianças e adolescentes das Escolas Estaduais suscitaram questionamentos quanto à forma que crianças e adolescentes se alimentam e a forma como os pais destas conduzem a reeducação alimentar, relevante para o crescimento e desenvolvimento destas em idades específicas, além de importante componente para a adequada aprendizagem.

Deste modo, as ações ofereceram uma observação e atuação da enfermagem não somente no âmbito da UBSF, realizando-se, assim, a busca ativa e conhecimento dos casos de tuberculose, controle das práticas realizadas, dos tratamentos em início e término e a reconstrução de saberes e práticas tanto dos acadêmicos como dos profissionais, evidenciando, desta forma, a atuação da enfermagem em Epidemiologia e Saúde na sociedade.

De acordo com o cronograma da UBSF, a segunda-feira pela manhã era destinada ao acompanhamento do HIPERDIA. Como este era um dos dias que dispúnhamos para a realização do trabalho na unidade, geralmente auxiliávamos as enfermeiras nesse trabalho.

Nas consultas, a enfermeira dialogava com o paciente sobre como estava sendo seu dia-a-dia, sua dieta, se ele apresentava alguma queixa, realizando também orientações em saúde. Ao término da consulta, a enfermeira atualizava a receita do paciente, para que este pudesse receber a medicação gratuitamente na farmácia da unidade básica, realizando também orientações em relação aos horários das medicações e quanto à data que o usuário deveria retornar a consulta, notificando tudo que estava sendo realizado, tanto no que se refere aos procedimentos quanto às orientações, no prontuário. Como graduandas de enfermagem, auxiliávamos em todas essas atividades, sempre com orientação e acompanhamento das enfermeiras.

A partir dessa vivência, percebemos a importância de realizar orientações em saúde com os indivíduos desse grupo, visto que hipertensão e diabetes são doenças muito prevalentes e que precisam de uma mudança no estilo de vida, necessitando de

acompanhamento profissional, sendo esta experiência muito relevante para nossa formação, visto que ainda não tínhamos tido contato com a Estratégia Saúde da Família (ESF) e com esse grupo de risco. Quanto às limitações para a realização desse trabalho, percebemos que em decorrência da grande demanda da unidade, muitas vezes as consultas aconteciam de uma forma mais simplificada, restringindo as informações que deveriam ser repassadas, o que dificulta a realização do trabalho.

Em relação ao PSE, conforme preconizado pelo programa, foram realizadas visitas a duas escolas do bairro Lagoa do Mato, onde se situa a UBSF, a Escola Estadual de I Grau Hermógenes Nogueira da Costa e a Escola Estadual Monsenhor Raimundo Gurgel para acompanhamento de crianças e adolescentes. Nessas visitas, realizávamos, juntamente com as enfermeiras, a pesagem e medição das crianças e adolescentes de todas as turmas da escola e, ao término da realização da atividade nas escolas, realizamos o cálculo do Índice de Massa Corporal (IMC) de cada uma das crianças e adolescentes, a fim de conhecermos seu perfil nutricional. Essas visitas também contavam com o apoio dos dentistas, que realizavam a avaliação bucal das crianças.

Ainda em relação ao PSE, tivemos a oportunidade de conhecer a cartilha da criança e do adolescente, que iriam ser entregues e apresentadas nas escolas ao término da realização das atividades.

Essa atividade foi muito relevante para nossa formação, pois podemos conhecer o perfil nutricional das crianças e adolescentes, que em sua maioria eram obesas ou desnutridas, o que nos permitiu reconhecer a necessidade da realização de ações educativas, com esse público, voltadas para a melhoria da alimentação. A limitação encontrada na realização dessas atividades ocorreu devido ao fato de não termos tido oportunidade de voltarmos às escolas para a entrega das cartilhas e efetivação da intervenção, devido à dificuldade que encontramos em pactuar, com os profissionais das escolas, as datas para a realização das intervenções.

Por fim, a experiência vivenciada com a gerente da UBSF nos permitiu conhecer como se dá o processo de referenciamento dos usuários a outros serviços de saúde, pois a auxiliamos no preenchimento das fichas de referenciamento e no agendamento das consultas, exames e procedimentos solicitados pelos usuários. Através dessa atividade, podemos conhecer qual a demanda da unidade em relação a especialidades médicas e procedimentos não oferecidos pela atenção básica e como se dá a realização desse processo.

CONCLUSÃO

Através dessa prática de extensão universitária, podemos perceber como é importante, para o discente de enfermagem, vivenciar a prática de trabalho do enfermeiro na Unidade Básica de Saúde desde o início de sua formação acadêmica, pois tal experiência nos permite interagir com a população atendida pela Estratégia Saúde da Família, conhecer as principais necessidades e problemas de saúde apresentados pelos usuários, bem como as melhores formas de intervir nas diferentes faixas etárias.

Além disso, esse projeto nos permitiu conhecer na prática como se dá os programas desenvolvidos na Atenção Básica, nos possibilitando perceber as potencialidades e as limitações na execução destes, o que por sua vez nos auxiliará a modificar e aprimorar as nossas práticas de trabalho enquanto futuros enfermeiros.

Conclui-se que, também houve benefícios para a comunidade que tem o conhecimento da inserção dos futuros profissionais de saúde que irão atuar e ser responsáveis pela manutenção da saúde dos que estão inseridos nesta. No entanto, percebe-se que é também a universidade, especificamente, a Faculdade de Enfermagem que, muitas vezes, não dispõe, em sua grade curricular, de um maior tempo disponível para a inserção destes futuros profissionais nos serviços de atuação, o que impede a realização de ações mais efetivas, realizando-se estas apenas em momentos pontuais.

Assim, o projeto de extensão torna-se relevante para a Universidade, a UBSF e Comunidade que almejam profissionais de saúde capazes para a aprendizagem, questionamento, inovação e resolução dos problemas de saúde/doença de suas áreas de abrangência. Portanto, pode-se concretizar o tripé Ensino, Pesquisa e Extensão.

Por fim, ressaltamos o compromisso da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte em formar um egresso que tenha sua prática voltada para o resgate da dignidade humana, a justiça, o respeito aos direitos do outro, a responsabilidade, o diálogo e a solidariedade, permitindo a transformação de uma realidade pautada no alheamento em relação ao outro e a irresponsabilidade em relação a si e em relação ao contexto social no qual está inserido.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional da Atenção Básica**. Brasília: Ministério da Saúde, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional de Atenção Básica**. Brasília: Ministério da Saúde, 2007. 68p.

LUCK, H. **Pedagogia interdisciplinar: fundamentos teórico-metodológicos**. 8 edição. São Paulo: Vozes, 2010.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários para a educação do futuro**. 2 ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

PIRES, M. R. G. M. Politicidade do cuidado como referencia emancipatória para a enfermagem: conhecer para cuidar melhor, cuidar para confrontar, cuidar para emancipar. **Rev. Latino Americana de Enfermagem**, v. 13, n. 6, p. 729-36, 2005.

ROSA, W. A. G.; LABATE, R. C. Programa de Saúde da Família: a construção de um novo modelo de assistência. **Rev. Latino Americana de Enfermagem**, v. 13, n.6, p. 1027-34, 2005.

VIANA, A. L. A.; POZ, M. R. D. A reforma do sistema de saúde no Brasil e o Programa de Saúde da Família. **PHYSIS: Rev. de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.15, p. 225-64, 2005.

EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA ACADEMIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Suzane Gomes de Medeiros*

Fátima Raquel Rosado Moraes**

RESUMO: O estudo objetiva refletir as experiências de educação em saúde voltadas para adolescentes e vivenciadas no PET-Saúde. **Método:** Relato de experiência de um projeto de intervenção desenvolvido por acadêmicos da FAEN/UERN, a partir de oficinas lúdicas sobre sexualidade realizadas com escolares na faixa etária dos 13 aos 17 anos. As oficinas objetivavam discutir as necessidades em saúde relacionadas à temática, de modo a potencializar os conhecimentos desses atores. **Resultados:** Observou-se carência nas práticas desenvolvidas para os jovens em idade escolar, especialmente na temática sexualidade, desvelando a contribuição dessas oficinas para reflexões acerca das experiências cotidianas e conhecimentos dessa dimensão da vida. Considerando que a adolescência é marcada pela busca de identidade com o grupo, a criação de um momento para discutir questões de interesse dos jovens constitui espaço de destaque, por permitir novos saberes e experiências que favorecerão a tomada de decisões na vida futura. Todavia, não é observada com frequência a realização de práticas destinadas a esta parcela da população, especialmente pela dificuldade em se discutir a temática sexualidade na adolescência. Desta forma, destaca-se o papel do enfermeiro na criação de ações voltadas para os jovens, as quais muitas vezes são estimuladas durante a formação profissional. **Conclusões:** A educação em saúde representa um instrumento importante para o trabalho dos profissionais de saúde, fortalecendo o vínculo e oportunizando aos jovens reflexões e percepções da importância de modificar suas realidades, adotando práticas sexuais e reprodutivas saudáveis.

Palavras-chave: Adolescência. Enfermagem. Sexualidade.

* Enfermeira. Pós-Graduada em UTI pela Consultoria de Ensino, Pesquisa e Extensão (CENPEX) – Faculdade Redentor. Mestranda do Programa de Pós-Graduação Saúde e Sociedade (PPGSS) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Mossoró (RN), Brasil. E-mail: suzane_gm@yahoo.com.br

** Enfermeira. Doutora em Psicologia Social pela UFRN/UFPB. Docente do Departamento de Enfermagem e do Programa de Pós-Graduação em Saúde e Sociedade (PPGSS) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. Mossoró (RN), Brasil. E-mail: frfm@bol.com.br

INTRODUÇÃO

A Educação em Saúde pode representar um instrumento transformador para a construção de experiências na formação acadêmica, influenciando de modo positivo na dimensão pedagógica do trabalho da enfermagem, que sempre teve a sua perspectiva educativa ressaltada. Contudo, embora o enfermeiro seja reconhecido como educador, esta conduta educativa muitas vezes é entendida como mais uma ação técnica acrescentada às práticas da enfermagem. É comum não ser percebida como ação inerente à profissão, uma vez que, com frequência, é entendida como mais um compromisso agregado ao cotidiano deste trabalhador, que tende a reproduzir a lógica biomédica hegemônica nas suas práticas (DAVID; ACIOLI, 2012).

Assim, é essencial que os alunos de graduação sejam estimulados a promover a saúde da população e esta preparação deve envolver uma adequação da base teórica utilizada, para que estes possam desempenhar uma assistência de qualidade, contribuindo com a saúde dos indivíduos. Para tal, compreende-se o desafio a ser enfrentado pelos docentes formadores de enfermeiros, na perspectiva de trabalhar uma educação para os valores dos estudantes (CARVALHO; CARVALHO; RODRIGUES, 2012).

De acordo com estas readequações, o Ministério da Saúde (MS), desde o ano de 2004, vem dialogando com as instituições de ensino a respeito da manutenção de modelos de aprendizagem conservadores, os quais privilegiam a doença, a clínica, os procedimentos diagnósticos, terapêuticos e o hospital. Enfatiza, portanto, a importância de uma formação mais comprometida com uma atenção voltada para as necessidades de saúde das pessoas e promovendo a autonomia destes sujeitos nos aspectos que envolvem sua saúde (PEREIRA; FRACOLLI, 2011).

Em face disto, a formação dos profissionais de saúde deve viabilizar a construção de saberes através da realidade em que estão inseridos, havendo uma participação ativa do discente no processo ensino-aprendizagem, assim como o seu engajamento para modificações deste cenário. Entende-se que, nos últimos anos, o Ministério da Saúde, em parceria com o Ministério da Educação (MEC), vem propondo associações que incluem universidades e serviços de saúde com o propósito de garantir um ensino mais articulado com a realidade, com a participação ativa dos estudantes, contribuindo para a transformação dos vários espaços de atuação (PEREIRA; FRACOLLI, 2011).

Tendo em vista que a Educação em Saúde é um recurso capaz de produzir ação, constitui, portanto, uma forma de trabalho voltada para atuar sobre o conhecimento das

peessoas, para que favoreça a capacidade de desenvolvimento crítico-reflexivo, intervindo sobre suas próprias vidas e apropriando-se de sua existência como seres humanos (RODRIGUES; SANTOS, 2010). Esta educação configura-se como um elemento importante de elaboração e disseminação de saberes e ações estabelecidas de acordo com o que cada cultura compreende por viver saudável (COLOMÉ; OLIVEIRA, 2012).

Logo, o binômio educação e saúde compreende práticas socialmente construídas, criadas em tempos e espaços definidos. Assim, os parâmetros da educação têm relação direta com as condições de saúde, por sofrer influências internas e externas das situações cotidianas, podendo afetar e serem afetados por essa dimensão. Diante disto, a educação em saúde na sua abordagem dialógica compreende que os homens não são seres vazios, e sim, seres conscientes e que problematizam a sua relação com o mundo. Este tipo de educação visa uma emancipação social (RODRIGUES; SANTOS, 2010).

Um dos principais instrumentos para possibilitar a promoção da saúde é a educação em saúde. Entender o caráter multidimensional da saúde é imprescindível para desenvolver práticas voltadas para grupos específicos, contribuindo para que as pessoas busquem em si mesmas as alterações pertinentes para alcançarem uma melhor qualidade de vida. Para isso, é necessário compreender que o usuário é um indivíduo da educação em busca da autonomia, através da modificação do seu estilo de viver (CARNEIRO; SOUZA; GODINHO et al., 2012).

Nesta perspectiva, a educação em saúde representa uma alternativa eficaz para estimular a participação dos cidadãos e para capacitar/empoderar os sujeitos sobre questões referentes à saúde (MELO; CANHA; RAMOS et al., 2011). Em face disto, esse estudo objetiva refletir as experiências de educação em saúde voltadas para adolescentes e vivenciadas no PET-Saúde.

MÉTODO

Este relato de experiência foi desenvolvido através de um projeto de intervenção, a partir de oficinas lúdicas sobre sexualidade que adotaram estratégias revestidas de um conjunto de práticas voltadas à comunidade. A iniciativa foi oriunda da necessidade de uma maior articulação dos serviços de saúde com a academia.

Na perspectiva de promover ações voltadas para jovens em idade escolar, as atividades foram realizadas pelos acadêmicos da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado

do Rio Grande do Norte – FAEN/UERN, participantes do Programa de Educação pelo Trabalho para a saúde (PET-Saúde).

Através de uma articulação conjunta entre docentes, discentes e profissionais do serviço, o PET-Saúde busca intervir de forma positiva na realidade dos indivíduos, a fim de promover a saúde de grupos vulneráveis e gerar mudanças do perfil saúde-doença desta população.

No anseio de proporcionar discussões com um número expressivo de jovens, foram realizados encontros semanais em uma instituição de ensino, a Escola Estadual Raimundo Gurgel, próximo à Unidade Básica de Saúde (UBS) Dr. José Fernandes de Melo, contemplada pelo PET-Saúde. Foram desenvolvidas ações de educação em saúde em que o público alvo era composto por jovens na faixa etária dos 13 aos 17 anos (de ambos os sexos), e que estudavam na referida escola. As oficinas objetivavam discutir as necessidades em saúde relacionadas à temática, de modo a potencializar os conhecimentos dos participantes.

Preliminarmente, a proposta, que abordava temas relativos às mudanças inerentes à adolescência, incluindo Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's), foi apresentada à diretoria da escola. A iniciativa teve aceitação por todos, especialmente pelos professores, que enfatizaram a importância destas ações. Após a autorização, fomos às salas de aula fazer o convite aos alunos para participarem das oficinas.

A dinâmica dos encontros, divididos em quatro reuniões interligadas, foi devidamente exposta. Os contatos eram semanais, com duração de uma hora cada, após o término da aula. As temáticas a serem trabalhadas teriam como eixo principal a sexualidade na adolescência e os assuntos discutidos foram selecionados coletivamente junto aos participantes, com sugestões dos jovens acerca das questões a serem incluídas no debate e que eram de interesse do grupo.

Desde o primeiro contato foi perceptível a empolgação e consequente adesão dos alunos, condição que perdurou durante todas as atividades. Como forma de viabilizar uma boa interação entre os participantes, para a realização destes momentos foram utilizadas metodologias ativas que incluíam oficinas, filmes, jogos educativos, músicas, atividades lúdicas, materiais para corte/colagem.

RESULTADOS

Durante a puberdade, ocorre um processo de maturação humana no qual emergem questões inquietantes aos jovens, surge então a necessidade de orientação e uma maior ênfase

nos aspectos que envolvem sua saúde, sendo fundamental uma boa relação entre estes sujeitos e os profissionais de saúde.

Em geral, a faixa etária que compreende os adolescentes é considerada pelos serviços como pouco associada a problemas de saúde, existindo ações mínimas voltadas para este grupo, que muitas vezes ficam direcionados à livre demanda com intervenções somente nas queixas. Uma vez que se encontram vulneráveis a diversas situações de risco, é indispensável um olhar direcionado às particularidades destes sujeitos.

Em face disto, procuramos desenvolver oficinas com jovens em idade escolar, na perspectiva de uma maior articulação ensino-serviço, já que diante das primeiras aproximações com a realidade das UBS evidenciamos a necessidade de ações voltadas a este grupo, carente de uma atenção específica.

Após serem planejadas, as reuniões foram executadas na semana seguinte a sua apresentação aos alunos, a partir da identificação de temas essenciais e contextualizados de acordo com a realidade dos adolescentes, para a efetivação de um senso crítico e de responsabilidade entre estes indivíduos.

O primeiro dia foi marcado por algumas dinâmicas para conhecer o grupo e suas expectativas, incentivando uma maior interação entre todos os participantes. Foi realizada uma breve apresentação sobre a adolescência e as mudanças corporais, trabalhando de forma envolvente para que os estudantes se engajassem nas discussões. Para este momento também foram utilizadas músicas e uma pequena encenação sobre as diferenças corporais no homem e na mulher. A equipe se mostrou disponível para a retirada de possíveis dúvidas que fossem surgindo.

Na reunião seguinte abordamos a temática da sexualidade, buscando construir coletivamente uma reflexão crítica na perspectiva de possíveis mudanças referentes a este assunto. Utilizamos material de corte e colagem para que os jovens pudessem expressar através destes materiais o que entendiam sobre o tema em debate, viabilizando deste modo um diálogo articulado, não sendo apenas um repasse de informações. Posteriormente, foi apresentado um vídeo, encerrando a discussão deste dia.

O terceiro momento foi voltado para abordar as principais IST's/AIDS. Enfatizamos a importância da prevenção, apresentando as formas de evitar estas doenças, assim como as principais formas de transmissão. O fundamento deste encontro era alertar e sensibilizar estes jovens, especificamente por estarem numa fase na qual as descobertas estão surgindo, e porventura, as consequências destas nem sempre são refletidas.

No último dia de intervenção falamos sobre um assunto de extrema relevância, a gravidez na adolescência. Procuramos trazer depoimentos de garotas que foram mães nesta idade, elucidando as transformações na vida de uma jovem que assume o papel da maternidade tão cedo, muitas vezes tendo até que se afastar dos estudos. Conversamos também acerca da necessidade de procurar o serviço de saúde para fazer exames de rotina, buscando aconselhamento com os profissionais, a família e/ou a escola, a fim de promover uma vida sexual e reprodutiva saudável.

Diante da carência de práticas assistenciais desenvolvidas especificamente para os jovens em idade escolar, de ações que envolvam o grupo de adolescentes, enfatiza-se a contribuição dessas oficinas, uma vez que permitem aos membros participantes reflexões sobre suas experiências e aumento de seus conhecimentos.

Estas dinâmicas grupais representam atividades estimuladoras e motivadoras que favorecem o desenvolvimento de atividades de educação em saúde e que devem ser trabalhadas pelos profissionais de saúde, dando continuidade às discussões, de forma a não representarem ações pontuais.

Considerando que a adolescência é marcada pela busca de identidade com o grupo, a criação de um momento para discutir questões de interesse dos jovens constitui espaço de destaque, por permitir novos saberes e experiências que favorecerão a tomada de decisões futuras. De acordo com Oliveira; Ressel (2010), o grupo de adolescentes favorece a criação de saberes contextualizados com a realidade na qual estão inseridos, através de atividades motivadoras e que influenciam positivamente na fixação dos conteúdos abordados, viabilizando atividades de educação em saúde.

Metodologia educativa bastante difundida e conhecida nos serviços de saúde, o trabalho em grupo é uma proposta criada para que sejam discutidos assuntos de interesse às pessoas que o constituem, servindo como troca de experiências e facilitando a aquisição de saberes. Entretanto, o que se percebe é que nem sempre as reais necessidades e particularidades dos seus componentes são consideradas (MELO; CANHA; RAMOS et al., 2011).

No âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS) são enfatizadas ações de promoção da saúde para favorecer a qualidade de vida da população, através de uma assistência integral e que contemple todas as fases da vida, inclusive a adolescência. Todavia, não é observada com frequência a realização de práticas destinadas a esta parcela da população, especialmente pela dificuldade em se discutir a temática sexualidade na adolescência. (HIGARASHI; BARATIERI; ROECKER et al., 2011). Desta forma, destaca-se o papel do enfermeiro na

criação de ações voltadas para os jovens, as quais muitas vezes são estimuladas durante a formação profissional.

Neste sentido, entende-se a importância da inclusão dos acadêmicos da graduação em contextos sociais distintos, além-muros da universidade, utilizando-se de uma metodologia ativa de aprendizagem para que eles possam aliar a teoria à prática, desenvolvendo o senso crítico e a tomada de decisões para particularidades, através de uma parceria entre instituições de ensino, comunidade e serviços de saúde.

As ações grupais através da prática de educação em saúde possibilitam a inserção de toda a população, e não apenas aquelas com risco de adoecer. Essa educação representa um espaço de reflexão-ação, baseada em conhecimentos técnico-científicos, populares e culturais, viabilizando mudanças sociais e transformando os sujeitos e as pessoas que os cercam na família ou comunidade (ALVES; BOEHS; HEIDEMANN, 2012).

Diante destas reflexões, enalteçamos a fundamental importância da formação de grupos com os adolescentes, para que sejam trabalhados assuntos respectivos a este momento da vida, como questões sexuais. As práticas educativas e voltadas para uma população específica, ao utilizar metodologias participativas, são capazes de minimizar riscos, constituindo-se em ferramentas viáveis para a construção de saberes e autoconhecimento contextualizado com a vivência diária, e não somente na transmissão de informações, permitindo o diálogo e a troca de experiências (OLIVEIRA; RESSEL, 2010).

Nas ações com juvenis no espaço escolar, acreditamos que a temática da sexualidade é a que mais chama a atenção dos estudantes, uma vez que os pais ou professores nem sempre estão preparados para informar ou retirar as dúvidas existentes. Freitas; Dias (2010) acreditam que o enfermeiro possui um papel primordial, já que, através de sua formação generalista, desempenha atividades curativas e preventivas e atua nas mais diversas áreas, tendo através da educação em saúde, com propostas voltadas para os adolescentes, um viés de sua atuação.

Em face disto, faz-se necessário despertar nos estudantes de graduação na área da saúde interesse em desenvolver metodologias que contemplem a educação em saúde no contato com a população, articulada às suas práticas. O acadêmico moldado por esse aprendizado constrói uma visão reflexiva, promove a saúde para a comunidade, previne a doença e fornece atenção integral à população.

Portanto, o exercício da escuta ativa em associação com a capacidade para criar vínculos diferencia estes futuros profissionais, uma vez que não estarão inteiramente ligados à técnica e, capazes de construir parcerias com a comunidade, refletindo aspectos relevantes para a população.

CONCLUSÃO

A educação em saúde representa um instrumento importante para o trabalho dos profissionais de saúde, havendo a necessidade de estudos mais aprofundados sobre o tema. A mudança na grade curricular das instituições de ensino superior, preparando os profissionais para atuarem em sintonia com as particularidades da comunidade, é de grande relevância para contribuir com ações de educação em saúde, superando algumas deficiências na graduação e permitindo aos discentes experiências construtivas que possibilitam uma atividade mais específica e direcionada para grupos diversos na sociedade, inclusive o de jovens em idade escolar.

Fortalece ainda a relação entre os acadêmicos de enfermagem e os adolescentes na medida em que as práticas educativas forem realizadas, oportunizando aos juvenis reflexões e percepções da importância de modificar suas realidades, sensibilizando-os para adotar uma conduta que envolva atitudes positivas e hábitos saudáveis na puberdade.

O desenvolvimento de práticas educativas satisfatórias com adolescentes requer o conhecimento da realidade destes indivíduos, bem como suas potencialidades e susceptibilidades. Entendida assim, esta educação permite uma combinação de oportunidades que favorecem a saúde, na medida em que pode ser adaptada às especificidades, aos interesses e aos conhecimentos individuais dos participantes.

Todavia, as oficinas realizadas neste estudo com jovens escolares representaram um desafio, na medida em que as temáticas abordadas ainda são permeadas por alguns mitos e tabus em nossa sociedade. Desta forma, é pertinente que o assunto seja debatido de forma a considerar os aspectos evolutivos e os conflitos próprios da adolescência, livre de preconceitos e julgamentos.

Para o fortalecimento destas propostas, é preciso que os enfermeiros estejam constantemente buscando conhecimentos novos, através de capacitações, estudos, cursos, reconhecendo que suas práticas cotidianas devem ser frequentemente inovadas.

Esta concepção conduz a um maior comprometimento deste profissional, mas para isso, é preciso que os órgãos responsáveis pela Estratégia Saúde da Família disponibilizem e estimulem a adoção destas condutas pelos trabalhadores da saúde, para que se sintam motivados a contribuir com a melhoria na qualidade de vida de todos.

REFERÊNCIAS

- ALVES, L.H.S.; BOEHS, A.E.; HEIDEMANN, I.T.S.B. A percepção dos profissionais e usuários da estratégia de saúde da família sobre os grupos de promoção da saúde. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v.21, n.2, p.401-408, abr./jun. 2012.
- CARNEIRO, A.C.L.L.; SOUZA, V. de; GODINHO, L.K.; et al. Educação para a promoção da saúde no contexto da atenção primária. **Rev Panam Salud Publica**, v.31, n.2, p.115-120, 2012.
- CARVALHO, A.A.de S.; CARVALHO, G.S.de; RODRIGUES, V.M.C.P. Valores na educação em saúde e a formação profissional. **Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, v.10, n.3, p.527-540, nov. 2012.
- COLOMÉ, J.S.; OLIVEIRA, D.L.L.C. Educação em saúde: por quem e para quem? A visão de estudantes de graduação em enfermagem. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v.21, n.1, p.177-184, jan./mar. 2012.
- DAVID, H.M.S.L.; ACIOLI, S. Mudanças na formação e no trabalho de enfermagem: uma perspectiva da educação popular e de saúde. **Rev Bras Enferm**, Brasília, v.63, n.1, p.127-131, jan./fev. 2010.
- FREITAS, K.R.; DIAS, S.M.Z. Percepções de adolescentes sobre sua sexualidade. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v.19, n.2, p.351-357, abr./jun. 2010.
- HIGARASHI, I.H.; BARATIERI, T.; ROECKER, S.; MARCON, S.S. Atuação do enfermeiro junto aos adolescentes: identificando dificuldades e perspectivas de transformação. **Rev. enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, v.19, n.3, p. 375-380, jul./set. 2011.
- MELO, L.P de; CANHA, B.G.; RAMOS, D.C.; et al. A experiência de estudantes de enfermagem em um grupo de educação em saúde: uma abordagem dialógica. **RBPS**, Fortaleza, v.24, n.2, p.180-188, abr./jun. 2011.
- OLIVEIRA, S.G.; RESSEL, L.B. Grupos de adolescentes na prática de enfermagem: um relato de experiência. **Cienc Cuid Saúde**, v.9, n.1, p. 144-148, jan./mar. 2010.
- PEREIRA, J.G.; FRACOLLI, L.A. Articulação ensino–serviço e vigilância da saúde: a percepção de trabalhadores de saúde de um distrito escola. **Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, v.9 n.1, p.63-75, mar./jun. 2011.
- RODRIGUES, D.; SANTOS, D.E. A Educação em Saúde na Estratégia Saúde da Família: uma revisão bibliográfica das publicações científicas no Brasil. **J Health Sci Inst**, v.28, n.4, p.321-324, 2010.

PRODOCÊNCIA PEDAGOGIA UERN: CONTRIBUIÇÕES PARA A PRÁTICA DOCENTE

Regina Santos Young*
Sonally Albino da Silva Bezerra**
Sheila Beatriz da Silva Fernandes***
Edilene da Silva Oliveira***
Maquézia Emília de Moraes***

RESUMO: Este trabalho tem a finalidade de fazer uma reflexão sobre o Programa de Consolidação da Licenciatura – PRODOCÊNCIA, no Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Objetiva-se evidenciar as contribuições do Programa para a prática docente dos graduandos em formação e para os professores da Educação Básica do Município de Mossoró-RN. Para tanto, realizaram-se estudos baseados em autores como Oliveira (2011), que traz ponderações sobre recursos didáticos; Souza (2007), que conceitua recursos didáticos; os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – RCNEI I, II e III (BRASIL, 1998) e os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (1997), que apresentam orientações pedagógicas norteadoras e pertinentes; Imbernón (2002), que ressalta sobre a formação permanente do professor. A metodologia empregada sustenta-se na análise bibliográfica dos autores já mencionados e discussões coletivas acerca dos textos; além da análise de registros escritos e de imagens das oficinas realizadas com os graduandos de Pedagogia e professores da rede básica de ensino. O PRODOCÊNCIA tem oferecido aos alunos do Curso de Pedagogia uma interação profícua com os recursos didáticos, desde seu processo de construção, até sua utilização nas práticas pedagógicas. As atividades realizadas pelo Programa vêm permitindo a aproximação da escola pública com a universidade.

PALAVRAS – CHAVE: Recursos didáticos. Prática pedagógica. PRODOCÊNCIA.

* Professora Orientadora UERN

** PRODOCÊNCIA/UERN

*** PET PEDAGOGIA/UERN e PRODOCÊNCIA/UERN

INTRODUÇÃO

Este estudo tem por objetivo apresentar as contribuições do Programa de Consolidação das Licenciaturas – PRODOCÊNCIA, do Curso de Pedagogia da UERN, para a prática docente. O Programa tem como proposta a reestruturação do Laboratório de Práticas Escolares da Faculdade de Educação, com a contribuição das demais licenciaturas da UERN, visando estender a utilização deste Laboratório junto às outras licenciaturas e aos professores da rede pública.

A necessidade de reestruturar o Laboratório surgiu da carência de organização do espaço, já que, na maioria das vezes, este funcionava como depósito de materiais didáticos produzidos nas disciplinas, em sala de aula ou reuniões de grupos. Desse modo, os professores da Faculdade de Educação, participantes do PRODOCÊNCIA-UERN, mobilizaram-se para a criação do Programa, bom como para reestruturação e funcionamento do Laboratório.

Durante os anos de 2011 e 2012, foram realizadas várias ações no Laboratório, dentre as quais citamos: catalogação e organização dos materiais existentes; aquisição de recursos didáticos e limpeza, já que alguns materiais não puderam ser restaurados; ciclo de oficinas para os discentes do curso de pedagogia – UERN e ciclo de oficinas para os professores das Unidades de Educação Infantil – UEIs. Atualmente, o Laboratório é composto por recursos didáticos que podem ser utilizados pelos discentes e serve como sala para aulas práticas das disciplinas dos Ensinos e de Seminário Temático I e II do Curso de Pedagogia e outras formações. Os procedimentos para a coleta de dados deste estudo se deram por meio de observação e de registros realizados durante as reuniões, encontros e oficinas.

Entendemos que a utilização dos recursos didáticos na prática pedagógica é de fundamental importância no processo de assimilação dos conteúdos, principalmente quando se trata de crianças, quer seja na educação infantil, quer nos primeiros anos do ensino fundamental. De acordo com Souza (2007, p. 111), “recurso didático é todo material utilizado como auxílio no ensino-aprendizagem do conteúdo proposto para ser aplicado pelo professor a seus alunos”. Souza ainda postula que:

O professor deve ter formação e competência para utilizar os recursos didáticos que estão a seu alcance e muita criatividade, ou até mesmo construir juntamente com seus alunos, pois, ao manipular esses objetos a criança tem a possibilidade de assimilar melhor o conteúdo. Os recursos didáticos não devem ser utilizados de qualquer jeito, deve haver um planejamento por parte do professor, que deverá saber como utilizá-lo para alcançar o objetivo proposto por sua disciplina (2007, p. 111).

Reportamo-nos, ainda, aos estudos de Imbernón (2002), no intento de entender a relevância da formação permanente do professor como elemento essencial de sua prática docente, fortalecendo o que Souza (2007) defende sobre a importância da formação dos professores para melhor utilização dos recursos didáticos na construção dos conhecimentos dos alunos. O PRODOCÊNCIA preocupa-se com essa formação continuada, quando convida os professores da educação básica a participar das oficinas de construção e utilização de recursos didático-pedagógicos. Utilizamos ainda como fundamentação teórica para as oficinas ministradas pelo PRODOCÊNCIA as Referências Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – RCNEI I, II e III (1998) e os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (1997), que nos apresentam orientações pedagógicas, conteúdos e sugestões de recursos didáticos, pertinentes para a prática docente.

A IMPORTÂNCIA DA UTILIZAÇÃO DOS RECURSOS DIDÁTICOS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Para compreendermos a importância de recursos didáticos na prática pedagógica, basta uma consulta aos documentos que nos auxiliam na escolha de conteúdos e metodologias a serem empregados, quais sejam: Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil – RCNEI I, II e III e os Parâmetros Curriculares Nacionais das áreas de ensino, assim como os temas transversais para identificarmos que é proposto, por exemplo, um ensino da Matemática para além dos resultados, através do qual se deve priorizar a análise dos mecanismos empregados para se alcançar às definições e as conclusões do problema. Nesse documento, são apresentados dois recursos didáticos muito importantes para o desenvolvimento do conhecimento matemático: o jogo e o computador.

O jogo é visto como objeto sociocultural, pois quando as crianças jogam (em grupo) repetem as ações várias vezes, porém, encontram um sentido funcional. Existe um momento em que as crianças começam a incorporar as regras e normas e vão formando estratégias para vencer o jogo e, assim, o raciocínio lógico vai se desenvolvendo. Além de se mostrar como um excelente instrumento de construção de conhecimento, o jogo estimula o fazer, a criança pode manipulá-lo, interagir com o objeto. Exemplos: dominós, trilhas, jogos da memória e de encaixes, entre outros de que disponibilizamos no laboratório.

O computador pode ser usado pelo professor como ferramenta para ampliar o desenvolvimento cognitivo do aluno, pois é um recurso usado de acordo com o nível de aprendizagem, podendo ser redimensionado e adequado às potencialidades do aluno. Alguns sítios eletrônicos direcionados a professores disponibilizam *softwares* educativos que podem

servir de excelente recurso didático para dinamizar a mediação da aprendizagem. Sobre esse recurso didático, o PCN de matemática evidencia que:

O computador pode ser usado como elemento de apoio para o ensino (banco de dados e elementos visuais), mas também como fonte de aprendizagem e como ferramenta para o desenvolvimento de habilidades. O trabalho com o computador pode ensinar o aluno a aprender com seus erros e a aprender junto com seus colegas, trocando suas produções e comparando-as. (BRASIL, 1997b, p. 35)

No Ensino da Língua Portuguesa, os recursos didáticos selecionados devem considerar as diferentes situações de comunicação e ensino-aprendizagem no trabalho pedagógico. O PCN dessa área apresenta diversas formas de trabalhar e explorar a construção e apresentação de textos, formas de trabalhar brincando com os gêneros textuais e também de incentivar a oralidade. Segundo o documento, a biblioteca escolar precisa ser composta de textos de variados gêneros: jornais, revistas, literatura de cordel, bem como de textos em áudio e vídeo, que podem ser explorados através de recursos audiovisuais para um melhor aproveitamento das situações de aprendizagem da língua. Já o RCNEI propõe que, no momento de alfabetização inicial, o professor faça uso de crachás, de alfabetos móveis, de cartazes com os nomes dos alunos em exposição na sala e jogos didáticos e que promovam o exercício linguístico (BRASIL, 1998a).

O RCNEI, ao abordar as orientações para a prática do professor, ressalta a importância dos recursos didáticos e sua utilização em sala de aula. Defende que toda instituição de educação infantil precisa de um ambiente repleto de materiais didáticos ao alcance da criança para que ela manuseie, além de cartazes com textos ou cantigas de roda, livros infantis, entre outros. O gravador é outro recurso didático sugerido pelo RCNEI, pois ao gravar as rodas de conversa ou outras situações de interação entre os alunos, o professor pode promover novas atividades para as crianças reformularem suas perguntas, justificarem suas opiniões e explicarem as informações.

As cantigas de roda e os momentos de contação de história são outras formas de estimular a oralidade das crianças de 0 a 6 anos, uma vez que nesses momentos da rotina eles se expressam com mais liberdade. Enfim, os recursos utilizados permitem o contato mais próximo com os saberes, característica indispensável para a assimilação dos conhecimentos na infância (BRASIL, 1998).

Uma vez explicitada a importância da utilização de recursos didáticos na prática pedagógica com base nos documentos norteadores da educação no nosso país, é necessário identificar, agora, quais os recursos que estão disponíveis no Laboratório de Práticas

Escolares da Faculdade de Educação – FE/UERN, considerando que esse é um espaço utilizado para a formação dos futuros professores durante o Curso de Pedagogia.

O LABORATÓRIO DE PRÁTICAS ESCOLARES: OS RECURSOS DISPONÍVEIS PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Todos os recursos presentes no Laboratório de Práticas Escolares da FE beneficiam os alunos do Curso de Pedagogia durante as disciplinas referentes aos Ensinos e durante a realização do Estágio Curricular. Os docentes das disciplinas do quinto e sexto períodos desse Curso têm motivado os graduandos em Pedagogia a construírem jogos e outros recursos didáticos para perceberem sua importância na prática da sala de aula, considerando-se que os recursos didáticos são essencialmente mediadores, pois possibilitam uma forte relação pedagógica no processo ensino-aprendizagem, permitindo que os alunos possam utilizar estes recursos na sua prática no estágio da Educação Infantil e Ensino Fundamental.

Depois de catalogados, podemos afirmar que os materiais encontrados no laboratório são os seguintes: jogos, revistas, coleções de madeira, cola, tesoura, pincéis, teatrinho, fantoches e livros de literatura infantil produzidos na disciplina de Literatura e Infância. Os recursos didáticos são empregados no ensino de algum conteúdo ou na comunicação de informações que podem ser utilizados para complementar a aula e/ou tornar mais interessante determinado conteúdo a ser transmitido.

O professor deve saber utilizar os recursos didáticos com segurança e criatividade e, até mesmo, ser capaz de propor a sua construção juntamente com os alunos, pois a manipulação desses objetos possibilita ao aluno maior assimilação do conteúdo. Oliveira (2011, p. 68) afirma que:

O manuseio de objetos e a participação em atividades diversas de livre expressão por meio de música, de gestos, de construções com papel, argila e blocos ou da linguagem possibilitariam que o mundo interno da criança se exteriorizasse, a fim de que ela pudesse, então, ver-se objetivamente e modificar-se, observando, descobrindo e encontrando soluções.

Considerando-se, portanto, a necessidade de um contato com a maior diversidade possível de recursos didáticos durante o processo de formação dos futuros pedagogos, pode-se afirmar que, embora aqueles acima mencionados estejam disponíveis para os alunos, ainda há uma escassez desses materiais no que se refere a outras áreas do conhecimento, principalmente a da Geografia, da História e das Ciências.

Tudo isso conduz a uma reflexão sobre a formação inicial dos futuros professores e sua futura prática, no que diz respeito ao uso desses recursos nas escolas. Levando isso em

consideração, é preciso investigar, ainda, o que eles encontram nas escolas e como eles utilizam os recursos disponíveis nas escolas.

AÇÕES DO PRODOCÊNCIA NO LABORATÓRIO DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO

O PRODOCÊNCIA Pedagogia/UERN realiza reuniões semanais para o planejamento das ações coordenadas pelos professores vinculados ao Programa na Faculdade de Educação. No momento, o grupo é formado apenas por discente do Curso de Pedagogia. A primeira ação do Programa foi à catalogação dos jogos e demais recursos que estão presentes no Laboratório. Essa atividade possibilitou a identificação de uma predominância de recursos didáticos nas áreas de conhecimento da Matemática e Língua Portuguesa. Além disso, registrou-se a presença de alguns jogos específicos para o Ensino de História. A carência de recursos didáticos para o ensino nas áreas de Ciências e Geografia também foi percebida.

Após a catalogação, reconstruímos alguns recursos didático-pedagógicos, porque observamos que alguns deles podiam ser restaurados, já que apresentavam a ausência somente de algumas peças. No que se refere à organização dos livros didáticos, estes foram separados por níveis de ensino e áreas do conhecimento. Ao realizarmos o levantamento da quantidade de livros, decidimos que os livros que possuísem mais de dez exemplares seriam doados às outras licenciaturas e às escolas do município de Mossoró-RN.

Em seguida, iniciamos a reconstrução de alguns jogos existentes. A limpeza do Laboratório foi o momento em que separamos os materiais que poderiam ser reciclados dos irrecuperáveis ou inutilizáveis. Alguns livros, por exemplo, dentre outros recursos didáticos estavam bastante desgastados. Mediante esta ação, fizemos a limpeza e reorganização do Laboratório com o conjunto de materiais restaurados.

Depois do Laboratório organizado demos início aos ciclos de oficinas, sendo que as primeiras delas foram restritas aos discentes do Curso de Pedagogia, para o amadurecimento das oficinas que envolviam construção de recursos didáticos e a troca de ideias. O segundo ciclo de oficinas foi direcionado aos professores das Unidades de Educação Infantil – UEIs. A primeira parte das oficinas foram marcadas pela apresentação e discussão do referencial teórico, como os RCNEI I, II e III; Broner, Piaget, Vygotsky, entre outros. E a segunda parte das oficinas era direcionada para a construção dos recursos didáticos pedagógicos. As oficinas tinham como tema: raciocínio lógico-matemático; a musicalização e contação de história na Educação Infantil. A oficina intitulada Movimento é outra que merece destaque aqui. Foi ministrada por uma das monitoras do PRODOCÊNCIA, a partir da pesquisa empírica do seu

trabalho monográfico. A oficina propunha a construção de recursos didático-pedagógicos com material de sucatas.

Além disso, os monitores participantes do Programa, partindo das oficinas e discussões temáticas construíram textos para a publicação em eventos, como: I Encontro de Práticas Formativas na Docência - ENPRAD, I Encontro Nacional de Pesquisas em Educação – ENNAPE e Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC.

Com os recursos financeiros do Programa PRODOCÊNCIA, foi realizada a aquisição de compras de novos recursos didáticos, entre os quais estão: um esqueleto humano de resina e silicone, um binóculo, um sistema solar, um globo, fantoches, livros infantis, jogos de letramento e outros recursos didático-pedagógicos. Estes recursos podem ser empregados no ensino de algum conteúdo ou na comunicação de informações que podem ser utilizados para complementar a aula ou tornar mais interessante determinado conteúdo a ser ensinado.

CONCLUSÃO

Conclui-se que o PRODOCÊNCIA UERN contribui para o fortalecimento das atividades práticas desenvolvidas na Faculdade de Educação, no Curso de Pedagogia. No primeiro momento, sua ação esteve mais relacionada à estrutura física do Laboratório de Práticas Escolares. A formação e capacitação foram iniciadas e ainda estão em andamento. Todos os recursos presentes no Laboratório de Práticas Escolares da FE beneficiam os alunos do Curso de Pedagogia durante as disciplinas referentes aos Ensinos e durante a realização do Estágio Curricular. Os docentes das disciplinas do quinto e sexto período têm motivado os graduandos em Pedagogia a construírem jogos e outros recursos didáticos para perceberem sua importância na prática da sala de aula. Considera-se que os recursos didáticos são essencialmente mediadores, pois possibilitam uma forte relação pedagógica no processo ensino-aprendizagem, o Laboratório permite que os alunos possam utilizar estes recursos no estágio da educação infantil e ensino fundamental auxiliando sua prática pedagógica.

Apesar da existência de alguns recursos, é preciso equipar esse Laboratório com materiais de diversas áreas de conhecimentos que possam permanecer como parte do seu acervo permanente e, dessa forma, cumprir uma das metas do PRODOCÊNCIA, que é a de possibilitar o acesso e manuseio, por parte dos professores em formação, à maior diversidade possível de recursos didáticos. Espera-se que esse Laboratório seja um espaço propício para que as instituições da educação básica possam visitar, bem como ter acesso a seu acervo, além de servir para os alunos das demais licenciaturas da UERN.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**/ Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998. V.1, 2 e 3.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional**: formar-se para a mudança e a incerteza. São Paulo: Cortez, 2002.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Educação infantil**: fundamentos e métodos. 7. Ed. – São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção Docência em Formação).

SOUZA, S. E. O USO DE RECURSOS DIDÁTICOS NO ENSINO ESCOLAR. In: **I Encontro de Pesquisa em Educação, IV Jornada de Prática de Ensino, XIII Semana de Pedagogia da UEM**: “Infância e Práticas Educativas”. Arq Mudi. 2007. Disponível em: <http://www.pec.uem.br/pec_uem/revistas/arqmudi/volume_11/suplemento_02/artigos/019.pdf>. Acesso em: 19 outubro de 2012.

ANEXOS



ILUSTRAÇÃO 1: 1ª oficina pedagógica direcionada aos professores das u.e.i.s de mossoró/rn, 2013.

fonte: <http://labpraticasuern.blogspot.com.br/>



ILUSTRAÇÃO 2: Apresentação do laboratório de prática aos discentes do 6º período noturno/ pedagogia – uern. 31 de maio de 2013.

fonte: <http://labpraticasuern.blogspot.com.br/>



ILUSTRAÇÃO 3: Oficina pedagógica direcionada aos graduando do 4º período pedagogia - UERN. Mossoró-RN. Materiais produzidos durante a oficina realizada em março de 2013.

Fonte: <http://labpraticasuern.blogspot.com.br/>

PROGRAMA BALE: LEITURA “EM CENA” PARA A FORMAÇÃO DE NOVOS LEITORES¹

Míria Helen Ferreira de Souza*

Emanuela Carla Medeiros de Queiros**

Maria Lúcia Pessoa Sampaio***

Maria Gorete Paulo Torres****

Keutre Glaudia da Conceição Soares Bezerra*****

RESUMO: O presente trabalho se propõe a apresentar a trajetória metodológica do Programa BALE- Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas – do *Campus* Avançado Prof^a Maria Elisa de Albuquerque Maia, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Aborda a subdivisão do referido programa em cinco projetos, a saber: BALE_FORMAÇÃO, BALE_PONTO DE LEITURA, Cine_BALE_Musical, BALE. Net, enfatizando-se nesse estudo o BALE_EM CENA. O BALE atua como articulador do processo de formação de leitores residentes em bairros periféricos dos municípios potiguares de Pau dos Ferros e Umarizal/Frutoso Gomes, com pouco acesso aos variados gêneros literários. Para respaldar teoricamente a produção foram utilizados os aportes teóricos de Abramovich (1997), José (2009), Freire (2008), Sampaio e Mascarenhas (2007), Souza (2011), Solé (1998), dentre outros. Considera-se que as estratégias de contação de histórias aplicadas por meio das ações do BALE se configuram como democratizadoras por possibilitarem aos participantes o desafio de descobrir prazer por meio da leitura.

Palavras-chave: Programa BALE; Leitura; Formação de leitores.

* Professora Especialista do Departamento de Educação do *Campus* Avançado Prof^a M^a Elisa de A. Maia – CAMEAM /UERN. Coordenadora da ação BALE em Cena. Membro do Grupo de Pesquisa e Planejamento do Processo de Ensino Aprendizagem – GEPPE, com pesquisa na área de leitura. E-mail: miriahelen@hotmail.com;

** Mestranda pelo Programa de Pós – Graduação em Educação – UERN com pesquisa na área de leitura e formação de leitores. Membro voluntário do Grupo de Pesquisa e Planejamento do Processo de Ensino Aprendizagem – GEPPE, do *Campus* Avançado Prof^a M^a Elisa de A. Maia – CAMEAM através do Programa Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas – BALE. E-mail: manumedeiros2005@hotmail.com;

*** Professora Doutora do Departamento de Educação do *Campus* Avançado Prof^a M^a Elisa de A. Maia – CAMEAM/UERN. Proponente do Programa BALE. Docente do Mestrado Acadêmico e coordenadora do PROFLETRAS. Pesquisa na área de leitura, formação do leitor e Língua Portuguesa. Membro do Grupo de Pesquisa e Planejamento do Processo de Ensino Aprendizagem – GEPPE. E-mail: malupsampaio@hotmail.com;

**** Professora Mestre. Coordenadora do Bale na cidade de Umarizal. Pesquisadora na área de formação de leitores. Membro voluntário do Grupo de Pesquisa e Planejamento do Processo de Ensino Aprendizagem – GEPPE, do *Campus* Avançado Prof^a M^a Elisa de A. Maia – CAMEAM através do Programa Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas – BALE. E-mail: goretetorres@hotmail.com;

***** Professora Mestre do Departamento de Educação do *Campus* Avançado Prof^a M^a Elisa de A. Maia – CAMEAM/UERN. Coordenadora da ação BALE Ponto de Leitura. Pesquisadora na área de leitura e história oral. Membro do Grupo de Pesquisa e Planejamento do Processo de Ensino Aprendizagem – GEPPE. E-mail: kekesoares@hotmail.com;

¹ Agradecemos aos colegas professores Secleide Alves da Silva, Ananias Agostinho da Silva e José Válder Rebouças pela interlocução e leitura criteriosa do texto;

INTRODUÇÃO

Este trabalho se propõe a lançar olhar sobre a importância que as alternativas metodológicas utilizadas pelo BALE_EM CENA, ação do programa BALE – Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas, assumem diante da leitura no processo de formação dos leitores. Isso porque o ato de ler culmina na tarefa de construção de sentidos que acontece quando o sujeito interage com o texto e, conseqüentemente, utiliza os saberes adquiridos em seu cotidiano para a produção de novos conhecimentos.

Este artigo se configura em relato de experiência, e como é próprio do gênero, discorre sobre o fazer de uma equipe constituída de coordenadores das ações do Programa, representando, portanto, diferentes olhares acerca de um mesmo objeto. Apoia-se, portanto, nos protocolos da pesquisa qualitativa (BOGDAN e BIKLEN, 2006) que se preocupa muito mais com o processo do que com o produto.

Objetivando divulgar o uso da leitura no desenvolvimento das capacidades cognitivas e sociais do ser humano e a socialização de alternativas metodológicas aliadas ao processo de formação é que se tomam por base os estudos de Freire (2008), Sampaio e Mascarenhas (2007), Souza (2011) e Solé (1998), dentre outros.

Para tanto, partimos do pressuposto de que se configura como urgente a ampliação das práticas de leitura com foco na formação de novos leitores. Compreendemos que ações didáticas e interativas que despertem o prazer no contato com os livros, como acontece no programa BALE, que tem se tornado condição principal para que a leitura represente um momento mágico de descoberta e aprendizagem para os sujeitos, e assim se constitua o gosto pelo ato de ler, conforme defendido por Villardi (1999).

É nessa perspectiva que este artigo apresenta, inicialmente, um olhar sobre o cenário identificar do Programa BALE enquanto ação dinamizadora do desenvolvimento do gosto leitor. Em seguida, expõe particularidades inerentes à ação BALE_ EM CENA focalizando ações metodológicas promotoras do despertar pela leitura. Na sequência, são apresentadas as repercussões e resultados, alcançados por meio da proposição do programa em sua trajetória, singularizando a necessidade que os sujeitos têm de ler e, por fim, são esboçadas as considerações acerca da importância de propostas didáticas as quais, culminem no avanço da competência leitora.

Olhares para o cenário de atuação: o BALE

Neste item, aborda-se a diversidade do programa BALE, os fins a que se propõe, as parcerias, a divisão deste em projetos e as especificidades inerentes a cada uma deles.

O BALE – Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas – é um programa de extensão vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Planejamento do Processo de Ensino e Aprendizagem (GEPPE/CAMEAM/UERN), do Departamento de Educação e funciona em parceria com o Departamento de Letras Vernáculas e Estrangeiras. Idealizado no ano de 2006, pelas professoras Maria Lúcia Pessoa Sampaio e Renata Mascarenhas, foi criado como proposta para o Programa BNB de Cultura, do Banco do Nordeste do Brasil. Após aprovado, teve o seu primeiro ano de funcionamento em 2007. Inspirado nas Bibliotecas Itinerantes que funcionaram no século passado em Portugal, mais precisamente aquelas criadas por Calouste Gulbeikian (1958), objetiva formar leitores que em pleno século XXI continuam com dificuldade de acesso ao livro e à leitura.

Após cinco anos de funcionamento como Projeto de Extensão, em 2012, por iniciativa da proponente, o BALE foi institucionalizado com Programa, ao ser aprovado pela Pró-Reitoria de Extensão (UERN), tendo como objetivo principal continuar favorecendo o contato com os mais variados gêneros textuais aos sujeitos os quais ainda, encontram-se com poucas oportunidades de entretenimento cultural e de lazer, residentes em bairros periféricos de Pau dos Ferros, cidade localizada na região do Alto Oeste Potiguar e região.

Com a parceria de docentes e discentes, monitores e voluntários dos Departamentos de Educação e de Letras Estrangeiras e Vernáculas do *Campus Avançado* Profª Maria Elisa de Albuquerque Maia/CAMEAM, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN, a proposta expandiu-se pelo sertão nordestino, bem como para outras regiões do país, tendo em vista a ausência de políticas públicas voltadas para o livro e a leitura nesses locais.

Atualmente, o programa já está em sua 7ª edição, após nova reconfiguração, tornando-se reconhecido como Programa BALE, por meio do Edital “Ações Voluntárias” /PROEX/UERN, expandiu suas ações para os municípios potiguares de Frutuoso Gomes e Umarizal, haja vista que neste último município está alocado o Núcleo Avançado de Ensino Superior de Umarizal/NAESU, no qual funciona o curso de Letras/UERN. Nesse mesmo município funciona a 14ª Diretoria Regional de Educação - DIREDE, que oferece suporte administrativo e pedagógico as escolas de Ensino Médio da região, das quais elegemos a Escola Estadual Ivonete Carlos, situada em Frutuoso Gomes para realizamos as ações desta 7ª edição.

O programa se subdivide em cinco projetos: o BALE_ NET, que estimula a leitura por meio do uso de recursos midiáticos, apropriando-se das ferramentas da Ciência, Tecnologia e Inovação (CTI). Para tanto, utiliza-se de um sítio na *web*, disseminando suas atividades numa *fan page* e por vários grupos criados nas redes sociais, como *facebook* e *orkut*, como forma de divulgar suas ações e dar visibilidade ao programa; o BALE_ FORMAÇÃO, associa arte-educação, com o fim de orientar os professores e bibliotecários da rede básica de ensino sobre o uso de variados aportes textuais; o BALE_ PONTO DE LEITURA se volta para a arte da palavra, tendo o livro como protagonista. É uma ação que congrega a visita do alunado ao espaço da universidade e, em parceria com a brinquedoteca e o museu sertanejo, localizados no CAMEAM/UERN, oferta momentos diferenciados de leitura e lazer, dentre outras atividades como a catalogação do acervo no sistema Biblivre; o CINE BALE_ MUSICAL trata de levar aos leitores a arte cinematográfica, vista como outra possibilidade de leitura, diferentemente do livro; exhibe filmes para a formação da equipe e da comunidade beneficiada; o BALE_ EM CENA configura-se em um momento mágico no qual os membros do programa incorporam os personagens literários e dramatizam a história, bem como utilizam das artes circenses para levar “histórias nas alturas”, por meio de pernas de pau, atraindo assim todos os tipos de leitores.

Na 7ª edição, no ano de 2013 em decurso, o BALE tornou-se, por meio de edital, um PONTO CTI (Ciência, Tecnologia e Inovação), voltado para a Educação Básica (EB), financiado pela FAPERN, CAPES e o CNPq, atendendo aos interesses da comunidade acadêmica ao compor a sua equipe com profissionais da Educação Básica (03 bolsas da CAPES), bolsistas da graduação (15 bolsas da CAPES) em Pedagogia e Letras e bolsistas do ensino médio (24 bolsas do CNPq), vinculados à rede pública de ensino dos municípios de Pau dos Ferros, Umarizal e Frutuoso Gomes. Além de membros voluntários. O “PONTO BALE CTI_EB: entre canteiros da leitura e produção” tem desenvolvido suas ações em articulação com a XIV e a XV Diretorias Regionais de Educação (DIREDs) da Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Norte, visando promover a acessibilidade ao texto literário e a formação de leitores nos mais diferentes níveis de ensino.

A dinâmica do programa compreende a realização de visitas alternadas às escolas pauperrenses instaladas nos bairros Riacho do Meio, São Geraldo, Arizona e Manoel Domingos e, em Umarizal, na Escola Municipal Tancredo Neves, sede do Núcleo de Educação Superior em Umarizal (NAESU), e por último, atende na Escola Estadual Ivonete Carlos, localizada em Frutuoso Gomes.

O programa BALE, além de atender as escolas mencionadas, realiza, a convite de muitas instituições, visitas a espaços não escolares, incentivando a leitura a crianças, adolescentes, jovens e idosos, proporcionando o prazer e o gosto pelo ato de ler. Dada a quantidade de convites, a equipe do programa tem tido dificuldade em atender as visitas a todas as entidades que buscam e desejam que o BALE venha a contribuir com a leitura, a literatura e a formação de leitores.

Em função da grande quantidade de trabalho que culmina em cada ação e, considerando que cada uma delas tem suas especificidades, é que optou-se por apresentar um olhar reflexivo acerca da contribuição da ação BALE_ Em Cena na formação de novos leitores.

BALE _Em Cena: ações e estratégias para a formação do leitor

Neste tópico serão relatadas ações inerentes à execução das atividades projetadas pela ação BALE_Em Cena, constituinte de um processo de incentivo ao desenvolvimento da capacidade leitora dos sujeitos.

O BALE_Em Cena realiza ações especificamente voltadas para a contação de histórias e objetiva incentivar a leitura e o gosto pela literatura nas diversas situações e nas mais diferentes idades. A contação de histórias para o público infantil, através da referida ação, representa o encontro das crianças com os personagens das histórias, interpretados pelos discentes participantes do programa e que imprimem em seus rostos os aspectos marcantes de cada narrativa.

Tal situação tem provocado no público infantil uma sensação de encantamento que se expressa por meio dos olhares curiosos que brilham quase sem piscar, da respiração ofegante e do sorriso marcado pelo encontro entre a emoção e a magia gerada pelas faces pintadas e o corpo coberto por um figurino, conforme demonstrado imagens abaixo:

Imagem 01 - Contação de história



Fonte: Arquivos do BALE

Imagem 02 - Contação de história



Fonte: Arquivos do BALE

Podemos afirmar que é especialmente neste momento que se inicia o processo leitor, uma vez que a plateia passa a fazer uso do imaginário na tentativa de descobrir o que será contado, quem aquele personagem representa, qual será a história e o que nela acontecerá. Isso justifica que o interesse pela leitura não surge do nada, ele advém da convivência com livros e leitores (SOUZA, 2011). A experiência com essa ação tem demonstrado que esta surge, principalmente, quando os mediadores conseguem expressar emoção com o que leem, sendo este o fator primordial para que o leitor também busque sentir essa mesma sensação quando em contato com o texto literário.

O momento inicial acontece quando o mediador, ao assumir o papel de leitor mais experiente, assim como postulado por Vygotski (1984) acerca da mediação, reporta os leitores ao intenso processo de reflexão crítica resultante do que está sendo vivido na cena narrativa, os leitores, por sua vez, também compartilham desse mesmo sentimento. É neste instante que os órgãos sensoriais de ambos – leitor e mediador – são ativados e a ansiedade de confrontar o que vê com o que está para ouvir favorece o processamento de ideias que aguardam para serem comparadas aos fios da história. Neste momento, tudo se torna um espaço de pesquisa: os acessórios, o cenário, as vestimentas, as pinturas nos rostos, a esteira repleta de livros no chão, os *pufs*, a música, dentre outras alegorias.

O BALE entra em cena com a apresentação da história e começa com a interação com o público, realizada pelos alunos bolsistas e voluntários de Letras e de Pedagogia, que assumem os papéis de contadores de histórias; estes invadem o ambiente e se entrecruzam no espaço silencioso em que somente os olhos ávidos de curiosidade conversam. É um instante em que se desvendam todos os mistérios do livro, e as crianças se desnudam da condição de leitores, acostumados com as práticas escolarizadas, reprodutoras de hábitos arcaicos que

enxergam a leitura como depósito de conteúdos insípidos e negam a imaginação, a fantasia e a criatividade que residem no espírito infantil, conforme ilustrado nas seguintes imagens:

Imagem 03 - Encenação de história



Imagem 04 - Mediação de história



Diante desse cenário, é preciso lembrar que a contação de histórias figura como uma das formas mais antigas de encantar as pessoas, em especial as crianças, para quem ouvir histórias tem um significado que vai muito além de conhecer o enredo, sendo hoje um modo significativo de revelar o mundo da leitura, pois, como ressalta Elias José (2009, p. 49), “feliz da criança que teve pais, avós ou babás que enriqueceram o seu imaginário com muitas histórias, varando, virando e transformando o mundo pelo poder mágico da ficção.” Para o autor, ouvir histórias é parte fundamental da formação humana.

Pautado nessa perspectiva, o programam BALE trabalha com a contação de histórias como uma forma de mostrar a magia da literatura e despertar no público o prazer de ler, dando ênfase ao aspecto lúdico da literatura. Com isso, consegue povoar o imaginário de muitas crianças e envolvê-las no mundo encantado das histórias, preenchendo a lacuna da maioria deles que não tem acesso a essa prática.

Sobre este aspecto, podemos nos reportar ao pensamento de Abramovich (1997), quando enfoca que o primeiro contato que a criança tem com a leitura é através da audição. É ouvindo histórias que a criança aprende a se emocionar com uma boa leitura. A autora revela seu pensamento dizendo: “Ah, como é bom para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias. Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser um leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo...” (ABRAMOVICH, 1997, p. 16)” A autora afirma ainda que:

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário! (ABRAMOVICH, 1997, p.17, grifos da autora).

Como investigadores é possível constatar, junto aos mediadores e leitores, ao observar o florescer das emoções listadas pela autora, que, durante a contação de histórias, nada distrai o público, seja este de qualquer idade. A plateia fica extasiada ao som da narrativa, que entra em seus ouvidos como palavras mágicas, abrindo as portas de diversos mundos, onde a emoção está em cada gesto, em cada cena.

Um simples convite para participarem da contação reproduzindo gestos, falas, “caras e bocas”, preenche o vazio causado pela vontade de transformar a história em realidade e, de modo quase unânime, todas as crianças passam a interagir com a atividade, por meio da recontação, como estratégia seguida da contação no BALE_em Cena.

Esse ritual do reconto tem se aperfeiçoado a cada ano, pois como sinaliza Solé (1998, p. 61) “aprende-se a ler e a escrever lendo e escrevendo, vendo outras pessoas lerem e escreverem, tentando e errando, sempre guiados pela busca ou pela necessidade de produzir algo que tenha sentido.” Esta característica de fazer junto evocada pela autora é representativa na metodologia do BALE, que não mede esforços para garantir a democratização da leitura em âmbito escolar, como também pelo investimento em práticas didáticas que possibilitem a construção de sentidos por meio de experiências de leitura vivenciadas cotidianamente.

Ler deve estar distanciado da pura decodificação de símbolos e, bem mais do que isso, precisa atrelar vontade e vida. Como diz Freire (2008) é fundamental saber ler o som dos pássaros, da água da chuva, do assobio do vento, das nuvens no céu; em resumo, ler significa entender a vida na sua complexidade e essa tarefa difícil de ser realizada precisa estar sendo estimulada dia após dia nos espaços escolares.

Portanto, como o propósito maior da ação BALE_Em Cena é o desenvolvimento do gosto literário, após a contação de história, as crianças são convidadas a recontarem de forma particular a história contada. À criança disposta ou indicada pelos pares para o reconto cabe a tarefa de apresentar ao seu modo o que ouviu, ou seja, ela deve assumir o controle da própria leitura que fez sobre a história relatada. Deixando de lado a timidez, que na maioria das vezes a inibe, ao tomar coragem de enfrentá-la, a criança vivencia um momento mágico. E, quando

incentivada pelo mediador, o contador de história, realiza a “tarefa” a ela destinada com olhos brilhantes, os quais refletem sua emoção.

Por vezes, a história narrada não se reproduz com fidedignidade na hora do reconto, pois a criança utiliza esse instante para resgatar na memória o que ouviu, mas também lhe é dado o direito de somar ou subtrair fatos. Outros aproveitam para fantasiar, acrescentar mais alguns aspectos ao texto oralizado, como forma de tornar esse momento super ou hipermágico.

De acordo com Solé (1998), esse tipo de atividade estabelece pontes conceituais entre o que o leitor sabe e o que almeja aprender. Com essa proposta de interpretação, os alunos podem participar do texto e apontar suas reflexões. Para ser um bom leitor, é preciso que seja desenvolvida a habilidade de ser um “escutador ativo” e, conseqüentemente, isso culminará na condição de “leitor ativo” (SOLÉ, 1998, p. 28).

Sob esse enfoque, a proposta do BALE se configura como alternativa metodológica rica em possibilidades de constituição de leitores por prazer. Ao final do reconto, os alunos são convidados a manusearem o acervo exposto na esteira de palha e como estão focados no prazer da descoberta do que está por trás da capa de um livro, a euforia é geral. A cada livro lido visualizado, vislumbra-se muitos sorrisos que mais indicam um pedido de “leia esse pra mim!” e os mediadores, sempre à disposição dos sedentos de leitura, continuam seduzindo os pequenos iniciantes literários ao mundo encantado da linguagem.

Tem se tornado normal, neste momento, as crianças buscarem manusear o livro que traz a história contada pelos mediadores. Parece que elas querem participar da magia de forma mais concreta, ou seja, através do contato com o próprio livro, chegando a pedir para realizarem a leitura com elas.

Em alguns momentos, essa situação lúdica não termina nesse ínterim, pois ao participarem de toda essa “festa” da leitura, encontram-se crianças dispostas a ajudarem a desmontar o cenário, a guardarem os livros e acompanharem a equipe do Programa BALE até o veículo. Em algumas situações, ainda correm atrás do mesmo com entusiasmo e alegria. É, também, muito recorrente buscarem os mediadores para registrarem com fotos esse momento, solicitando autógrafos dos personagens em seus cadernos escolares, como forma de perpetuarem em suas memórias aqueles momentos vivenciados.

Dessa forma, a equipe do BALE pode contribuir para a formação leitora de crianças tanto pelo prazer que a leitura pode proporcionar à vida dos sujeitos, quanto pela alegria e satisfação de saber que esse processo transcorre de uma forma tão prazerosa e divertida. Especialmente voltado para um público que, em sua maioria, se encontra desprovido de

acesso ao livro e às sensações/emoções que o mesmo pode oferecer, criam-se possibilidades de se apropriação da fantasia que contribui para a preparação da vivência no mundo real.

Diante do exposto nesse relato, a cada ação realizada, essa equipe sente que não pode parar, que precisa continuar lutando para incentivar a leitura e ajudar na formação de leitores cada vez mais proficientes e, assim, tentar contribuir para um mundo melhor.

Repercussões do BALE

Visto que o Programa BALE representa uma proposta de incentivo à leitura, em andamento desde o ano de 2007, soma até sua última edição o atendimento a 15.800 leitores comprovados por meio de assinaturas de cada encontro, os quais foram registrados por meio de fotos e vídeos. Voltado para os mais diferentes públicos e gostos e aos mais diferentes espaços escolares e não escolares, do sertão do Brasil, o BALE também já teve a oportunidade, por meio de sua equipe, de visitar outros Estados do país, como a região Sudeste, assim como a outros países como França, Portugal e México, para os quais já foram levadas suas experiências de leitura e de formação de leitores. Foram ministradas oficinas na Universidade Autônoma do México, por duas vezes, sendo uma delas com o patrocínio do BNB, como forma de partilhar essa experiência.

A repercussão do BALE tem ocorrido tanto em sua divulgação na mídia impressa, falada e digital, como no reconhecimento que vem recebendo em forma de prêmios nacionais captados por meio de editais. Dentre eles, destacam-se as quatro edições do Programa BNB de Cultura (2007, 2008, 2010 e 2011).

Em 2008, o BALE conquistou o troféu Viva Leitura, da Fundação Santillana, MINC e de outras organizações patrocinadoras do prêmio.

O BALE passou, em 2009, a ser Ponto de Leitura _ edições Machado de Assis, recebendo materiais e equipamentos e passando a fazer parte da Biblioteca Viva do MinC. Percorreu, em 2009/2010, vinte e um municípios potiguares, mediante patrocínio da Fundação de Apoio à Pesquisa do Rio Grande do Norte (FAPERN), e com o “I FESTIVAL PONTO A PONTO DE LEITURA: O CineBALE EM CENA”, por meio do Edital do Programa de Apoio à Feira de Ciências (SAMPAIO, 2009).

Ainda em 2010, foi contemplado com recursos da bolsa de Circulação Literária da FUNARTE, sob o título “Cante de lá que eu canto de cá” (SAMPAIO, 2010) e deslocou-se às terras mineiras para realização de ações de incentivo à leitura aos sujeitos alocados no município de Águas Vermelhas.

No ano de 2012, o BALE foi contemplado com o Programa Livro a Preço Baixo/FBN, que visa ao crescimento do acervo literário de programas e projetos que investem no desenvolvimento da competência leitora. Ainda nesse período, o programa investiu na Turnê “Tem história hoje? Tem sim sinhô”, prêmio captado em 2011, por meio do “Prêmio Agente Jovem de Cultura” do MinC. Ressalta-se que esse prêmio foi conquistado por uma ex-bolsista do Programa, que já atuava como coordenadora do projeto BALE.Net.

Nesta nova ação do PONTO BALE, o projeto BALE_Em Cena se transforma num “Canteiro da Encenação”, tendo como principal ponto de partida a leitura e a escrita como ferramentas que possibilitam a inserção desses jovens leitores num mundo cada vez mais digital. Assim sendo, a repercussão do programa incide num novo modo de formar leitores, e de uma edição a outra, as ações articuladas por meio do BALE_ Em Cena representam práticas significativas de incentivo ao ato de ler e condizentes com o propósito de que ler se constitui um direito de todos.

Atuando na formação de novos leitores em contextos sociais que ainda precisam despertar iniciativas de promoção à leitura, a ação do BALE também tem repercutido na formação de seus membros, tendo em vista a contribuição acadêmica, através da extensão universitária. Além disso, a proporção da ação entre a comunidade de Pau dos Ferros (bairros atendidos) e a circulação das ações entre os municípios vizinhos é algo que tem se disseminado, fazendo com que muitos vejam o BALE como modelo para realizar estratégias de leitura.

CONCLUSÃO

A preocupação com o desenvolvimento do processo leitor na infância tem sido motivação para vários debates nacionais. Todavia, é notório que somente sentir vontade de fazer é muito pouco diante da necessidade gritante que assola a sociedade brasileira; é preciso ação. Ainda são comuns situações caóticas de leitura em que a criança é convidada a responder fielmente o que já está escrito nos livros didáticos. Uma das maiores dificuldades enfrentadas pela escola é encontrar meios de inserção do professor em ações leitoras, uma vez que ele é fruto de uma sociedade/escola que não despertava o gosto pela leitura. Sociedade essa que deveria estar se preocupando com o letramento e não com alfabetização, com a leitura crítica e não ainda com a formação do gosto.

É pertinente que se faça algo para a promoção da leitura nas instituições de ensino, que passem a vincular a apreensão do saber por meio da descoberta autônoma de seus

educandos. As crianças clamam por momentos de leitura que tragam alguma representação significativa para as suas vidas, ou então, de nada adianta ensinar a ler na escola se o que é lido não serve para a vida do sujeito.

A escola tem mudado, mas não chegará ao degrau de redentora da sociedade porque traz em seus discursos projeções enraizadas numa perspectiva de formação para o mercado de trabalho, e isso não é o suficiente para formação do gosto pela leitura. Em toda sua ingenuidade, o que o aluno espera da escola é que contribua para a sua formação em todos os aspectos morais e cognitivos, mas sem distanciar-se da sua condição de sujeito social, que precisa ver o mundo com os próprios olhos, que precisa descobrir o que está escrito nos livros a partir de sua condição de aprendiz, afinal toda criança é uma desbravadora de ideais.

Os exercícios de leitura experienciados pelos docentes e discentes do programa BALE_Em Cena têm sido responsáveis pela formação de inúmeros leitores, pois as estratégias lúdicas de leitura buscam ser as mais prazerosas possíveis, visto que provocam sensações de alegria, euforia, descobertas e valorização da capacidade de ser.

Ao demonstrar para as crianças, através de formas lúdicas e coloridas, estratégias utilizadas nas ações do BALE, que ler pode se constituir em uma viagem muito prazerosa a qual nos leva a um mundo mágico e fantástico com descobertas surpreendentes, busca-se uma maneira de dizer para elas que através da leitura é possível transformar e ajudar a transformar o mundo.

Assim, pode-se afirmar que práticas como as efetivadas BALE necessitam ser disseminadas em cenário nacional, uma vez que se configuram, na maioria dos espaços visitados, como estratégias inéditas, mas que no espaço escolar já deveriam ser comuns, mas não são! E também porque ao se realizar práticas como essas, além de se contribuir para formar leitores, está se difundindo a ideia de que ler é algo necessário e prazeroso, concepção que, na maioria das vezes, a escola não consegue formar em seus alunos.

Ao encerrar estas reflexões, resta a certeza de que a democratização da leitura é algo que necessita urgentemente acontecer, mas parece que tem sido atravancada na maioria das instituições de ensino deste país. Acreditamos, outrossim, que isso só será realidade quando as ações didáticas imprimirem em cada criança motivos para ler e sorrir.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, Sari Knopp. Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Trad. Maria João Avarez, Sara Bahia dos Santos, Telmo M. Baptista. Portugal: Porto Editora, 2006.

FREIRE, P. A. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 49 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

JOSÉ, E. **Literatura infantil: ler, contar e encantar crianças**. 2. Ed. Porto Alegre: Mediação, 2009.

QUEIRÓS, Emanuela Carla de Medeiros. **Turnê “Tem história hoje? Tem sim sinhô”!** Projeto do “Prêmio Agente Jovem de Cultura”. Rio de Janeiro: MinC, 2011.

SAMPAIO, Maria Lúcia Pessoa; MASCARENHAS, Renata de Oliveira. **Projeto Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas (BALE): ação conjunta entre a universidade e a comunidade pauperrense**. Projeto de extensão. Pau dos Ferros, 2007.

_____. *et all.* **Projeto Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas (BALE)**. Fortaleza: BNB, 2008-2011;

_____. **Projeto viva leitura**. Rio de Janeiro: Fundação Santillana/MINC, 2008.

_____. **Projeto ponto de leitura edições Machado de Assis**. Rio de Janeiro: FBN, 2009

_____. **I festival ponte a ponto de leitura: o cineBALE em cena**. Projeto do Programa de Apoio a Feira de Ciências. Natal: FAPERN. Natal: FPAERN, 2009.

_____. **“Cante de lá que eu canto de cá”**. Projeto para o Prêmio de Circulação Literária. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2010.

_____. **“Ponto BALE CTI_EB: entre canteiros da leitura e produção”**. Natal: FAPERN/CAPES/CNPq, 2012.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. 6. Ed. – Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, M. H. F. de. Leitura e biblioteca: a autonomia leitora em construção. In: PONTES, C. G. **A literatura e seus tentáculos: saberes e dizeres sobre a arte literária e sua essência**. Campina Grande: Bagagem, 2011. pp. 115-125.

TORRES, M. G. P.; SAMPAIO, M. L. P.; SOUZA, M. H. F. de. **A leitura literária e a formação de leitores: relato de experiências com o Programa Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas (BALE)**. 2012. [Consult. 15 abr. 2013]. Disponível em <http://www.editorarealize.com.br/revistas/e-bookfiped/?id=8>. ISBN 978-85-61702-20-5.

VILLARD, R. **Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida**. Rio de Janeiro. Qualitymark, 1999.

VYGOTSKY, Lev. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

**CORPO HUMANO REAL E FASCINANTE: A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA
COMO UMA VIVÊNCIA E APRENDIZADO ENTRE O ENSINO
MÉDIO/PROFISSIONALIZANTE E O SUPERIOR**

Bruno Dicson Bezerra da Costa^{*}
Edigar de Lima Veras Junior^{*}
Gabriela de Oliveira Vieira^{*}
Simone Dantas Barreto^{*}
Eudes Euler de Souza Lucena^{**}

RESUMO: Atualmente a UERN, ciente da sua responsabilidade social, reconhece a inadiável tarefa que lhe compete a partir de uma extensão séria e comprometida para a materialização de compromissos institucionais com a melhoria da qualidade de vida da sociedade, seja na promoção e ampliação do acesso à educação superior de qualidade, seja fortalecendo novas articulações com a sociedade. Do progresso contínuo da educação, surge a necessidade de se desenvolverem atividades interdisciplinares com diferentes métodos de ensino-aprendizagem que envolvam os mais diversos segmentos do ensino. No contexto de atuação da universidade frente às escolas de educação básica e de nível técnico no desenvolvimento da educação científica, este projeto tem como objetivo a formação do aluno da educação básica/profissionalizante no que diz respeito à Anatomia Humana. Apresentações de forma expositiva foram feitas com o auxílio de uma coleção didático-científica destinada à demonstração da estrutura e função de diversos órgãos que constituem o corpo humano em um nível macroscópico para os visitantes. O aprofundamento no saber referente à Anatomia Humana está ancorado na interação da teoria com a prática, observando uma satisfação e um empenho por parte dos envolvidos, assumindo aspectos de compromisso com a população, realizando um trabalho educativo-social e de inclusão da comunidade. É notável que o projeto proporcionou uma experiência tanto para os alunos contemplados com as visitas, quanto para os acadêmicos extensionistas, possibilitando um aperfeiçoamento do conhecimento e desenvoltura pessoal por meio da ação de transmissor do conhecimento.

Palavras-chave: Laboratório. Ensino. Anatomia humana.

^{*} Acadêmicos do 4º Período do Curso de Odontologia da UERN. E-mails: bdicson@hotmail.com; gabi_oliveira_vieira@hotmail.com; junior_veras_@hotmail.com; simonebarreto1@hotmail.com.

^{**} Professor Assistente II, Departamento de Odontologia, Anatomia de Cabeça e do Pescoço, UERN. Email: eudeseuler@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A Anatomia Humana, historicamente, originou-se desde os primórdios da civilização humana a partir do momento em que o homem passa a observar as regiões do corpo de outros homens e animais, mas estava limitada a observação a olho nu. Com o passar dos anos, as ciências evoluíram, inclusive a Anatomia Humana, e hoje, seu estudo serve como base para que os profissionais da área da saúde adquiram conhecimentos específicos sobre o funcionamento do corpo humano, servindo como alicerce para o entendimento das diversas áreas que abrangem a saúde humana.

As universidades utilizam como metodologia de ensino, a dissecação de peças cadavéricas formolizadas sendo esta consagrada no meio acadêmico. Além deste modelo pedagógico, outros métodos vêm auxiliando o desenvolvimento do estudo, como materiais sintéticos (bonecos e pintura corporal) e tecnologia multimídia. O uso de cadáveres humanos é considerado indispensável ao processo de ensino-aprendizagem no estudo anatomia humana (COSTA & LINS, 2012).

Contudo, a utilização de cadáveres tem esbarrado em entraves que problematizam o seu uso, como o número reduzido de corpos cedidos ao ensino e a pesquisa. Para tentar sanar esta situação, o Departamento de Odontologia (DOD) Campus Caicó (CaC), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) desenvolveu através de experiências de vivência, o Projeto de Extensão “Corpo Humana Real e Fascinante”. Tal ação se materializa mediante um quadro de ausência de uma educação científica abrangente e de qualidade no ensino potiguar, onde na maioria das escolas de ensino fundamental e médio, bem como escolas profissionalizantes.

Segundo o Ministério da Educação (BRASIL, 1998): o estudo das Ciências Naturais de forma exclusivamente livresca, sem interação direta com os fenômenos naturais ou tecnológicos, deixa enorme lacuna na formação dos estudantes. Ao contrário, diferentes métodos ativos despertam o interesse dos estudantes pelos conteúdos e conferem sentidos à natureza e à ciência que não são possíveis ao se estudar Ciências Naturais apenas em um livro.

Este projeto tem como objetivo a formação do aluno da educação básica/profissionalizante no que diz respeito à Anatomia Humana. Consiste na busca em aprofundar, aplicar e criar formas de atuação da universidade frente às escolas no desenvolvimento da educação científica, através de visitas práticas ao laboratório de anatomia do referido *Campus*.

METODOLOGIA

As atividades foram iniciadas no semestre 2011.1 da UERN e continuam até os dias atuais. Ao serem agendadas as visitas, foram ministradas apresentações de forma expositiva com o auxílio de uma coleção didático-científica destinada à demonstração da estrutura e função de diversos órgãos que constituem o corpo humano em um nível macroscópico (figura 1). A coleção consta de modelos e peças anatômicas dissecadas, principalmente, por técnicos, professores, monitores e outros graduandos da UERN. Dessa forma, os visitantes contam com uma maior facilidade em entender a organização estrutural dos elementos ali estudados, pois entram em contato direto com o órgão conservado ou com modelos confeccionados.



Figura 1 – Aulas expositivas aos alunos participantes. Caicó/RN, 2013.

As atividades realizadas ficam a cargo dos monitores graduandos, cabendo-lhes a responsabilidade de realizar as devidas explicações referentes às peças demonstradas. O número de monitores presentes durante as visitas varia de 1 (um) a 3 (três). Destacamos ainda, a participação ativa dos professores responsáveis pelas turmas que eventualmente se fazem presentes nas explicações.

Após a exposição, são feitos questionamentos referentes aos sistemas orgânicos abordados, através de um importante mecanismo de *feedback* que serve como âncora para objetivarmos a qualidade do andamento do projeto.

O número de participantes por cada visita é registrado em um livro de frequência, como forma de acompanhamento do público alvo atingido. A execução das atividades propostas é avaliada mensalmente, por meio de reuniões envolvendo coordenador, pesquisadores e monitores do laboratório. Nestas reuniões, são discutidos os riscos e as dificuldades enfrentadas, bem como, as estratégias para diminuí-las.

RESULTADOS

Durante o período de duração das atividades desde o semestre 2011.1, foram enviados ofícios convite a todas as escolas públicas e privadas cadastradas na Secretaria Municipal de Saúde de Caicó, a fim de participarem do projeto. Também foram convidadas escolas profissionalizantes nas áreas de radiologia e enfermagem que funcionam no município de Caicó. As visitas foram agendadas previamente por demanda espontânea das escolas. Dessa maneira, foram realizadas 30 visitas ao laboratório, totalizando 746 participantes, de escolas públicas, privadas e em sua grande maioria de cursos profissionalizantes (enfermagem e radiologia) do município de Caicó/RN.

Além das observações das variantes de cada encontro, tais como pontos positivos, dificuldades e ocorrências, foram elaboradas questões avaliativas sobre o desempenho de cada participante no projeto, professores e estudantes da universidade, bem como professores das escolas.

Baseados nos questionários orais realizados com os alunos, pode-se dizer que a execução das atividades possibilitou um aprofundamento no saber dos envolvidos referente à Anatomia Humana, este ancorado na interação da teoria com a prática, observando uma satisfação e um empenho por parte dos envolvidos (alunos, professores acompanhantes e monitores). A produção de metodologias de ensino e instrumentos didáticos que possam ser adotados na educação básica e profissionalizante, e a motivação de ações colaborativas interdepartamentais e interinstitucionais consolidam o programa de extensão ampliando as condições de efetivação das ações propostas, sobretudo no eixo temático da saúde.

Assim, o Laboratório se solidifica como um importante espaço na UERN que possibilita a oportunidade de conviver com a realidade social e prática profissional, além de realizar um importante exercício de cidadania ao compartilhar com outros os conhecimentos técnico-científicos adquiridos em sala de aula e em laboratórios de ensino e pesquisa.

DISCUSSÃO

O estudo da anatomia humana é uma ferramenta importante para a educação na área de saúde, por ser uma metodologia de ensino que encoraja o pensamento crítico e investigativo, integrando o ensino básico aos conhecimentos clínicos. A falta de laboratórios, a inexistência de equipamentos e as dificuldades para obtenção de materiais didáticos forçam

os professores dos ensinos fundamental e médio a planejar suas aulas de ciências e biologia com conteúdo apenas teórico.

A Anatomia Humana é considerada complexa e difícil de entender, em virtude do seu processo ensino-aprendizagem ser basicamente apoiado no conteúdo teórico, fazendo com que os alunos se desestimulem e não deem o devido interesse, cabendo ao educador abordar o conteúdo de maneira dinâmica para prender a atenção do educando (SOUZA JUNIOR, 2010).

Campus Neto et al. (2008) destaca que o educador deve apresentar didáticas inovadoras que exijam mais do aluno, acabando com a prática da memorização das estruturas e seus nomes correspondentes. Para elaborar estas didáticas, o educador deve possuir aptidão não somente no conteúdo da disciplina, mas também conhecimento de propostas alternativas. Esta ideia também foi seguida por Basso (1998), onde ele se mostrou contrário às práticas rotineiras, estereotipadas, alicerçadas em ideários simplificados, fazendo com que o potencial para o enfrentamento dos problemas educacionais sejam perdidos.

Esses avanços tecnológicos, principalmente o uso de recursos multimídia, auxiliam a dinamização das aulas. Porém, essa tecnologia utilizada para melhorar o aprendizado não deve ser substituída pelas peças anatômicas, mas sim servir de auxílio, juntamente com associação a outros métodos, como o uso de bonecos e corpos vivos pintados, ou seja, é imprescindível um somatório dos instrumentos disponíveis para buscar uma melhor apreensão dos conteúdos por parte dos alunos (QUEIROZ, 2005). Os benefícios do uso dos cadáveres são muitos, como o respeito e familiarização pelo corpo, a aplicação das habilidades práticas, a integração entre teoria e prática e a preparação para o trabalho clínico (FORNAZIERO & GIL, 2010).

Nas últimas décadas do século XX, foi observado que houve uma tendência em idealizar o corpo humano como um tipo fixo, em que os estudantes acabam por aprender uma Anatomia de um protótipo humano inexistente. Esta simplificação do ser humano tem como consequências um treinamento pobre, resultando em diagnósticos imprecisos e induzindo a prática clínica errônea. Outro fator que deve ser levado em consideração é o fato dos livros-texto modernos não trazerem mais as informações sobre as variações, reforçando a importância do trabalho no dia a dia do laboratório de Anatomia, onde sempre se tem a oportunidade de chamar a atenção para variações sabidamente existentes, fornecendo a base sólida para uma prática clínica adequada no futuro (FAZAN, 2011).

Desta forma, as Universidades tem o grande desafio de inserir no mercado de trabalho um profissional com formação bastante sólida, fazendo com que o seu perfil seja de uma pessoa criativa e inovadora em resposta às diversas situações do cotidiano, com bom domínio

da tecnologia em vigência e de dinâmica em grupo. Deseja-se também, formar indivíduos sem preconceitos e capazes de lidar com as diversas dificuldades encontradas em determinada população (FORNAZIERO & GIL, 2003).

Em geral, os estudantes das profissões biomédicas são encorajados a aprender por meio da memorização, sem o devido suporte teórico e o questionamento crítico. É importante que os professores não só apresentem a disciplina como ciência que se apoia em método científico próprio, como também que sejam capazes de criar recursos didáticos para que os estudantes desenvolvam uma atitude de estudo independente, tão necessária para o profissional de uma área em que as inovações tecnológicas ocorrem num ritmo acelerado (DAMASCENO & CÓRIA-SABINI, 2003).

O atendimento a essa questão social faz parte do compromisso social da instituição, pois, ao refletir sobre os problemas sociais, ambientais e econômicos do Brasil, o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da UERN aponta que: “é necessário insistir na sensibilização social, como princípio a impregnar formação do aluno, através de atividades acadêmicas comprometidas com resposta às demandas prementes da sociedade, colocando a serviço desta os frutos do conhecimento” (SOUSA, 2008).

No Brasil, existia uma tradição verbal de utilizar corpos de indigentes e de mortos não reclamados pelas respectivas famílias nos laboratórios de anatomia. Na prática, estes cadáveres eram entregues às escolas da área de saúde para estudo e ensino de anatomia humana. Atualmente, a instituição de ensino interessada na utilização de cadáver não reclamado deverá requerer o assento do óbito ao cartório competente, apresentando declaração de óbito e providenciando a publicação de editais que noticiem o óbito em jornais de grande circulação. Após autorização judicial, a certidão de óbito será lavrada mencionando que o cadáver se encontra insepulto na instituição de ensino requerente.

O desenvolvimento tecnológico tem proporcionado muitas facilidades no ensino de Anatomia, mas a utilização de cadáveres (dissecação e prossecção) ainda é um componente essencial no processo de ensino e aprendizagem de Anatomia.

CONCLUSÃO

De uma forma geral, o projeto proporcionou uma experiência para a formação profissional daqueles contemplados com as visitas, quanto para os acadêmicos onde o laboratório passa a possibilitar uma experiência de interação com diferentes meios da

comunidade, assim como, um aperfeiçoamento do conhecimento e desenvoltura pessoal por meio da ação de transmissor do conhecimento.

A experiência para os visitantes subsidiou uma visão ampliada sobre os conteúdos antes elucidados apenas de forma gráfico-dialogada. Dar apoio aos departamentos acadêmicos na realização de parcerias com instituições públicas e privadas amplia as possibilidades de realização das atividades de extensão.

A presença de professores e alunos do Curso de Odontologia do Campus Caicó na rede básica de ensino e na educação continuada para a realização de aulas práticas tem demonstrado essa demanda para a UERN de forma clara e contundente desde o início das atividades do projeto. Posteriormente, pretende-se ampliar o projeto a fim de envolver também o Departamento de Enfermagem.

REFERÊNCIAS

BASSO I.S. Significado e sentido do trabalho docente. **Cad. CEDES**. v. 19, n. 44, 1998.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: Ciências Naturais**. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental, 1998.

CAMPUS NETO, F.H.C.; MAIA, N.M.F.S.; GUERRA, E.M.D. **A experiência de ensino da anatomia humana baseada na clínica**. Fortaleza: Universidade Metropolitana de Fortaleza, Anais do XXIII Congresso Brasileiro de Anatomia, 2008.

CHAGAS, J. **Cadáver desconhecido** – importância histórica e acadêmica para o estudo da anatomia humana. São Paulo: Unifesp, 2001. 137 p. Dissertação (Mestrado em Morfologia). Departamento Ciências Morfológicas, Universidade Federal de São Paulo - Escola Paulista de medicina, 2001.

COSTA, GBF; LINS, CCSA. O cadáver no ensino da anatomia humana: uma visão metodológica e bioética. **Ver. Bras. Educ. Méd.** Rio de Janeiro, v. 33, n. 6, 2012.

DAMASCENO, SAN; CÓRIA-SABINI, MA. Ensinar e aprender: saberes e práticas de professores de anatomia humana. **Rev. Psicopedagogia**. Rio de Janeiro. v. 20, n.63, 2003.

FAZAN, V.P.S. Métodos de ensino em anatomia: dissecação versus prossecção. **Rev. Div. Cientif. Soc. Bras. Anat.** Ano 2, v. 1, 2011.

FORNAZIERO, C.C.; GIL, C.R.R. Novas Tecnologias Aplicadas ao Ensino da Anatomia Humana. **Rev. Bras. Educ. Méd.** Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, 2003.

_____, C.C. et al. O Ensino da Anatomia: Integração do Corpo Humano e Meio Ambiente. **Rev. Bras. Educ. Médica**. v. 34, n. 2, 2010.

QUEIROZ, C.A.F. **O uso de cadáveres humanos como instrumento na construção de conhecimento a partir de uma visão bioética.** Goiás: UCG, 2005. 129 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais e Saúde). Departamento de Ciências Ambientais e Saúde, Universidade Católica de Goiás, 2005.

SANTOS, M. C. et. al.. A Anatomia humana para a enfermagem: diálogos interdisciplinares no currículo. **Revista de Educação**, São Paulo, v.7, n. 15, p. 181-190, out. 2011.

SOUSA, AC. Plano de desenvolvimento institucional – PDI / UERN: 2008.

SOUZA JUNIOR, I. **Métodos de ensino-aprendizagem em anatomia humana:** primeira etapa do programa institucional de bolsas acadêmicas (pibac) do IFPI/campus Floriano. In: V Congresso Norte-Nordeste de Pesquisa e Inovação. Piauí, 2010.

CAPÍTULO II - EXTENSÃO E GARANTIA DE DIREITOS

NUCLÉOLO DO ESTUDO DO FÍGADO: UMA PROPOSTA DE EXTENSÃO E ATENÇÃO INTEGRAL AOS PACIENTES COM CIRROSE HEPÁTICA E OUTRAS HEPATOPATIAS CRÔNICAS

Francisco Xavier Dantas Lins^{*}

Micaelly Moura de Medeiros^{**}

Antônio Carlos de Moura Neto^{**}

José Wilson Linhares Júnior^{**}

RESUMO: Introdução: A hepatologia representa uma área cuja oferta de assistência, em Mossoró e região, contrasta com a demanda de hepatopatas crônicos que necessitam de tratamento e com o elevado número de pessoas em risco de desenvolvimento dessas patologias. O Núcleo de Estudo do Fígado (NEF) foi criado com o objetivo de prestar assistência aos pacientes com doenças crônicas do fígado em Mossoró e região, almejando modificar o perfil de incidência, morbidade e mortalidade associado às hepatopatias. Metodologia: O NEF é composto por 12 acadêmicos do curso de Medicina e um médico coordenador. São realizados atendimentos gratuitos à população com doenças hepáticas dois dias por semana. Os discentes são divididos em três grupos, cujas atividades têm rodízio a cada dois meses. A cada quinze dias, há uma reunião científica para discussão de temas relevantes à hepatologia e ao planejamento do desenvolvimento de um livro. Resultados: No período 2012-2013, realizou-se o acompanhamento clínico de 163 pacientes em 212 consultas. Destes, 06 foram encaminhados ao transplante de fígado dos quais três foram transplantados. Foram realizadas 10 reuniões científicas e a confecção de uma obra literária em que se buscou abordar temas relacionados ao manejo clínico de pacientes com hepatopatias crônicas. Conclusão: O NEF vem se consolidando como uma importante unidade de atendimento para pacientes portadores de doenças hepáticas em Mossoró e região, prestando-lhes atendimento integral e individualizado. Como extensão universitária, contribui para o fortalecimento do elo teoria-prática, sendo considerado um projeto de extensão completo, pois extrapola seus horizontes, aliando ensino, pesquisa e extensão.

Palavras-Chaves: Cirrose Hepática. Educação Médica. Extensão Comunitária.

^{*} Médico especialista em Gastroenterologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, atuante na área de Hepatologia, professor auxiliar e coordenador da disciplina de Doenças do Aparelho Digestivo do curso de Medicina da Faculdade de Ciências da Saúde (FACS) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e coordenador do Núcleo do Estudo do Fígado (NEF). E-mail: xavierdantas@uol.com.br.

^{**} Graduandos da FACS, membro do Núcleo do Estudo do Fígado – NEF/UERN.

INTRODUÇÃO

A hepatologia, ramo da Medicina que estuda as doenças agudas e crônicas relacionadas ao fígado, é, ainda, uma área cuja assistência tem muito a se desenvolver em Mossoró e região, contrastando com a substancial demanda de pacientes portadores de hepatopatias que necessitam de tratamento e com a presença de um grande grupo de pessoas em risco de desenvolvê-las.

Nas estimativas mundiais, a hepatopatia crônica é a principal causa de morte entre as doenças gastrointestinais (WOLF, 2011). De acordo com o *National Center for Health Statistics*, a doença hepática crônica é a 12ª principal causa de morte nos Estados Unidos. Isso representa cerca de 35.000 óbitos a cada ano (WOLF, 2011). Pelo seu curso arrastado, muitos pacientes vão a óbito em sua quinta ou sexta décadas de vida, em decorrência dessa doença. A cada ano, 2000 óbitos adicionais são atribuídos à insuficiência hepática fulminante, condição reversível, porém grave, e que exige reconhecimento precoce e ações imediatas (FONSECA-NETO, 2008). Deve-se considerar, ainda, que a mortalidade relacionada ao fígado tem sido subestimada, mesmo durante as últimas duas décadas e diante da notável melhoria nos sistemas de notificação.

O estágio final das afecções crônicas do fígado, independentemente do fator causal da doença, é a cirrose hepática e, associado a esta ou não, o carcinoma hepatocelular. Existem duas fases importantes a serem distinguidas na cirrose hepática: uma dita compensada, em que podem não existir quaisquer sintomas (presente em cerca de 40% dos pacientes), e outra em que a doença se manifesta de várias formas (descompensada), com risco de complicações graves. As principais formas de descompensação são: icterícia (pele e mucosas de aspecto amarelado), ascite (acúmulo de líquido no abdome), hemorragia digestiva (pelos vômitos, a hematêmese, ou pelas fezes, a melena), encefalopatia hepática (alterações mentais que podem levar a confusão mental, agressividade e coma), infecções graves (peritonite bacteriana espontânea e septicemias) e as síndromes hepatorrenal e hepatopulmonar (APEF, 2013). O próprio carcinoma hepatocelular é considerado uma forma de descompensação da cirrose hepática, principalmente nos casos por vírus da hepatite C. Está aumentando em incidência e tem uma elevada taxa de letalidade.

Em países desenvolvidos, a cirrose hepática está entre as dez principais causas de óbito. Estima-se que seja responsável por 1,1% das mortes no mundo. Por volta de 1980, as maiores taxas de mortalidade eram vistas no México e no Chile (cerca de 55 mortes/100.000 homens e cerca de 14 mortes/100.000 mulheres). Nesse mesmo período, na França, Itália,

Portugal, Áustria, Hungria e Romênia, as taxas eram cerca de 30-35 mortes/100.000 homens e 10-15 mortes/100.000 mulheres. Como visto, a doença é cerca de duas vezes mais frequente nos homens que nas mulheres (SILVA, 2010).

No Brasil, estudos epidemiológicos sobre cirrose hepática são escassos. Segundo o Ministério da Saúde, a cirrose hepática e suas complicações são, no país, a oitava causa de morte entre os homens (BRASIL, 2007).

Entre as etiologias mais comuns de cirrose, estão o alcoolismo e a hepatite C. O alcoolismo já foi considerado o principal fator causal de cirrose nos Estados Unidos. Entretanto, a hepatite C tem emergido como a principal etiologia (DANI, 2006; LIMA, 2010). Em todo o mundo, estima-se que 130 a 170 milhões de pessoas têm infecção pelo vírus da hepatite C (DORE, 2013). Outras causas que podem levar à cirrose são: doença hepática gordurosa não alcoólica, hepatite B, cirrose biliar primária, colangite esclerosante primária, hemocromatose, doença de Wilson, deficiência de alfa-1-antitripsina e o consumo indiscriminado e excessivo de alguns medicamentos.

Os principais sintomas relacionados às doenças crônicas do fígado são: icterícia, hepatomegalia, dor no hipocôndrio direito, esplenomegalia, aranhas vasculares, eritema palmar, ascite, perda de peso, equimoses, edema, veias abdominais dilatadas, hálito hepático, asterixe, encefalopatia e coma. Anormalidades que aparecem nos exames bioquímicos hepáticos, como parte de um exame de rotina ou na triagem para doação de sangue, seguro de vida ou admissão trabalhista facilitam o diagnóstico das hepatopatias. Além disso, avaliações endoscópica, por imagem (ultrassonografia, tomografia computadorizada e ressonância magnética) ou histopatológica também fazem parte do arsenal.

O tratamento desses pacientes é complexo e variável de acordo com o processo mórbido de base que levou à cirrose hepática e às suas complicações eventualmente presentes. O transplante hepático é terapêutica indicada em muitos casos de cirrose hepática avançada, dependendo das condições clínicas e laboratoriais em que o paciente se encontra e da presença ou ausência de contraindicações à sua realização. Para a maioria dos casos, essa é a única alternativa com potencial de proporcionar cura definitiva da hepatopatia, mas é extremamente limitada no sentido da baixa disponibilidade de órgãos. Esse fato leva a maioria dos pacientes a um processo demorado de espera, que se torna responsável pelo desfecho letal em uma proporção considerável de casos complicados.

Enquanto se aguarda a oportunidade de transplante ou nos demais casos, nos quais este não é indicado, os pacientes necessitam de um acompanhamento para controle das alterações clínicas e laboratoriais. Esse acompanhamento deve ser: rigoroso, uma vez que se trata de

doença grave e cujas incidência e agravamento de complicações são passíveis de previsão e abordagem profilática; prolongado, pois a patologia possui, geralmente, evolução demorada e discreta; e assistido, sempre que possível, pelos familiares do paciente, no sentido de estimular a continuidade do acompanhamento e do cuidado no domicílio.

Com o objetivo de prestar assistência integral aos pacientes com doenças crônicas do fígado da cidade de Mossoró e municípios vizinhos, foi desenvolvido o projeto de extensão Nucléolo de Estudo do Fígado (NEF). Essa assistência compreende diagnóstico, tratamento e acompanhamento das enfermidades hepáticas e promoção da prevenção às hepatites virais, almejando modificar o perfil de incidência, morbidade e mortalidade associado às hepatopatias na região compreendida.

Como projeto de extensão, visa aproximar os seus componentes da comunidade, ajudando a transformar a sua realidade social, intervindo em suas deficiências e proporcionando troca mútua de experiências. Além disso, trabalha o incentivo ao ensino e à pesquisa, por meio de encontros científicos com os seus membros para discussão de temas relacionados à hepatologia e a áreas correlatas.

METODOLOGIA

O NEF é composto por um total de 12 acadêmicos, selecionados por meio de edital administrativo elaborado pelo Departamento de Medicina, e por um médico, coordenador e responsável pelo atendimento aos usuários, o professor Francisco Xavier de Dantas Lins. O NEF funciona há aproximadamente três anos e seis meses, no Ambulatório da Faculdade de Ciências da Saúde (FACS) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e em outras instituições de apoio. Por intermédio desse projeto de extensão, são oferecidos atendimentos gratuitos à população com doenças hepáticas crônicas no município de Mossoró e região. Esses atendimentos ocorrem em dois dias da semana, segundas e quartas-feiras, no turno vespertino, em horários previamente marcados. Os pacientes que participam do projeto são encaminhados por diferentes médicos do município, principalmente do Hospital Regional Tarcísio Maia, após serem atendidos no serviço de emergência clínica por complicações de doença hepática crônica agudizada.

A dinâmica sistematizada com os doze discentes participantes prevê uma divisão em três grupos de quatro componentes, nomeados de grupos A, B e C. As atividades entre os grupos tem rodízio a cada dois meses e os alunos de cada grupo têm a oportunidade de

vivenciar experiências em todos os locais de atuação do NEF. As consultas podem ser agendadas por meio de um telefone celular, pertencente ao projeto de extensão, e por meio desse número, os pacientes do projeto podem entrar em contato para solicitar auxílio em atendimento médico de urgência. Busca-se, nesses casos, instituir o melhor protocolo possível para uma rápida estabilização do estado de saúde do paciente ou ainda a sua alocação na central de transplantes, caso seja necessário.

A cada quinze dias, há uma reunião científica, na qual os grupos A, B e C também se reversavam para apresentar temas pertinentes à hepatologia. Nessas reuniões, além dos seminários temáticos, há discussão de casos clínicos e de artigos científicos, possibilitando um aprendizado contínuo e renovado segundo as perspectivas mais recentes de cada assunto.

Os discentes integrantes do NEF ainda são responsáveis por apresentar um caso clínico no início de todas as aulas do módulo de hepatologia da disciplina de Clínica Médica / Doenças do Aparelho Digestivo do curso de Medicina da UERN. Os casos clínicos apresentados em sala de aula aos alunos do quinto período são discutidos no início de cada assunto que é ministrado na sequência, contribuindo assim para a melhor fixação e entendimento do conteúdo por parte dos discentes que estão inscritos na referida disciplina, firmando um paralelo entre teoria e prática, para concretizar a real importância de se conhecer bem cada assunto ministrado e da realização de um diagnóstico mais preciso. Com a apresentação desses casos clínicos, objetiva-se instituir o senso crítico do integrante do NEF e sua capacidade em construir um diagnóstico correto baseado na história clínica, em exame físico e na análise de exames complementares, elementos essenciais para a promoção do raciocínio lógico guiado pela prática clínica na comunidade de ação. No decorrer do projeto de extensão, foi proposto aos integrantes o desenvolvimento de uma obra literária direcionada aos profissionais médicos e à comunidade acadêmica em geral, abordando a condução clínica de pacientes com cirrose hepática em uma perspectiva generalista, de forma a contribuir para a abordagem clínica adequada desses pacientes.

Aos alunos, também é oferecida a oportunidade de estagiar por uma semana no setor de Hepatologia e transplante hepático do Hospital Universitário Walter Cantídio, da Universidade Federal do Ceará, com o qual o NEF estabelece uma relação de múltiplo companheirismo e colaboração, traduzindo-se em um número significativo de pacientes encaminhados ao transplante naquela instituição.

Atualmente, o número de pacientes beneficiados pelo projeto corresponde a aproximadamente 163 usuários.

Para serem atendidos por meio do projeto de extensão, os pacientes são triados de forma que apenas pacientes que necessitam de atendimento na área sejam agendados, impedindo que o serviço fique superlotado e que os pacientes que realmente necessitam de atendimento sejam impedidos de consegui-lo. Diante do exposto, os pacientes com problemas não relacionados às doenças hepáticas são direcionados ao atendimento de profissionais de outras especialidades médicas no próprio ambulatório da FACS.

O atendimento inicial do paciente triado é realizado pelos discentes participantes e consta de uma ampla anamnese e exame físico minucioso. A anamnese é composta por identificação, queixa principal, história clínica, antecedentes pessoais e familiares patológicos e hábitos de vida, atentando-se para a presença de exposição a fatores de risco específicos para algumas hepatopatias como histórico de alcoolismo, uso de seringa de vidro no passado, uso de medicamentos ou outras drogas, acidente com materiais perfuro-cortantes, vacinação, dentre outros. A realização do exame físico completo no paciente hepatopata, além de contar com seus elementos básicos, prevê a observação dos estigmas de hepatopatias crônicas, tais como hiperemia palmar, *spiders*, *flapping*, ginecomastia, icterícia, circulação colateral abdominal e contratura de Dupuytren.

Ao término da primeira consulta, cada paciente recebe uma carteirinha de integrante do NEF, no qual se registra a data referente ao próximo atendimento a ser realizado. Desse modo, têm-se o controle do número de consultas efetuadas. Além disso, contribui para evitar esquecimentos por parte dos pacientes quanto à data marcada para o encontro seguinte.

Os pacientes também recebem outra folha, em que onde são elencadas orientações gerais para pessoas com doenças hepáticas. Essas orientações são compostas por recomendações práticas para a saúde do fígado, tais como evitar automedicação e uso de bebidas alcóolicas, realizar vacinação contra hepatites A e B, ir ao hospital sempre que apresentar desorientação, fezes escuras e qualquer indício de infecção, dentre outros. Ao fim das recomendações, na mesma folha, são descritas as patologias e os tratamentos vigentes, funcionando como um pequeno resumo médico que pode facilitar seu atendimento em locais onde os integrantes do NEF não possam estar presentes, contribuindo para um manejo adequado, direcionado às peculiaridades dos pacientes hepatopatas. Orienta-se aos pacientes que esse documento seja levado a todos os lugares, como um documento de identificação, pois os conhecimentos registrados nele podem mudar a conduta do profissional auxiliar, trazendo benefícios ao seu atendimento.

Durante as consultas, são prestados esclarecimentos aos pacientes e acompanhantes sobre sua patologia e as opções de tratamento disponíveis. Além disso, outras orientações

relacionadas a estilo de vida, dieta, necessidade de exercícios físicos e de proteção sexual são ofertadas. Esse último item é direcionado especialmente aos pacientes com doenças de transmissão por via sexual, como a hepatite pelo vírus B.

Em relação à dieta, os pacientes são orientados por meio de panfletos, elaborados especificamente para cada necessidade instituída. Portanto, para pacientes com hipercolesterolemia, são entregues panfletos com orientações dietéticas hipocolesterolêmicas; para pacientes com constipação, panfletos com dieta rica em fibras e água e assim por diante.

Determina-se a frequência das consultas de acordo com a necessidade individual de cada paciente. Alguns pacientes com clínica agudizada e em tratamento para a hepatite por vírus C, por exemplo, têm retornos marcados semanalmente ou quinzenalmente, conforme necessidade. Já outros pacientes com clínica estável têm retorno semestralmente ou anualmente, seguindo-se critérios clínicos preestabelecidos.

A metodologia empregada contribui de modo substancial para a formação acadêmica dos componentes do grupo de extensão, abrindo-lhes novas perspectivas e aproximando-os da vivência prática obtida na comunidade.

RESULTADOS

No período 2012-2013, realizou-se o acompanhamento clínico de 163 pacientes, que foram atendidos em 212 consultas, realizadas no ambulatório da FACS/UERN. Além desses, outros pacientes foram atendidos no ambulatório da associação de apoio a portadores de doenças hepáticas, onde são realizadas consultas de clínica geral, além daquelas especializadas em hepatologia. De todos os pacientes atendidos, 06 já foram encaminhados ao centro de transplantes de fígado do Hospital Universitário Walter Cantídio, no Ceará, sendo três já transplantados. Além desses, vários outros foram encaminhados para realização de biópsias hepáticas e outros procedimentos.

Foram realizadas 10 reuniões científicas, ao longo do ano, para discussão de temas relacionados à hepatologia, nas quais foram apresentados os mais atuais consensos sobre tais temas, além da discussão de artigos científicos. Além disso, os discentes participantes do projeto apresentaram sete casos clínicos para os alunos da disciplina de doenças do aparelho digestivo, do quinto período do curso de Medicina. Os casos clínicos eram apresentados sempre no início das aulas e eram sempre relacionados à doença que ia ser apresentada na aula, para que houvesse uma interação da teoria com a realidade da prática médica.

Todos os discentes participantes do projeto realizaram um estágio extracurricular de sete dias na central de transplantes do Hospital Universitário Walter Cantídio, em Fortaleza, tendo a oportunidade de acompanhar atendimento ambulatorial de pacientes em pré-operatório para transplante, a enfermaria de pacientes internados em pós-transplante e a realização do próprio transplante hepático, além de várias discussões multidisciplinares a respeito de temas relacionados à hepatologia.

Outras atividades desenvolvidas foram o acompanhamento dos próprios pacientes cadastrados no projeto nos hospitais da cidade, quando estes tinham alguma intercorrência de suas doenças e precisavam ser atendidos em caráter de urgência. O projeto possui um telefone que funciona 24 horas, e os pacientes podem entrar em contato para que os discentes possam prestar-lhes esses atendimentos de urgência, principalmente no Hospital Regional Tarcísio Maia, sempre supervisionados pelo coordenador médico. Além disso, os integrantes supervisionam a realização do procedimento de paracentese nesses pacientes, pelos alunos da disciplina de Doenças do Aparelho Digestivo, sempre orientados pelo coordenador médico.



Figura 1: Livro publicado.

Fonte: Acervo Francisco Xavier Dantas Lins.

A finalização do ciclo 2012-2013 se deu com a confecção, publicação e lançamento do livro “*Condução clínica do paciente com cirrose hepática*” (Figura 1), obra composta por 17 capítulos, escritos pelos integrantes do projeto, que buscam abordar de forma clara e prática temas relevantes relacionados ao manejo clínico de pacientes com hepatopatias crônicas. Essa obra é direcionada ao médico generalista e a outros especialistas que se interessem pelo tema, proporcionando-lhes um adequado conhecimento de como conduzir esses pacientes hepatopatas.

CONCLUSÃO

O NEF vem se consolidando como um importante centro de atendimento para pacientes portadores de doenças hepáticas em Mossoró e região, prestando-lhes atendimento integral e individualizado. O trabalho realizado pelo grupo vem sendo reconhecido pela comunidade em geral como uma iniciativa de grande relevância para a saúde, pois, sem o serviço em questão, esses pacientes estariam aleatoriamente distribuídos em centros de tratamento inespecíficos, sem a garantia de serem incluídos em um protocolo de cuidado adequado e direcionado às suas patologias.

Os discentes participantes do grupo realizaram as atividades propostas na metodologia descrita, adquirindo vivência da prática médica na comunidade e reconhecendo as peculiaridades da realidade local, o que lhes enriquece o conhecimento em todas as esferas e contribui com o atendimento médico prestado à população, conquistando dois dos principais objetivos de um projeto extensionista.

Como extensão universitária, os objetivos foram plenamente alcançados, pois trouxe aos estudantes a oportunidade de fortalecer o elo teoria-prática, sensibilizando-os aos problemas sociais e às diversas formas de manifestações culturais da população. Portanto, os acadêmicos ultrapassaram o espaço físico da academia, indo ao encontro das necessidades sofridas pela comunidade, processo relevante à construção do saber médico.

O lançamento do livro *“Condução clínica do paciente com cirrose hepática”* veio engrandecer ainda mais o projeto, fazendo com que ele expanda seu nome e seu conhecimento pelas universidades médicas de todo o estado, dos estados vizinhos e por onde seus leitores o levarem. Além disso, a experiência de construir uma obra literária de cunho científico é academicamente muito enriquecedora, abrindo novas perspectivas para a produção científica da instituição.

O NEF se constitui, então, como um projeto completo no tangente às características de um projeto de extensão, extrapolando também seus horizontes para os outros pilares do tripé universitário, aliando ensino, pesquisa e extensão.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise de Situação em Saúde. **Uma Análise da Situação de Saúde: perfil de mortalidade do brasileiro**. Brasília, 2007.

DANI, R; CASTRO, L. DE P. **Gastroenterologia Essencial**. 3ª edição. Editora Guanabara Koogan S/A. Rio de Janeiro-RJ, 2006.

LIMA, J.M.; FERNANDES, S.G.; HYPPOLITO, E.B. Hepatite Crônica e Cirrose. In: LIMA, J.M. **Gastroenterologia e Hepatologia**. 1ª ed. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

WOLF, D.C. Cirrhosis. Medscape reference. Disponível em: < <http://emedicine.medscape.com/article/185856-overview#aw2aab6b2>>. Acesso em 31 de maio 2011.

FONSECA-NETO, O. C. L. Falência hepática fulminante: etiologia, manejo e indicação para o transplante de fígado. **Arquivos Brasileiros de Cirurgia Digestiva**, São Paulo, v. 21, n. 4, 2008.

DORE, G.J.; HAJARIZADEH, B.; GREBELY, J. Epidemiology and natural history of HCV infection. **Nature Reviews. Gastroenterology & Hepatology**, Sydney, 2013.

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA PARA O ESTUDO DO FÍGADO (APEF). Doença Hepática Crônica (Cirrose Hepática). Disponível em: http://www.apec.com.pt/ficheiro/conteudo/pdfs/APEF_20080912110029_Brochura_DHCRO_NICA_16_05.pdf. Acesso em: 11 de ago. de 2013

SILVA, I.S.S. Cirrose hepática. **Revista Brasileira de Medicina: Cadernos de Gastroenterologia**, São Paulo, v. 67, n. 4, 2010.

KERR, W.C.; FILLMORE, K.M.; MARVY, P. Beverage-specific alcohol consumption and cirrhosis mortality in a group of English. **World Health Organization Statistical Information System. WHO mortality database**, 2006.

GESTÃO DE FINANÇAS PESSOAIS: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA CIDADE DE MOSSORÓ-RN

Rosângela Queiroz Souza Valdevino*

Adriana Martins de Oliveira**

José Sueldo Câmara Ferreira***

RESUMO: O controle das finanças pessoais é necessário para todos, sem levar em consideração classe social, salário ou nível educacional. Diante desse contexto, o projeto de extensão em Gestão de Finanças Pessoais tem como objetivo geral passar conhecimento sobre como controlar as finanças pessoais e como lidar com possíveis problemas de endividamento. Tem ainda como objetivos específicos: mostrar como gerenciar o orçamento familiar, apresentando conceitos de investimentos; ensinar como utilizar o crédito de forma consciente; e ainda como conduzir problemas com endividamento. Com relação à metodologia, o curso teve como meta disseminar conhecimentos de educação financeira para, no mínimo, 120 pessoas, distribuídas em oito turmas. O material utilizado foi apresentação de *slides* em projetor multimídia. Eram disponibilizadas, em média, 15 vagas por turma, com carga horária de 4 h/a, totalizando a participação de 161 pessoas. Foi aplicado, no final de cada turma, um questionário estruturado com oito perguntas fechadas, cada uma delas com três alternativas. Para melhor elaboração dos resultados, os questionários foram tabulados e, a partir deles, foram gerados gráficos que mostraram o desempenho das turmas e do curso de uma forma geral. Com isso, foi possível concluir que as pessoas tinham pouco conhecimento sobre educação financeira e que a maioria não tinha controle sobre as suas receitas e despesas. Durante o curso, os participantes se identificavam com os exemplos apresentados e começavam a perceber a importância do equilíbrio das finanças pessoais.

Palavras-chave: Educação financeira. Finanças pessoais. Orçamento familiar.

* Bacharel em Ciências Contábeis, mestranda em Administração pela UNIFOR. Professora do Departamento de Ciências Contábeis da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: rosangelaqueiroz84@yahoo.com.br

** Bacharel em Ciências Contábeis, mestre em Administração e doutoranda em Administração pela PUC-PR. Professora do Departamento de Ciências Contábeis da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e da Universidade Potiguar (UnP). E-mail: adrianamo@uol.com.br.

*** Bacharel em Ciências Contábeis, mestre em Administração e doutorando em Administração pela PUC-PR. Professor do Departamento de Ciências Contábeis da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: sueldocamara@globo.com

INTRODUÇÃO

A educação financeira é um assunto essencial na vida de qualquer pessoa, independentemente do fator profissional, bem como do patamar salarial ou social. Apesar de ser um assunto relevante para todas as camadas sociais e faixas etárias, a população brasileira ainda é carente desse tipo de educação, uma vez que esse tema é pouco debatido nas escolas. Hill (2009) define a educação financeira como habilidades que os indivíduos apresentam ao fazer escolhas adequadas para administrar suas finanças pessoais durante o ciclo de sua vida. Para Bueno (2010), a educação financeira permite um melhor aproveitamento do fluxo de caixa familiar e acesso aos produtos financeiros. Os benefícios para o país podem ser avaliados em longo prazo, proporcionando um planejamento da aposentadoria, melhoria em investimento, poupança e crédito.

De acordo com a Pesquisa Nacional de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC) (2012), o endividamento dos brasileiros chegou a alcançar o patamar de 59% da sua renda total em dezembro de 2012. Como resultado, esse levantamento ainda apontou que o cartão de crédito foi considerado como um dos principais tipos de dívidas, sendo responsável por 74,9% do endividamento das famílias brasileiras, seguido por carnês, com o percentual de 17,2%, e, em terceiro lugar, por financiamento de carros, com 12,3%.

Segundo Agência o Globo (2012), o comprometimento das famílias com o endividamento tem aumentado consideravelmente e, com isso, surgem os sinais de saturação. A questão é que o acesso ao crédito no Brasil é acompanhado por elevadas taxas de juros, o que significa um perfil de endividamento que não é saudável, gerando, assim, a armadilha da dívida para aqueles que não dispõem de uma boa educação financeira. O crédito, quando utilizado com consciência, traz benefícios; quando, porém, não há controle em seu uso, pode causar endividamentos exacerbados.

Nesse sentido, a educação financeira objetiva ajudar as pessoas – sejam estas de famílias de baixa renda ou das classes mais privilegiadas – a terem bons hábitos financeiros para que possam conquistar melhores condições de vida. O foco não é a perseguição das riquezas, mas a melhoria de atitudes e posturas que ajudem a fazer o dinheiro render mais, para que proporcione às pessoas mais tranquilidade, segurança e conforto. Atitudes simples como pesquisar preços, pedir descontos, comparar produtos e serviços, pagar à vista, controlar as despesas, evitar desperdícios e dívidas, conhecer os direitos do consumidor, evitar compras

por impulso e antecipar-se das armadilhas do comércio são atitudes que refletem a verdadeira educação financeira (MODERNELL, 2011).

Diante desse cenário, é necessário perceber a relevância do orçamento familiar, que constitui uma forma de refletir as receitas e despesas e observar os possíveis gastos que poderiam ser retirados, mantendo-se, desse modo, um equilíbrio nas finanças pessoais.

Além disso, também é possível justificar a disseminação dos conceitos e práticas sobre educação financeira, tendo em vista que a escassez de textos relacionados a esse assunto é um fato que faz com que as pessoas não saibam lidar com dinheiro e com crédito, provocando problemas orçamentários familiares, sendo estes refletidos na economia do país.

Nesse contexto, o projeto de extensão em Gestão de Finanças Pessoais tem, como objetivo geral, disseminar conhecimentos sobre como controlar as finanças pessoais e como lidar com possíveis problemas de endividamento. O público é totalmente diversificado, indo do jovem ao idoso e da classe baixa à alta, já que finanças pessoais é um assunto que precisa ser divulgado para todos os públicos.

O projeto de extensão tem ainda, como objetivos específicos: mostrar como gerenciar o orçamento familiar, apresentando conceitos de investimento; orientar na utilização do crédito de forma consciente; e, ainda, mostrar como conduzir problemas com endividamento. Assim, a essência do projeto é contribuir para que as finanças não representem um problema na vida das pessoas, ajudando-as, dessa forma, a manterem uma vida equilibrada e confortável.

2 REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

2.1 EDUCAÇÃO FINANCEIRA

O assunto educação financeira é, no Brasil, algo novo e, atualmente, vem se dando maior importância a conceitos relacionados a controle financeiro pessoal, devido à necessidade desse conhecimento. Como o brasileiro não teve essa educação implantada em suas raízes, acabou carregando as cicatrizes dessa história, como, por exemplo, os altos índices de endividamento, preocupações ilimitadas e comprometedoras nas finanças pessoais. Esses fatores são refletidos na economia brasileira, o que conseqüentemente mostra a necessidade de um tipo de educação nesse sentido. (SOUZA, 2012).

O ensino financeiro é um conjunto amplo de orientações no que se refere a posturas e atitudes adequadas no uso de recursos financeiros pessoais e familiares. É a aptidão para lidar com conceitos e questões financeiras referentes a receitas, despesas, juros e investimentos. Trata-se da capacidade que o indivíduo tem de utilizar o dinheiro como ferramenta para tornar a vida melhor, mais produtiva e equilibrada. A falta de controle nas finanças pode ocasionar estresse e até mesmo problemas de saúde, e o trabalhador precisa se precaver para que não fique refém do salário por causa do despreparo financeiro (A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO..., 2013).

Com isso, a educação financeira é um assunto fundamental na vida de qualquer ser humano, tendo em vista que o dinheiro é uma peça indispensável para o bem-estar de cada pessoa. A educação sobre as finanças proporciona ainda a possibilidade de consumo com inteligência e sem exageros, ensinando a programar despesas e investir adequadamente, independentemente da classe social (ALAMBERT, 2010).

É possível observar que a educação financeira é um meio de ensinar os indivíduos a lidar com os instrumentos financeiros ofertados no mercado, o que propõe facilitar a escolha por créditos menos onerosos, a visão de oportunidades e a diminuição de riscos, tornando o consumidor consciente de suas escolhas.

Uma das principais mudanças recentes, em 2013, no Brasil, foi a entrada de mais de 40 milhões de brasileiros no mercado de consumo. Esse fenômeno foi responsável pela ampliação da classe média, mas, em compensação, os níveis educacionais do país não acompanharam a expansão do consumo, de forma que os conhecimentos sobre finanças e investimentos deixam a desejar, e o resultado é um cenário de endividamento, inadimplência, prejuízos para a população e impactos na poupança do país. (AVANÇO DO CONSUMO... 2013). Essa realidade se constata porque o brasileiro ainda não tem o hábito de gerenciar dinheiro, o que automaticamente implica o aumento de dívidas particulares, o que se dá por não ter sequer conhecimento básico para lidar com situações financeiras.

Para Negri (2010), a educação financeira é um processo educativo que, por meio de aplicação de métodos próprios, desenvolve atividades para auxiliar os consumidores a gerenciar a sua renda, a poupar e até mesmo a investir. Essas são informações significativas para que um cidadão exerça uma atividade de trabalho ou de lazer, sem se tornar vulnerável às armadilhas impostas pelo capitalismo.

Dessa forma, verifica-se que, além de assessorar as decisões financeiras, a educação nas finanças também é uma ferramenta de controle do patrimônio pessoal, que instrui as

pessoas a planejarem suas contas, tomando conhecimento dos seus rendimentos e das possibilidades de gastos.

Segundo material publicado pela Escola Caminho do Sol, de São João Del Rei (2012), a educação financeira nos países desenvolvidos fica tradicionalmente a cargo da família e à escola é reservada praticamente apenas a função de fazer o reforço das experiências adquiridas em casa. No Brasil, porém, a educação financeira não faz parte da cultura educacional familiar e muito menos da escola, o que cria o conceito de que dinheiro não é assunto de crianças. Essa ideia faz com que seja tirada a oportunidade, tanto na escola quanto até mesmo em casa, de as crianças lidarem com dinheiro, acarretando-lhes consequências muitas vezes desagradáveis quando chegam à fase adulta. Então, pensando-se em superar esse impasse, recomenda-se trabalhar educação financeira com as crianças a partir dos três anos.

Conforme Sciarretta (2012), em 2010, foi lançado o ENEF - Estratégia Nacional de Educação Financeira, coordenado pela Comissão de Valores Mobiliários (CVM), com a participação do Banco Central, Ministério da Previdência Social, SUSEP e outras instituições públicas e privadas. Sob o âmbito do ENEF, o Programa leva educação financeira às escolas, com o apoio do Ministério da Educação. A primeira iniciativa da ENEF foi verificada em agosto de 2010, por meio de um projeto piloto implementado em 410 escolas da rede pública dos estados de São Paulo, Tocantins, Rio de Janeiro, Distrito Federal e do Ceará. Espera-se, portanto, a ampliação desse projeto para todo o país.

As atitudes de controle financeiro devem ser tomadas nas escolas e em casa, pois são hábitos constantes que precisam ser treinados, como uma atividade normal do dia-dia. Além disso, é com a implantação de projetos de educação financeira que a realidade sobre esse conhecimento pode ser mudada e os cidadãos poderão tomar consciência da importância dele. Brasil e Sombra (2011) reforçam esse pensamento quando afirmam que é por meio da educação financeira que crianças e adolescentes podem aprender a lidar com finanças, evitando, dessa forma, que tenham suas receitas superadas pelos gastos e que tomem decisões conscientes quando forem utilizar o dinheiro.

Lidar com dinheiro aparentemente parece fácil, mas é uma tarefa difícil, tendo em vista que não se deve ter o conceito de que é ele feito apenas para se gastar. É preciso ser valorizado dentro do orçamento familiar. O mercado consumista incentiva o gasto, mas não prepara o consumidor para ser equilibrado, fato que acaba causando um desequilíbrio nas finanças pessoais. Na visão de Kern (2010), a educação financeira é uma necessidade de todos, independentemente de salários, idade ou cargos, e deve começar a ser oferecida às pessoas ainda quando estas forem crianças, ou seja, àqueles que nem são alfabetizados

ainda, pois qualquer indivíduo, mesmo sendo analfabeto, quando atingir a fase adulta, precisará de conhecimentos financeiros.

Kell (2012) diz que, com o ritmo rápido com que as transformações ocorrem no mundo, o processo de educação financeira deve ser contínuo, já que o mercado se transforma e manipula os atos de compra. Então, o dinheiro precisa ser um aliado, e é a educação financeira que ensina como resgatar hábitos, fazer planejamento financeiro, controlar dívidas, investir em poupanças e realizar sonhos com base no controle financeiro.

2.2 PLANEJAMENTO FINANCEIRO PESSOAL

No mundo globalizado em que as pessoas vivem, na correria para atingir seus objetivos, por falta de tempo e de conhecimento, não fazem um planejamento financeiro, não têm uma reserva adequada para etapas essenciais na vida, como a aposentadoria, a faculdade dos filhos ou até mesmo o início do seu próprio negócio, ou seja, não têm a devida orientação quando vão tomar decisões que podem comprometer o salário, como a compra de um imóvel, de um carro ou até mesmo em relação àquilo em que investir (NAKATA, 2009).

Para Cruz e Castro (2011), o principal objetivo de um planejamento financeiro não é somente poupar, mas sim fazer com que o indivíduo pense sobre suas finanças, com o intuito de criar reservas, adquirir bens e evitar o impulso consumista que atinge grande parte da população, principalmente por causa da facilidade rotulada de comprar agora para pagar depois. É necessário que exista um planejamento orçamentário para que se possa fazer um controle das despesas, de modo que possibilite verificar as melhores alternativas para a redução dos gastos considerados supérfluos e de pouca necessidade para o momento, servindo de base para decisões sobre quanto, como e quando gastar dinheiro.

A conscientização acerca de pequenos cortes no orçamento pode ser alcançada com ajuda do planejamento, o que proporciona segurança, já que é possível a visualização exata da distribuição do dinheiro.

De acordo com Silva (2012), o orçamento doméstico é um instrumento do planejamento financeiro que pode ser definido como um controle feito em uma planilha, agenda ou qualquer outro método que proporcione a visualização das contas. É preciso que seja feita a escrituração de todas as receitas e despesas familiares, mesmo as variáveis e os gastos considerados irrisórios. O objetivo é proporcionar um panorama geral da vida econômica e dos hábitos familiares. É necessário salientar que apenas escriturar os eventos

sem fazer a reflexão devida sobre as contas não resolve problemas financeiros. É necessária a realização de uma análise para se chegar aos resultados traçados.

Borges (2013) afirma que não basta apenas ter um planejamento financeiro, mas também são necessárias mudanças no comportamento quando o orçamento está apertado. Exemplo disso seria o controle sobre impulsos consumistas, para o qual é necessário adotar algumas medidas como sair de casa sem talões de cheque, cartões de débito, evitar levar crianças para as compras, ajudar a melhorar a administração no orçamento doméstico e marcar reuniões com família. Todos precisam estar bem conscientes dos gastos, o que garante maior comprometimento, tendo-se, como resultado, uma melhor qualidade de vida.

Observa-se que, por meio de simples atitudes, é possível controlar os gastos e manter um equilíbrio no planejamento familiar. O corte em algumas contas deve ser sempre vinculado a objetivos que precisem ser alcançados. Não é interessante poupar sem metas, pois essa atitude pode se tornar cansativa e obsessiva.

3 METODOLOGIA

O procedimento de divulgação do projeto deu-se nos cursos de graduação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), além de outras instituições de ensino e empresas situadas na cidade de Mossoró-RN. Os professores que compõem o projeto divulgavam e explicavam os objetivos do curso, que tinha como meta disseminar conhecimentos de educação financeira para, no mínimo, 120 pessoas, distribuídas em oito turmas. O material utilizado foi apresentação de *slides* em projetor multimídia, modelos de planilhas e tabelas que mostravam como controlar o orçamento.

A pesquisa para realização e busca de assuntos do projeto foi bibliográfica, com consultas baseadas em dados de fontes secundárias, como jornais, revistas, *sites* e trabalhos científicos. Para a coleta dos dados primários, foi aplicado, no final de cada turma, um questionário estruturado com oito perguntas fechadas, cada uma delas com três alternativas. A primeira parte do questionário retratava o evento de forma geral; a segunda tratava da avaliação dos educadores. Para melhor elaboração dos resultados, os questionários foram tabulados e, a partir desses dados, foram gerados gráficos que mostraram o desempenho das turmas e do curso de uma forma geral.

Os assuntos abordados no curso foram: objetivo do projeto de extensão em finanças pessoais, conceitos de educação financeira, controle das finanças pessoais, elaboração de um orçamento doméstico, receitas e despesas, formas de controle das finanças pessoais, quais as

diferenças entre necessidade ou desejo supérfluo, como reduzir gastos, utilização de crédito consciente, endividamento e investimento.

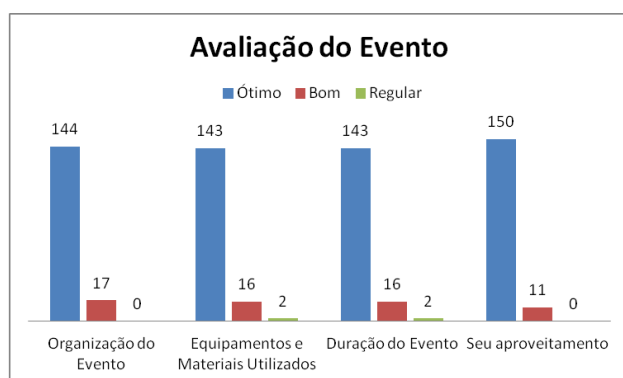
O público atendido correspondeu ao período de 2012.2 e compreendeu a comunidade em geral, de modo que as turmas funcionaram na UERN (1), Escola Aprender e Crescer (1) e Escola Jerônimo Vingt Rosado (6). Eram disponibilizadas, em média, 15 vagas por turma, com carga horária de 4 h/a, totalizando a participação de 161 pessoas. No final, todos os participantes assinavam uma folha de frequência e depois era emitida a declaração de participação.

4 RESULTADOS

O curso de extensão foi dinâmico, pois os participantes mostravam-se interessados em participar e contavam seus casos reais, ou seja, experiências que haviam vivido, o que agregava conhecimento para o curso e produzia uma maior interação com a turma.

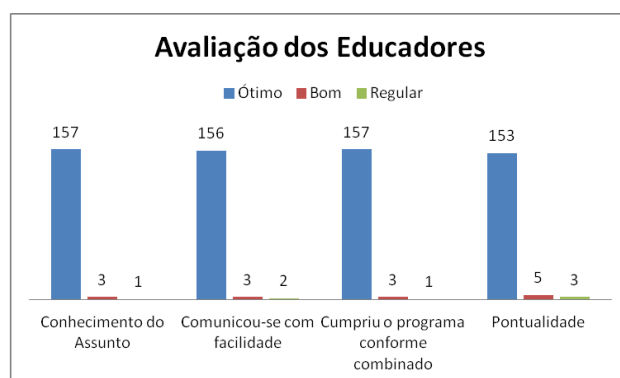
Os assuntos do curso não eram apenas conceitos, mas eram embasados em pesquisas realizadas no comércio mossoroense, em que eram apresentados preços, taxas de juros e facilidades de economia. O projeto se preocupou em trazer uma realidade para os participantes, de modo a agregar-lhes valor, mostrando sempre que o objetivo não era apenas economizar, mas manter um equilíbrio saudável nas finanças pessoais. O alerta também foi dado no sentido de que pequenas compensações fazem bem para as pessoas, desde que estejam dentro de um planejamento financeiro. O gráfico abaixo possibilita analisar a avaliação dos participantes no que diz respeito ao evento e à qualificação dos educadores.

Gráfico 1- Avaliação do evento



Fonte: Elaborado pelos autores (2013).

Gráfico 2 – Avaliação dos educadores



Fonte: Elaborado pelos autores (2013).

De acordo com a pesquisa, para a maioria dos participantes, o curso de Gestão de Finanças Pessoais foi considerado satisfatório, uma vez que o quesito ótimo foi assinalado por um número significativo, que variou entre 140 e 157 de um total de 161 participantes. Observa-se que tais opiniões corroboram com o que Alambert (2010) retrata, já que compreendem que a educação financeira é fundamental na vida de qualquer pessoa, tendo em vista que o equilíbrio financeiro reflete automaticamente na valorização do dinheiro próprio.

Com isso, os objetivos do curso foram alcançados, já que as práticas e conceitos sobre finanças pessoais foram passados de forma integral, o que teve também como resultado a interação das pessoas.

5 CONCLUSÃO

O projeto de extensão conseguiu disseminar conhecimentos de educação financeira para 161 pessoas em 2012.2, alcançando sua meta que era de, no mínimo, 120 pessoas. Além disso, propagou os principais conceitos e casos práticos e reais sobre finanças pessoais e ainda proporcionou novas ideias a serem inseridas no curso. A satisfação dos participantes foi avaliada por meio de um questionário e os resultados foram positivos, mostrando que a maioria avalia o curso como ótimo.

Foi possível observar que as pessoas tinham pouco conhecimento sobre o assunto e que a maioria não tem controle sobre o que ganha e o que gasta. Durante o curso, os participantes se identificavam com os exemplos e começavam a perceber a necessidade de equilibrar as finanças pessoais, tendo em vista que isso afeta todos os campos da sua vida pessoal e que a família inteira, inclusive as crianças, precisam desse conhecimento para que possam apreender a ter hábitos de controle, sem os quais não será possível uma vida financeira saudável.

Como sugestão a ser inserida no projeto, tem-se a opção de trabalhar com conteúdos para o público infantil, podendo ser desenvolvidos nas escolas com apoio da família, uma vez que a educação financeira precisa começar nas fases iniciais de vida para que, quando alcançarem a fase adulta, as pessoas não tenham dificuldades em lidar com dinheiro.

REFERÊNCIAS

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA PARA A VIDA. 2013. Disponível em: <<http://principiosdosucesso.wordpress.com/tag/a-importancia-da-educacao-financeira/>>. Acesso em 7 ago. 2013.

AGÊNCIA O GLOBO. **Grau de endividamento do brasileiro compromete 45% de seus rendimentos.** 2012. Disponível em: <<http://www.old.pernambuco.com/ultimas/nota.asp?materia=20120524084116>>. Acesso em: 09 jun. 2013.

ALAMBERT, S. **Como a educação financeira na escola pode ajudar na construção de uma sociedade mais consciente sobre o dinheiro.** 2010. Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/noticias/economia-e-financas/como-a-educacao-financeira-na-escola-pode-ajudar-na-construcao-de-uma-sociedade-mais-consciente-sobre-o-dinheiro/34188/#>>. Acesso em 7 ago. 2013.

AVANÇO DO CONSUMO EVIDENCIA ATRASOS EM EDUCAÇÃO FINANCEIRA. 2013. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/brasil/avanco-do-consumo-evidencia-atrasos-em-educacao-financeira,ed352a9c774ec310VgnCLD2000000ec6eb0aRCRD.html>>. Acesso em 7 ago. 2013.

BORGES, M. E. A. R. **Educação Financeira: uma ferramenta para melhorar a qualidade de vida.** 2013. Disponível em: <http://www.dasm.mar.mil.br/artigo02.php>>. Acesso em: 07 ago. 2013.

BRASIL, E. E. B. M.; SOMBRA, J. S. S. **Finanças Pessoais: um estudo sobre endividamento com servidores de uma Instituição de Ensino Superior.** 2011. 68 f. Monografia (Graduação em Ciências Contábeis) - Universidade Potiguar, Mossoró, 2011.

BUENO, L. L. B. **A educação financeira e o processo de desenvolvimento econômico do país.** 2010. 50f. Monografia (Monografia em Economia) – Universidade de Taubaté, São Paulo. 2010.

CRUZ, G. N; CASTRO, M. L. **Cartão de crédito e os altos níveis de endividamento da população ludovicense.** 2011. Disponível em: <<http://revistasapientia.inf.br/edicao3/arquivos/2011/GISELLE.pdf>>. Acesso em: 07 ago. 2013.

ESCOLA CAMINHO DO SOL DE SÃO JOÃO DEL REI. **Educação financeira.** 2012. Disponível em: <http://www.escolainterativa.com.br/canais/40_amplie_seus_conhecimentos/arquivos/Educ_financeira.pdf>. Acesso em 7 ago. 2013.

HILL, N. **Quem pensa enriquece.** São Paulo: Fundamento Educacional, 2009.
KELL, P. MoneySmart Teaching: bringing financial literacy lessons to life in the classroom. *An electronic journal for leaders in education*, nov. 2012.

KERN, D. T. B. **Uma Reflexão sobre a Importância da Inclusão da Educação Financeira na Escola Pública**. 2010. 242 f. Monografia em educação fiscal e financeira. Disponível em: <http://www.esaf.fazenda.gov.br/esafsite/premios/ESAF2009/Monografias_Premiadas_2010/Categoria_Profissionais_3_Lugar_Denise_Kern_16x23.pdf>. Acesso em: 26 dez. 2012.

MODERNELL, A. **Educação financeira visa adquirir bons hábitos**. 2011. Disponível em: <http://www.revistacentral.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3145:afinal-o-que-e-educacao-financeira&catid=110:negocios&Itemid=490>. Acesso em: 09 jun. 2013.

NAKATA, R. **A Importância de ter seu próprio Planejamento Financeiro Pessoal**. 2009. Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/mobile/artigos/economia-e-financas/a-importancia-de-ter-seu-proprio-planejamento-financeiro-pessoal/35268/>>. Acesso em: 07 ago. 2013.

NEGRI, A. L. L. **Educação Financeira para o Ensino Médio da rede pública: uma proposta inovadora**. 73 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro Universitário Salesiano de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.farolnet.com.br/unisal/sistema/uploads/centro_publicacoes/arq_centro_publicacoes_000072.pdf>. Acesso em: 24 dez. 2012

PESQUISA NACIONAL DE ENDIVIDAMENTO E INADIMPLÊNCIA DO CONSUMIDOR (PEIC). **Endividamento das famílias fica estável em novembro, indica CNC**. 2012. Disponível em: <<http://www.old.fernambuco.com/ultimas/nota.asp?materia=20120524084116>>. Acesso em: 09 jun. 2013.

SCIARRETTA, T. **Educação financeira será obrigatória em escolas públicas a partir de 2012**. 2012. Disponível em: <http://www.bpwsp.org.br/index.php?pg=noticias/noticia13_0111>. Acesso em 7 ago. 2013.

SILVA, K. C. P. **Finanças pessoais**. 2012. 55 f. Monografia (Especialização em Finanças e gestão corporativa) – AVM Faculdade Integrada, Rio de Janeiro, 2012.

SOUZA, D. P. **A importância da educação financeira infantil**. 2012. 75 f. Monografia (Monografia em ciências contábeis) - Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, do Centro Universitário Newton Paiva, Belo Horizonte, 2012.

PROJETO SER-TÃO: EXPERIÊNCIAS DE ASSESSORIA JURÍDICA E EDUCAÇÃO POPULAR NO SEMIÁRIDO

João Paulo do Vale de Medeiros
Maria do Socorro Diógenes Pinto
Tayse Ribeiro de Castro Palitot
Ronaldo Maia Moreira Júnior

INTRODUÇÃO

A dedicatória de um livro, em geral, demonstra uma relação de proximidade e afeto entre quem dedica e a quem é dedicada a obra. É um momento curto, simples, mas que transmite toda a felicidade da conclusão de um escrito a alguém querido. “Aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim, descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam”, está nas primeiras páginas da “Pedagogia do Oprimido”. Concluído em 1968, enquanto Paulo Freire se encontrava no exílio, no Chile. O livro é um tratado sobre educação libertadora, um conjunto de experimentações que o autor viveu nos primeiros anos de trabalho de educação popular no Brasil. É para a educação o que “O Capital”, de Karl Marx, representa pra esquerda mundial e o que “On the Road”, de Jack Kerouac, significa para o movimento hippie.

Essa dedicatória consegue resumir de forma surpreendente as principais bases do livro. Primeiro, ao oferecê-la aos esfarrapados do mundo, o autor encara a sociedade em sua coletividade e enquanto estratificada em classes. Da mesma forma, tem a coragem, ainda muito rara no mundo intelectual, de se reconhecer como povo, e desamarrado dos verticalismos acadêmicos, demonstra o seu apaixonamento pelos oprimidos. No mesmo sentido, ele deixa transparecer sua opinião a respeito do homem enquanto ser inconcluso, em permanente mutação, que transforma e é transformado pelo mundo. E por fim, ainda transmite que a luta em busca da libertação não é pelo povo, mas com o povo.

Mas porque dedicamos tantas palavras a esse trecho inicial da pedagogia do oprimido? É que ele, sem dúvidas, é o que mais representa as aspirações materiais e espirituais que levaram à formação do Projeto Ser-tão de educação popular em direitos humanos e assessoria jurídica, que tem nos sustentado por esse tempo, e de fundamental importância pra se entender a (anti)lógica do grupo.

Nesse artigo resgataremos um pouco de nossa história, metodologia e vivência junto aos movimentos populares, mais especificamente aos camponeses da região da Chapada do Apodi ameaçados de desterritorialização. Em um relato de experiência, trataremos do valor secundário do intelectualismo, do direito enquanto processo histórico e da importância da educação popular como prática de liberdade e fundamental na correção das dicotomias sociais que ainda teimam em persistir.

O QUE É SER-TÃO?

Formado por estudantes de direito da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, é um grupo de extensão que tem por base uma perspectiva contra hegemônica, Freiriana, Marxista, feminista, e, principalmente, popular. Finca sua práxis na concepção do direito enquanto instrumento de justiça social, atrelado à luta dos movimentos populares organizados. Parte também do princípio da não dissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, bem como na necessidade de uma atuação interdisciplinar que possibilite uma formação ampla, relacionando o técnico e o político, de maneira a construir um perfil profissional comprometido com as demandas sociais.

Na Universidade corremos o risco de que as práticas acadêmicas sejam pouco relacionadas com a realidade, formando bacharéis e técnicos que estratificam os conhecimentos e não buscam relação com outras ciências. Em muitos casos, ainda, os profissionais se atrelam a dogmas que mais do que teorias científicas são instrumentos ideológicos de dominação, como o positivismo jurídico.

A educação emancipadora metodizada por Paulo Freire protege-nos desses perigos ao abrir caminho para uma percepção de educação e de mundo libertadora, feita pelo e com o povo, criticando o modelo bancário, onde as/os estudantes apenas armazenam o conhecimento sem questioná-lo ou vivenciá-lo dentro de suas próprias realidades. Segundo ele: "[...] transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador" (FREIRE, 1996 p.18 -19).

A vivência proporcionada pelo projeto nos faz perceber a clara necessidade de agregar o conhecimento científico e o conhecimento popular para uma prática acadêmica humanizadora, além de nos impelir a reconhecer o direito não enquanto ordem, mas processo. O direito sob a ótica pluralista se insere na história e é oriundo das reivindicações sociais,

onde as lutas populares são o motor do processo de construção e efetivação de direitos. Nas palavras de Roberto Lyra Filho (1986, p. 312).

O Direito não é; ele se faz, nesse processo histórico de libertação – enquanto desvenda progressivamente os impedimentos da liberdade não lesiva aos demais. Nasce na rua, no clamor dos espoliados e oprimidos e sua filtragem nas normas costumeiras e legais tanto pode gerar produtos autênticos (isto é, atendendo ao ponto atual mais avançado de conscientização dos melhores padrões de liberdade em convivência), quanto produtos falsificados (isto é, a negação do Direito no próprio veículo de sua efetivação, que assim se torna um organismo canceroso, como as leis que ainda por aí representam a chancela da iniquidade, a pretexto da consagração do Direito.

Dentro do ciclo de quebra paradigmática da cultura jurídica monística e ascensão de fenômenos de direito plural, surgem novos atores políticos essenciais ao processo de construção de direitos e afirmação de novas bases jurídicas. Nesse quadro aparecem os movimentos sociais como sujeitos coletivos de direito, “como símbolo maior e, principalmente, o mais significativo de um novo sujeito histórico, personagem nuclear da ordem pluralista, fundada em outro modelo de cultura político-jurídica” (WOLKMER, 2001, p. 120), questionando não apenas a ideia de fonte criadora do direito como unicamente o Estado, mas a própria noção de participação popular democrática.

O descobrir-se coletivamente, as formações em Direitos Humanos, a interinstitucionalidade, a interdisciplinariedade, são bases da Assessoria Jurídica Universitária Popular - AJUP, meio pelo qual o grupo realiza seu trabalho de extensão e pesquisa. O diálogo com os movimentos sociais, estudantis e com as causas populares tem sido também base firme para o desenvolvimento da prática universitária de assessoria jurídica popular.

Certamente você iria perguntar, e diante de tudo isso, porque “Ser-tão”? Deixemos o próprio Paulo Freire falar:

A minha raiva, minha justa ira, se funda na minha revolta em face da negação do direito de “ser mais” inscrito na natureza dos seres humanos. Não posso, por isso, cruzar os braços fatalistamente diante da miséria, esvaziando, desta maneira, minha responsabilidade no discurso cínico e “morno”, que fala da impossibilidade de mudar porque a realidade é mesmo assim. O discurso da acomodação ou de sua defesa, o discurso da exaltação do silêncio imposto de que resulta a imobilidade dos silenciados, o discurso do elogio da adaptação tomada como fado ou sina é um discurso negador da humanização de cuja responsabilidade não podemos nos eximir (FREIRE, 1996, p. 45).

Continua o próprio Freire

Tenho o direito de ter raiva, de manifestá-la, de tê-la como motivação para minha briga tal qual tenho o direito de amar, de expressar meu amor ao mundo, de tê-lo como motivação de minha briga porque, histórico, vivo a história como tempo de possibilidade e não de determinação. Se a realidade fosse assim porque estivesse dito que assim teria de ser não haveria sequer por que ter raiva. Meu direito à raiva pressupõe que, na experiência histórica da qual participo, o amanhã não é algo pré-datado, mas um desafio, um problema (FREIRE, 1996, p. 45).

O criador da pedagogia do oprimido relata o seu direito de “ser mais”, expondo de forma clara a historicidade na qual o processo de conquista de direitos está inserido. Ele justifica também a possibilidade de sua justa-raiva em razão de ser “a história um tempo de possibilidade e não de determinação”, afirmando que a experiência histórica não é algo formatado e imutável, mas em construção permanente. Portanto, Ser-tão vem do “ser-mais” freireano aliado à resistência teimosa de nosso sertão nordestino.

PERÍMETRO IRRIGADO DA CHAPADA DO APODI – “O PROJETO DA MORTE”

A assessoria aos trabalhadores/as da Chapada do Apodi é o principal trabalho do Ser-Tão. O objetivo é auxiliar os agricultores/as na resistência à implantação do Projeto de Irrigação Santa Cruz do Apodi nas terras/território da Chapada do Apodi.

Esse empreendimento, encabeçado pelo Departamento Nacional de Obras Contra a Seca – DNOCS, desapropriou 13.855 (treze mil, oitocentos e cinquenta e cinco) hectares no semiárido nordestino, mais precisamente na Chapada do Apodi, entre os municípios de Apodi e Felipe Guerra, para a implantação de um sistema de fruticultura irrigada nos moldes do agronegócio, conforme consta no decreto de desapropriação de 10 de junho de 2011.

É importante lembrar a história desse território que outrora já foi ocupado por grandes latifúndios. No final dos anos 1970 e início dos 1980, devido a um processo de organização popular dos/as trabalhadores/as rurais de Apodi em torno das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) foi iniciada a criação de Associações Comunitárias nas comunidades rurais, as quais reivindicavam por água e trabalho na época das secas (RIGOTTO ET AL, 2012; PONTES, 2012).

Todo esse trabalho de articulação dos/as agricultores/as de Apodi culminou, na década de 1990, na criação do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Apodi – STTR, hoje um importante aliado na luta contra a implantação do referido projeto de irrigação. A partir dessa época a região começou a apresentar mudanças significativas no contexto rural, provocadas pela crise do algodão, que enfraqueceu os grandes proprietários de terras. No mesmo período, com a redemocratização do país, foram intensificadas as ocupações de terra em busca da tão sonhada reforma agrária (PONTES, 2012), muitas delas apoiadas pela Comissão Pastoral da Terra - CPT.

É nesse cenário de mobilização e luta que esses/as agricultores/as conseguem promover uma ampla distribuição fundiária na região, dando origem a vários assentamentos, alguns provenientes de desapropriações realizadas pelo Instituto Nacional de Reforma Agrária – INCRA e outros através do Crédito Fundiário. Esse território onde outrora predominava o latifúndio hoje é caracterizado por vários assentamentos e comunidades rurais, que trabalham com a agricultura familiar de base agroecológica, trocando assim o modo de produção capitalista pela agricultura de subsistência (PONTES, 2012).

Todavia, essa realidade de simetria agrária está prestes a desaparecer em decorrência da implantação do perímetro irrigado que expulsará os camponeses/as de seu território para a instalação de grandes empresas do agronegócio. De acordo com informações do Relatório de Impactos Ambientais do projeto, a finalidade desse empreendimento é propiciar a irrigação das culturas de cacau, banana, goiaba, uva, neem e forragens, dentre outros (BRASIL, 2009, p. 13). Para tanto, receberá dos cofres públicos um investimento que gira em torno de R\$ 209.208.693,00 (duzentos e nove milhões, duzentos e oito mil, seiscentos e noventa e três reais) (BRASIL, 2009, p. 22).

Porém, compreendendo a área desapropriada, bem como a de influência indireta do projeto, habitam hoje cerca de 800 (oitocentas) famílias divididas em cerca de 30 comunidades rurais. Tais grupos populacionais possuem aspectos culturais, históricos e sócio-econômicos próprios, sendo referência nacional em produção agroecológica e familiar e que, devido ao modo como o projeto está sendo executado, veem sofrendo uma série de violações aos seus Direitos Humanos, culturais, históricos e patrimoniais.

A região apresenta, também, características de relevo, fauna e flora peculiares, possuindo uma ampla lista de espécies endêmicas, bem como formações arqueológicas de grande importância para o patrimônio histórico e cultural brasileiro que, da mesma forma, encontram-se em risco latente de degradação. Diante dessa situação, compreendemos que o impacto que esse projeto de irrigação acarretará a vida dos camponeses/as potiguaras é

imensurável, uma vez inviabilizará completamente o modelo de produção agroecológica cultivado nessa região há mais de 50 anos, e que deu origem a uma das cadeias produtivas mais fortes e organizadas de nosso país.

Frisamos que a produção, disseminada nos assentamentos e comunidades rurais, está organizada, em sua maioria, por meio de cooperativas e associações, que se articulam com o Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Apodi – STTR. Tal dinâmica proporcionou ao município de Apodi figurar na lista das cinco cidades que mais se destacaram na produção agrícola e pecuária do Rio Grande do Norte, em pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, sobre o Produto Interno Bruto (PIB) no território potiguar, realizada em 2009.

A implantação desse perímetro irrigado na Chapada do Apodi além de destruir uma das mais importantes cadeias agroecológicas de nosso país, irá também proporcionar uma “reforma agrária ao contrário”, contribuindo para uma “financeirização da agricultura”, pela qual poderosos atores financeiros e econômicos estão aumentando seu controle sobre os recursos naturais, e, em decorrência disso disseminando o uso intensivo de agrotóxicos, destruindo o meio ambiente e desalojando o campesinato.

Pode-se ressaltar que o conhecimento das consequências que esse tipo de projeto trouxe ao lado cearense da chapada, na região do Baixo Jaguaribe, em especial a problemática do uso de agrotóxicos, foi um dos motivos que mais motivou os/as agricultores/as de Apodi a lutarem contra a implantação do referido perímetro irrigado.

Atualmente, um dos maiores problemas enfrentados na região do Baixo Jaguaribe é a intensa utilização dos agrotóxicos feita pelas empresas do agronegócio. Essa problemática tem sido alvo de várias denúncias e pesquisas, a exemplo do “Estudo epidemiológico da população da região do Baixo Jaguaribe exposta à contaminação ambiental em área de uso de agrotóxicos”, realizado nos municípios de Limoeiro do Norte, Russas e Quixeré – Ceará, entre 2007 a 2010, pelo Núcleo de Trabalho, Meio Ambiente e Saúde para a Sustentabilidade – TRAMAS, da Universidade Federal do Ceará – UFC.

A referida pesquisa identificou vários problemas ambientais e de saúde nas comunidades inseridas no Perímetro Irrigado do Jaguaribe/CE, constatando, inclusive, que “os agricultores no Ceará têm até seis vezes mais câncer do que os não agricultores, em pelo menos 15 das 23 localizações anatômicas estudadas” (RIGOTTO, 2010, p. 67). Além dessa enorme incidência de agricultores com câncer, os pesquisadores ainda identificaram a contaminação do lençol freático, do solo, dos alimentos, destinação inadequada das embalagens de agrotóxicos, dentre vários outros problemas (RIGOTTO, 2010).

Fato preocupante, também, é a remoção dos/as agricultores/as de suas terras sem perspectivas de reassentamento, gerando um possível deslocamento da população do campo para a zona urbana de Apodi. Esse fenômeno se mostra relevante, pois acarreta a mudança da dinâmica populacional e urbana do município de Apodi, de modo que poderá aumentar a região de periferia da cidade. Tal fato é historicamente verificado, quando, segundo Garcia (2003, p. 159), desde a segunda metade do século XX percebeu-se um movimento contínuo de deslocamento das residências do campo para as cidades. O que antes ocorria em função do êxodo rural, por motivos de mecanização do campo, está ocorrendo novamente, no entanto, agora é devido à destruição que o modelo de produção adotado pelo agronegócio causa as comunidades rurais, como é o caso dos camponeses/as da Chapada do Apodi. Trata-se de uma reforma agrária ao inverso, que retira o homem do campo e o leva a um retorno às práticas do antigo êxodo, gerando assim, favelização, prostituição e proletarização.

Compreendemos que a instalação de um perímetro irrigado nessa região acarretará um retrocesso no modo de vida rural local, uma vez que inviabilizará o modelo de produção baseado na agricultura familiar e agroecológica cultivado há décadas para a implantação de um outro que prioriza a monocultura e a exploração de grandes extensões de terra, com grande utilização de insumos agrícolas, causando diversos problemas aos recursos naturais e à vida humana.

Por esse motivo, ou seja, por defender a permanência do camponês em seu território é que os/as agricultores/as de Apodi se insurgem contra a instalação desse perímetro irrigado, realizando uma série de atos e mobilizações para tentar impedir que esse desastre ambiental e cultural aconteça. E é nesse cenário de lutas e mobilizações que o Projeto Ser-tão aparece enquanto parceiro que desenvolve ações jurídicas e políticas.

COMO “ESTAMOS SENDO”

A práxis do Ser-tão segue os princípios da Educação Popular em Direitos Humanos e da Assessoria Jurídica Popular, duas frentes principais que se mesclam, buscando intervir em espaços de violações de direitos e contribuir para a emancipação dos sujeitos sociais. A metodologia utilizada pelo grupo, apesar de possuir um modelo base, não tem uma “receita de passos”, dependendo da demanda apresentada pelos assessorados.

Considerando nosso primeiro princípio norteador o da Educação Popular, ela se materializa em conversas, diálogos e debates, onde os membros do projeto procuram dialogar com os educandos sobre a importância de se reconhecerem enquanto sujeitos históricos. As

reuniões ocorrem de maneira periódica, prezando sempre pela participação dos/das trabalhadores/as e das comunidades. Além das reuniões, o grupo realiza gravações de vídeo com os depoimentos dos/as assessorados/as. No caso específico abordado nesse artigo, foram captadas imagens sobre a experiência agroecológica e sustentável que desenvolvem os agricultores/as da Chapada do Apodi e por quais motivos não querem a instalação de um perímetro irrigado na região.

A segunda ação é a de assessoria jurídica propriamente dita. Esta visa o fortalecimento do processo de luta contra o perímetro irrigado através dos instrumentos judiciais e extrajudiciais. Essa prática é realizada por meio de encontros semanais e permanente diálogo com os órgãos também jurisdicantes, como Defensoria Pública da União e Procuradoria Federal. Assim, os procedimentos realizados pela equipe do Ser-tão, por terem dimensões técnicas, mas também políticas e pedagógicas, favorecem uma formação ampla, que tem repercussão tanto sobre os extensionistas, como sobre as comunidades e agricultores. Mais do que um serviço à comunidade, as ações buscam efetivamente cumprir com a função social da universidade.

No contexto de Assessoria Jurídica Popular integrada às demandas sociais, o Ser-tão tem realizado o seu trabalho de maneira a defender os direitos dos/as agricultores/as, bem como o modelo de desenvolvimento agroecológico e sustentável na Chapada do Apodi/RN.

Há mais de um ano tem sido feitas visitas constantes ao Sindicato dos/as Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Apodi – STTR para que as demandas sejam debatidas conjuntamente. Através deste meio foi elaborado e publicado pelo Ser-tão um Dossiê-denúncia que analisa criticamente as falhas do Relatório de Impacto Ambiental – RIMA do empreendimento, apontando os impactos sociais, ambientais, históricos e de direitos humanos às comunidades. O referido estudo foi realizado pelos/as extensionistas sob a orientação do docente coordenador do projeto, e levado aos diversos órgãos estaduais e federais do Poder Judiciário e Executivo, de forma a acionar juridicamente o Estado para as violações à direitos na Chapada do Apodi. Sua divulgação ocorreu em âmbito nacional em diversos sítios da internet, constando hoje no banco de dados de jornais de circulação nacional como o Brasil de Fato e de entidades representativas como a Central Única dos Trabalhadores – CUT. Sua repercussão foi bastante positiva na mobilização e fortalecimento da pauta, bem como rompeu com a inércia do judiciário e possibilitou uma maior articulação em defesa dos/as agricultores/as e da agricultura familiar.

Realizou-se, também, o Seminário “Morte e Vida no Campo”, com a participação de João Pedro Stédile, líder do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-terra e Coordenador

da Via Campesina (organização internacional de camponeses), que analisou o contexto agrário da Chapada do Apodi e as implicações da implantação do Projeto da Morte. O evento contou com a participação das comunidades rurais atingidas pelo projeto, bem como de diversos Movimentos Sociais solidários aos agricultores/as, estudantes, professores e intelectuais da região. O espaço possibilitou o debate entre a sociedade e os/as camponeses/as, que trouxeram sua realidade e publicizaram a problemática em torno do projeto de irrigação.

Realizou-se, ainda, o I Seminário de Direitos Humanos do Semiárido, em parceria com o Ministério Público e o Centro de Referência em Direitos Humanos – CRDH, buscando discutir o modelo de desenvolvimento em curso na Chapada do Apodi e as violações a direitos humanos às populações camponesas. O evento contou com a participação do Frei Gilvander Moreira (religioso Carmelita), reconhecido nacionalmente pela luta contra o uso de agrotóxicos. Na oportunidade o palestrante, em companhia dos/as extensionistas, visitou as áreas atingidas e assessoradas pelo grupo, no intuito de conhecer a realidade e se aproximar da problemática.

Um ponto importante foi a articulação com entidades e órgãos em defesa da Chapada. Entre esses é possível mencionar a Comissão Pastoral da Terra – CPT, a Defensoria Pública da União – DPU, o Centro de Referência em Direitos Humanos – CRDH, a Cáritas Diocesana e a Marcha Mundial de Mulheres.

Essas atividades realizadas pelo Ser-tão são iniciativas que buscam aproximar o estudante das demandas sociais e consolidar uma prática jurídica emancipadora, que possibilite um pensamento crítico e próximo da realidade social, lembrando a importância histórica dos grupos insurgentes que de forma organizada ou instintiva buscam o reconhecimento e efetivação de seus direitos por meio da resistência ativa que a situação de espoliados legitima.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A resistência dos movimentos populares se materializa em um fenômeno de pluralismo jurídico, questionando a noção de que o direito tem como fonte e ponto de partida a positivação de uma norma pelo Estado ou a concessão pelo poder judiciário. Situa o direito na história, não recortando sua existência em antes e depois da positivação, mas já no processo de luta popular. Dessa forma, se opera a construção e efetivação de direitos pelas camadas populares. Com isso o direito começa a despir-se da toga e do latim alienígena e

aproxima-se do povo. Ensaia passos de pés descalços e pronuncia enxada, terra, porteira e barraco.

A atuação do projeto Ser-tão vem apresentando uma alternativa às práticas tradicionais do direito, na medida que busca uma interação com a realidade social e política do nosso Estado. Os caminhos trilhados pelo grupo reforçam as posições políticas e humanísticas daqueles/as que compõem o coletivo, buscando utilizar o direito e a universidade como promotor da justiça social.

O modelo de assessoria jurídica popular desenvolvido pelo grupo contrapõe-se ao assistencialismo, uma vez que se trabalha no sentido de empoderamento dos sujeitos, da participação popular, bem como do acompanhamento de causas coletivas, utilizando-se do direito como instrumento de luta em defesa dos/as oprimidos/as. A finalidade e a eficácia da extensão no direito traduzida na assessoria jurídica não se resume ao auxílio jurídico popular, ou a mera escolha do “objeto” (se é que pode-se chamar a demanda popular de objeto) do trabalho acadêmico, mas sim a uma perspectiva clara de utilização do conhecimento científico para a transformação social.

Os resultados conseguidos até então estimulam a comunidade e os assessores/as a perpetuar esse modelo de extensão e concretizar seus objetivos, consolidando novas práticas e resultados, que se consubstanciam com a efetivação da função social da Universidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Departamento Nacional de Obras Contra a Seca – DNOCS. **Relatório de Impacto Ambiental – RIMA** referente à implantação do Projeto de Irrigação Santa Cruz do Apodi, situado nos municípios de Apodi e Felipe Guerra, no Estado do Rio Grande do Norte. Acquatool Consultoria, 2009.

_____. **Decreto S/Nº, de 10 de junho de 2011.** Declara de utilidade pública, para fins de desapropriação, pelo Departamento Nacional de Obras Contra as Secas - DNOCS, a área de terra que menciona, localizada no Município de Apodi, no Estado do Rio Grande do Norte. Diário Oficial da União. Brasília/DF, 10 jun 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa.** São Paulo: Paz e Terra. 1996.

GARCIA, A. **A Sociologia Rural no Brasil: entre escravos do passado e parceiros do futuro.** Porto Alegre: Sociologias, 2003.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. **Produto Interno Bruto - PIB. Apodi/RN. 2009.** Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c=21&z=p&o=39&i=P>>. Acesso em: 05 dez 2012.

LYRA FILHO, Roberto. **Desordem e Processo**, Porto Alegre: S. A. Fabris, 1986.

PONTES, Andrezza Graziela Veríssimo. **Saúde do Trabalhador e saúde ambiental: articulando universidade, SUS e movimentos sociais em território rural**. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva). Universidade Federal do Ceará – UFC, 2012, 263 f.

RIGOTTO, Raquel Maria (Coord.). **Estudo epidemiológico da população da região do Baixo Jaguaribe exposta à contaminação ambiental em área de uso de agrotóxicos: documento síntese dos resultados parciais da pesquisa**. Fortaleza: UFC, 2010.

RIGOTTO, Raquel Maria; et al. Dossiê Abrasco - **Agrotóxicos, conhecimento científico e popular: construindo a ecologia de saberes**. Porto Alegre: ABRASCO, 2012. 3ª Parte.

WOLKMER, Antônio Carlos. **Pluralismo jurídico: fundamentos de uma nova cultura do direito**. São Paulo: Alfa Ômega, 2001.

UNIVERSIDADE, ESCOLA E UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE: A INTERSETORIALIDADE COMO CAMINHO PARA A PROMOÇÃO DA SAÚDE DO ADOLESCENTE

Antonio Benson Abreu Santiago Barbosa*

Camila de Araújo Carrilho**

Elane da Silva Barbosa***

Jocasta Maria Oliveira Morais****

Kelianny Pinheiro Bezerra*****

RESUMO: Este artigo objetiva relatar sobre as atividades do projeto de extensão intitulado *Universidade, Escola e Unidade Básica de Saúde: a intersectorialidade como caminho para a promoção da saúde do adolescente*. Foi desenvolvido por seis acadêmicos e uma docente do curso de graduação em Enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, sob coordenação de uma professora do referido curso, em parceria com a Escola Municipal Professora Celina Guimarães Viana e a Unidade Básica de Saúde Dr. Ildone Cavalcante, em Mossoró/RN. Nesse projeto foram desenvolvidas ações educativas com adolescentes, promovendo um espaço reflexivo aos mesmos, contribuindo para a promoção da sua saúde. Inicialmente, houve uma reunião entre os membros executores, a direção da escola, os professores e a enfermeira da unidade de saúde para o planejamento. Posteriormente, os adolescentes foram convidados a participar das ações, as quais foram agendadas previamente, utilizando-se a metodologia de trabalho da oficina. Desenvolveram-se onze oficinas, com temáticas diversas. Cada atividade durou em média três horas e contou com um grupo de dez a trinta participantes. Os adolescentes mostravam-se tímidos, mas, à medida que as ações aconteceram, entrosaram-se com o grupo executor, expondo suas opiniões e tirando suas dúvidas. Esse projeto constituiu-se numa oportunidade para uma vivência intersectorial entre universidade, escola e unidade básica de saúde, suscitando a reflexão de que sua articulação potencializa as possibilidades de cuidado voltado para o adolescente, valorizando-o na sua integralidade humana, numa perspectiva de promoção da saúde.

Palavras-chave: Adolescência. Intersetorialidade. Promoção da saúde.

* Graduado no curso de bacharelado e licenciatura em Enfermagem pela Faculdade de Enfermagem – FAEN da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Enfermeiro da Estratégia Saúde da Família – ESF no município de Baraúna/RN. E-mail: bensoabreu@hotmail.com

** Graduada no curso de bacharelado e licenciatura em Enfermagem pela Faculdade de Enfermagem – FAEN da UERN. Preceptora do curso de Enfermagem da Universidade Potiguar – UnP. E-mail: camila_carrilho_14@hotmail.com

*** Graduada no curso de bacharelado e licenciatura em Enfermagem pela Faculdade de Enfermagem – FAEN da UERN. Mestre em Educação pela UERN. E-mail: elanesilvabarbosa@hotmail.com

**** Graduada no curso de bacharelado e licenciatura em Enfermagem pela Faculdade de Enfermagem – FAEN da UERN. Especialista em Enfermagem do Trabalho pela FIJ. Mestranda do Programa de Pós-Graduação Saúde e Sociedade (PPGSS) da UERN, na condição de bolsista da FAPERN. E-mail: jocasta-enfermagem@hotmail.com

***** Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Professora do curso de Enfermagem da UERN. E-mail: keliannyypinheiro@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A adolescência, sendo a transição da infância para a puberdade, é uma fase da vida marcada por mudanças físicas, psicológicas, culturais e sociais, em que o sujeito fica imerso num contexto de descobertas, dúvidas, incertezas e inquietações sobre si mesmo e sua relação com o outro e o mundo (DAVIM et al., 2009; TOMITA; FERRARI, 2007).

Nesse contexto, é importante que o adolescente tenha apoio para que se sinta seguro em construir respostas às perguntas que vem fazendo a si próprio. A escola e a família desempenham papel importante nesse processo, devendo possibilitar o apoio de que os jovens precisam para enfrentar todas essas transformações. Entretanto, a família e a escola muitas vezes não se encontram preparadas para lidar com esse período da adolescência, uma vez que os jovens passam a questionar temas que ainda são considerados tabus, como, por exemplo, a sexualidade e o uso de drogas (CRUZ, 2006; SOUZA, 1994).

Esse apoio também pode vir da Unidade Básica de Saúde, que deve ter condições de auxiliar os pais e os professores nesse momento. Além disso, segundo Campos (2006), uma das principais discussões que se faz, atualmente, na área da saúde, refere-se à necessidade de produzir ações em saúde voltadas à prevenção de doenças e de promoção da saúde, que ajudem os sujeitos a transformarem sua realidade, tendo mais qualidade de vida.

Segundo Costa, Pontes e Rocha (2006), só será produzido um serviço em saúde que trabalhe a prevenção de doenças e a promoção da saúde quando for possível a materialização da intersetorialidade. A Universidade, enquanto instituição social, pode contribuir com reflexões sobre as práticas em saúde e com o estabelecimento de parcerias entre esses setores.

Orientada por essa perspectiva, a disciplina *Enfermagem no Processo Saúde/Doença da Criança e do Adolescente*, ministrada no quinto período do curso de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, proporcionou aos seus discentes o desenvolvimento de atividades de educação em saúde com adolescentes numa escola de ensino fundamental.

As ações educativas evidenciaram a necessidade de criar espaços para que os jovens pudessem expor suas dúvidas, refletirem sobre essa fase de transformações e, principalmente, se sentirem acolhidos nessa nova etapa da sua vida. Alguns adolescentes chegaram a questionar quando outras atividades seriam realizadas. Ademais, a direção da escola socializou com o grupo de acadêmicos e com a professora coordenadora a importância sobre a continuidade das ações educativas com os adolescentes.

Identificou-se a existência de uma Unidade Básica de Saúde (UBS) nas proximidades da escola na qual as atividades foram desenvolvidas. Em diálogo estabelecido com a enfermeira atuante no referido serviço, constatou-se, pois, que as ações desenvolvidas com adolescentes eram pontuais, apresentando caráter de fragmentação, desenvolvidas esporadicamente por profissionais do serviço.

Diante dessa realidade, a Faculdade de Enfermagem – FAEN da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN elaborou, em parceria com a Escola Municipal Professora Celina Guimarães Viana e a UBS Dr. Ildone Cavalcante, o projeto de extensão intitulado *Universidade, Escola e Unidade Básica de Saúde: a intersectorialidade como caminho para a promoção da saúde do adolescente*, o qual foi aprovado pela Pró-reitora de Extensão da UERN. Participaram como membros do projeto seis discentes e uma docente da Faculdade de Enfermagem, a diretora da escola e a enfermeira da Unidade Básica de Saúde, sob a coordenação de uma professora do referido curso. Nesse projeto foram desenvolvidas ações educativas com um grupo de adolescentes, visando promover um espaço reflexivo, na perspectiva de contribuir para a promoção da saúde dos mesmos.

Assim, este artigo tem como objetivo relatar as atividades de educação em saúde desenvolvidas com os adolescentes na escola, a partir da execução do referido projeto de extensão.

MÉTODO

Inicialmente, estabeleceu-se uma reunião com o grupo proponente, a direção da escola e a enfermeira da Unidade Básica de Saúde para elaboração coletiva do projeto, o qual foi submetido à Pró-reitora de extensão da UERN, para avaliação e análise da viabilidade de execução.

Após a aprovação do projeto, os adolescentes da escola foram convidados a participar do mesmo. A divulgação do início das ações se deu no espaço da escola, nas salas de aula, com a distribuição de folders que ocorreu tanto na UBS, quanto na área de abrangência através da colaboração dos Agentes Comunitários de Saúde, sendo as oficinas abertas aos alunos regularmente matriculados na Escola Municipal Professora Celina Guimarães Viana.

Destaca-se que as ações extensionistas foram desenvolvidas por seis discentes do curso de graduação em Enfermagem da UERN e por duas professoras, sendo uma colaboradora e a outra coordenadora, durante os semestres letivos de 2010.1 e 2010.2. Os encontros foram promovidos a cada 15 ou 20 dias, nas sextas ou sábados, de acordo com a

disponibilidade dos alunos, sendo as datas previamente agendadas com o grupo de participantes. Cada atividade educativa teve duração média de três horas e utilizou como cenário o espaço físico da biblioteca da Escola Municipal Professora Celina Guimarães Viana, no bairro Barrocas, em Mossoró-RN.

Optou-se pela oficina como estratégia metodológica, a qual possibilitou a criatividade e autonomia dos participantes na construção do conhecimento. O objetivo era possibilitar a criação de espaços para que os adolescentes pudessem construir novos conhecimentos por meio do diálogo, das trocas conversacionais, bem como através de outras formas de comunicação, em busca da produção de novos sentidos. As estratégias utilizadas nas atividades visaram problematizar as questões discutidas e a participação ativa de todos os envolvidos, bem como a possibilidade de expressão dos sentimentos, anseios e desejos (SOARES et al, 2008).

Em outras palavras, a oficina permitiu aos facilitadores trabalharem, como diz Freire (2005), numa perspectiva *prática-teoria-prática*: ou seja, a partir da realidade na qual os sujeitos estão inseridos, foi possível construir conhecimentos com eles e novamente retornar para a realidade a fim de refletir sobre a mesma. Além disso, na oficina, são utilizadas dinâmicas de grupo, as quais propiciam maior interação entre os participantes e o facilitador, criando um clima de acolhimento e integração.

Como recursos para realização das ações, foram utilizados: *datashow*, som, vídeo, álbuns seriados, material para colagem, pintura e desenho, bem como atividades de teatro, dança, mímica e outros. Parte dos recursos materiais necessários à execução do projeto foi provida pelo Departamento de Enfermagem da UERN, pela Escola Celina Guimarães Viana e pela Unidade Básica de Saúde Dr. Ildone Cavalcante; o material excedente, financiado pelos membros integrantes do projeto extensionista. Destaca-se que em cada encontro era oferecido ao grupo de adolescentes um lanche organizado pelos facilitadores, que enfatizava sempre uma alimentação saudável e nutritiva.

Durante a divulgação do projeto, explicou-se aos adolescentes que as ações educativas seriam desenvolvidas a partir das necessidades e sugestões por eles apresentadas. Para tal, disponibilizou-se, na própria escola, uma caixinha de sugestões. Esse instrumento permitiu aos adolescentes socializarem suas dúvidas e temas de interesse, tendo suas identidades preservadas.

A avaliação das atividades aconteceu de forma contínua, ao final de cada ação, através de roda de conversa na qual os participantes explicitavam de forma verbal, mediante escrita

em folha de papel ou através de outros recursos, a contribuição das ações para o seu processo de aprendizagem.

RESULTADOS

Onze oficinas foram desenvolvidas. Cada ação educativa contou com um grupo que variou de dez a trinta participantes. A seguir, as oficinas serão sucintamente relatadas e posteriormente será apresentada uma análise sobre os resultados alcançados.

Na primeira oficina, apresentaram-se os objetivos do projeto de extensão e procurou-se conhecer os adolescentes. A temática elencada para este encontro foi *Adolescência*. Como recursos, foram distribuídas revistas, tesouras, cola e folhas de papel madeira e solicitou-se que os participantes se reunissem em grupos e procurassem expressar, utilizando o material fornecido, a sua compreensão sobre “ser adolescente”. Eles trouxeram uma diversidade de imagens que transmitia a ideia de descoberta, aventura, novidade, mudança, medo, insegurança, sensação de se sentir sozinho. As imagens apresentadas contribuíram para a discussão sobre a temática, que foi realizada com o auxílio da apresentação de slides em formato *power point*.

Isto corrobora a compreensão de que adolescência é um período marcado por transformações de ordem física, psicológica, emocional e social. Essa fase é caracterizada como importante momento do desenvolvimento individual, pois é marcada não somente pela estruturação definitiva da imagem corporal do indivíduo, mas também pela consolidação de sua personalidade. É a continuidade de um processo de evolução, que inclui o desprendimento da infância, onde a possibilidade da tomada de decisões pode gerar conflitos com aqueles com os quais eles convivem (ALMEIDA; RODRIGUES; SIMOES, 2007).

Na oficina seguinte, foram discutidas as *Mudanças corporais na adolescência*. Realizou-se uma dinâmica objetivando conhecer a visão dos adolescentes sobre o próprio corpo, na qual eles desenhavam sua autoimagem, destacando as partes do corpo que eles admiravam e aquelas que menos gostavam. Em seguida, foram expostos alguns slides sobre as mudanças corporais características da adolescência, contendo gravuras que ilustravam a temática. Emergiram inúmeras dúvidas: como e por que ocorrem as mudanças, a diferença de manifestação das mesmas entre os indivíduos. Os adolescentes afirmaram que o tema era bastante interessante, uma vez que eles estavam vivendo este momento, mas na escola essas discussões quase não ocorriam.

As mudanças físicas que se manifestam na adolescência são acompanhadas de eventos psicológicos que podem ser denominados de aquisição da identidade sexual, ou seja, das características mentais do sexo que lhe corresponde. É algo que se constrói e que se aprende, sendo parte fundamental na estruturação da personalidade do indivíduo, necessitando de um olhar especial daqueles que com eles trabalham, na perspectiva de contribuir favorecendo todo o processo de entendimento e compreensão, principalmente, de sua vivência (BRETAS, 2003).

Na terceira oficina abordou-se a *Autoestima* através da realização do *Jogo da Autoestima*. Cada adolescente teria que explicar sua compreensão sobre a temática e os resultados evidenciaram que a autoestima era compreendida como a forma que cada adolescente se vê, aceitando-se como é. Dando continuidade, forneceu-se uma folha em branco a cada participante, orientando-os que ela representava a sua autoestima. Os facilitadores leram algumas frases que afetam negativamente a autoestima e orientaram os adolescentes a rasgarem um pedaço da folha de acordo com a intensidade que eles se sentissem afetados, guardando as partes rasgadas. Em seguida, os facilitadores leram frases que elevam a autoestima, solicitando que os papezinhos rasgados fossem resgatados de acordo com a intensidade com que aquelas frases elevassem a autoestima.

Ao final da dinâmica, explicou-se que muitas situações poderiam afetá-los negativamente, mas outras poderiam influenciá-los positivamente. Estudos revelam que os adolescentes têm uma visão positiva sobre si mesmos, a despeito da visão negativa a eles comumente atribuída pela sociedade. Potencializar atitudes positivas elevando a autoestima do adolescente constitui-se importante fator de proteção aos riscos e agravos inerentes a este grupo populacional (ASSIS et. al, 2003).

No encontro seguinte, trabalhou-se a temática *Família*, visando identificar a existência de diálogo e afeto nas relações familiares. A equipe solicitou que os adolescentes desenhasssem uma história por ele vivenciada com a família. O momento foi de emoção, pois se percebeu nos relatos que os vínculos se davam com diferentes parentes e diferentes arranjos familiares, emergindo discussões sobre o divórcio e as repercussões desses eventos na vida dos adolescentes. Exibiu-se um vídeo que ajudou a ilustrar a discussão, abordando essas mudanças na formação da família contemporânea.

As novas configurações familiares têm aumentado no contexto brasileiro, existindo separações, divórcios, casais sem filhos, recasamentos, uniões consensuais e outras. Contudo, evidencia-se que as demandas modernas coexistem com padrões tradicionais de funcionamento da família. Pode-se afirmar que a coexistência de modelos familiares

proporciona a diversidade, o que demanda a capacidade dos indivíduos de conviver com o diferente. Deve-se, portanto, pensar que a família, independentemente de como se constitui, preserve a sua função como célula social cumprindo com o seu papel de potencializar a socialização dos filhos (WEBER, 2003).

A interação familiar tem especial importância no processo de formação de qualquer indivíduo. Adolescentes com autoestima mais alta possuem interação social positiva no ambiente familiar. Isso significa que uma interação familiar de qualidade – combinando afeto, limite, reforço, diálogo, modelo – contribui consideravelmente para o desenvolvimento de uma maior autoestima, uma vez que vários comportamentos dos pais podem estar funcionalmente relacionados ao comportamento dos filhos (WEBER, 2003).

No quinto encontro, refletiu-se sobre as *Drogas*. Realizou-se uma dinâmica na qual os adolescentes, divididos em grupos, deveriam construir cartazes de propaganda para vender um chocolate de uma marca criada por eles. Após cada grupo apresentar sua proposta, questionou-se por que a propaganda por eles criada não explicitava ao público os aspectos negativos do produto, como por exemplo, o ganho de peso que pode surgir se o chocolate for consumido em excesso.

A dinâmica suscitou a discussão sobre o uso das drogas e o seu lado negativo, que não é divulgado. Foram apresentados dois vídeos e slides que tratavam dos aspectos negativos das drogas, tais como efeitos nocivos sobre o corpo, risco de adoecimento e morte, além dos problemas relacionados à família e à sociedade.

Os adolescentes revelaram conhecer amigos que se envolveram com o mundo da droga, tendo sua vida e a de sua família prejudicada. Todos lamentaram essa realidade e se posicionaram afirmando sobre o medo de vivenciar a mesma situação. Ratificaram a importância da oficina, principalmente por alertá-los quanto às consequências das drogas.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), cerca de 10% das populações de centros urbanos consomem drogas psicoativas. Elas são capazes de provocar a morte e incapacidade nos indivíduos, bem como transtornos físicos de ordens diversas (BRASIL, 2003). Nessa perspectiva, deve-se pensar em medidas de proteção do adolescente à exposição a essas substâncias, visando minimizar os danos que elas podem causar no seu corpo, na sua mente e na sua vida.

A sexta oficina promoveu a discussão sobre *Gênero*. Realizou-se a dinâmica *Masculino ou feminino?*, a qual procurou evidenciar as concepções dos adolescentes sobre as diferenças entre os papéis atribuídos ao homem e à mulher dentro do contexto social na atualidade.

Os participantes foram convidados a falar se as ações descritas em pedaços de papéis dentro de uma caixinha configuravam-se como masculinas ou femininas.

Em seguida, exibiu-se o desenho animado da Turma da Mônica intitulado “Brincando de boneca”, no qual Magali estava sozinha em casa brincando de boneca e começa a chover. Cascão, para se proteger da chuva, entra na casa de Magali e ela o convida para também brincar de boneca. Por fim, realizou-se uma roda de conversa sobre gênero a partir de uma apresentação de slides.

Refletiu-se sobre a concepção de que determinadas atividades eram consideradas apenas para homens e outras exclusivamente para mulheres, discutindo sobre a questão de gênero, que já começa a ser construída na infância dos indivíduos. Os adolescentes afirmaram que cresceram e aprenderam com pais, amigos e colegas e que era difícil desconstruir tudo aquilo.

A oficina posterior abordou o tema da *Violência*. Realizou-se a dinâmica das caixas, que consistia em organizá-los em grupos, fornecendo-lhes uma caixa de cor preta que continha uma imagem relacionada a um tipo de violência. A discussão subsidiou o momento subsequente, de exposição dialogada a partir de slides, que complementaria a reflexão a partir de outras imagens exibidas através de slides, promovendo uma roda de conversa.

Os adolescentes relataram casos que viveram ou ouviram, identificaram os diversos tipos de violência e os diferentes espaços em que ocorrem. Na avaliação da ação os jovens consideraram o encontro de forma positiva, ratificando principalmente a importância da metodologia adotada, uma vez que eles estavam ali não apenas ouvindo, mas, sobretudo, expondo suas opiniões, questionando, falando de suas experiências de vida.

A abordagem da violência utilizando práticas educativas, a partir da metodologia de oficinas, tem contribuído para a criação de espaços de reflexão, sendo apontada como importante instrumento para prevenção desses eventos (MALTA, 2007).

A oitava oficina discutiu a temática *Sexualidade e namoro*. Iniciou-se a atividade com a *Dinâmica dos balões*, na qual cada participante escreve, num pedaço de papel, o seu nome e um gesto de carinho que deseja receber, enche o balão e coloca o papelzinho dentro. Ao som de uma música, os adolescentes jogaram os balões para cima, pegando um deles aleatoriamente, estourando-o, lendo o nome da pessoa e fazendo o gesto de carinho que constava no papel de cada balão nas pessoas cujos nomes constavam nos papéis.

A dinâmica suscitou a reflexão sobre a dificuldade de expressar os sentimentos, as emoções, a afetividade em relação ao outro, considerando que essas ações também fazem parte da sexualidade. Na avaliação todos os adolescentes relataram sobre a importância do

momento vivenciado, uma vez que identificam, em seu cotidiano, a dificuldade de manifestar esses sentimentos e de recebê-los das pessoas com as quais convivem.

Posteriormente, realizou-se uma roda de conversa sobre sexualidade, namorar e ficar. Nessa oportunidade, foram explanadas concepções sobre sexualidade e namoro na adolescência. Os jovens mostraram-se atenciosos durante toda a apresentação, apesar de se identificar momentos de timidez entre os participantes. Contudo, importa relatar que todos foram participativos, realizando questionamentos sobre a diferença entre sexualidade e sexo, sobre questões relativas ao namoro, inclusive virtual, sobre a idade certa para namorar, etc.

Receber apoio ajuda o adolescente a se sentir seguro, deixando-o bem consigo e com os outros. Quanto maior a sua capacidade de aproveitar as experiências positivas com familiares, amigos, escola e instituições, maior a possibilidade de se fortalecer diante das adversidades. Mesmo quando ocorre uma situação desfavorável, se o adolescente cresceu num ambiente permeado de afeto e de força, estará mais preparado e confiante para buscar seu caminho e superar os obstáculos que encontrar, tendendo a manter esse sentimento de segurança durante toda a vida (ASSIS, 2005).

A oficina subsequente abordou a *Preservação ambiental*. Questionamos aos adolescentes sobre suas concepções acerca da temática. Eles responderam que significava o cuidado com o meio ambiente. Dando continuidade, exibiu-se um vídeo produzido pelos facilitadores, intitulado *O lixo sempre é do vizinho*, o qual retrata a importância de o ser humano destinar adequadamente o lixo, evitando consequências negativas que se manifestam quando isto não ocorre. Explicitou-se que as consequências refletem sobre todos os seres vivos, ocasionando degradação/destruição do meio ambiente, afetando a saúde e a qualidade de vida. Após a exibição do vídeo, os adolescentes opinaram sobre os aspectos que mais lhe chamaram atenção, citando exemplos de ações cotidianas para o cuidado do meio ambiente.

Os adolescentes comumente criticam, sensibilizam-se, insistem em participar como cidadãos que têm papéis e metas de interferência na vida social. Buscam um mundo socialmente mais justo e a humanidade em harmonia com o meio ambiente. Além da disposição social em atuar, o adolescente apresenta afetividade ante as questões sociais e ambientais. Seu posicionamento geralmente é de valorização da vida, de admiração, de contemplação diante da beleza e da ordem, a tristeza ante a destruição/desordem, bem como a valoração social e a necessidade de conhecer mais e de atuar no presente e no futuro. Assim, considerar o adolescente como um indivíduo que vislumbra um futuro para o mundo com consciência ética, política e social, torna-se fundamental, principalmente, quando se desenvolvem ações educativas (CARNEIRO, 2012).

A décima oficina trabalhou as *Doenças Sexualmente Transmissíveis – DST*. Desenvolveu-se, inicialmente, a *Dinâmica do semáforo*. Aleatoriamente foi entregue uma folha para cada participante, a qual continha uma imagem desenhada. A imagem poderia ser um triângulo, um quadrado ou um círculo. Ao som de uma música, foram orientados a dançar e, ao cessar o som, os participantes deveriam trocar de parceiros desenhando as imagens contidas na folha que o seu parceiro tinha. Desenvolveu-se a dinâmica permitindo que cada participante dançasse, no mínimo, com três parceiros. Ao final, o facilitador explicou o significado das imagens aos adolescentes: o triângulo representava uma pessoa portadora do vírus HIV; o quadrado, um indivíduo que mantinha relações sexuais com seus parceiros sem uso de camisinha e o círculo, a pessoa que mantinha relações sexuais usando camisinha. Os jovens ficaram surpresos com o significado da dinâmica, refletindo sobre o comportamento sexual e a exposição ao risco, bem como, sobre a importância da prevenção.

Em seguida, realizou-se uma exposição dialogada em *power point*, utilizando também álbuns seriados sobre as DST. Foram discutidos conceitos, sinais, sintomas, formas de transmissão e de prevenção. Os adolescentes interagiram bastante durante a oficina, fazendo questionamentos e demonstrando alguns conhecimentos sobre DST. Na oportunidade, aproveitaram para esclarecer dúvidas e dialogar sobre a importância da prevenção.

Os adolescentes apresentam conhecimentos sobre as DST, entretanto, saber citar alguma DST não significa que eles saibam se proteger do contágio. Ainda é predominante o número elevado de adolescentes que têm relações sexuais desprotegidas, principalmente quando o (a) parceiro (a) é conhecido (a), ou seja, na sua concepção, confiável. Também é considerável o índice de adolescentes que desconhecem as formas de transmissão das DST, fato que pode representar maior vulnerabilidade ao contágio (MARTINS et al, 2010).

A última oficina foi destinada à avaliação, ao encerramento dos trabalhos e à despedida do grupo. Materializou-se em dois momentos: o primeiro, uma roda de conversa entre adolescentes e facilitadores, teve como objetivo perceber a contribuição das ações do projeto de extensão para a vida dos participantes. Os depoimentos confirmaram a importância da realização de trabalhos utilizando-se a metodologia das oficinas. Os adolescentes sinalizaram para a continuidade das atividades, reforçando sobre a efetividade de sua execução no espaço escolar, uma vez que nele se reconhecem e se sentem à vontade para discutir e explicar seus anseios e dúvidas.

Aproveitou-se a oportunidade para cogitar a possibilidade de realização do mesmo trabalho na UBS de referência, porém os adolescentes sugeriram sua continuidade na escola, porque se sentiam acolhidos naquele ambiente. Solicitaram a discussão de outros temas, visto

que afirmaram que houve, por parte deles, um amadurecimento intelectual e, principalmente, o desenvolvimento da capacidade de expor seus problemas ao grupo, bem como a oportunidade de revisar grande parte de conteúdos que são vistos em sala de aula, mas que, pela forma de abordagem realizada pelos professores, acabam não tendo impacto no cotidiano de suas vidas.

Posteriormente, houve a distribuição de uma lembrança das atividades para cada participante e a confraternização ao som de música, momento no qual também foi oferecido um *cofee break* para socialização, entretenimento, despedida entre os membros e encerramento das atividades.

CONCLUSÕES

Este trabalho buscou desenvolver um ensino problematizador, permitindo a participação dos adolescentes, oferecendo não só informações, mas também despertando questionamentos, possibilitando a ressignificação de ideias previamente concebidas.

O *feedback* recebido dos adolescentes foi significativo, uma vez que a relação dialógica estabelecida permitiu o aprendizado compartilhado, no qual o conhecimento foi construído e (re)construído coletivamente. Evidenciou-se a necessidade, por parte dos adolescentes, de um espaço de escuta e de compreensão, haja vista que as temáticas abordadas, apesar de não fazerem parte do conteúdo programático da escola, precisavam ser discutidas, pois ajudariam em seu autoconhecimento. Estabeleceu-se um vínculo afetivo entre os facilitadores e os participantes que, acredita-se, potencializou o sentimento de confiança, bem como a construção do conhecimento produzido.

Considera-se que os objetivos do projeto de extensão foram alcançados, uma vez que visava construir e desenvolver ações que possibilitassem a reflexão/ação dos adolescentes, na perspectiva de tentar transformar os modos de pensar/fazer frente aos fenômenos que se manifestam em sua vida. Acredita-se ainda que os resultados do projeto poderiam ser avaliados a longo prazo, uma vez que a mudança de atitude do indivíduo acontece somente diante das necessidades por ele identificadas.

No que concerne à intenção de se promover a articulação entre Escola, Unidade Básica de Saúde e Universidade, destaca-se que algumas dificuldades foram encontradas, especialmente no que concerne à conciliação das datas dos encontros propostos pelo grupo com a participação da equipe da Unidade Básica de Saúde parceira do projeto. Entretanto, infere-se que essas ações extensionistas constituem-se passos iniciais para o estabelecimento

de relações mais estreitas entre as instituições, na perspectiva de se promover a saúde da comunidade, especialmente, a saúde do adolescente.

As atividades realizadas foram importantes para todos os envolvidos. Aos adolescentes possibilitou momentos nos quais puderam expor as suas angústias, anseios e dúvidas, desmitificando tabus e mitos existentes e, principalmente, fortalecendo a consciência da necessidade de se adotar uma atitude positiva no que se refere a se transformar em sujeito copartícipe e corresponsável pela própria saúde e pelas consequências dos seus atos.

Para a Escola e para a Unidade Básica de Saúde, foi uma oportunidade para que estabelecessem vínculos entre si e percebessem que, juntas, podem se auxiliar na consolidação de uma atuação capaz de contribuir com os adolescentes no enfrentamento de todos os dilemas, a fim de que pudessem vivenciar as alegrias dessa fase da vida.

Para a Universidade, representou a aproximação com a realidade social dos adolescentes, bem como a articulação de conhecimentos do universo da graduação com a prática. Essa experiência proporciona o amadurecimento da capacidade de intervenção na realidade, ou seja, o discurso sobre a interface entre adolescência, promoção da saúde e intersectorialidade não ficou restrito às paredes da sala de aula, ao contrário, se materializou em um cenário onde problemas reais puderam ser discutidos e analisados, com vistas ao amadurecimento na tomada de decisões.

Tem-se consciência de que ainda há muito para se fazer, no entanto, alguns passos já foram dados. O mais importante, provavelmente, tenha sido a percepção de que é possível estabelecer pontes de interlocução entre Universidade, Escola e Unidade Básica de Saúde, as quais, articuladamente, ainda têm muito a aprender e ensinar, na perspectiva da construção e reconstrução de um cuidado em saúde que valorize a singularidade dos sujeitos envolvidos e lhes ajude a viver melhor.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Inez Silva; RODRIGUES, Benedita Maria Rêgo Deusdará; SIMOES, Sonia Mara Faria. O adolescer... um vir a ser. **Adolescência & Saúde**, Rio de Janeiro, v. 4, n 03, p. 24-28, 2007. Disponível em: <
http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=95 >. Acesso em: 20 ago. 2013.

ASSIS, Simone Gonçalves de. **Encarando os desafios da vida**: uma conversa com adolescentes. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/ENSP/CLAVES/CNPq, 2005.

ASSIS, Simone G.; AVANCI, Joviana Q.; SILVA, Cosme M. F. P. et al. A representação social do ser adolescente: um passo decisivo na promoção da saúde. **Ciência & Saúde**

Coletiva, São Paulo, v. 8, n. 3, p. 669-680, 2003. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/csc/v8n3/17448.pdf> >. Acesso em: 20 ago. 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. Coordenação Nacional de DST/Aids. **A Política do Ministério da Saúde para atenção integral a usuários de álcool e outras drogas**. Brasília: Ministério da Saúde, 2003. 60 p.: il. – (Série B. Textos Básicos de Saúde).

BRETAS, José Roberto da Silva. A mudança corporal na adolescência: a grande metamorfose. **Temas sobre Desenvolvimento**. São Paulo, v.12, n. 72, 2003. Disponível em: <<https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=5&cad=rja&ved=0CEcQFjAE&url=http%3A%2F%2Fwww.unifesp.br%2Fnucleos%2Fnecad%2Fdocs%2FARTIGO.DOC&ei=IPETUvjiOIK-9gSzmHgAw&usq=AFQjCNGKEY3rpzfNmjH3cy6-HEHQ0jTKag&sig2=d0nvY6BETbM2J7yqe70XRQ&bvm=bv.50952593,d.eWU>>. Acesso em: 20 ago. 2013.

CAMPOS, Rosana Onocko. A promoção à saúde e a clínica: o dilema “promocionista”. In: CASTRO, Adriano; MALO, Miguel. **SUS: ressignificando a promoção da saúde**. São Paulo: Hucitec, 2006.

CARNEIRO, Vânia Lucia Quintão. O meio ambiente de crianças e adolescentes: mais que uma temática. **Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient.**, Rio Grande, v. 28, p. 332-343, 2012. Disponível em: < <http://www.seer.furg.br/remea/article/view/3135/1796> >. Acesso em: 22 fev. 2013.

COSTA, Ana Maria; PONTES, Anna Claudia Romano; ROCHA, Lais Gonçalves. Intersetorialidade na produção e promoção da saúde. In: CASTRO, Adriano; MALO, Miguel. **SUS: ressignificando a promoção da saúde**. São Paulo: Hucitec, 2006.

CRUZ, Andréa Porto da. **Curso didático de enfermagem: módulo I**. São Paulo: Yendis, 2006.

DAVIM, Rejane Marie Barbosa. Adolescente/adolescência: revisão teórica sobre uma fase crítica. **Revista Rene**, Fortaleza, v. 10, n. 02, p. 131-140, 2009. Disponível em: <<http://www.revistarene.ufc.br/revista/index.php/revista/article/view/500/pdf> >. Acesso em: 13 jan. 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

MALTA, Deborah Carvalho et al . Iniciativas de vigilância e prevenção de acidentes e violências no contexto do Sistema Único de Saúde (SUS). **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, v. 16, n. 1, mar., 2007 . Disponível em <http://scielo.iec.pa.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742007000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 21 ago. 2013.

MARTINS, Christine BG; CARLETO, Amanda P.; FARIA, Cleberson S.; SOUZA, Solange P.S.; MATOS Karla F. Conhecimentos e Práticas dos Adolescentes da Capital de Mato Grosso quanto às DST/Aids. **DST - Jornal brasileiro Doenças Sex Transm.**, v. 22, n. 4, p. 206-211, 2010. Disponível em: < <http://www.dst.uff.br/revista22-4-2010/7%20-%20Conhecimentos%20e%20praticas%20de%20adolescentes%20de%20Mato%20Grosso.pdf> >. Acesso em: 22 ago. 2013.

SOARES, Sônia Maria; AMARAL, Marta Araújo; SILVA, Líliam Barbosa; SILVA, Patrícia Aparecida Barbosa. Oficinas sobre sexualidade na adolescência: revelando vozes, desvelando olhares de estudantes do ensino médio. **Esc Anna Nery Rev Enferm.**, São Paulo, v.12, n. 3, p. 485-491, 2008.

SOUZA, Elizeu Dementino de. A escola e a sexualidade: por que negar o prazer? **Revista brasileira pedagogia**, Brasília, v.75, n. 179, jan./dez., 1994.

TOMITA, Tatiana Yoriko; FERRARI, Rosângela Aparecida Pimenta. Adolescência e sexualidade no cotidiano da equipe de enfermagem do serviço de atenção básica de saúde. **Semina: Ciências Biológicas e da Saúde**, Londrina, v. 28, n.01, p. 41 - 47, 2007. Disponível em: <<http://www.uel.br/proppg/portal/pages/.../semina>>. Acesso em: 29 jun. 2009.

WEBER, Lidia Natalia Dobrianskyj; STASIACK, Gisele Regina; BRANDENBURG, Olivia Justen. Percepção da Interação Familiar e Auto-estima de Adolescentes. **Aletheia**, São Paulo, v. 17, n. 18, p. 95-105, 2003. Disponível em: <<http://www.lidiaweber.com.br/Artigos/2003/2003Percepcaodainteracaofamiliareautoestimadeadolescentes.pdf>>. Acesso em: 20 ago 2013.

PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE COM PROFESSORES DE UMA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL DO MUNICÍPIO DE MOSSORÓ/RN: O PET-SAÚDE COMO ESPAÇO DE ARTICULAÇÃO ENTRE ENSINO E SERVIÇO

Jocasta Maria Oliveira Morais
Elane da Silva Barbosa
Antonio Benson Abreu Santiago Barbosa
Camila de Araújo Carrilho
Fátima Raquel Rosado Morais

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo relatar a experiência de alunos bolsistas do grupo PET-SAÚDE/Enfermagem na realização de atividades de Educação em Saúde com professores acerca da temática: problemas relacionados com a voz e os principais cuidados que devem ser tomados para evitar tais problemas. **Método:** as atividades eram focadas especificamente para os professores de uma escola de ensino fundamental, localizada no município de Mossoró/RN e situada próximo à Unidade Básica de Saúde da Família Bernadete Bezerra de Souza Ramos, uma das unidades de saúde contempladas com o PET-SAÚDE, no bairro Liberdade II, na referida cidade. Foi utilizada uma metodologia problematizadora por meio de roda de conversa, facilitada com apresentações em slides, vídeos e dinâmicas de grupo. **Resultados:** Na escola, trabalhavam ao todo onze professores, sendo que participaram dessa atividade educativa sete. Essa ação educativa mostrou a relevância de utilizar a metodologia escolhida, pois viabilizou a participação dos professores tornando possível o conhecimento da sua realidade e, assim, construir saberes acerca dos problemas relacionados com a voz. **Conclusões:** É possível afirmar que o diálogo entre a universidade, o serviço de saúde e a escola foi essencial, não apenas para discutir sobre a prevenção de doenças, mas também a promoção da saúde. É notória a importância do PET-SAÚDE, uma vez que ao articular ensino-serviço, esse programa tenta contribuir para a melhoria do atendimento prestado à comunidade, ao mesmo tempo em que aproxima os acadêmicos da realidade do serviço em saúde.

Palavras-chave: Educação em Saúde. PET-SAÚDE. Professores.

* Graduada no curso de bacharelado e licenciatura em Enfermagem pela Faculdade de Enfermagem – FAEN da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Especialista em Enfermagem do Trabalho pela FIJ. Mestranda do Programa de Pós-Graduação Saúde e Sociedade (PPGSS) da UERN, na condição de bolsista da FAPERN. E-mail: jocasta-enfermagem@hotmail.com

** Graduada no curso de bacharelado e licenciatura em Enfermagem pela Faculdade de Enfermagem – FAEN da UERN. Mestre em Educação pela UERN. E-mail: elanesilvabarbosa@hotmail.com

*** Graduado no curso de bacharelado e licenciatura em Enfermagem pela Faculdade de Enfermagem – FAEN da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Enfermeiro da Estratégia Saúde da Família – ESF no município de Baraúna/RN. Email: bensonabreu@hotmail.com

**** Graduada no curso de bacharelado e licenciatura em Enfermagem pela Faculdade de Enfermagem – FAEN da UERN. Preceptora do curso de Enfermagem da Universidade Potiguar – UnP. E-mail: camila_carrilho_14@hotmail.com

***** Docente do Mestrado Acadêmico em Saúde e Sociedade e da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. Doutora em Psicologia Social pela UFRN/UFPB. Endereço: Rua Dionísio Filgueira, 383. Centro. CEP: 59600-000. Mossoró-RN. E-mail: frfm@bol.com.br

INTRODUÇÃO

A voz humana desempenha papel fundamental no processo de socialização, constituindo-se numa das formas mais utilizadas de comunicação. É possível, então, imaginar o quanto a voz torna-se imprescindível para aqueles que a têm como principal ferramenta/instrumento de trabalho, como é o caso dos docentes (GRILLO; PENTEADO, 2005; LUCHESI et al., 2009).

Conforme Grillo e Penteado (2005), Luchesi et al. (2009), Alves et al. (2009) e Penteado e Ribas (2011), uma das categorias profissionais que mais apresenta alterações/distúrbios vocais é a dos professores. Dentre outros problemas, destacam-se: disfonia, laringites crônicas, fendas glóticas, nódulos de pregas vocais, rouquidão, perda temporária de voz, cansaço ao falar, entre outros.

Luchesi et al. (2009) ainda colocam que, embora o docente utilize sua voz repetidamente, as alterações vocais não podem ser atribuídas apenas a esse fator, haja vista que existem outros aspectos relacionados a essa questão. Por isso, não se pode analisar a voz isoladamente, sendo necessário contextualizá-la na realidade em que o professor está inserido. Ou seja, é preciso analisar os diversos condicionantes/determinantes que perpassam a saúde vocal do docente (GRILLO; PENTEADO, 2005; ALVES et al., 2009; LUCHESI et al., 2009).

Por condicionantes/determinantes que perpassam a saúde/doença vocal do professor, deve-se pensar desde os aspectos ambientais do trabalho, ou seja, a infraestrutura das salas de aula, a acústica das salas, se a forma como a sala foi construída favorece ou dificulta o trajeto do som, ou até mesmo se há a presença de objetos que levem o professor a ter que fazer um esforço vocal maior para ser ouvido, como, por exemplo, ventiladores barulhentos. Do mesmo modo é necessário levar em consideração a própria defasagem salarial, a árdua jornada de trabalho e a falta de reconhecimento e valorização da prática docente, o que vai desestimular o profissional a exercer suas atividades, afetando também a sua voz (GRILLO; PENTEADO, 2005; ALVES et al., 2009; LUCHESI et al., 2009; PENTEADO; RIBAS, 2011).

Além desses aspectos, é imprescindível levar em consideração a organização do trabalho e as relações interpessoais. Por organização do trabalho, compreende-se a divisão de tarefas, isto é, as funções que o professor exerce, que vai desde o planejamento, a execução e avaliação do processo ensino-aprendizagem, atividades geradoras de uma grande carga de estresse para esse trabalhador. Já por relações interpessoais, entendem-se aqueles vínculos que

são estabelecidos para que o docente consiga exercer suas atividades laborais. E esses relacionamentos vão ocorrer com os alunos, sua família e os gestores (ALVES et al., 2009).

Sobremais, Luchesi et al. (2009) afirmam que a própria dificuldade que o profissional de educação enfrenta para conseguir um atendimento em saúde para tratar problemas relativos à voz também se configura num desses condicionantes/determinantes responsáveis pela qualidade da voz desse sujeito.

Diante desse contexto, surge a necessidade de que sejam realizadas atividades educativas com a categoria docente, a fim de construir conhecimentos que lhes permitam prevenir problemas relativos à voz, assim como subsídios que lhes possibilitem atuar na promoção de sua saúde (GRILLO; PENTEADO, 2009; LUCHESI et al., 2009; PENTEADO; RIBAS, 2011).

Alguns estudos, por exemplo, os realizados por Grillo e Penteado (2009) e Luchesi et al. (2009), como resultados obtidos apontam que, embora grande parte dos professores avalie positivamente a sua voz, considerável parcela desses docentes apresenta distúrbios/alterações vocais. Além disso, desconhecem que cuidados podem ter para prevenir esses problemas vocais, tampouco vislumbram que existem vários aspectos que contribuem para a saúde/doença da sua voz.

Sob essa perspectiva, o Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde – PET-SAÚDE pensou em refletir essa sistemática. Esse programa trata-se de uma iniciativa do Ministério da Educação e da Saúde, e almeja gerar uma reflexão nas práticas encontradas no serviço e na formação, a fim de que, a partir dessa articulação ensino/serviço, possa atuar na transformação dos saberes e fazeres existentes na perspectiva de contribuir com a consolidação do Sistema Único de Saúde – SUS. Na realidade da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, esse Programa foi criado no ano de 2009 e engloba os cursos de Enfermagem, Serviço Social e Medicina.

Enquanto integrantes do PET-SAÚDE Enfermagem, quando da inserção na realidade da área de abrangência da Unidade Básica de Saúde da Família Bernadete Bezerra de Souza Ramos, no bairro Liberdade II, no município de Mossoró/RN, que existia observou-se uma escola de ensino fundamental e ao estabelecer contato com os professores, os mesmos expuseram a necessidade que sentiam de dialogar sobre os cuidados com a voz.

Deste modo, o presente estudo tem como objetivo relatar a experiência de alunos bolsistas do grupo PET-SAÚDE/Enfermagem na realização de atividades de educação em saúde com professores acerca da temática: Problemas relacionados com a voz e os principais cuidados que devem ser tomados para evitar tais problemas.

MÉTODO

Inicialmente, para subsidiar teoricamente a realização dessa atividade educativa, foram realizadas pesquisas na base de dados do Scielo, usando os seguintes descritores: saúde vocal do professor, patologias vocais, cuidados com a voz do professor, sendo selecionados alguns estudiosos, tais como: Grillo e Penteado (2009) e Luchesi et al. (2009). Também foram utilizados outros autores que discutem a temática “ser professor”, como Alves (2004), Chalita (2001) e Freire (1985).

Grillo e Penteado (2009), Luchesi et al. (2009) e Penteado e Ribas (2011) afirmam que uma das grandes dificuldades que conseguiram observar em suas pesquisas sobre a realização de ações educativas voltadas para os problemas relacionados com a voz e seus cuidados pertinentes encontra-se na forma como os conhecimentos são construídos com os professores. Constataram que essas ações educativas negam os saberes dos docentes, não partem da realidade em que estão inseridos e não conseguem fomentar espaço que lhes permita (re)construir seus conhecimentos a partir dos saberes que já possuem. Por isso, teve-se o zelo na definição da metodologia que seria utilizada na realização dessa ação educativa.

Optou-se por uma metodologia problematizadora, isto é, prática – teoria – prática, que permitisse aos participantes a reflexão sobre seus próprios conhecimentos, confronto com a teoria e, a partir disso, (des)construir e (re)construir (Freire, 1985). Essa opção acontece pela crença da necessidade de romper com aquela educação verticalizada, prescritiva, normativa, culpabilizadora que ainda predomina na produção do serviço em saúde (CAMPOS, 2006; FREIRE, 1985).

Na busca de materializar essa metodologia problematizadora, decidiu-se trabalhar com os professores na perspectiva de rodas de conversa, método de discussão que possibilita aprofundar o diálogo com a participação democrática, a partir do conhecimento que cada participante possui sobre a temática abordada. Na roda, cada participante tem a oportunidade de falar ou expressar o que pensa. Esse método assemelha-se às reuniões de grupo, contando com a figura de moderador para facilitar a participação dos integrantes. O diferencial, porém, é a disposição do grupo em forma de círculo e o foco em um tema; ao final da conversa podem ser definidas ações a partir das ideias abordadas (REBIDIA, 2009).

Para facilitar essa interlocução com os professores, foi construída uma apresentação com slides e vídeos, os quais foram projetados com auxílio de notebook e aparelho multimídia. E para conseguir melhor aproveitamento desse momento de construção de conhecimento com os docentes, além de promover descontração com o grupo e reflexão de

forma lúdica acerca das temáticas enfocadas, foram selecionadas algumas dinâmicas de grupo.

RESULTADOS

Na escola, trabalhavam ao todo onze professores, sendo que participaram da atividade educativa sete. Fato interessante é que duas estavam afastadas por motivo médico: uma delas, inclusive, por problemas relacionados com a voz. É pertinente destacar que essa ação educativa foi realizada na sala de reuniões da escola, no sábado pela manhã.

No primeiro momento da oficina foi realizada uma dinâmica de apresentação denominada de “Dinâmica do Fogo”, na qual era passada, entre os professores, uma caixa de fósforos, com o objetivo que cada participante acendesse um fósforo e durante o tempo que ele ficasse aceso, deveria falar o seu nome e o que conseguisse sobre si mesmo. A brincadeira teve uma boa adesão dos professores, que se descontraíram no decorrer da dinâmica. Ao final, foi discutida a reflexão da brincadeira: demonstrar a dificuldade que cada um tem em falar sobre si mesmo e lidar com o tempo – representado pela chama acesa do fósforo. Assim, enfocou-se a importância do autoconhecimento e de aproveitar o tempo que se dispõe.

Desse modo, o objetivo dessa dinâmica era relacioná-la com a necessidade de repensar o papel do professor, um profissional que trabalha em função do tempo oferecido nas aulas e, muitas vezes, acaba se submetendo a uma árdua jornada de trabalho para ter um salário digno, fatores que afetam sua autoestima e, conseqüentemente, sua saúde (SOUSA; JACOMELI, 2005).

Optou-se por refletir sobre essa questão antes de adentrar nos problemas relacionados com a voz porque, ao conversar com os professores, percebeu-se que eles estavam bastante desanimados, e diante desse fato foi argumento que não há possibilidade de construir conhecimentos se os sujeitos não se sentem mobilizados, motivados, sensibilizados para isso. Sobremais, Luchesi et al. (2009) e Penteado e Ribas (2011) levam a refletir que os diversos fatores: sociais, históricos, econômicos, culturais e emocionais que perpassam a questão do “ser professor” influenciam na execução das suas atividades laborais. E pensando a profissão como um dos condicionantes/determinantes do processo saúde-doença, obviamente ela vai influenciar na qualidade de vida das pessoas.

Nesse sentido, para dar continuidade à discussão, utilizou-se uma apresentação de slides com o tema “Ser professor”. No entanto, antes, foi solicitado aos professores que

expressassem por meio de um desenho ou frase o que significava para eles “ser professor”. Todos preferiram verbalizar, mencionando palavras como esforço, sacrifício, dificuldade, vocação, amor à profissão. Inicialmente, abordou-se a recorrente desvalorização social da profissão e seus baixos salários, que de acordo com Ratier e Salla (2010), vêm fazendo com que a profissão tenha menos prestígio entre os jovens, que estão escolhendo cada vez menos seguir a carreira do magistério.

Em seguida, deu-se continuidade discutindo a relevância do papel do professor na sociedade, questionando aos participantes da oficina se eles poderiam ser substituídos por um computador. Enquanto respostas todos os professores negaram tal afirmação, pois concordavam, consoante com Chalita (2001), que o computador nunca poderia substituir o professor, pois é necessário o contato pessoal, a troca de emoções, sentimentos, afetos que estimulem o aluno a adquirir novos conhecimentos, algo que não poderia ser passado por uma máquina.

Os docentes comentaram bastante sobre o papel do professor, dizendo que se sentiam desvalorizados no trabalho que exerciam, tanto por parte dos governantes, como dos alunos e das suas famílias. Em relação aos governantes, se sentiam desprezados não apenas pelos baixos salários recebidos, os quais os levavam a ter uma dupla ou até mesmo tripla jornada de trabalho para amearhar um salário que lhe permitisse sustentar a si mesmo e sua família.

Em relação aos estudantes, sentiam que eles não os respeitavam, não tinham mais vontade de aprender e isso acabava os desestimulando. E, por último, as famílias estavam transferindo sua responsabilidade para a escola, particularmente para a figura do professor, esperando que eles conseguissem disciplinar e construir valores éticos e morais nas crianças e nos jovens. Essa situação acabava, na opinião deles, gerando uma responsabilidade muito grande para eles, extrapolando o que estava na sua competência enquanto professor; era como se os pais transferissem suas responsabilidades para esse profissional.

Por fim, reforçou-se o papel do professor, não enquanto a pessoa para oferecer respostas prontas, mas sim para despertar o desejo do aluno em sempre querer aprender, pois é através desse desejo que ele estará buscando formas de alimentar seu conhecimento (ALVES, 2004).

Antes de abordar os principais distúrbios/alterações vocais que os professores apresentam, considerou-se pertinente levá-los a refletir sobre o papel da voz na sua vida e os diversos fatores/aspetos que contribuem para sua saúde/doença. Isso porque foi argumentado que a forma como o docente vislumbra sua voz vai determinar a maneira como vai cuidar dela (GRILLO; PENTEADO, 2005). Por isso, a necessidade de estimulá-los a refletir sobre que

aspectos/fatores condicionam/determinam a qualidade da sua voz, levando-os, pois, a reconhecer que a voz não envolve apenas fatores orgânicos, mas também psicológicos, ambientais, sociais e culturais (LUCHESE et al., 2009).

Sendo assim, os docentes foram questionados sobre o que a voz permitia fazer. Os professores responderam que a voz era uma forma de comunicação e, no caso deles, era o principal instrumento de trabalho. Com o auxílio da projeção de algumas imagens em *datashow*, outros elementos para essa discussão foram abordados, colocando que a voz também permitia expressar sentimentos, emoções, seja através da fala ou do canto. Destacou-se esse aspecto das emoções e dos sentimentos porque, segundo Alves et al. (2009), o docente acaba vivenciando muitas emoções e sentimentos na prática docente e a dificuldade de reconhecê-los e expressá-los também vai influenciar na sua voz.

Posteriormente, os docentes foram questionados sobre o que eles compreendiam por voz. Alguns responderam que era o som produzido por meio da vibração das cordas vocais. Percebeu-se que os professores trouxeram justamente a compreensão que seria abordada, merecendo destaque que, atualmente, os fonoaudiólogos colocam que o mais correto é falar pregas vocais, e não cordas vocais. Destacou-se ainda que se decidiu enfocar essa concepção do que seja voz somente após ter lhes questionado sobre o que ela permitia fazer, justamente para levá-los a pensar que a fala é muito mais do que algo orgânico/biológico, mas engloba aspectos históricos, sociais, culturais, psicológicos, emocionais (LUCHESE et al., 2009; PENTEADO; RIBAS, 2011).

Quando questionados se conheciam como se dava o processo de formação da voz, responderam que acreditavam que ocorria a partir da passagem do ar pelo sistema respiratório. Então, foi explicada a anatomia e a fisiologia envolvidas em todo o processo de formação da voz. Observou-se que esse foi um dos momentos em que eles fizeram mais perguntas e ficaram bastante atenciosos. Acredita-se que isso ocorreu não só em função das imagens mostradas que ilustravam o processo de formação da voz, mas também pela necessidade de, como seres humanos, ter conhecimento acerca do corpo e do que acontece com ele, portanto, sempre é visível a curiosidade por esse assunto.

Após esse momento, foi levantado o seguinte questionamento aos professores: na opinião de vocês, existem outros fatores que influenciam a voz? Observou-se que, nesse momento, esses atores compartilharam vários aspectos que condicionam/determinam a voz, desde o consumo de determinados alimentos, a falta de obediência/respeito dos alunos para com eles e a infraestrutura das salas de aula. Todavia, as maiores queixas residiam na falta de valorização do trabalho docente, o que para eles se expressa não apenas pelos baixos salários,

mas também pela falta de materiais, quando desejavam fazer uma aula que utilizasse outra metodologia que não fosse a expositiva. Ou até mesmo quando os gestores, na opinião deles, colocavam apenas a “culpa” na figura do professor para resolver a questão da educação, negando os outros aspectos.

Com base no referencial teórico que norteou o estudo, foram identificadas muitas patologias vocais, porém, percebeu-se que havia aquelas em que o professor, em decorrência das suas práticas profissionais, estava mais predisposto a adquirir. Então, nessa atividade, foram abordadas seis patologias: rouquidão, laringite crônica, nódulos, cistos, refluxos e papilomas.

É válido frisar que em todos os momentos e ações os professores foram instigados a expressar suas opiniões, compartilhando um pouco de suas vivências sintomatológicas diante do que foi apresentado. Por exemplo, quando foi abordada a questão da rouquidão e do refluxo, os docentes relatavam que comumente apresentavam alterações vocais, sobretudo nos dias em que necessitavam elevar a entonação vocal por muito tempo e também nos “dias considerados estressantes”.

Ainda foi esclarecido ao grupo que mesmo trazendo de forma detalhada nesse encontro cada uma das patologias vocais, o diagnóstico destas só poderia ser feito pelo médico que, baseado na clínica e nos achados de exame, em especial na videolaringoscopia, poderia propor o melhor tratamento. No entanto, não se pode desconsiderar a pertinência de identificar os sintomas dessas doenças no seu dia a dia, até porque isso influenciava na procura pelo atendimento de saúde.

Ilustrou-se, por exemplo, que quando esses trabalhadores apresentassem alguns sintomas, persistindo por mais de vinte dias, tais como: cansaço vocal, garganta áspera ou seca, esforço para falar, pressão na garganta, variação da voz durante o dia, incapacidade de falar por longos períodos, ardor na região da laringe, queimação na garganta, pigarro, tosse ao falar, falha da voz, rouquidão ou perda da voz, era recomendável que procurassem um atendimento de saúde para que pudessem atuar imediatamente nos fatores que causavam essas patologias (ALMEIDA, 2000).

Os professores relataram que foi bastante importante abordar essa temática, porque todos já apresentaram ao menos um dos sintomas citados. Inclusive afirmaram conhecer casos de colegas em que, com o agravamento dos sintomas, procuraram auxílio médico, sendo diagnosticadas patologias vocais, inclusive, precisaram do afastamento da sala de aula, assumindo outras atribuições que não necessitavam do uso excessivo da voz.

Assim, após a discussão sobre os principais problemas relacionados com a voz, foram apresentados os cuidados que deveriam ter com a mesma, frisando que a profissão de professor requer certos hábitos para se manter uma voz saudável e evitar problemas futuros.

Para instigá-los a participar da discussão do tema proposto, foram apresentadas várias imagens que traziam algumas medidas interessantes que deveriam ser tomadas para evitar problemas relacionados com a voz. Inicialmente, conforme Almeida (2000), foi explicado a importância da água para a voz, relatando que deveriam tomar em média dois litros de água por dia, de preferência em temperatura ambiente, para que não ocorra o choque térmico. Explicou-se também que, durante as aulas, momento no qual a atividade vocal é mais intensa, os professores deveriam beber água para umidificar a garganta, evitando, assim, o surgimento de lesões vocais.

Em seguida, foram explanados outros cuidados com a voz. Discutiu-se sobre a questão de evitar qualquer tipo de competição sonora, evitar falar muito alto ou gritar, pois isso poderia ocasionar rouquidão ou até mesmo lesionar as pregas vocais devido ao esforço. Abordou-se também o uso de bebidas alcoólicas e do cigarro, pois vários estudiosos colocam que as bebidas alcoólicas devem ser evitadas, uma vez que têm um efeito anestésico, e com isso, podem provocar a diminuição da sensibilidade e causar lesão nas pregas vocais. Quanto a evitar o uso do cigarro, a explicação encontra-se no fato de a fumaça irritar a mucosa da laringe, podendo ocasionar o acúmulo de secreções nas pregas vocais e o ressecamento das mesmas (ALMEIDA; FERREIRA, 2007).

Em relação à alimentação, com base em Pietrobon (2008), orientou-se sobre a importância de consumir alimentos fibrosos, como maçã, que é um adstringente, ou seja, age limpando a boca e faringe. Foi abordado sobre o consumo de alimentos leves, como sucos, verduras e frutas cítricas bem mastigadas que relaxam a mandíbula, melhorando a dicção. E destacou-se a necessidade de evitar tomar líquidos muito quentes ou muito gelados, uma vez que podem causar choque térmico, o que acarreta edema nas pregas vocais.

Também foi abordado o uso de roupas confortáveis e leves, para que não atrapalhe o fluxo respiratório e evite má postura, facilitando também a produção da voz. Orientou-se sobre a importância de articular bem as palavras e procurar usar as expressões faciais para evitar o abuso vocal. Se possível, evitar o contato com a poeira, pois ao ser aspirada se deposita sobre as pregas vocais, o que pode causar irritação e aumentar o atrito entre as mesmas. Frisou-se ainda que o uso de pastilhas, sprays ou medicamentos só devem ser utilizados quando indicados por médicos (ALMEIDA; FERREIRA, 2007).

Também foram apresentados alguns exercícios de relaxamento e aquecimento que Almeida (2000) afirma que podem ser feito antes da atividade vocal, como por exemplo: a rotação da língua no vestibulo da boca; lateralizar a língua (empurrar a língua contra a bochecha); vibrar a língua; vibrar os lábios; bocejar; protusão dos lábios (fazer bico como se fosse dar um beijo); retração dos lábios; rodar o pescoço em todas as direções, entre outros que ajudam na manutenção de uma voz saudável.

Por fim, realizou-se uma dinâmica chamada de “Batata Quente”, na perspectiva de trazer uma reflexão sobre a responsabilidade de cada um. De início, os professores foram convidados para fazer um círculo e questionados se os mesmos se lembravam da brincadeira infantil denominada de “batata quente”, eles responderam que sim. Explicou-se então que a brincadeira seria realizada duas vezes, e que quando a música parasse quem ficasse com batata quente teria que abrir a caixa e fazer o que estava dentro do papel. Então, começou-se a cantar a música da brincadeira, quando parou, o professor que ficou com a batata quente teve que imitar uma pessoa sem voz. Esse momento foi bastante engraçado. E alguns professores afirmaram que já tinham passado por isso antes.

A dinâmica foi novamente realizada, sendo passada outra caixa. Para a surpresa da professora que ficou com a batata quente, ao abrir a caixa não estava uma prenda para ela pagar e sim vários chocolates dentro da caixinha. Posteriormente, refletiu-se sobre a moral da dinâmica: a profissão de professor tem seus momentos bons (representados pelo chocolate) e momentos ruins (representados, por exemplo, pela falta da voz). Destacou-se que, na vida, as pessoas passam por mudanças e obtém novos conhecimentos.

Sendo assim, é preciso que cada um consiga aprender com esses momentos, e ver que ser professor é uma profissão digna, que lhe permite participar do processo de formação de muitas pessoas e contribui na construção de sujeitos comprometidos com a cidadania.

Para encerrar esse momento, solicitou-se aos professores que realizassem uma avaliação dessa prática de Educação em Saúde, destacando os pontos positivos e também os aspectos que precisavam ser melhorados. Os professores afirmaram que o momento foi importante porque lhes permitiu (re)pensar os hábitos de vida que estavam tomando, bem como refletir sobre os cuidados que deveriam tomar, a partir dessa atividade educativa, com a voz.

CONCLUSÕES

Diante do exposto, acredita-se que a realização dessa prática educativa foi de grande importância, pois ações dessa natureza permitem um maior contato com a realidade na qual os professores do ensino público estão inseridos e, a partir disso, há a construção conjunta de conhecimentos relativos aos principais problemas relacionados com a voz e os cuidados que devem ser tomados no dia a dia.

Desse modo, é relevante frisar que a metodologia utilizada nessa ação educativa também foi importantíssima para viabilizar a participação dos professores, uma vez que se teve o cuidado de partir do contexto em que os professores estavam inseridos, a fim de que os conhecimentos construídos conseguissem melhorar/transformar sua realidade. Foram trabalhadas metodologias ativas, problematizadoras, tais como rodas de conversa e dinâmicas que levassem os professores a participar, refletindo sobre sua realidade.

É notória, então, a importância do PET-SAÚDE não só para o processo de formação, mas também para o serviço em saúde. Ao articular ensino-serviço, esse Programa tenta contribuir para a melhoria do atendimento prestado à comunidade, ao mesmo tempo em que aproxima os acadêmicos da realidade do serviço em saúde. Além disso, estabelece parcerias com os outros segmentos da sociedade, representados pelos equipamentos sociais da área de abrangência das Unidades Básicas de Saúde da Família. Nesse caso específico: o setor da educação, representado pelas escolas, o PET-SAÚDE leva, tanto os discentes como os docentes, assim como os profissionais do serviço, a refletirem sobre a intersetorialidade.

Conforme Costa, Pontes e Rocha (2006), a intersetorialidade configura-se numa das estratégias para a produção das ações em saúde. Sendo assim, essa articulação permite mais subsídios para que o enfrentamento dos problemas de saúde não se restrinja à intervenção no aspecto biológico, mas, pelo contrário, possa intervir nos condicionantes/determinantes do processo saúde-doença.

Essa atitude de estabelecer diálogo entre os diversos setores da sociedade mostra-se essencial também para o enfrentamento dos problemas relacionados com a voz dos professores. Tanto que, segundo Luchesi et al. (2009) e Alves et al. (2009), para a prevenção e promoção da saúde vocal dos docentes se faz necessário não apenas a articulação dos diversos profissionais de saúde: enfermeiro, fonoaudiólogo, médico, nutricionista, entre outros, mas também de outras áreas, como da engenharia e da previdência social. É preciso ainda o envolvimento dos alunos, das suas famílias, dos gestores, todos unidos para que a escola seja

um *locus* no qual os docentes tenham qualidade de vida, e não um espaço de adoecimento e de sofrimento.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Amália Pollastri de Castro E. Trabalhando a Voz do Professor: Prevenir, Orientar e Conscientizar. Rio de Janeiro: **CEFAC - Centro de Especialização em Fonoaudiologia Clínica Voz**, 2000. 42 p. Disponível em: <<http://www.saudeetrabalho.com.br/download/trabalhando-a-voz.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2011.

ALMEIDA, Anna Alice F. de; FERREIRA, Lésle P. Cuidados com a voz: uma proposta de intervenção fonoaudiológica para adolescentes. **Distúrb Comun**, São Paulo, v.19, p. 81-92, 2007. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/11850>>. Acesso em: 22 jun. 2011.

ALVES, Rubem. **Ao professor, com o meu Carinho**. Campinas: Versus Editora, 2004.

ALVES, Liliana Amorim; ROBAZZI, Maria Lúcia do Carmo Cruz; MARZIALE, Maria Helena Palucci; FELIPPE, Ana Clara Naufel de; ROMANO; Cristiane da Conceição. Alterações da Saúde e a Voz do Professor, uma questão de saúde do trabalhador. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v.17, n. 4, p. 566-572, jul./ago. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v17n4/pt_20.pdf>. Acesso em: 03 set. 2011.

CAMPOS, Gastão Wagner Silva. **Saúde Paidéia**. São Paulo: Hucitec, 2005.

CHALITA, Gabriel. **Educação – A solução está no Afeto**. 8. ed. São Paulo: Editora Gente, 2001.

COSTA, Ana Maria; PONTES, Anna Claudia Romano; ROCHA, Lais Gonçalves. Intersetorialidade na produção e promoção da saúde. In: CASTRO, Adriano e MALO, Miguel. **SUS: ressignificando a promoção da saúde**. São Paulo: Hucitec, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

GRILLO, Maria Helena Marotti Martelletti; PENTEADO, Regina Zanella. Impactos da voz na qualidade de vida de professore(a)s do ensino fundamental. **Pro-fono de Revista de Atualização Científica**. Barueri, v.17, p.321-330, set./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pfono/v17n3/v17n3a05.pdf>>. Acesso em: 03 jan. 2011.

LUCHESI, Karen Fontes; MOURÃO, Lucia Figueiredo; KITAMURA, Satoshi; NAKAMURA, Helenice Yemi; Problemas Vocais no Trabalho: prevenção na prática docente sob a ótica do professor. **Saúde Sociedade**. São Paulo, v.18, p.673-681, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v18n4/11.pdf>>. Acesso em: 03 jan. 2011.

PENTEADO, Regina Zanella; RIBAS, Tânia Maestrelli. Processos educativos em saúde vocal do professor: análise da literatura da Fonoaudiologia brasileira. **Revista Sociedade Brasileira Fonoaudiologia**, v. 16, p.233-239, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsbf/v16n2/20.pdf>>. Acesso em: 15 Jul. 2011.

PIETROBON, Cláudia. Cuidados especiais para quem utiliza a voz profissionalmente. **Artigonal – Diretório de Artigos Gratuitos**, 2008. Disponível em: <<http://www.artigonal.com/medicina-artigos/cuidados-especiais-para-quem-utiliza-a-voz-profissionalmente-342791.html>>. Acesso em: 19 jun. 2011.

RATIER, Rodrigo; SALLA, Fernanda. Ser professor: uma escolha de poucos. In: **Nova Escola**. 229. ed. Jan./fev. 2010. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/carreira/ser-professor-escolha-poucos-docencia-atratividade-carreira-vestibular-pedagogia-licenciatura-528911.shtml>>. Acesso em: 19 jun. 2011.

REBIDIA. Rede Brasileira de Informação e Documentação sobre Infância e Adolescência. Rodas de conversa: saúde. **Comissão de Educação Permanente para o Controle Social no SUS, Conselho Nacional de Saúde**, 2009. Disponível em: <http://www.rebidia.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=436&vie%20w=article&id=436>. Acesso em: 04 nov. 2011.

SOUSA, Alessandra de; JACOMELI, Mara Regina Martins. A desvalorização do papel do professor na sociedade: Uma análise do trabalho docente e de suas condições salariais. **Anais da V Jornada de História, Sociedade e Educação no Brasil**. Sorocaba, SP: Graf. FE, 2005. Disponível em: <www.histedbr.fae.unicamp.br/acer-jornada/jornada5/trabalhosgt7fprofessores/1/701.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2011.

ATUAÇÃO ODONTOLÓGICA EDUCATIVA E PREVENTIVA NO ÂMBITO HOSPITALAR

Georgia Costa de Araújo Souza*
Anderson de Souza Fernandes**
Layanna de Paiva Silva**
Márcia Nicole de Medeiros Melo**
Magna Cristina Teixeira de Queiroz**

RESUMO: A atuação do cirurgião dentista na equipe hospitalar é de grande importância, seja na prevenção de doenças orais e sistêmicas, no diagnóstico e tratamento das patologias orais, no apoio a outros membros da equipe, no incentivo à higiene bucal, objetivando proporcionar atenção integral ao paciente hospitalizado. Diante da necessidade de cuidados odontológicos no âmbito hospitalar, foi realizado o Projeto de Extensão “Saúde Bucal no Hospital”, do Curso de Odontologia da UERN, no qual são assistidos pacientes e acompanhantes do Hospital Regional do Seridó (Caicó/RN). O projeto foi iniciado em 2012 e tem como objetivo orientar e motivar os pacientes hospitalizados sobre os cuidados bucais, especialmente sobre a realização de adequada higienização bucal, além de ouvir suas necessidades, dirimir dúvidas e indicar a consulta odontológica quando necessário. No ano de 2012, foram assistidas 69 pessoas, entre pacientes e acompanhantes. As orientações foram apresentadas por meio de conversas e simulação de higienização bucal correta com o auxílio de macromodelo, escova dental e fio dental, além de abordagens sobre os principais problemas que acometem a cavidade oral, como cárie e doenças periodontais. Neste hospital, esta é uma iniciativa pioneira de atenção odontológica aos pacientes hospitalizados. O Projeto de Extensão permite aos estudantes de Odontologia a rica experiência de promoção da saúde bucal, através da tarefa de motivar os pacientes e acompanhantes na geração de hábitos saudáveis, promovendo assim o bem-estar geral e qualidade de vida dos mesmos.

PALAVRAS-CHAVE: Saúde Bucal, Hospitalização, Educação em Saúde.

* Professora Assistente II, Departamento de Odontologia, UERN. Doutoranda em Saúde Coletiva – UFRN, Mestre em Odontologia Preventiva e Social – UFRN. Email: georgia_odonto@yahoo.com.br.

** Acadêmicos do 7º Período do Curso de Odontologia da UERN. Extensionistas do Projeto de Extensão Saúde Bucal no Hospital. Email: andersoncaico@gmail.com, marcianmm@hotmail.com, layannapaiva@gmail.com, magnakrys@hotmail.com.

Departamento de Odontologia, Campus Caicó, Rua André Sales, 667. Paulo VI. Caicó/RN. Tel/Fax: (84) 3421-6513. CEP: 59.300-000.

INTRODUÇÃO

Durante o período de internação é comum que os pacientes encontrem-se fragilizados, tanto com as complicações sistêmicas, como com os distúrbios emocionais decorrentes da hospitalização (PROENÇA et al., 2011). O sentimento de ansiedade é dominante, deixando diversos pacientes centrados em suas doenças, esquecendo-se dos cuidados com a saúde bucal e de realizar os procedimentos de higiene básicos, como escovação dentária com uso de creme dental fluoretado e fio dental, principalmente após as refeições.

A inclusão do cirurgião-dentista na equipe multiprofissional hospitalar é importante na promoção de saúde bucal, no diagnóstico das necessidades, no treinamento da equipe hospitalar, para que as ações de higiene oral se tornem rotina no cotidiano do hospital. Entretanto, este profissional ainda está pouco inserido neste panorama (ARAÚJO et al., 2009). Ademais, é de suma importância para a saúde integral do paciente hospitalizado, que por estar fragilizado, necessita de atenção especial, evitando a ocorrência de outras patologias associadas às doenças bucais e assim uma impressão negativa da experiência hospitalar (SCHNEID et al., 2007).

A proposta de educação em saúde bucal no ambiente hospitalar permite uma abordagem interdisciplinar que possibilita avanços com vistas a uma assistência integral ao paciente, principalmente se estas atitudes forem usuais no Hospital. Neste sentido, a atuação de acadêmicos de Odontologia como educadores em saúde bucal proporcionará o desenvolvimento de suas habilidades de comunicação e estímulo à sensibilidade social tão necessária ao profissional da saúde, especialmente quando visam à integração multiprofissional de trabalho em equipe. Além disso, oportuniza a interação do discente de Odontologia com outras profissões da saúde, possibilita vivenciar experiências diferentes e enriquecedoras do ponto de vista da formação humana e profissional, uma vez que trabalha com saúde bucal, sem perder a visão do paciente como um todo (MEDEIROS JÚNIOR, 2005).

Na equipe hospitalar, o cirurgião dentista pode atuar na prevenção de doenças orais e sistêmicas, no diagnóstico e tratamento das patologias orais, no apoio a outros membros da equipe, no incentivo à higiene bucal, objetivando, desta forma, proporcionar atenção integral ao paciente hospitalizado.

Diante da necessidade de cuidados odontológicos no âmbito hospitalar, foi realizado o Projeto de Extensão Saúde Bucal no Hospital, do Curso de Odontologia da

UERN. Este projeto tem como objetivo orientar e motivar os pacientes hospitalizados sobre os cuidados bucais, especialmente sobre a realização de adequada higienização bucal, além de ouvir suas necessidades, dirimir dúvidas e indicar a consulta odontológica quando necessário. Este projeto objetiva, ainda, proporcionar ao acadêmico de Odontologia envolvimento com a Odontologia Hospitalar através da interação com a os pacientes hospitalizados, de modo que este atue como educador em saúde, trabalhando na geração de hábitos saudáveis e buscando prevenir o surgimento ou agravos das doenças bucais.

METODOLOGIA

As ações do projeto de extensão Saúde Bucal no Hospital são desenvolvidas nas enfermarias e espaços coletivos do Hospital Regional do Seridó em Caicó/RN, no qual são assistidos pacientes e acompanhantes que aceitem e estiverem em condições de receber informações. Esta unidade hospitalar foi escolhida por realizar cerca de dois mil atendimentos por mês, com 247 internações. Possui 88 leitos, distribuídos em Cirurgia Geral (35); Clínica Médica (38); Psiquiatria (oito) e em Unidade de Isolamento (dois), além de realizar outros tipos de atendimento. Conta também com uma Unidade de Terapia Intensiva (UTI) com cinco leitos e um atendimento ambulatorial em Ortopedia, sendo referência para a microrregião do Seridó Ocidental e Oriental do Rio Grande do Norte (SESAP RN, 2012).

Para a sua realização, os extensionistas realizam visitas quinzenais aos pacientes hospitalizados, e realizam as seguintes ações:

- Conversas sobre os cuidados bucais dos pacientes,
- Simulação de higienização bucal correta com o auxílio de macromodelo, escova dental e fio dental,
- Esclarecimento da importância da higiene bucal feita com escova, creme dental fluoretado e fio dental, e a importância da visita regular ao cirurgião-dentista,
- Abordagens sobre a importância da realização da higiene bucal durante o período de internação hospitalar,
- Explicação dos principais problemas que acometem a cavidade oral, como cárie, doenças periodontais e câncer oral.

As orientações são apresentadas de forma a facilitar o entendimento do paciente, ou seja, numa linguagem popular, de fácil acesso, a mais próxima da sua realidade.

Saúde Bucal

A cavidade bucal permanece em constante colonização, e está sujeita às mais diversas espécies de bactérias, fungos e vírus. É sabido que em condições normais a boca possui uma microbiota composta por mais de 300 espécies de bactérias que se mantem em equilíbrio e podem servir como um reservatório persistente de bactérias orais e respiratórias (SILVEIRA et al., 2010).

Assim, quando a higiene bucal é negligenciada, desenvolvem-se depósitos de microrganismos que caracterizam o biofilme dentário patológico, sendo este responsável pelas principais doenças bucais, a cárie e a doença periodontal. Neste caso, o paciente hospitalizado, quando desprovido de higiene bucal, tem como mecanismo de limpeza unicamente a própria salivagem. Entretanto, vale ressaltar que o fluxo salivar pode ser alterado com o uso de algumas medicações sistêmicas (MEIRA et al., 2010), o que torna os sujeitos mais susceptíveis ao estabelecimento da cárie, doença periodontal e de estomatites (MORAIS et al., 2006). Além disso, o biofilme dentário pode oferecer maiores riscos ao paciente no que se diz respeito às infecções à distância, como as endocardites e a pneumonia nosocomial.

Neste contexto, atualmente as doenças bucais constituem um problema de saúde pública, a alta prevalência de doenças biofilme dependentes ainda é algo a ser superado no Brasil; o impacto em nível individual e coletivo, em termos de dor, desconforto, limitações sociais e funcionais, afeta diretamente a qualidade de vida do indivíduo (BARBOSA et al., 2010), significando mais um agravante àqueles que já estão hostilizados.

Desta forma, manter uma boca saudável é importante para o bem-estar dos pacientes, pois esses cuidados diários ajudam a evitar que os problemas orais se tornem mais graves, e complicações associadas a problemas bucais, já que a cavidade oral é uma via essencial para as necessidades básicas de alimentação e comunicação dos pacientes. Assim, é importante manter a saúde bucal através de hábitos adequados de higiene durante todo o período de internação, visando à atenção integral. Dentre os métodos de higiene bucal, a remoção mecânica com escova dental, creme dental fluoretado e fio dental é indispensável na eliminação e desorganização do biofilme dentário (ARAÚJO et al., 2009).

Atenção multidisciplinar: saúde na visão ampla

Ao questionar o que é saúde, abre-se um leque de definições, sendo a maioria delas embasadas nos preceitos da ciência. No entanto, de maneira geral, saúde é o estado do mais

completo bem estar físico, mental, social e não apenas ausência de enfermidade (MEIRA et al., 2010). Assim, as complicações decorrentes de uma má higiene bucal podem desencadear baixa autoestima nos pacientes hospitalizados, principalmente pelo fato de não terem a cavidade bucal limpa, piorando o estado do adoecimento dos mesmos (ARAÚJO et al., 2009).

Focando a recuperação dos indivíduos internados, não se admite mais fragmentar o sujeito, visto que a saúde bucal é parte integrante e inseparável da saúde geral. A atenção odontológica deve ser garantida, sendo o atendimento hospitalar classificado como de qualidade quando dispõe de uma equipe multiprofissional capaz de oferecer assistência integral ao indivíduo hospitalizado (MEIRA et al., 2010), não podendo negligenciar a saúde bucal, uma vez que a cavidade bucal, como qualquer outra área do organismo, pode converter-se em uma fonte de disseminação de microrganismos patogênicos ou de seus produtos capazes de produzir manifestações mórbidas sistêmicas (XIMENES et al., 2008).

Diante dessas assertivas, a saúde bucal é imprescindível para a recuperação dos pacientes, já que existe a íntima relação com a saúde geral, passando a ser não somente um item de qualidade de vida, mas também um fator decisivo na sua contínua sobrevivência (AGUIAR et al., 2010).

Com isso, a participação do cirurgião-dentista deveria ser garantida, visto que o mesmo pode contribuir de forma múltipla, e assegurando aos pacientes assistência odontológica preventiva, através de motivação e educação em saúde.

Odontologia Hospitalar

No Brasil, a presença do cirurgião-dentista compondo a equipe multidisciplinar hospitalar acontece de maneira autônoma, não há, ainda, a obrigatoriedade da presença deste profissional na atenção terciária. A assistência odontológica tem sido tradicionalmente exercida nos consultórios de postos de saúde pública ou de clínicas particulares. Aos hospitais, tem sido reservado apenas o atendimento cirúrgico bucomaxilofacial ou os procedimentos com indicação de anestesia geral (GODOI et al., 2009).

Entretanto, é necessário que a promoção de saúde bucal coletiva também esteja no ambiente hospitalar, para proporcionar aos pacientes, acompanhantes e demais profissionais conhecimentos que sirvam de motivação, e que estes possam ser utilizados na geração de bons hábitos dos pacientes, tornando a higiene bucal um item indispensável na rotina hospitalar (MATTEVI et al., 2011). Assim, com a conscientização da importância da desorganização diária do biofilme dentário, tem-se consequentemente a diminuição do risco de infecções provenientes da microbiota bucal patogênica.

Em meio a negligência para com a saúde bucal de pacientes sob regime de internação, atualmente, tramita na Câmara dos Deputados o Projeto de Lei n.º 2.776/2008, que propõe a obrigatoriedade da presença do cirurgião dentista em UTI, como também em clínicas ou hospitais públicos e privados em que haja pacientes internados, para que possam receber cuidados referentes à saúde bucal (COSTA, 2008). A finalidade desse projeto de lei é garantir impreterivelmente que os indivíduos recebam atendimento integral, incluindo a saúde bucal como essencial na manutenção da saúde geral. O capítulo X do Código de Ética Odontológica (2012), que trata da Odontologia hospitalar, informa no artigo 26 que compete ao cirurgião dentista internar e assistir pacientes em hospitais públicos e privados, com e sem caráter filantrópico, respeitadas as normas técnico-administrativas das instituições.

Vale enfatizar que a disciplina Odontologia Hospitalar no currículo de graduação das faculdades de Odontologia é pouco abordada, em alguns casos este tema é abordado somente em nível de especialização (ARANEGA et al., 2012).

Projeto de Extensão Saúde Bucal no Hospital

A Extensão Universitária traz como alicerce o objetivo de articular serviço e ensino-aprendizado, embasando teoria e prática, visando contribuir com a formação de profissionais de saúde mais sensíveis às necessidades sociais, e capacitando-os a realizarem ações transformadoras da sociedade e da universidade (AGUIAR et al., 2010). Nesse sentido, as atividades de extensão em Odontologia contribuem com um ensino odontológico fundamentado em bases humanas e realistas, agregando aos extensionistas o perfil preventivista, que busca na educação tornar os sujeitos promotores de saúde.

Foi baseado nesse estigma de promover saúde que o projeto Saúde Bucal no Hospital foi criado, o qual teve suas atividades iniciadas no ano de 2012. Neste mesmo ano, contabilizou-se o número de 69 pessoas assistidas, entre pacientes e acompanhantes, sendo 57% (n=39) do sexo feminino e 43% (n=30) do sexo masculino. As idades das mulheres variaram de 16 a 78 anos, com média de 43,23 anos. Nos homens, as idades variaram de 11 aos 71 anos, com média de 36,65 anos. Pode-se perceber com esses dados a miscigenação de pessoas que estiveram sob a custódia da hospitalização, diversos grupos com especificidades distintas são facilmente encontrados; o processo saúde-doença não isenta nenhum indivíduo, independente de sua raça, sexo ou idade.

Com isso, os extensionistas participantes encontram frequentemente situações ou casos que exigem desdobramentos especiais. Destaca-se o estado emocional dos pacientes e

acompanhantes que, por vezes deprimidos, não demonstram interesse diante dos acadêmicos. Mas quando apresentada a proposta do projeto, eis que surgem olhares atenciosos e dispostos a participarem daquele momento. Para alguns pacientes e acompanhantes, os extensionistas de maneira descontraída revigoram e torna a extensão um momento também de conversas, onde os indivíduos desabafam ao mesmo tempo em que aprendem.



Figura 1. Momento da extensão com paciente e acompanhante no Hospital.

A troca de saberes sistematizados, quer universitários, quer populares, tem como consequência a democratização deste conhecimento, visto que não fica restrito a acadêmicos e a professores, mas se difunde para a comunidade e para a sociedade. Ao mesmo tempo, há a participação efetiva da comunidade na atuação da universidade (HENNINGTON, 2005).

Dentre as atividades realizadas no Hospital Regional do Seridó, tem-se: orientações sobre cuidados bucais; simulação de higienização bucal correta com o auxílio de macromodelo, escova dental e fio dental, além de abordagens sobre os principais problemas que acometem a cavidade oral, como cárie e doenças periodontais, orientações sobre a higiene das próteses, abordagem sobre o consumo de fumo e álcool e prevenção do câncer oral, especialmente por meio do incentivo ao autoexame.



Figura 2. Atuação dos extensionistas no Hospital.

Durante as visitas, quando questionados se portavam escova, creme e fio dental, a maioria estava com a escova e creme dental, entretanto nenhum paciente relatou uso do fio dental no hospital. Apesar de estarem portando itens de higiene bucal, alguns dos pacientes internados encontravam-se com a cavidade bucal sem higienização. Nestes casos, os acadêmicos enfatizam a importância da escovação, e tenta-se da melhor maneira educar e motivar estes pacientes para que incluam os hábitos de higiene bucal na rotina hospitalar, sendo proposto realizá-los durante o banho, junto com a higiene do corpo. O uso do fio dental é sempre encorajado diante da sua importância para uma completa limpeza dos dentes.

As dúvidas mais frequentes dos pacientes durante as orientações foram: “Continuo a escovação se houver sangramento gengival?”, “Que tipo de escova é melhor?”, “Como higienizar a prótese?”, “Posso dormir com a prótese?”, “O fio dental é antes ou após a escovação?”, dentre outras.



Figura 3. Extensionistas e pacientes após as orientações.

Através de perguntas dos extensionistas aos pacientes e acompanhantes, constatou-se que, em geral, os hábitos de higiene bucal durante o período de internação hospitalar são precários. As limitações físicas são utilizadas como argumentos, além do estado de esmorecimento do paciente, o que influencia para a não escovação dentária. Ademais, os acompanhantes e profissionais não costumam participar dos cuidados com a saúde bucal dos internados.

Neste hospital, esta é uma iniciativa pioneira de atenção odontológica aos pacientes hospitalizados. Proporcionando aos acadêmicos uma vivência hospitalar que não é oferecida pela grade curricular da universidade, considerado para estes uma oportunidade única em lidar com pessoas distintas, com as mais diversas peculiaridades, adentrando na realidade de cada um.

Ao término das visitas os pacientes mostraram-se contentes, satisfeitos e agradecidos pelas orientações e pelo trabalho desenvolvido através do projeto de extensão. Além disto, revelaram-se motivados a dar maior atenção à saúde bucal.

Por outro lado, os extensionistas ganham experiência ao abordar diversos aspectos da saúde bucal aos pacientes internados, e adquirem a vivência de como podem trabalhar a prevenção em âmbito hospitalar.

CONCLUSÃO

Com a presença dos acadêmicos de do Curso de Odontologia que participam do projeto Saúde Bucal no Hospital, os pacientes passam a voltar sua atenção para a saúde bucal

após as orientações recebidas e sentem-se motivados a incorporar os cuidados básicos de higiene bucal nesta nova rotina de internação.

As orientações de cuidados em saúde bucal são apresentadas aos pacientes hospitalizados com sucesso, sendo a maioria dos pacientes receptiva a receber informações de saúde bucal. Além disso, esta é uma oportunidade dos extensionistas desenvolverem a comunicação oral, a interação com a comunidade, buscando melhor compreensão dos assistidos.

Portanto, este projeto de extensão permite aos estudantes de Odontologia a rica experiência de promoção da saúde bucal, através da tarefa de motivar os pacientes e acompanhantes, na realização de hábitos saudáveis, promovendo assim o bem-estar geral e qualidade de vida dos mesmos. Ademais, os pacientes que foram orientados servirão de disseminadores, uma vez que estes levarão os conhecimentos adquiridos para casa, podendo compartilhar com toda a família.

Pretende-se, no futuro, desenvolver as ações de orientação com os profissionais do hospital que lidam diretamente com os pacientes internados, a fim de que as práticas de cuidado bucal sejam incorporadas ao cuidado geral de rotina nas enfermarias.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, A.S.W.; GUIMARÃES, M.V; MORAIS, R.M.P.; SARAIVA, J.L.A. Atenção em Saúde Bucal em Nível Hospitalar: Relato de Experiência de Integração Ensino/Serviço em Odontologia. **Extensio**: R. Eletr. de Extensão, n. 7, n. 9, p. 100-110, 2010.

ARANEGA, A.M.; BASSI, A.P.F.; PONZONI, D. Qual a importância da odontologia hospitalar? **Rev. bras. odontol.**, v. 69, n. 1, p. 90-3, 2012.

ARAÚJO, R.J.G.; VINAGRE, N.P.L; SAMPAIO, J.M.S. Avaliação sobre a participação de cirurgiões-dentistas em equipes de assistência ao paciente. **Acta Scientiarum. Health Sciences** Maringá. v.31, n. 2, p. 153-157, 2009.

BARBOSA, A.M.; RIBEIRO, D.M.; CALDO-TEIXEIRA, A.S. Conhecimentos e práticas em saúde bucal com crianças hospitalizadas com câncer. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, supl. 1, p. 1113-1122, 2010.

CÓDIGO DE ÉTICA ODONTOLÓGICA. Aprovado pela Resolução CFO-118, de 11 de maio de 2012. Disponível em: http://www.cro-df.org.br/crodf/downloads/codigo_etica.pdf.

COSTA, N.M. Projeto de Lei nº 2776 de 13 de Fevereiro de 2008. Estabelece a obrigatoriedade da presença de profissionais de odontologia nas unidades de terapia intensiva e dá outras providências. Congresso Nacional, 13 fev. 2008.

GODOI, A.P.T.; FRANCESCO, A.R.; DUARTE, A. et al. Odontologia Hospitalar no Brasil. Uma visão geral. **Revista de Odontologia da UNESP**, v. 38, n. 2, p. 105-109, 2009.

HENNINGTON, E.A. Acolhimento como prática interdisciplinar num programa de extensão universitária. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 21, p. 256-265, 2005.

MATTEVI, G.S.; FIGUEIREDO, D.R.; PATRÍCIO, Z.M.; RATH, I.B.S. A Participação do Cirurgião-Dentista em Equipe de Saúde Multidisciplinar na Atenção à Saúde da Criança no Contexto Hospitalar. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, n. 10, p. 4229-4236, 2011.

MEDEIROS JÚNIOR, A.; ALVES, M.S.C.F; NUNES, J.P.; COSTA, I.C.C. Experiência extramural em hospital público e a promoção da saúde bucal coletiva. **Rev. Saúde Pública**, v.39, n. 2, p. 305-10, 2005.

MEIRA, S.C.R.; OLIVEIRA, C.A.S.; RAMOS, I.J.M.; MENDONÇA, S.M.S. A importância da participação do cirurgião-dentista na equipe multiprofissional hospitalar. 9ª Edição do **Prêmio SINOg de Odontologia**. Santa Luzia, 2010.

MORAIS, T.M.N.; SILVA, A.; AVI, A.L.R.O.; SOUZA, P.H.R.; KNOBEL, E.; CAMARGO, L.F.A. A importância da atuação odontológica em pacientes internados em unidade de terapia intensiva. **Rev. bras. ter. intensiva**, São Paulo, v. 18, n. 4, 2006.

PROENÇA, M.O.; AGNOLO, C.M.D. Internação em unidade de terapia intensiva: percepção de pacientes. **Rev. Gaúcha Enferm.**, v. 32, n. 2, 2011.

SCHNEID, J.L.; BERZOINI, L.P.; FLORES, O.; CORDON, J.A.P. Práticas de enfermagem na promoção de saúde bucal no hospital do município de Dianópolis-TO. **Com. Ciências Saúde**. v.18, n.4, p. 297-306, 2007.

SILVEIRA, I. R.; MAIA, F.O.M.; GNATTA, J.R.; LACERDA, R.A. Higiene bucal: prática relevante na prevenção de pneumonia hospitalar em pacientes em estado crítico. **Acta Paul Enferm**, v. 23, n. 5, p. 697-700, 2010.

XIMENES, R.C.C.; ARAGÃO, D.S.F.; COLARES, V. Avaliação dos cuidados com a saúde oral de crianças hospitalizadas. **Rev. Fac. Odontol. Porto Alegre**, v. 49, n. 1, p. 21-25, jan./abr., 2008.

AMBULATÓRIO DE DOENÇA DE CHAGAS: ATENÇÃO INTEGRAL AOS PACIENTES DA MESORREGIÃO OESTE POTIGUAR

Cléber de Mesquita Andrade*
Alexia Barros Cardoso**
Antônio Carlos de Moura Neto**
Micaelly Moura de Medeiros**
Vinícius Marques Ribeiro**

RESUMO: A Doença de Chagas, uma tripanossomíase endêmica na região oeste potiguar, é, na maioria dos casos, uma afecção de curso crônico e variável e que necessita de acompanhamento clínico transversal para diminuir sua morbimortalidade intrínseca. Diante da necessidade de assistência médica especializada e da importância epidemiológica da doença na região, foi criado o projeto de extensão Ambulatório de Doença de Chagas da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (ADOC/UERN). **Objetivos:** O presente artigo tem como objetivo mostrar as atividades realizadas no ADOC/UERN e sua dinâmica de atendimento, bem como a importância do projeto para o público alvo e para os acadêmicos inscritos. **Metodologia:** O ADOC/UERN realiza suas atividades, obedecendo à seguinte sequência de etapas: solicitação de exames sorológicos, avaliação clínica inicial e solicitação de exames funcionais e de imagem, indicação do tratamento etiológico e acompanhamento clínico a curto e longo prazos. **Resultados e discussão:** Estão registrados, atualmente, 233 pacientes, encaminhados de Mossoró e municípios adjacentes, os quais são atendidos pelo médico responsável, juntamente com acadêmicos do curso de Medicina da UERN. **Conclusões:** Dessa forma, além de prestar serviço médico direcionado, o ADOC/UERN também se configura como importante campo de prática extensionista e de espaço para delineamento de estudos científicos, sejam eles biológicos, epidemiológicos ou clínicos.

Palavras-chave: Doença de Chagas; Rio Grande do Norte; Ambulatório.

* Médico especialista em Cardiologia, professor da disciplina de Doenças Cardiovasculares da Faculdade de Ciências da Saúde (FACS) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), doutorando do Programa de Ciências da Saúde (PPGSa) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e coordenador do Ambulatório de Doença de Chagas – ADOC/UERN. E-mail: mesquitaclebern@gmail.com

** Graduandos do curso de Medicina da FACS, membro do Ambulatório de Doença de Chagas – ADOC/UERN.

INTRODUÇÃO

Reconhecida pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como uma das 13 doenças tropicais mais negligenciadas do mundo, a Doença de Chagas (DC) tem sido um flagelo para a humanidade desde a Antiguidade e continua a ser um problema social e econômico relevante em muitos países latino-americanos. Essa infecção crônica, também conhecida como tripanossomíase americana, é causada pelo parasita protozoário *Trypanosoma cruzi* (*T. cruzi*) e foi descoberta em 1909 pelo médico brasileiro Carlos Chagas (CHAGAS, 1909).

A DC é transmitida aos seres humanos e a mais de 150 espécies de animais domésticos (por exemplo, cães, gatos e cobaias) e mamíferos selvagens (por exemplo, roedores, marsupiais e tatus), principalmente por grandes insetos sugadores de sangue, triatomíneos da subfamília Triatominae. Pode também ser transmitida ao homem por mecanismos não vetoriais, tais como a transfusão de sangue e derivados, acidentes laboratoriais, verticalmente da mãe para o filho e, mais raramente, por meio do leite materno (BRASIL, 2010). A estimativa de pessoas infectadas com *T. cruzi* no mundo varia de 8 a 14 milhões. Na América Latina, esse número é de cerca de 7,7 milhões, sendo o Brasil um dos vinte e um países considerados endêmicos (CORTEZ et al., 2012).

A DC pode ser classificada evolutivamente em duas fases: a aguda e a crônica. A fase aguda pode ser decorrente de infecção primária ou de reativação de fase crônica. A fase aguda é geralmente assintomática ou pode apresentar-se como uma febre autolimitada. Os sintomas aparecem 1-2 semanas após a exposição ao triatomíneo infectado, ou até alguns meses após a transfusão de sangue contaminado (BRASIL, 2005). O tratamento com benzonidazol vai habitualmente curar a infecção aguda e evitar manifestações crônicas. Morte ocorre ocasionalmente na fase aguda (menor que 5-10% dos casos sintomáticos) como resultado de miocardite grave ou meningoencefalite, ou ambos. Manifestações da doença aguda resolvem-se espontaneamente em cerca de 90% dos indivíduos infectados, mesmo se a infecção não é tratada com drogas tripanossomicidas (RASSI et al., 1992; PINTO et al., 2009).

Na fase crônica, identificam-se quatro formas clínicas: indeterminada, cardíaca, digestiva e cardiodigestiva, embora o aparelho urinário possa ser acometido raramente. Acredita-se que cerca de metade dos indivíduos infectados em área endêmica encontre-se sem manifestações clínicas, diante de eletrocardiograma, radiografia simples de tórax e radiografias contrastadas de esôfago e colos normais, o que caracteriza a forma indeterminada (RIBEIRO & ROCHA, 1998). Nessas áreas, 2 a 3% desses indivíduos evoluem, a cada ano, para uma forma clínica da doença (LARANJA et al., 1956). Cerca de 20 a 30% dos pacientes

desenvolvem a forma cardíaca; 5-8%, a forma esofagiana; e 4 a 6%, a forma intestinal (DIAS, 1989).

A forma digestiva é caracterizada por sintomas digestivos provenientes do megaesôfago e/ou megacolo, resultantes de inflamação e fibrose do esôfago e/ou colos associada à destruição do sistema nervoso autônomo e posterior disfunção do órgão (REZENDE, 1959; RASSI; REZENDE; DOLES, 1968, RASSI & REZENDE, 2011). A forma cardíaca também é resultante de inflamação e fibrose, com destruição do sistema de condução cardíaco, gerando sintomas cardiovasculares, alterações eletrocardiográficas e/ou cardiomegalia à radiografia simples do tórax (DIAS, 1989).

A forma cardíaca é a manifestação mais grave e frequente da DC crônica e, normalmente, leva a anormalidades do sistema de condução, bradiarritmias e taquiarritmias, aneurismas apicais, insuficiência cardíaca, tromboembolismo e morte súbita (RASSI JR, 2000; MARIN-NETO, 1999; MARIN-NETO et al., 2010). A presença de aneurisma apical é um fator importante para o surgimento de eventos cardioembólicos (ALBANESI-FILHO, 1991) e a profilaxia para AVEi não deve ser esquecida nem extrapolada das indicações formais de profilaxia. A disfunção sistólica e o aneurisma apical são fatores independentes para AVEi, além de idade maior que 48 anos e alteração primária de repolarização ventricular ao eletrocardiograma (SOUSA et al., 2006).

O curso clínico da doença de Chagas cardíaca é variável, e a identificação de pacientes com maior risco de morte permanece um desafio. Um escore de risco de morte em dez anos para cardiopatas crônicos foi capaz de identificar pacientes de baixo, moderado e alto risco (RASSI JR et al., 2006).

No Rio Grande do Norte, a vigilância sobre as ações de controle aos vetores transmissores da DC não ocorre de modo contínuo, necessitando de políticas públicas mais eficientes por parte das autoridades sanitárias dos diferentes municípios, especialmente os envolvidos na área endêmica. Em pesquisa recente na mesorregião Oeste Potiguar, demonstrou-se uma soroprevalência de 6,5% da população rural (BRITO et al., 2012).

Considerando-se a importância epidemiológica dos dados para essa área, torna-se salutar a inclusão da DC nos campos da pesquisa e da extensão universitária. Tal observação é ainda mais providencial na medida em que a doença afeta, majoritariamente, uma população economicamente carente, despertando em proporções insuficientes tanto a realização de estudos científicos quanto o interesse das indústrias farmacêuticas no que se refere às alternativas de cura e melhor prognóstico para pacientes (MÉDICOS SEM FRONTEIRAS, 2009).

O Ambulatório de Doença de Chagas da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (ADOC/UERN) surgiu como um projeto de extensão cuja proposta é oferecer aos pacientes chagásicos da mesorregião Oeste Potiguar um serviço médico integral e contínuo, que possa atender às necessidades gerais e específicas dessa população.

Aqui, objetiva-se mostrar as atividades realizadas no ADOC/UERN e a dinâmica do atendimento, assim como a importância do projeto para o público alvo, além de evidenciar a inclusão dos acadêmicos em uma atividade prática condizente com a realidade na qual estão inseridos.

METODOLOGIA

O ADOC/UERN funciona no Ambulatório da Faculdade de Ciências da Saúde (FACS) da UERN. O recrutamento de seu público-alvo iniciou-se com o projeto de pesquisa "Morbidade da doença de Chagas e avaliação do perfil imunológico de indivíduos sororreativos procedentes de área endêmica no Oeste Potiguar", desenvolvido na mesorregião Oeste Potiguar, sob a mesma coordenação constatada neste projeto de extensão. Posteriormente, com o crescimento do serviço, muitos pacientes foram encaminhados ao ADOC/UERN, originados de outras unidades de saúde, de nível primário ou secundário.

Além do diagnóstico, o ADOC/UERN tem o propósito de realizar classificação da forma clínica da doença, estadiamento, tratamento e seguimento a curto e longo prazos dos pacientes com DC. Para tanto, conta com uma rede de serviços aos quais se interliga para cumprir o seu papel.

A sequência didática de etapas (e os respectivos órgãos de apoio a cada uma delas) à qual os pacientes são submetidos é a seguinte:

1) Solicitação de exames sorológicos (para definir o diagnóstico nos casos em que este ainda não é conclusivo) a serem realizados em um ou mais dos seguintes locais: Laboratório de Bioquímica e Biologia Molecular Professor Dr. André Newton do Monte Negreiros da Faculdade de Ciências da Saúde - FACS/UERN, Laboratório Regional de Mossoró - LAREM e/ou Laboratório de Parasitos e Doença de Chagas da Faculdade de Farmácia – UFRN.

O diagnóstico sorológico se torna positivo quando o material colhido do paciente apresenta-se reagente em pelo menos dois métodos de princípios distintos (ELISA, imunofluorescência indireta ou hemaglutinação indireta), combinando altas sensibilidade e especificidade.

2) Avaliação clínica inicial e solicitação de exames funcionais e de imagem (para realizar a classificação/estadiamento da doença).

A classificação nas formas indeterminada, cardíaca, digestiva ou cardiodigestiva parte, inicialmente, da identificação ou não de sintomas apresentados pelo paciente, tais como: dispneia, palpitação, lipotímia e síncope, fadiga, edema de membros inferiores, disfagia e constipação. Além disso, o eletrocardiograma (ECG), as radiografias simples de tórax e contrastadas de esôfago e colos são realizados em todos os pacientes, conforme orientação da OMS, exceto quando existe contraindicação. O ecocardiograma transtorácico (ECO) também é indicado para todos os pacientes, e a monitorização eletrocardiográfica ambulatorial contínua (*Holter* de 24 horas), em casos selecionados. Esses métodos diagnósticos são realizados na própria FACS, no Centro Clínico Professor Vingt-Un Rosado ou em outros centros de apoio.

As alterações eletrocardiográficas e radiográficas (do tórax) específicas são determinantes para a classificação da doença como forma cardíaca. A classificação como forma digestiva, por sua vez, pauta-se nas radiografias contrastadas de esôfago e colos. A combinação de ambos caracteriza a forma cardiodigestiva. Quando não são detectadas alterações nos exames e sintomas relacionados, conclui-se a classificação como forma indeterminada.

Esses dados são utilizados também para o estadiamento da doença, que consiste em realizar a análise do risco de morte, inerente a algumas manifestações clínicas, e de acidente vascular encefálico isquêmico (AVEi). As tabelas 1, 2 e 3 trazem os escores aplicados ao estudo de ambos os eventos.

Tabela 1 - Escore de risco de morte na cardiopatia chagásica crônica.

Parâmetro	Pontuação
Insuficiência cardíaca classe III ou IV (<i>New York Heart Association</i>)	5
Cardiomegalia (radiografia de tórax)	5
Disfunção contrátil do ventrículo esquerdo global ou segmentar (ECO)	3
Taquicardia ventricular não sustentada (<i>holter</i> de 24 h)	3
Baixa voltagem do QRS (ECG)	2
Sexo masculino	2

Fonte: RASSI JR. et al, 2006.

De acordo com o escore de Rassi, os pacientes são subdivididos em três grupos de risco: baixo, intermediário e alto (tabela 2).

Tabela 2 - Estimativa de risco de morte na cardiopatia chagásica crônica.

Total de pontos	Risco	Mortalidade em 10 anos
0-6	Baixo	10%
7-11	Intermediário	44%
12-20	Alto	84%

Fonte: RASSI JR. et al, 2006.

Tabela 3 - Escore de risco de AVEi.

Parâmetro	Pontuação
Disfunção sistólica do ventrículo esquerdo (ECO)	2
Aneurisma apical do ventrículo esquerdo (ECO)	1
Alteração da repolarização ventricular primária (ECG)	1
Idade > 48 anos	1

Fonte: SOUSA et al., 2006.

O escore de risco de AVEi subdivide os pacientes também em 3 grupos: baixo (0 a 2 pontos), moderado (3 pontos) e alto (4 a 5 pontos) risco. A pontuação obtida por cada paciente indicará ou não o uso de tratamento profilático, a saber: escores 0 e 1 - sem profilaxia; escore 2 - sem profilaxia ou ácido acetilsalicílico (AAS); escore 3 - AAS ou warfarina; escores 4 e 5 - warfarina.

3) Indicação do tratamento etiológico

O tratamento é feito com benzonidazol (Rochagan[®]), distribuído gratuitamente nas secretarias de saúde do município de origem do paciente. Os casos com indicação de tratamentos são: fase aguda, fase crônica em crianças, contaminação acidental e reativação da fase crônica (ANDRADE et al, 2011). Embora não consensual, indivíduos em fase crônica tardia com discretas manifestações clínicas e em forma indeterminada, com idade até 60 anos, também recebem tratamento etiológico.

4) Acompanhamento clínico

As etapas anteriores são realizadas em diferentes momentos, distribuídas ao longo das várias consultas com o mesmo paciente. Os procedimentos de acompanhamento clínico do paciente, por sua vez, consistem na função primordial do ADOC/UERN como projeto de extensão, uma vez que, nesses momentos, os acadêmicos de Medicina desempenham seus principais papéis, que incluem, sobretudo, a anamnese e o exame físico dos pacientes (realizados primeiramente pelos estudantes e, posteriormente, reavaliados pelo médico responsável) e levam em consideração, além da DC, outras condições associadas (hipertensão arterial sistêmica, dislipidemia, doença coronariana, diabetes mellitus, tireoidopatias, entre

outras), na tentativa de alcançar uma visão integral dos indivíduos. Nesse sentido, o ADOC/UERN se comunica também com o próprio Ambulatório da FACS, para referenciar os pacientes a outras especialidades médicas quando estas se fizerem necessárias.

A frequência das consultas é determinada de acordo com a condição de saúde do paciente (compensado ou descompensado), com a vigência ou não de tratamento atual para a DC, quando um cuidado mais próximo é necessário (devido às possíveis reações adversas), ou, ainda, com a ocorrência de eventos inesperados.

Dessa forma, o ADOC/UERN se traduz como um projeto de extensão de caráter contínuo e permanente, prerrogativas fundamentais para atender à demanda de seu público-alvo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O ADOC/UERN funciona desde março de 2012, às quartas-feiras pela manhã. A execução da metodologia estabelecida se dá, no geral, de acordo com o previsto.

O número total de pacientes registrados, atualmente, é de 233, todos portadores da forma crônica da DC. Do total, 186 tiveram sua forma clínica caracterizada, com 104 (55,9%) em forma indeterminada; 66 (35,5%), cardíaca; 7 (3,8%), digestiva; e 9 (4,8%), cardiodigestiva. Esses dados estão de acordo com a literatura, segundo a qual 60 a 70% desses pacientes não desenvolvem doença clinicamente aparente e 30 a 40% desenvolvem uma forma determinada (DIAS, 1989).

Do ponto de vista epidemiológico, na população atendida, não houve predominância entre os sexos, sendo 92 (49,5%) pacientes do sexo masculino e 94 (50,5%), do feminino, o que está consonante com o padrão da DC descrito em região vizinha (BORGES-PEREIRA et al., 2008). A história de habitação passada ou atual em casa de taipa esteve presente em 140 (75,3%) casos e ausente em 46 (24,7%). A distribuição etária dos pacientes está esquematizada na tabela 4.

Tabela 4 - Caracterização epidemiológica da população atendida no ADOC - UERN.

Faixa etária (10 anos)					
20-29 anos	30-39 anos	40-49 anos	50-59 anos	60-69 anos	70 e mais
12 (6,5%)	34 (18,3%)	52 (28%)	45 (24,2%)	33 (17,7%)	10 (5,4%)

Em relação ao estadiamento, foram realizadas análises dos escores de risco de morte e de AVEi. Pautando-se nos resultados obtidos, as medidas específicas foram tomadas, com o

objetivo de reduzir a incidência desses eventos. Dos 186 pacientes, 150 (80,6%) foram classificados em baixo risco de AVEi, 29 (15,6%) em risco moderado e 7 (3,8%) em alto risco.

No que se refere ao escore de risco de morte, 92 pacientes encontravam-se com critérios para tal estratificação. Desses, 59 (31,7%) foram classificados em baixo risco; 27 (14,5%), em risco intermediário; e 6 (3,2%), em alto.

Todos os pacientes que tiveram indicação de tratamento etiológico receberam o benzonidazol na dose de 5 mg/kg de peso por dia, não se observando efeitos colaterais graves. Apenas um paciente apresentou reações que tornaram necessária a suspensão do tratamento.

As consultas médicas constituem a maior parcela do trabalho produzido pelos membros componentes do ADOC, uma vez que a realização dos exames constitui evento pontual durante o transcurso do projeto (figuras 1 e 2).

No início do acompanhamento clínico, ponto fundamental é o esclarecimento do paciente em relação à cronicidade da doença e à necessidade de acompanhamento contínuo para detecção precoce de possíveis complicações.

No ADOC/UERN, os acadêmicos põem em prática e aperfeiçoam suas habilidades em relação à DC, à visão holística da saúde do indivíduo e à relação médico-paciente. No tocante ao último item, várias experiências são enriquecedoras, no que se refere à diversidade de reações apresentadas pelos pacientes, desde o diagnóstico até os efeitos do tratamento e o desenvolvimento de complicações clínicas ou cirúrgicas.



Figura 1 - Anamnese e exame físico realizados pelos acadêmicos de Medicina.

Fonte: Acervo Cléber de Mesquita Andrade.



Figura 2 - Análise de exame complementar do paciente em atendimento.

Fonte: Acervo Cléber de Mesquita Andrade.

A discussão acerca dos atendimentos, dirigidas pelo médico responsável, possibilita a tomada da decisão clínica, inclusive com a participação do paciente. Essa é uma oportunidade de agregar conhecimentos teóricos e práticos, uma vez que leva em consideração a avaliação integral do indivíduo (figura 3).



Figura 3 - Revisão, pelo médico responsável, do atendimento realizado.

Fonte: Acervo Cléber de Mesquita Andrade.

No contexto do sistema de saúde da região, o ADOC/UERN se apresenta como uma opção sistematizada para acompanhamento dos pacientes chagásicos, já alcançando papel de articulador com os diversos municípios que abrange, de onde são encaminhados casos com diagnósticos pregresso ou recente.

Na esfera acadêmica, o ADOC/UERN abriu e continuará expandindo, com segurança, espaço para estudos científicos de metodologia clara e precisa, sejam epidemiológicos, biológicos ou clínicos. Isso é possível graças à padronização na execução de seus serviços.

Os pacientes atendidos no ambulatório, por sua vez, contam com uma atenção médica que lhes garante maiores comodidade e segurança em seu seguimento clínico. A possibilidade de marcação de consultas de acordo com a necessidade e a maior acessibilidade ao médico são fatores importantes quando se trata de uma doença crônica, com previsão de intercorrências em níveis variados de gravidade. Portanto, o projeto vem cumprindo seu papel mais relevante no tocante à prática extensionista, ao garantir satisfação à população-alvo pelos serviços que se presta a oferecer.

CONCLUSÃO

O ADOC/UERN se apresenta como um serviço de referência para o atendimento dos pacientes com DC da mesorregião Oeste Potiguar.

A continuidade do projeto é imprescindível, uma vez que os pacientes já registrados dependem de suas atividades e que novos usuários continuam ingressando no serviço. Dessa forma, o ADOC/UERN vislumbra um período indefinido de funcionamento e, por conseguinte, estabelece, a cada oportunidade, novas perspectivas para os seus crescimento e aperfeiçoamento no que se refere aos serviços prestados e ao campo fértil que abre para os acadêmicos e para a universidade.

REFERÊNCIAS

ALBANESI FILHO, F. M.; GOMES FILHO, J. B. M. A lesão apical do ventrículo esquerdo na evolução clínica da cardiomiopatia chagásica crônica. **Arq Bras Cardiol.**, v. 56, n. 6, p. 457-63, 1991.

ANDRADE, J. A.; MARIN-NETO, J. A.; PAOLA, A. A. V. et al. Sociedade Brasileira de Cardiologia. I Diretriz Latino Americana para o Diagnóstico e Tratamento da Cardiopatia Chagásica. **Arq Bras Cardiol.**, v. 97, n. 2, p. 1-48, 2011.

BORGES-PEREIRA, J.; SARQUIS, O.; ZAUZA, P.L. Epidemiologia da doença de Chagas em quatro localidades rurais de Jaguaruana, Estado do Ceará: soroprevalência da infecção, parasitemia e aspectos clínicos. **Rev Soc Bras Med Trop.**, v. 41, n. 4, p. 345-351, 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde. Consenso Brasileiro de Doença de Chagas. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, v. 38: suplemento III, 2005.

- BRASIL. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. **Doenças Infecciosas e Parasitárias: guia de bolso**. 8. ed. Brasília: Ministério da Saúde, p. 143- 149, 2010.
- BRITO, C. R. N.; SAMPAIO, G. H. F.; CÂMARA, A. C. J.; NUNES, D. C. F.; AZEVEDO, P. R. M.; CHIARI, E.; GALVÃO, L. M. C. Soroepidemiologia da infecção pelo *Trypanosoma cruzi* na zona rural do semiárido do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, Uberaba, v. 45, n. 3, p. 346-352, 2012.
- CHAGAS, C. Nova tripanozomíase humana. Estudos sobre a morfologia e o ciclo evolutivo do *Schizotrypanum cruzi* n. gen., n. sp., agente etiológico de nova entidade mórbida do homem. **Mem. Inst. Oswaldo Cruz**, v.1, p.159-218, 1909.
- CORTEZ, J.; RAMOS, E.; VALENTE, C et al. A Expressão Global da Doença de Chagas – Oportunidades Emergentes e Impacto em Portugal. **Acta Medica Portuguesa**, Lisboa, v. 25, n. 5, p. 332-339, 2012.
- DIAS, J. C. The indeterminate form of human chronic Chagas' disease. A clinical epidemiological review. **Rev Soc Bras Med Trop**, v. 22, n. 3, p. 147-156, 1989.
- LARANJA, F. S.; DIAS, E.; NOBREGA, G. et al. A. Chagas' disease; a clinical, epidemiologic, and pathologic study. **Circulation**, v. 14, n. 6, p. 1035-1060, 1956.
- MARIN-NETO, J.A.; SIMOES, M. V.; SARABANDA, A.V. Chagas heart disease. **Arq Bras Cardiol**, v. 72, p. 247–80, 1999.
- MARIN-NETO, J.A.; RASSI JUNIOR, A.; MACIEL, B.C. et al. Chagas heart disease. In: YUSUF, S.; CAIRNS J. A.; CAMM, A. J.; FALLEN, E. L.; GERSH, B. J. **Evidence-based cardiology**. 3. ed. London: BMJ Books, p. 823–41, 2010.
- MÉDICOS SEM FRONTEIRAS (MSF). Doença de Chagas: cem anos de negligência. É hora de romper o silêncio. Disponível em: <https://www.msf.org.br/arquivos/Doc/Publicacoes/56.pdf>. Disponível em: 2009. Acesso em: 10 jun. 2013.
- PINTO, A. Y.; FERREIRA JUNIOR, A. G.; VALENTE, V. D A. et al. Urban outbreak of acute Chagas disease in Amazon region of Brazil: four-year follow-up after treatment with benznidazole. **Rev Panam Salud Publica**, v. 25, p. 77–83, 2009.
- RASSI, A.; REZENDE, J. M.; DOLES, J. Caso de doença de Chagas observado desde o período inicial da infecção, com aparecimento precoce de megaesôfago e megacólon. **Rev. Soc. Bras. Med. Trop.**, v. 2, p. 303-315, 1968.
- RASSI, A.; LUQUETTI, A. O. Therapy of Chagas disease. In: WENDEL, S., BRENER, Z., CAMARGO, M.E., RASSI, A. **Chagas disease (American Trypanosomiasis): its impact on transfusion and clinical medicine**. Sao Paulo: ISBT, p. 237–47, 1992.
- RASSI, A.; REZENDE, J. M. Estudo clínico-radiológico do esôfago e dos cólons na fase aguda da doença de Chagas com relato de três casos de remissão espontânea de aperistalse do esôfago do grupo I. **Rev. Soc. Bras. Med. Trop.**, v. 44, n. 1, p. 70 – 75, 2011.
- RASSI JUNIOR, A.; RASSI, A.; LITTLE, W.C. Chagas heart disease. **Clin Cardiol**, v. 23, n.12, p. 883–889, 2000.

RASSI JUNIOR., A.; RASSI, A.; LITTLE, W. C.; XAVIER, S. S.; RASSI, S. G.; RASSI, A. G.; RASSI, G. G.; HASSLOCHER-MORENO, A.; SOUSA, A. S.; SCANAVACCA, M. I. Development and validation of a risk score for predicting death in Chagas' heart disease. **The New England Journal of Medicine**, Massachusetts, v. 355, n. 8, p. 799-808, 2006.

REZENDE, J. M. Forma digestiva da moléstia de Chagas. *Rev. Goiana Med.*, v. 5. p. 193-227, 1959.

RIBEIRO, A.L.; ROCHA, M. O. C. Indeterminate form of Chagas disease: considerations about diagnosis and prognosis. **Rev. Soc. Bras. Med. Trop.**, v. 31, n. 3, p. 301-314 , 1998.

SOUSA, A. S.; XAVIER, S. S.; FREITAS, G. R. et al. Estratégias de prevenção do acidente vascular encefálico cardioembólico na doença de Chagas. **Arq Bras Cardiol.**, v. 91, n. 5, p. 306-310, 2006.

CAPÍTULO III - EXTENSÃO, CULTURA, GERAÇÃO, GÊNERO E MÍDIA

O ENCANTADO UNIVERSO DOS CORDÉIS: EXPERIÊNCIAS NO MUSEU DE CULTURA SERTANEJA

Rosa Leite da Costa
Professora Orientadora/Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN
Francisca Aline Micaelly da Silva Dias
Daysa Rêgo de Lima
Luciana de Lima Pereira
Sueilton Junior Braz de Lima
Bolsistas/PROEX - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo relatar as experiências vivenciadas pela equipe do Projeto de Extensão Museu de Cultura Sertaneja (MCS), durante o ano de 2012. Relatam-se as atividades de organização e desenvolvimento de minicursos, oficinas e seminários temáticos oferecidos à sociedade, bem como o contato diário com o público que visitava as exposições temáticas de cordéis, na sede do Museu de Cultura Sertaneja (MCS) do CAMEAM/UERN. Inicialmente, fazemos uma breve discussão de natureza teórica tomando como fundamentação as considerações de Debs (2010), Marinho e Pinheiro (2012), Viana (2010), entre outros autores que se reportam à Literatura de Cordel no Brasil e, depois, apresentamos nosso relato nos quais se dão a conhecer os resultados alcançados e metodologia de trabalho na perspectiva da extensão.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura de Cordel. Atividades de extensão. Museu de Cultura Sertaneja (MCS).

Introdução

Este trabalho relata as atividades de extensão relativas à Literatura de Cordel desenvolvidas pela equipe do Projeto de Extensão Museu de Cultura Sertaneja – MCS, durante o ano de 2012.

O projeto surgiu em decorrência de, no *Campus* Avançado Prof.^a. Maria Eliza de A. Maia - CAMEAM, localizado na cidade de Pau dos Ferros, RN, ter sido criado e aprovado, em 17 de junho de 2009, pelo Colegiado desse campus, o Museu de Cultura Sertaneja do CAMEAM/UERN, que, com espaço cedido e o financiamento do Banco do Nordeste do Brasil (Edital Cultural do Bando do Nordeste/BNDES, 2010), necessitava da elaboração de um projeto de extensão que colocasse em prática a própria inauguração do Museu e as atividades que garantiriam o seu funcionamento.

Assim sendo, o projeto de extensão elaborado por uma equipe de professores dos Departamentos de Letras Vernáculas e Letras Estrangeiras, alunos da graduação e da pós-graduação dos cursos oferecidos por estes departamentos, dentre muitos outros objetivos a serem alcançados, elaborou uma série de atividades relativas à Literatura de Cordel. As experiências vivenciadas foram desde a organização do “Cantinho do Cordel”, por ocasião da

inauguração do próprio Museu de Cultura Sertaneja do CAMEAM\UERN, em maio de 2012, quando também foram feitas apresentações com cordelistas da região, à realização de minicursos, oficinas, seminários e visitas diárias às exposições de cordéis.

Com o esforço da equipe e, principalmente dos alunos-bolsistas PROEX\UERN, todas as atividades foram realizadas atendendo a uma metodologia de estudos sobre a Literatura de Cordel e a sua relação com as outras formas de manifestação artístico-culturais, tais como a Música, o Cinema, a Xilogravura e a própria Literatura Clássica, estudos estes que culminara nos minicursos oferecidos à sociedade e na oficina pedagógica oferecida a professores e futuros professores da Educação Básica. As tardes de encontros e planejamentos também renderam uma parceria com a disciplina Literatura de Cordel (Letras Vernáculas\CAMEAM), na organização de um seminário cuja essência, consistiu em mostrar os talentos de cordelistas da região e a produção do cordel no âmbito da Academia.

Todo o trabalho desenvolvido durante o projeto adotou como procedimento metodológico de divulgação a elaboração de cartazes e folders publicados nas redes sociais, na Academia e nas escolas da região, proporcionando a formação de um público diversificado durante os minicursos, oficinas e seminários e, principalmente, no dia a dia do projeto, uma vez que, estabelecemos, diariamente, dois turnos de funcionamento, manhã e noite, com o objetivo de alcançarmos o maior número possível de pessoas e de escolas da região que traziam seus alunos para apreciarem os cordéis em exposição.

Os resultados alcançados mostram que fazer extensão é, de fato, um processo educativo, cultural e científico capaz de articular a pesquisa e o ensino e mais ainda, de viabilizar a união entre a Universidade e a sociedade. (PDI\UERN, 2008. p. 61).

1 Um pouco de história

*Quando não havia
O rádio e a televisão
E os jornais não chegavam
Pra toda população
O folheto de CORDEL
Era o JORNAL DO SERTÃO
(Tupynanquim Editora)*

A Literatura de Cordel, segundo Marinho e Pinheiro (2012, p. 18) foi um termo empregado pelos estudiosos de nossa cultura para designar os folhetins vendidos na feira, em

uma aproximação com o que acontecia em Portugal. A literatura trazida pelos portugueses tinha origem nas cantigas trovadorescas e, no Brasil, os chamados folhetins tornaram-se uma forma de expressão cultural, especialmente do povo do Nordeste, e um meio de entretenimento (VIANA, 2010).

Com a chegada dos colonizadores, a Literatura de Cordel se fixou, primeiro, na Bahia e depois se expandiu pelo território do Nordeste brasileiro. Os folhetins, que chegavam até o povo, eram compostos por longas narrativas denominadas romances ou histórias, publicados em 32 ou 64 páginas, abordando, dentre muitas temáticas, amores, batalhas, aventuras, costumes, heroísmos, romances, atualidades. O Cangaço, um movimento típico do Sertão Nordestino, tornou-se um dos grandes temas da Literatura de Cordel no Brasil, misturando mito e história.

A comercialização desses livretos, inicialmente, era feita exposta no chão ou em malas nas feiras-livres. Os Poetas ou vendedores declamavam os cordéis diante um público que prestigiava atentamente suas histórias. Era a mais pura expressão popular de um povo que acreditava em assombrações e encantamentos, que apenas ouvia falar de reis, rainhas, príncipes e princesas, que tinha fé e religião. Assim, literalmente vendia-se cordel, mas vendia-se também um encantado universo construído por rimas, versos e estrofes.

Segundo Marinho e Pinheiro (2012), no Brasil, durante muito tempo, poetas e editores continuaram escrevendo folhetos e assim os chamando. A expressão cordel surgiu por volta dos anos de 1970, quando as editoras de cordel começaram a imprimir a expressão *Literatura de cordel* nas contracapas de seus folhetos. Consequentemente, os vendedores em estabelecimentos fechados começaram a expor os livretos pendurados em cordões ou barbantes e as expressões folhetos, romances, versos foram sendo esquecidas.

Na chegada do Cordel ao Brasil, os livretos não eram acompanhados por capas e eram denominados por “Capas cegas” (VIANA, 2010). A Xilogravura, a arte de entalhe na madeira, só passou a ilustrar o Cordel a partir das décadas de 1940 e 1950. Antes disso, sua função era estampar garrafas de cachaças e outros produtos. Como era uma arte de baixo custo, tornou-se uma ferramenta de elaboração das ilustrações dos livretos de cordel, tendo em vista que os poetas não possuíam recursos financeiros para a ilustração dos folhetins em gráficas.

A Literatura do Cordel pode ser vista por sua importante contribuição para a identidade do povo nordestino. Poetas como Leandro Gomes de Barros, considerado o precursor do Cordel no Brasil, por atribuir novas formas de metrificação, sextilhas e septilhas, aos clássicos portugueses e, por criar novas histórias imprimindo um teor crítico aos

acontecimentos de sua época, e João Martins de Atayde, que é lembrado por sua principal obra, As proezas de João Grilo, são até hoje apreciadas (CURRAN, 2009),

Por todo Nordeste é possível encontrar obras de cordelistas atuais, cujas produções se distanciam das produções com Xilogravuras, haja vista o aumento das gráficas e editoras no contexto atual.

2 O Encantado Universo dos Cordéis

É uma literatura
Cujos temas hoje são
Aproveitados na música
Cinema e televisão
O seu valor literário
É de uma grande expansão
(Zé Maria de Fortaleza e Arievaldo Viana)

A Literatura de Cordel, no Brasil, se constitui por uma diversidade de temáticas, que vão desde as narrativas de origem europeia, histórias de reis e príncipes, por exemplo, passando pelas temáticas representativas do Sertão brasileiro, como o Cangaço e a Seca, chegando a temas de cunho social, como a Saúde e a Educação. Dentre tantas produções, se destacam alguns Cordéis que, até hoje, chamam a atenção de um grande público e podem ser considerados clássicos da Literatura de Cordel, entre eles “O Romance do Pavão Misterioso”, de José Camelo Neto, “As proezas de João Grilo”, de João Martins de Athayde “O cavalo que defecava dinheiro” e “ O testamento do cachorro”, de Leandro Gomes de Barros, “ A peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tuncum”, de João Firmino do Amaral, dentre tantos outro que narram de forma humorística, elogiosa, trágica, fantasiosa, ou contestam realidades do Sertão.

O universo dos cordéis, composto por essas diferentes temáticas, não se restringe ao passado, há ainda hoje, especialmente no Nordeste, uma grande produção literária, no Rio Grande do Norte, especificamente, destaca-se nacionalmente o poeta e cordelista Antônio Francisco, mossoerense, que ocupa a Cadeira de número 15 (quinze) na Academia Brasileira de Literatura de Cordel, ABLC. Além disso, o cordel continua inspirando outras formas de expressões artística e culturais, vemos, por exemplo, a sua forte influência na obra “O auto da Compadecida” (1955), de Ariano Suassuna. Nela, o escritor, valendo-se da riqueza dessas narrativas, levou para uma das obras mais importantes da sua carreira, o personagem João Grilo, tornando-o o centro do enredo. Vemos ainda que “O cavalo que defecava dinheiro” e

“O Testamento do cachorro” também estabelecem relações de intertextualidade com a obra “O auto da Compadecida”, que também se adaptou ao Cinema (2000). Assim sendo, reconhecemos no Cinema, nos dias atuais, a influência do cordel. Mas como destaca Debs (2010), no início dos anos de 1960, com o chamado Cinema Novo, que recusava o modelo americano de produção, com vistas a criar um cinema mais fiel à identidade nacional, o cordel influenciou diretamente a produção dos filmes “Deus e o diabo na terra do sol” (1963) e “Antônio das mortes” (1969).

“O Romance do Pavão Misterioso”, até hoje considerado o maior clássico da Literatura de Cordel é outro exemplo que não se limitou ao próprio gênero, inspirando a canção “Pavão Misterioso”, composta pelo cantor Ney Mato Grosso, tornando-se, em 1976, tema de abertura da novela, Saramandaia.

Composta por uma linguagem clara e melodiosa, a Literatura de Cordel facilmente adapta-se a outras formas de expressão artístico-culturais. A Xilogravura é talvez o maior exemplo desse diálogo. A técnica de entalhar na madeira juntou-se ao cordel para retratar de forma muito mais lúdica as narrativas que os cordelistas compõem. Um dos percussores dessa arte no Brasil é José Bernardo da Silva, que fundou a primeira escola de gravuras do Nordeste e incentivou muitos poetas a desenvolver a Xilogravura (VIANA, 2010). José Francisco Borges, J. Borges, é considerado um dos principais nomes da xilogravura, é também cordelista e começou a produzir suas próprias xilogravuras para ilustrar os cordéis de sua autoria.

Como vemos, o universo dos cordéis, além de abordar diferentes temáticas, se estende a outras formas de expressão artístico-culturais como a Música, a Literatura, o Cinema e a Televisão. Hoje, com o advento da internet, o Cordel é muito acessível. Há academias de Cordel em alguns estados do Brasil, em cujos sites podem ser encontrados cordéis raros, escritos por grandes nomes e\ou cordéis atuais, além de entrevistas, vídeos e publicação de eventos. A ideia de preservar e difundir a Literatura de Cordel é também objetivo do Museu de Cultura Sertaneja (MCS) do CAMEAM\UERN, que, através de suas ações de extensão, vem construindo um acervo de cordéis impressos e digitalizados.

3 O Cordel no Museu de Cultura Sertaneja (MCS): relatos de experiências

A literatura de cordel, conforme observamos, é uma legítima manifestação cultural do povo, especialmente do povo nordestino (do povo para o povo). Com o intuito de preservar e

difundir o patrimônio histórico-cultural do Sertão, o Museu de Cultura Sertaneja (MCS) do CAMEAM\UERN, através de suas atividades de extensão, abriga projetos que zelam por este patrimônio. Assim, sendo, durante o ano de 2012, por ocasião da inauguração do próprio Museu, deu-se início a um projeto de extensão chamado Museu de Cultura Sertaneja – MCS, o qual, dentre suas muitas metas, reservara uma série de atividades relativas à Literatura de Cordel.

As atividades realizadas foram iniciadas durante a inauguração do Museu. Na ocasião, foi aberto “O Cantinho do Cordel”, um espaço físico, que comportou a exposição de três temáticas: Alguns clássicos do Cordel, Alguns poetas do Alto-Oeste potiguar e A UERN em versos. O cordelista José Pessoa Maia (Zé Pessoa) e a cordelista Maria Eridan da Silva Santos aceitaram o nosso convite e declamaram seus cordéis para um público composto por aproximadamente 300 pessoas.

Entre os cordéis expostos no “Cantinho do Cordel”, como sugerem as temáticas, foram expostos desde os grandes clássicos da Literatura de Cordel, tais como “As proezas de João Grilo”, “O cachorro dos mortos”, “A chegada de Lampião no inferno”, “Regresso a São Saruê”, “Peleja de Zé Pretinho com Cego Aderaldo”, entre outros, passando pelo cordel “40 anos de UERN”, que relata toda a história da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, de autoria de Audaci de França e Neuman Miranda, até os cordéis como A imagem da seca, de autoria da cordelista Maria Carlos, “Pau dos Ferros 150 anos na história potiguar”, de Geraldo Peixoto, “A escolha do primeiro chefe, de Adão aos dias atuais”, de Damião Metamorfose, dentre tantos outros cordéis de autores que vivem na região do Alto- Oeste Potiguar.

Compor este espaço para o cordel, partiu do princípio de trazer para à Universidade a produção literária do povo e, conseqüentemente, apresentá-la ao povo. Assim, constitui-se como uma atividade de extensão pela qual Universidade e Sociedade estabelecem laços, abrindo-se ao diálogo. A iniciativa de deixar expostos os cordéis trouxe para a universidade crianças, jovens e adultos. Durante o período em que a exposição esteve aberta, foi recebido um grande público composto por estudantes da Rede básica de Ensino, da cidade de Pau dos Ferros e de outras cidades da região. Durante as visitas, a equipe do projeto se dividia entre mostrar os cordéis expostos, comentando alguns deles, seu conteúdo e autoria; e declamar alguns cordéis, cujas letras projetadas na parede poderiam ser visualizadas por todos. A equipe vivenciou a própria técnica de declamar o Cordel, de trabalhar ritmo e entonação apropriados, diante de um público que reagia com admiração, risos e aplausos. Retomávamos

nessas apresentações a própria história do Cordel, quando as histórias eram declamadas diante de um público que se aglomerava para ouvi-las.

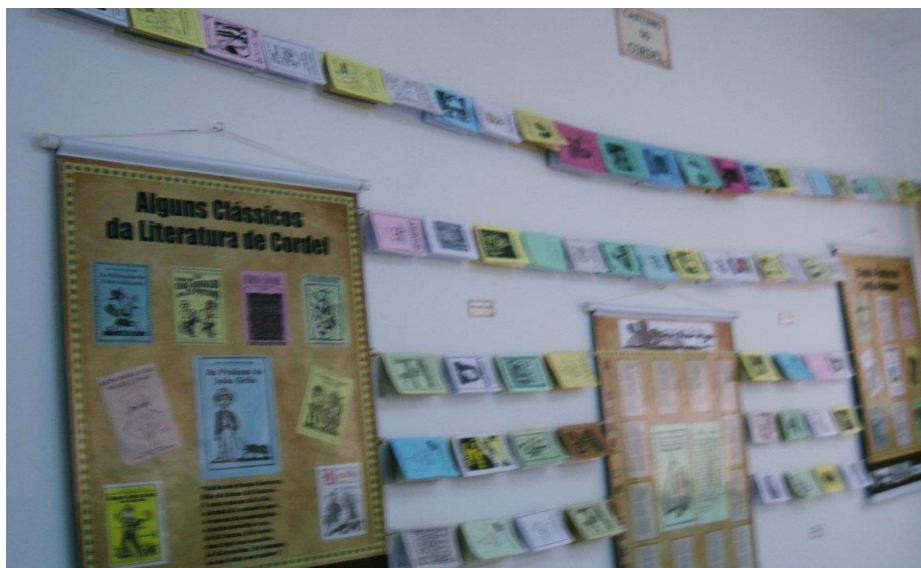


ILUSTRAÇÃO 1- “Cantinho do Cordel” no Museu de Cultura Sertaneja
Fonte: Acervo Museu de Cultura Sertaneja (MCS)

O desenvolvimento do projeto de extensão também contemplou a organização e realização de minicursos, oficinas temáticas e eventos. A realização dos minicursos deu-se na XVI Semana Universitária do CAMEAM/UERN, em 2012. “O encantado universo dos cordéis: Aventura, amor, peleja e humor no diálogo com as múltiplas artes”, ministrado pelos alunos-bolsistas da PROEX e pela professora coordenadora do projeto, abordou a relação dos cordéis com outras formas de expressão artístico-cultural. Nele foram trabalhados os cordéis “O cavalo que defecava dinheiro” que serviu de inspiração para a criação do personagem “o gato que defecava dinheiro” de Ariano Suassuna em sua obra “O Auto da Compadecida” (1955) e, consequentemente, serviu de inspiração para o Cinema, e “O Romance do Pavão misterioso”, de José Camelo Neto, adaptado para a Música e para a Televisão. O minicurso discutiu estas relações, explorou as próprias narrativas e as xilogravuras, que a elas se juntam, e a poeticidade de cada um dos folhetos.

Outro minicurso que realizamos foi “O encanto no entalhe da madeira e na corda do sertão: uma viagem pelas narrativas da xilogravura e do cordel”. Nele, apresentamos estudos acerca do cordel e da xilogravura, enfatizando a importância dessas duas formas de expressão artístico-cultural, independentes, que podem se juntar para construir sentidos, enriquecendo o aspecto lúdico das narrativas, pois, como coloca Viana (2010), a parceria entre o cordel e a

técnica da xilogravura foi uma união que deu certo, tornando-se algo essencial na produção dos folhetos (VIANA, 2010).

Obviamente, no minicurso também destacamos que o Cordel não, necessariamente, está ligado à xilogravura e que a maioria das produções feitas no interior das pequenas cidades nordestinas não têm ilustradas suas capas com essa técnica. Retomávamos, desse modo, a própria historicidade do cordel, suas “Capas cegas” (VIANA, 2010). Na ocasião foram trabalhados diferentes cordéis, fazendo-se a leitura das xilogravuras e dos folhetos, relacionando-os. Pretendíamos com isso, envolver o público na discussão, na leitura e no encanto do Cordel. Como atividade de extensão, os minicursos trazem para a sala de aula pessoas da comunidade de idades diferentes, com conhecimentos de mundo diferentes e vontade de saber sobre o que se ensina na universidade. Trazer o cordel para a Universidade é propor manter viva uma das formas de expressão artística mais característica da Cultura Popular, é chamar a atenção para os artistas da própria região e contribuir para esse conhecimento tão necessário.

Durante o I ENACLI, Encontro Acadêmico Cultural de Línguas, realizado no CAMEAM|UERN, em outubro de 2012, ofertamos a oficina “Literatura de Cordel” cujo objetivo destinava-se a atingir, em especial, um público composto por professores ou futuros professores, pois, como afirmam Marinho e Pinheiro (2012, p. 49), “o cordel tem muito material a oferecer, porém, é pouco conhecido de pais, professores e educadores em geral”. Nesta perspectiva, elaboramos atividades práticas que pudessem despertar nos participantes a possibilidade do trabalho com a Literatura de Cordel em sala de aula do ensino básico. Foram trabalhadas noções de versificação e métrica, realizadas leituras de cordéis em ritmo e entonação apropriados, e feitas pequenas produções literárias escritas acompanhadas de suas apresentações.

Com o intuito de estabelecer ainda mais relações com a sociedade, organizamos e realizamos o evento “Versos narrativas e memórias do sertão” ocorrido nos dias 18 e 19 de outubro de 2012. Para este fim, buscamos apoio na disciplina Literatura de Cordel, oferecida pelo Curso de Letras Vernáculas do CAMEAM. Os alunos dessa disciplina, sob a regência da professora. Ma. Maria Bevenuta Sales de Andrade (CAMEAM\UERN) compuseram dois cordéis, “O seco da seca é cíclico”, que estabelece relações intertextuais explícitas com o romance “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos e “Saudade doída do passado num presente confortável”, ambos foram apresentados durante a abertura do evento, após a conferência ministrada por Reinaldo Alves Teixeira, aluno do Programa de Pós Graduação em Letras da UERN, PPgL|UERN.

O momento cultural trouxe para a Universidade cordelistas locais, como Maria de Fátima Gomes (Dona Dasa), que relatou sua experiência com o cordel e fez suas apresentações, e o próprio conferencista. Ao término do evento ainda foi ofertado a todos os convidados uma degustação de comidas típicas do Sertão. No dia seguinte, ocorreu o seminário temático: “Uma leitura discursiva da poesia de patativa do Assaré: sentido, memória e identidade” ministrado pelo discente do PPgLUERN, Jocenilton Cesário da Costa. Nessas atividades, nosso propósito foi o de promover a integração, ensino, pesquisa e extensão, mostrando que a Literatura de Cordel também pode e deve ser estudada e apreciada na Academia, reconhecendo o seu valor cultural.



ILUSTRAÇÃO 2- Seminário “O encanto do cordel: uma abordagem histórica e literária” 18 de outubro 2012.
Fonte: Acervo Museu de Cultura Sertaneja (MCS)

O evento “Versos narrativas e memórias do sertão” e todas as atividades desenvolvidas durante o projeto foram realizadas de forma que pudéssemos sentir, entender e reconhecer a nossa identidade sertaneja através da Literatura de Cordel, colaborando para disseminar o conhecimento acerca de sua produção literária e trazer à memória de muitos os versos ouvidos ou lidos, incentivando aos mais jovens o gosto pela leitura de cordéis, que

hoje, como dissemos, são facilmente encontrados, haja vista a popularização da rede mundial de computadores, internet.

Além das atividades mencionadas, durante o período de desenvolvimento do projeto, criamos um arquivo de cordéis digitalizados disponível na sede do próprio Museu. Neste arquivo se encontram alguns dos grandes clássicos da Literatura de Cordel e cordéis sobre temáticas diversas, de diferentes Estados da Federação.

As dificuldades encontradas, quase sempre, foram de ordem financeira, no sentido de que ao convidarmos algumas escolas para conhecer o trabalho, algumas vezes, nos era alegada a falta de condições de locomoção. No entanto, com as visitas recebidas na sede do Museu de Cultura Sertaneja, em cada cordel recitado, em cada história que contávamos, sentíamos o quanto a comunidade do Alto-Oeste Potiguar necessita conhecer e preservar a cultura do Cordel, atribuindo o devido valor a esta forma de expressão popular.

Conclusão

As experiências com a Literatura de Cordel, durante o desenvolvimento do Projeto de Extensão Museu de Cultura Sertaneja (MCS), se propôs a resgatar a produção artístico-cultural de uma literatura que tem marcas próprias e constitui-se como um elemento de identidade sertaneja. Foi um período fundamental para a formação dos estudantes e professores envolvidos, pela oportunidade que tiveram de organizar/ministrar oficinas, minicursos e seminários, vivenciando, de perto, o cotidiano de um projeto de extensão.

Desse modo, objetivamos disseminar através da Literatura de Cordel as próprias experiências de vida do sertanejo e a sua produção literária, através das temáticas retratadas, sejam sobre problemas sociais como a seca, a fome, ou histórias de amor, pelejas, religião, mitos sobre Cangaço, entre tantas outras que caracterizam e representam o povo sertanejo, de forma humorística, elogiosa, trágica, fantasiosa, ou narradas em forma de protesto. Algumas dessas produções vão muito além do próprio gênero e estendem-se a outras formas de expressão artístico-culturais, como o Cinema, a Música, a Televisão e a Literatura. Além de estabelecer com a Xilogravura uma união lúdica que enriquece as narrativas, embora, atualmente, com a popularização das gráficas e de outros meios de impressão, ou mesmo a dificuldade dos cordelistas ao acesso a essa técnica faça surgir um cordel com novas características de impressão.

Compreendemos, assim, que as atividades desenvolvidas contribuíram para a propagação dessa forma de Cultura Popular que deve transitar entre a Universidade e a sociedade de forma recíproca.

Referências:

CURRAN, M. J. **História do Brasil em cordel**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

CAVIGNAC, J. **A literatura de cordel no Nordeste do Brasil**. Título original: la littérature de Colpoartage au Nord-Est du Brasil. Tradução de Nelson Patriota. Natal, RN: EDUFRN – Editora da UFRN, 2006.

DEBS, S. **O poder de denúncia do cordel no cinema**: O romance do vaqueiro voador, de João Bosco Bezerra Bonfim e Manfredo Caldas. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 35. Brasília, janeiro-junho de 2010, p. 129-138

MARINHO, A. C. & PINHEIRO, H. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

VIANA, A. L. **Acorda cordel na sala de aula**. 2. Ed. Fortaleza: Gráfica Encaixe, 2010.

PLANO DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL – PDI\ UERN. Aécio Cândido de Sousa (org.) Mossoró: UERN, 2008.

CÂNCER DE MAMA, A CURA É POSSÍVEL, CONHECER É NECESSÁRIO: UMA AÇÃO EXTENSIONISTA DO PROGRAMA SAÚDE EM FOCO NAS ONDAS DO RÁDIO

Suzana Carneiro de Azevedo Fernandes*

Gislane Bernardino de Freitas**

Raquel Raiza Ferreira de França***

RESUMO: O Programa Saúde em foco nas ondas do rádio é uma ação extensionista realizada pelos alunos do Programa de Educação Tutorial em Enfermagem de Mossoró – PETEM da Faculdade de enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – FAEN/UERN, que vai ao ar semanalmente aos sábados, através da Web Rádio Universitária. O programa busca levar à população discussões relacionadas a área da saúde relevantes para a sociedade no geral. Dentre as atividades do programa foi discutido a temática “Câncer de mama, a cura é possível, conhecer é necessário” em virtude do câncer de mama continuar inserido no conjunto das doenças crônicas e ser o mais temido entre as mulheres, devido à sua alta frequência e, sobretudo pelos seus efeitos psicológicos, que afetam a percepção da sexualidade e da própria imagem. A rádio possibilitou um fazer em saúde diferenciado, aproximando a população dos profissionais e permitindo a troca de saberes. A utilização de métodos de ensino inovadores, reflexivos e críticos como a comunicação falada só veio soma, trazendo benefícios tanto a universidade como a população de Mossoró e região. É percebido que esse programa otimizou a conduta de educação em saúde, ampliando os conhecimentos e especialmente contribuindo para as mudanças nos processos de aprender e produzir saúde, fortalecendo as condutas preventivas sobre diversos agravos que acomete a população. Logo, esse trabalho extensionista se configura como uma prática social que viabiliza um elo entre a sociedade e a academia.

Palavras-chave: Câncer de mama. Enfermagem. Rádio.

*Enfermeira, Doutora em Ciências Sociais (UFRN); Mestre em Enfermagem (UFRN), Professora e Diretora da FAEN/UERN e Tutora do Programa de Educação Tutorial em Enfermagem de Mossoró (PETEM). E-mail: suzanaazevedo@superig.com.br

**Graduanda do 9º período do curso de Licenciatura e Bacharelado de Enfermagem na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Bolsista Programa de Educação Tutorial de Enfermagem em Mossoró - PETEM/ UERN. E-mail: gislanefreitas@hotmail.com

***Graduanda do 9º período do curso de Licenciatura e Bacharelado de Enfermagem na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Bolsista Programa de Educação Tutorial de Enfermagem em Mossoró - PETEM/ UERN. E-mail: raquel.raiza@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

O Programa Saúde em foco nas ondas do rádio é uma ação extensionista realizada pelo Programa de Educação Tutorial em Enfermagem de Mossoró –PETEM da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, que vai ao ar semanalmente aos sábados das 11:00h às 12:00h na Web Rádio Universitária da UERN.

O sucesso do programa “A Saúde em Foco” encontra-se na indissociabilidade estabelecida entre as atividades de ensino, pesquisa e extensão. Haja vista que essa articulação permite um crescimento acadêmico e pessoal dos integrantes do grupo PETEM ao levá-los a produzir conhecimentos que tentam responder às demandas da sociedade e de cultivar o senso de cidadania e de justiça social dos ouvintes da web rádio, dando a oportunidade de discutirem os seus problemas de saúde e os seus modos de andar à vida (FERNANDES et al, 2013)

Dentre os programas de rádio realizados pelos alunos do PETEM, o câncer de mama foi uma das patologias trabalhadas, de interesse e de grande participação da sociedade. O programa que teve como temática “Câncer de mama, a cura é possível, conhecer é necessário” contou com a participação de um enfermeiro convidado com objetivo de discutir, difundir e produzir conhecimento, bem como de esclarecer dúvidas acerca da patologia, prevenção e minimização dos danos causados tanto no aspecto físico como no aspecto psicológico.

O câncer de mama é o tipo de câncer mais frequente na mulher brasileira. Nesta doença, ocorre um desenvolvimento anormal das células da mama. Elas multiplicam-se repetidamente até formarem um tumor maligno. O câncer de mama é uma doença que tem cura, se descoberto logo no início. Muitas mulheres, porém, perdem um tempo precioso, porque têm medo de procurar um médico e fazer exames. (BRASIL, 2004).

Além do rótulo de uma doença dolorosa e mortal, o paciente comumente vivencia no tratamento, geralmente longo, perdas e sintomas adversos, acarretando prejuízos nas habilidades funcionais, vocacionais e incerteza quanto ao futuro.

Muitas fantasias e preocupações em relação à morte, mutilações e dor encontram-se presentes. No câncer de mama, além das preocupações citadas acima, encontram-se presentes outras angústias ligadas à feminilidade, maternidade e sexualidade, já que o seio é um órgão repleto de simbolismo para a mulher (VENÂNCIO, 2004).

O câncer de mama é provavelmente o mais temido pelas mulheres, devido à sua alta frequência e, sobretudo pelos seus efeitos psicológicos, que afetam a percepção da

sexualidade e a própria imagem pessoal. Esse tipo de câncer representa nos países ocidentais, uma das principais causas de morte em mulheres. As pesquisas indicam o aumento de sua frequência tanto nos países desenvolvidos quanto nos países em desenvolvimento.

Diante disso, o que se pode fazer em termos preventivos é ter uma alimentação saudável e equilibrada com frutas, legumes e verduras, praticar atividades físicas, não fumar. Estas são algumas dicas que podem ajudar na prevenção de várias doenças, inclusive do câncer.

Assim sendo, entendesse que a universidade possui um papel essencial enquanto equipamento social de propagação de informações, utilizando-se por meio desta, o desenvolvimento de práticas educativas pautadas na construção e reconstrução de conhecimentos. A utilização de métodos de ensino inovadores, reflexivos e críticos como é a comunicação falada só vem à soma, trazendo benefícios tanto a universidade como a população de Mossoró e região.

Segundo Fernandes (2010), as práticas educativas em saúde visam o desenvolvimento da autonomia e da responsabilidade dos indivíduos no cuidado com a saúde, porém não mais pela imposição de um saber técnico-científico detido pelo profissional de saúde, mas sim pela valorização do espaço das relações interpessoais estabelecidas nos serviços de saúde como contextos de práticas educativas dialógicas.

Assim, esse trabalho extensionista produto da experiência de dezoito alunos do Programa de Educação tutorial da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – FAEN/UERN, tem como objetivos, promover e contribuir através do desenvolvimento de práticas de educação em saúde com a formação cidadã – individual e social dos ouvintes da Web Universitária FM com a discussão de temas relevantes na área da saúde, e de contribuir para a mudança dos processos de aprender e produzir em saúde dos alunos da FAEN/UERN.

2 A MULHER E O CÂNCER: A CURA É POSSÍVEL

A origem da palavra câncer vem do grego Karkinos e do latim Câncer, ambos significam caranguejo, por causa da semelhança entre as veias ao redor do tumor maligno e as pernas do crustáceo, no entanto, alguns acreditassem que o nome teria relação com o fato de a doença evoluir de modo similar ao movimento do animal (SANTOS et al. 2012).

O câncer continua inserido no conjunto das doenças crônicas, pois apresentam um aumento de casos descritos em todos os continentes e é responsável pelas principais causas de morte no mundo. Este pode ser visualizado como um problema de saúde pública, pelo seu elevado índice de acometimento e pelos seus vários aspectos como o diagnóstico precoce e os meios de reabilitação, física, social e psicológica, que são importantes no incentivo à luta contra esta doença (KIMURA, 2010).

O câncer de mama no Brasil é considerado a principal causa de morte por câncer entre o sexo feminino (SILVA; HORTALE, 2012). Sendo isso algo considerável e que mexe com a estrutura física e sentimentos da mulher, pois quando estabelecido um diagnóstico de câncer, esse é capaz de fazer mudanças efetivas na vida da pessoa. Considera-se que o câncer de mama envolve três fases: diagnóstico da doença (que é sentido como algo negativo), realização de um tratamento forte e agressivo e a aceitação da mudança da imagem corporal (VIEIRA; LOPES; SHIMO, 2007).

Diante desse turbilhão de pensamentos e situações, é necessário que se dê um tempo para a mulher e seus familiares para que possam lidar com esse diagnóstico tendo em vista que não é somente a imagem corporal que muda, mas diferentes aspectos da sua vida social e afetiva. As consequências devido à doença podem ser temporárias ou permanentes, pois a cirurgia mamária seja ela conservadora ou não, mesmo acompanhada de reconstrução leva a sentimentos de mutilação, dificuldade para movimento do membro superior e também a mudança da sensação tátil do seio (SANTOS; VIEIRA, 2011).

Mesmo diante de todo prognóstico da doença, deve enfatizar as possibilidades de cura e principalmente quando a doença é diagnosticada em seu estágio inicial, os tratamentos mais utilizados são cirurgias e tratamentos adjuvantes como quimioterapia, radioterapia e hormonioterapia. Deve ser enfatizado que a cura é sim possível e essa mulher deve ser estimulada a ter pensamento positivo para a melhora da sua autoestima.

Existem diversos fatores determinantes de tumores malignos, dentre eles, cita-se o aumento da expectativa de vida, a industrialização e estilo de vida, este último vinculado ao tabagismo, à alimentação inadequada, a infecções diversas, exposição solar sem proteção e atividade ocupacional insalubre (MELO, 2010).

Tendo em vista todas essas informações, percebe-se que ter o conhecimento dessa patologia se faz necessário tanto pela população feminina como para os profissionais de saúde e que a prevenção através do autoexame das mamas e da mamografia ainda são elementos primordiais para detecção precoce dessa doença.

3 METODOLOGIA

A “Saúde em foco nas ondas do rádio” é uma das atividades de extensão desenvolvida pelos alunos do Programa de Educação Tutorial em Enfermagem de Mossoró – PETEM, da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – FAEN/UERN.

O PETEM foi implantado na FAEN em novembro de 1991, funcionando até os dias de hoje. Atualmente o grupo é constituído por 12 alunos bolsistas e 6 alunos não bolsistas do curso de Enfermagem, que cursam diferentes semestres da graduação, sob a coordenação de uma professora tutora que dedicam, pelo menos, 12 horas semanais aos estudos extraclasse estando vinculados a Secretaria da Educação Superior do Ministério e da Cultura – MEC.

Segundo Brasil (2007), o Programa de Educação Tutorial (PET) se propõe a articular atividades de ensino, pesquisa e extensão. Para Tosta et al. (2006), o PET constitui-se em uma relevante iniciativa para incrementar a qualidade do ensino, da pesquisa e da extensão no âmbito universitário e para a comunidade como um todo; resgatando, pois, a responsabilidade social da Universidade.

Desse modo, o programa “A Saúde em Foco nas ondas do rádio” não foge essa compreensão. É uma atividade extensionista desenvolvida pelo grupo desde novembro de 2011, que acontece semanalmente aos sábados das 11:00h às 12:00h na grade de programação da Universitária FM, sendo localizado no endereço eletrônico <http://www.uern.br/universitariafm/> e tem como público alvo a comunidade acadêmica e população de maneira geral.

Os acadêmicos do PETEM responsáveis pela organização de cada programa se reúnem semanalmente para realização do planejamento, desenvolvimento e avaliação das temáticas a serem trabalhadas. A partir das reuniões do grupo, elencam-se os temas a serem trabalhados e os entrevistados a serem convidados com o objetivo de esclarecer dúvidas em busca da prevenção de patologias e da preservação da vida.

Os programas são gravados no estúdio da Universitária FM (Fig.1), o qual dispõe de todo aparato tecnológico necessário para o desenvolvimento do programa. Ressalta-se que as gravações ocorrem sob a supervisão de um técnico do Departamento de Comunicação Social da UERN.

Por meio do programa também é socializado entre os internautas as atividades e os eventos que estão sendo desenvolvidos na área da saúde e na comunidade, no curso de

enfermagem e pela UERN. O programa é aberto a participação dos internautas, que podem tirar suas dúvidas e discutir sobre as temáticas abordadas, como também sugerir novos temas a serem discutidos, por meio de telefone, redes sociais e emails.

Dentre os programas realizados o “Câncer de mama, a cura é possível, conhecer é necessário” foi uma das temáticas amplamente discutidas como patologia de grande interesse pela sociedade. O programa contou com a participação de um enfermeiro convidado com objetivo de difundir, elucidar e produzir conhecimento esclarecendo dúvidas acerca da patologia, prevenção ou até mesmo de minimização dos danos causados tanto no aspecto físico como no psicológico. Especificamente foram discutidas questões do tipo, o que é o câncer, como se adquire, como prevenir, como e onde se faz o diagnóstico de detecção em Mossoró, qual o hospital de referência no tratamento.

O programa foi dividido em três blocos: o primeiro bloco foi organizado para definir e esclarecer melhor a patologia para a população, no segundo bloco foi utilizado para divulgar atividades acadêmicas realizadas pela FAEN e dos demais cursos da UERN e no último e terceiro bloco foi realizada a entrevista com um enfermeiro convidado acerca do câncer de mama. Após entrevista foi aberto espaço para os internautas participarem e tirarem suas dúvidas através de ligações e emails direcionados ao programa.

A construção e planejamento dos programas na Web rádio Universitária, agracia a população enquanto os possibilitam discutir, formar concepções e significados sobre o processo saúde/doença, propiciando um espaço horizontal de troca de conhecimentos, retirada de dúvidas a respeito dos temas abordados a cada programa.

Assim, esse trabalho é fruto da experiência de dezoito alunos, com a finalidade de contribuir através do desenvolvimento de práticas de educação em saúde, estimular avanços no ensino de graduação, mediante o desenvolvimento de novas práticas e experiências pedagógicas no âmbito do PETEM do curso de Enfermagem da FAEN/UERN.

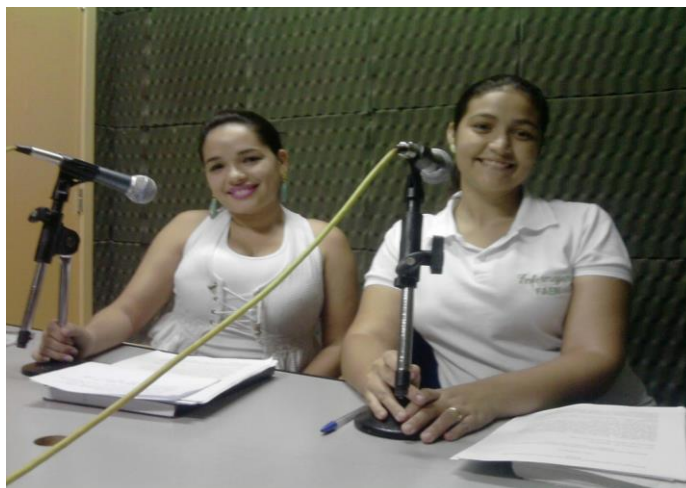


Figura 1- Programa em foco nas ondas do rádio: Câncer de mama, a cura é possível, conhecer é necessário. Mossoró-RN, 2013.

Fonte: Acervo Suzana Carneiro de Azevedo Fernandes.

4 CONCLUSÃO

A ação extencionista “Câncer de mama, a cura é possível, conhecer é necessário”, visou esclarecer a população sobre as peculiaridades dessa patologia. O programa é um instrumento para a troca de experiências e disseminação de informações através do rádio, o que permite pensar sobre um fazer em saúde diferenciado capaz de realizar uma conduta preventiva de diversos agravos que acomete a população.

A interação do público com o programa é bem evidente, tendo em vista que os assuntos abordados são bem pertinentes. E nesse programa sobre o Câncer de Mama não foi diferente, tendo em vista que o câncer é uma doença que vem se alastrando entre os lares e que causa muito espanto na população.

Ações fora dos muros acadêmicos e de unidades de saúde aproxima a população dos profissionais e das informações, logo ações deste tipo são imprescindíveis não só para a população em geral como para os acadêmicos que as executam, pois os mesmos são envolvidos a produzir conhecimento o que fortalece a tríade ensino-pesquisa-extensão.

O projeto encontra-se ainda em andamento, pretende-se com os demais programas instigar uma maior participação dos ouvintes da Web Rádio Universitária FM como também dos discentes e docentes da FAEN solicitando temas a serem discutidos, a fim de ampliar a disseminação de conhecimentos e ocupar os espaços extra sala de aula.

É percebido que esse programa otimizou a conduta de educação em saúde, ampliando conhecimento e especialmente contribuindo para a mudança dos processos ensinar/aprender em saúde dos alunos do Curso de Enfermagem da FAEN/UERN. Portanto é necessário para melhores resultados, que haja continuidade do projeto extensionista, objetivando seu fortalecimento, que mais acadêmicos e profissionais da saúde se envolvam e cultivem o senso de cidadania e de justiça social dos ouvintes da Universitária FM, dando a oportunidade de discutirem enquanto cidadãos dos seus problemas de saúde e dos seus modos de vida.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Câncer de Mama Projeto Gráfico: A cura é possível. Conhecer é necessário.** Divisão de Comunicação Social/ INCA, 2004.
- FERNANDES, S. C. de A. **As práticas educativas na saúde da família: uma cartografia simbólica.** 2010. 253f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.
- FERNANDES, S.C.A. de et al. A SAÚDE EM FOCO NA WEB RÁDIO: UM PROJETO EXTENSIONISTA. In. **Rev. Extendere.** jan/jun: 222-37, 2013. Disponível em: <<http://periodicos.uern.br/index.php/extendere/index>>. Acesso em: 29 de Agosto de 2013.
- KIMURA, C.A. et al. Reflexões para os profissionais de saúde sobre a qualidade de vida de pacientes oncológicos estomizados. In. **Com. Ciências Saúde.** 20 (4): 333-340, 2009.
- MELO, E. C. P. et al. **O problema de Câncer no Brasil.** Especializações em Enfermagem: atuação, intervenção e cuidados de enfermagem, vol. II. São Paulo: Yends, 2010. p. 9-27.
- SANTOS, D.B; VIEIRA, E.M. Imagem corporal de mulheres com câncer de mama: uma revisão sistemática da literatura. In. **Ciência & Saúde Coletiva.** 16(5):2511-22, 2011.
- SANTOS, A.L.A. et al. Avaliação da Qualidade de Vida Relacionada à Saúde em Pacientes com Câncer do Colo do Útero em Tratamento Radioterápico. In. **Revista Brasileira de Cancerologia.** 58(3): 507-15, 2012.
- SILVA, R.C.F; HORTALE, V.A. Rastreamento do Câncer de Mama no Brasil: Quem, Como e Por quê?. In. **Rev. Brasileira de Cancerologia.** 58(1): 67-71, 2012.
- VENÂNCIO, LV. Importância da Atuação do Psicólogo no Tratamento de Mulheres com Câncer de Mama. In. **Rev. Brasileira de Cancerologia,** 2004.
- VIEIRA, C.P; LOPES, M.H.B.M; SHIMO, A.K.K. Sentimentos e experiências na vida das mulheres com câncer de mama. In. **Rev. Esc Enferm USP,** 1(2):311-6, 2007.

Anexo – A



Figura 2- Premiação do trabalho extensionista que ficou classificado entre os três melhores resumos do colóquio de extensão da UERN.

Fonte: Acervo Suzana Carneiro de Azevedo Fernandes.

MEMÓRIA, CULTURA E IDENTIDADE: A EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA ESCOLA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA JATOBÁ (PATU/RN)

Dariana Maria Silvino*
Jailma Nunes Viana de Oliveira**
Tiago de Souza Mariano***
José Glebson Vieira****

RESUMO: O presente trabalho pretende apresentar algumas reflexões e ações realizadas no projeto de extensão intitulado “Memória, cultura e identidade: a educação para as relações étnico-raciais nas escolas quilombolas do Rio Grande do Norte” (PROEXT 2011), cuja abrangência é regional e que envolveu uma escola localizada na zona rural da cidade de Patu, no Estado do Rio Grande do Norte, onde se encontra a comunidade quilombola do Jatobá. As atividades previstas no referido projeto estão inseridas no contexto que engloba estudos sobre afrodescendentes e o peso do pertencimento racial na manutenção das desigualdades socioeconômicas. Uma das metas, estabelecidas no projeto, é de contribuir para a formação continuada dos professores. Dentre os objetivos, procura-se refletir sobre a implementação da temática étnico-racial na escola em questão que atende quilombolas; identificar o perfil dos docentes da comunidade quilombola; realizar um programa de pesquisa para a produção de material didático para o ensino-aprendizagem e aplicando as propostas da Lei 10.639/03 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira"; produzir uma cartilha com conteúdo didático a ser transformado em material impresso e multimídia. Nossa preocupação está direcionada para a discussão teórica e conceitual sobre quilombo e a educação quilombola. Para discutir o conceito de quilombo tomamos como referência Assunção (2009), Almeida (2002) Arruti (2008), O'Dwyer (2002) e Leite (2000), além de outros que pensam sobre a educação racial como Gonçalves e Silva (2007) e Gomes (2003).

Palavras-chave: Educação Étnico-Racial; Formação Continuada; Identidade; Quilombo.

* Graduanda no 1º período do curso de Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio Grande – UERN e Bolsista do PIBIC/CNPq. (darianamaria@hotmail.com.br)

** Graduanda no 7º período do curso de História pela Universidade do Estado do Rio Grande – UERN e Bolsista de extensão – PROEXT (jailma.viana@gmail.com)

*** Graduando no 5º período do curso de História pela Universidade do Estado do Rio Grande – UERN e Bolsista de extensão – PROEXT (tiagohist1@hotmail.com)

**** Professor Doutor do Departamento de Ciências Sociais e Política da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN e Orientador do projeto. (jglebson@gmail.com)

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo a apresentação dos resultados parciais dos estudos já empreendidos acerca das ações extensionistas previstos no projeto de extensão “Memória, cultura e identidade: a educação para as relações étnico-raciais nas escolas quilombolas do Rio Grande do Norte”, financiado pela FAPERN – Edital do PROEXT/2011, mais especificamente àqueles desenvolvidos na comunidade quilombola do Jatobá, localizada no município de Patú/RN. O projeto, em âmbito geral, trata de uma iniciativa que compreende um conjunto de ações, que têm como ponto de partida o mapeamento da situação educacional das comunidades quilombolas do Jatobá e do Pêga, localizadas nos municípios de Patu e Portalegre, respectivamente. A implantação de estudos e ações de extensão e de pesquisa na UERN, que vem antes do projeto atual, foi impulsionada pela constatação de que é significativo o peso de ser negro na manutenção das desigualdades sociais e econômicas e das mobilizações políticas pela igualdade racial. Os estudos se voltam para as lógicas identitárias operantes no processo de pertencimento, assim como as práticas sociais e políticas em torno do direito à diferença cultural e a igualdade racial. Assim, o papel da universidade pública na produção de conhecimentos que potencialize o debate contribui para a desnaturalização da desigualdade racial e subsidia a elaboração de políticas públicas de promoção da igualdade racial e equidade social.

Nessa linha, podemos mencionar o desenvolvimento de dois projetos de extensão: o primeiro, intitulado *Preconceito se Desaprende na Escola: educação para as relações étnicas e raciais*, foi direcionado à formação continuada de professores do ensino fundamental das escolas municipais de Mossoró, tendo por base a implementação da Lei 10.639/03 e contou com o financiamento do MEC, através do Programa de Apoio a Extensão Universitária – PROEXT; o segundo, *Equidade social e igualdade racial: horizontes de uma educação democrática e cidadã*, ocorreu no contexto do UNIAFRO e pautou-se em ações que visaram o desenvolvimento de debates políticos e acadêmicos no interior da UERN e na comunidade em seu entorno. O trabalho foi sobre os ciclos de desvantagens acumulativas da população afrodescendente, contextualizando a dívida social e a necessidade de promoção e implementação de políticas públicas através da institucionalização de uma agenda política e pedagógica como caminho para uma sociedade mais justa e igual, bem como de uma Universidade Pública e de qualidade mais porosa às demandas dos segmentos sociais historicamente excluídos. O resultado destas ações foi a criação do Núcleo de Estudos Afro-

Brasileiros (NEAB) da UERN. Tendo por princípio desenvolver e estimular atividades de Extensão e de Pesquisa sobre temáticas relacionadas às questões de raça, cor e etnia, o NEAB tem como um de seus objetivos gerar conhecimento novo e relevante sobre questões relativas a essas temáticas.

Tais ações constituem uma tentativa de reestabelecer práticas de pesquisa e extensão na área da igualdade racial e combate ao racismo e à discriminação, visando à inclusão social de populações historicamente destituídas do acesso à educação formal, como por exemplo, os estudantes negros que ingressaram na universidade e as comunidades quilombolas da região oeste potiguar, que ainda carecem de ações mais efetivas. A intenção é que se reforce não apenas a educação formal, mas que se busque focar também outros saberes, outras formas de ensinar e modos de transmissão de conhecimento, os quais serão acessados por meio da observação, do registro de memória, da cultura e identidade. Por outro lado, a universidade pública adquire um papel importante no debate sobre tais questões e pode contribuir para desnaturalizar a desigualdade acentuada por questões de cor. A formação continuada de professores se faz necessária, visando possibilitar a estes uma consciência crítica sobre sua localidade e relações sociais dentro da escola. O material didático pedagógico visa, então, ajudar na compreensão e no combate ao racismo e na valorização da cultura e história afro-brasileira e africana.

APLICAÇÃO DO PROJETO DE EXTENSÃO NA ESCOLA DA COMUNIDADE NEGRA DO JATOBÁ

A comunidade do Jatobá está localizada no norte do município de Patu, no estado do Rio Grande do Norte, compreendendo uma área de 81 hectares. A escolha da comunidade decorreu do fato de ter sido a primeira comunidade quilombola a obter o reconhecimento, por parte do INCRA, de sua especificidade e do direito à posse do seu território tradicional. É o que se observa no trabalho de Assunção (2009, p. 139), ao transcrever a certidão de autorreconhecimento:

O presidente da Fundação Cultural Palmares no uso de suas atribuições legais conferidas pelo art. 1º da lei Nº 7.668 de 22 de agosto de 1988, [...] que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do ADCT [...] da Constituição Federal de 1988, **certifica que a comunidade Jatobá** localizada no município de Patu, Estado do Rio Grande do Norte registrada no livro de cadastro geral [...] **é remanescente das comunidades dos quilombos.**

Assim, o espaço de construção social dos quilombolas do Jatobá começa desde a compra da propriedade até a chegada dos primeiros moradores ao lugar. Cabe ressaltar que o território do Jatobá foi sendo construído a partir de heranças deixadas por Manoel Gonçalo de Lima, um escravo que deixou muitos filhos herdeiros, de modo que a terra foi sendo comprada à medida que seus herdeiros iam vendendo-a.

O projeto a ser executado na comunidade quilombola do Jatobá tem como prazo de execução os meses entre março e dezembro de 2013. A equipe de execução é composta por docentes pesquisadores da área de Antropologia e de bolsistas dos cursos de Ciências Sociais, Serviço Social e História da UERN. A equipe planejou a realização de reuniões distribuídas de forma semanal, a fim de discutir e avaliar as ações que vieram a ser concluídas e traçar as estratégias para ações posteriores na comunidade. Aliado ao trabalho de campo, anteriormente aconteceram os seminários internos que tiveram como objetivo envolver a equipe empenhada e os demais interessados no tema, a fim de debater e refletir sobre a educação quilombola, teorias de etnicidade e resistência quilombola, políticas públicas e legislação, assim como debater sobre a pesquisa com comunidades quilombolas compartilhando as memórias e as mídias utilizadas para conhecer a vivência e as histórias de vidas. Com o trabalho de campo, a intenção será desenvolver várias atividades na escola da comunidade negra do Jatobá envolvendo o corpo docente.

Já foi realizado o mapeamento da situação educacional das comunidades quilombolas a partir de questionários respondidos pelos professores da comunidade que foram entrevistados pela equipe, bem como a apreensão da realidade da escola tornando possível a tabulação dos dados. Durante as entrevistas, percebemos que os professores da escola não dispunham de conhecimentos no que diz respeito à escola diferenciada para os quilombolas. Segundo informações já coletadas, a escola Lauro Maia oferece os ensinos Infantil e Fundamental I. As turmas são divididas em três salas, sendo uma que contempla a alfabetização, outra as turmas de 1º ao 3º ano e a terceira as turmas de 4º ao 5º ano, englobando alunos quilombolas e não quilombolas.

A escola possui três professoras, uma reside na comunidade do Jatobá e as outras duas residem na cidade de Patu. Outra finalidade prevista, posterior ao momento de entrevista e tabulação dos dados, é o curso de formação, que será voltado para os professores da escola localizada na comunidade quilombola e terá uma carga horária total de 130 horas, as quais serão divididas da seguinte forma: 40 horas destinadas às atividades teóricas; 60 horas para atividades práticas, como oficinas (entrevistas, estudo de campo) e 30 horas para análise dos dados e elaboração de material didático.

O embasamento teórico do curso terá como referência as proposições da Lei nº 10.639/03. Diante dessa lei serão incluídos temas como: análise do Projeto Político Pedagógico da Escola e a diversidade cultural; currículo e a História e Cultura da África e Afro-brasileira; o negro e sua inserção nas plataformas midiáticas, refletindo a imagem reproduzida sobre ele nos meios de comunicação. Ademais, tais temáticas estão sendo trabalhadas dentro dos seminários internos, e a partir do planejamento do curso é promovida a preparação para tratar das questões relativas a quilombo e à educação étnico-racial a serem incorporadas ao trabalho logo adiante. Perante todo esse processo de coleta de dados, questionários, observações, curso, oficinas que envolvem registros em diários de campo e em formatos midiáticos (vídeos, gravações, fotos) um dos resultados esperados no nosso trabalho é a produção de material didático pedagógico sobre história, cultura e identidade dos quilombolas, possibilitando a produção de uma cartilha com conteúdo didático contendo a memória da comunidade quilombola do Jatobá.

RESSIGNIFICAÇÕES DO CONCEITO DE QUILOMBO

Dentro do projeto em andamento, torna-se importante a discussão sobre questões essenciais no trabalho com a formação de professores voltado para a educação étnico-racial, pois na tradição popular do Brasil há muitas variações no significado de quilombo, ora associado a um lugar (estabelecimento singular), ora a um povo que vive neste lugar (várias etnias que o compõem). Com base em Leite (2000, p. 333), pode-se afirmar que os quilombos estão remetidos a uma luta política. Tal contexto requer uma reflexão científica para que se possa construir a identidade quilombola a partir das próprias comunidades. Se antes o quilombo constituiu um foco de resistência para os africanos contra o escravismo colonial, atualmente ganhou dimensões e importância no cenário nacional pela luta dos afrodescendentes por seus direitos, o que também contribuiu de forma significativa tanto na política quanto na economia, social e culturalmente.

O antropólogo Kabengele Munanga acredita que ao recuperar a relação de quilombo com a África, o brasileiro também é considerado uma cópia do africano (MUNANGA, 1995, *apud* LEITE, 2000, p. 336). Podemos associar com o que pensa Arruti (2008), segundo o qual o quilombo é uma extensão da África. Além disso, para Munanga (1995), ao partir da ideia de quilombo, admite que esta sempre esteja passível de adjetivações, com caráter polissêmico, e não apenas como objeto de disputa e conflito. A característica que torna singular o quilombo do período colonial e o do atual para Clóvis Moura (1981) é a certa capacidade de

organização de grupo. Somente na década de 1980 é que conceitos teóricos como unidade fechada, igualitária, coesa e restritiva, foram modificados (MOURA, 1981 *apud* ARRUTI, 2008). Sendo assim, ficaram ultrapassados tais conceituações, requerendo-se dos antropólogos um novo reposicionamento frente a eles. Pois o significado de quilombo que ficou disseminado foi a versão que o ligava ao Quilombo de Palmares, uma unidade guerreira, supostamente isolada e autossuficiente.

Almeida (2002) parte do conceito de quilombo proposto num alvará de 3 de março de 1741 e que se tratava de uma resposta ao rei de Portugal. O referido autor caracteriza tal conceito como “frigorificado”, ou seja, um conceito em que persistiu em sua forma inicial até recentemente, estático e disseminando estereótipos. Nele, pode-se perceber que o quilombo está ligado a ideia de fuga, com uma quantidade mínima de fugidos, localizados isoladamente em ranchos e com uma transação comercial externa. A relativização é importante, pois tal noção de quilombo não se aplica atualmente, já que o trabalho escravo não existe e as pessoas que compõem o quilombo não estão isoladas das atividades da área urbana.

Ainda nesse aspecto, os juristas da sociedade colonial também são responsáveis por tomarem o quilombo por uma visão pormenorizada. A decadência dos grandes latifúndios levou à diminuição da coerção da força de trabalho escrava. Nesse momento, o quilombo passa a ser visualizado como local de produção para consumo próprio e circuitos de mercado próximos. Porém, o deslocamento do conceito de quilombo pouco ou nada mudará no período imperial. Logo, é importante um deslocamento conceitual sendo que “não é discutir o que foi, e sim discutir o que é e como essa autonomia foi sendo construída historicamente” (Almeida, 2002, p. 53).

Com a implementação do artigo 68 da Constituição Federal de 1988, o Estado solicitou uma definição de quilombo à Associação Brasileira de Antropologia (ABA) com o intuito de trabalhar com as demandas mais recentes de quilombolas no Brasil. Um dos aspectos que não deixa dúvida é de que não é o indivíduo que identifica os sujeitos de direitos, e sim, sua condição de membro do grupo, como proposto pela Convenção 169 sobre Povos Indígenas e Tribais em Países Independentes da Organização Internacional do Trabalho (OIT) aprovada em 1989. O significado é remetido à ideia de nucleamento e a uma experiência intra e intergrupos. Mas, para os especialistas da área, não foi nada fácil chegar nessa definição, pois cada comunidade possui suas particularidades e não são homogeneizados em seus hábitos, crenças e ritos. Por isso é importante relativizar a própria noção de quilombo, desfazendo a ideia de isolamento e de população homogênea ou decorrente dos processos de insurreição.

O'Dwyer (2002) pensa o quilombo a partir da Constituição Federal de 1988, que irá adquirir um novo significado com o artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT), ao mesmo tempo em que busca distanciar-se da impressão técnica de tais documentos. O artigo constitucional apresenta um novo caráter fundiário, dando ênfase à cultura, à memória, à história e à territorialidade, uma inovação no Brasil, que é o reconhecimento do Direito Étnico. Para Arruti (2008, p. 4), há “uma plasticidade do conceito histórico de quilombo”. O artigo 68 tem uma formulação vaga e desinformada, ao mesmo tempo em que aponta para ressemantizações da compreensão do termo quilombo. Originada no seio da legislação colonial e imperial, na qual a repressão abarcava vários tipos de casos em que se concebesse um quilombo, o significado de quilombo era simplesmente um “objeto de repressão”. Com a historiografia recente revelando várias situações, vai-se compreendendo o grupo de quilombos em várias direções dentro da sociedade tanto rural, quanto urbana. Dessa forma, Arruti (2008, p. 9) é enfático ao demonstrar a fragilidade e superficialidade das discussões acerca da construção do artigo 68:

Segundo um representante do Fórum Estadual de Comunidades Negras de São Paulo, a militância negra à época tinha, de fato, mais dúvidas que certezas com relação ao artigo e o seu texto final foi mais resultado de um esgotamento das referências e do tempo de debate, do que de qualquer consenso.

Arruti (2008) propõe então produzir um olhar genealógico sobre o artigo 68 e sobre a forma pela qual ganhou eficácia. Uma primeira genealogia trouxera a ideia de fazer do artigo 68 (ADCT/CF-88) um símbolo da “resistência negra” e da falta de políticas para essa parte da população, constituindo-se como um elemento de afirmação e de reparação. Uma segunda genealogia partiu da militância pela Reforma Agrária e o direito camponês, que pressionou a Constituição de 1988 na direção de avanços nesses setores. O artigo 68 era uma alternativa a essas demandas, pois pressionava o ordenamento jurídico a reconhecer a legitimidade daqueles que faziam uso comum da terra.

Essa legislação, apesar dos limites e vácuos conceituais, foi construída com a intenção de assegurar políticas, procurando dar uma resposta na área de educação da população afrodescendente, no sentido de dar prioridades às políticas de reparação, de reconhecimento e valorização de sua história, cultura e identidade; que o estado e a sociedade tomem medidas para reparar os descendentes de africanos negros dos danos psicológicos, políticos e sociais; e propõe concretizar iniciativas de combate ao racismo e outras formas de discriminações. Assim sendo, *quilombo* ou *remanescente de quilombo*, termos usados para conferir direitos territoriais, irão permitir a concepção de um mapa inédito na atualidade, reinventando novas

figuras do quadro social. Porém, antes de pensar o conceito de quilombo de uma forma mais complexa, cabe entender quem são os sujeitos “remanescentes”.

As situações de contato permitem perceber as comunidades originárias de quilombos ligados às propriedades sociais e culturais herdadas continuamente no tempo e no espaço. Essa abordagem, segundo O’Dwyer (2002), tem orientado os relatórios de identificação – laudos antropológicos – inseridos no contexto de aplicação dos direitos constitucionais das comunidades e também dentro de um contexto de pressão por parte do movimento negro. De toda forma, é uma situação delicada, já que o antropólogo se depara com situações nas quais a categoria quilombo é representativa de interesses diversos pelos sujeitos históricos. Nesse sentido, a memória coletiva da sua ancestralidade e o território são características, ou categorias-chave, para a compreensão dos modos de vida e das estratégias específicas de comunidades quilombolas, assim como a própria formação de comunidades negras rurais no Brasil.

Dessa forma, é necessário um significado de quilombo mais atual, segundo as especificidades dos quilombos no século XXI. O resultado será um modelo normativo capaz de apreender o melhor possível a realidade social. O conceito contemporâneo de quilombo atendeu a uma demanda coletiva pela pluralização dos direitos; ao atrelá-lo ao ato de nomeação do Estado, leva a cristalizar essas novas identidades surgidas sob esse novo conceito. O discurso antropológico acaba colaborando para as ações divisórias do Estado com uma nova categoria de classificação para reduzir as demandas a um modelo jurídico-administrativo:

A última ressemantização antropológica do quilombo rompeu com o modelo idealizado de Palmares, mas não rompeu com a necessidade de propor um modelo... A definição empírica de Quilombo elaborada pela equipe do PVN a partir do “caso Frechal” dá origem, por meio da generalização de suas características, a uma definição descritiva de caráter normativo, composta por itens como: ruralidade, forma camponesa, terra de uso comum, apossamento secular, adequação a critérios ecológicos de preservação dos recursos, presença de conflitos e antagonismos vividos pelo grupo e, finalmente, mas não exclusivamente, uma mobilização política definida em termos de autoafirmação quilombola (ARRUTI, 2008, p. 27).

A observação dos processos de construção dos limites étnicos e sua persistência no caso das comunidades negras rurais permite considerar que a afiliação étnica é tanto uma questão de origem comum quanto de orientação das ações coletivas no sentido de destinos compartilhados. O’Dwyer (2002) ainda considera que a cultura não é igual em todos os grupos, pois estes sofrem alterações ao longo do tempo, onde o sujeito terá interações e

experiências distintas. Desse modo, contemporaneamente, O'Dwyer (2002) define o termo quilombo consistindo em grupos que desenvolveram práticas cotidianas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos e na consolidação de um território próprio, onde a utilização dessas áreas obedece à estação das atividades, sejam agrícolas, extrativistas ou outras, caracterizando diferentes formas de uso e ocupação dos elementos essenciais ao ecossistema, que tomam por base laços de parentesco e vizinhança, assentados em relações de solidariedade e reciprocidade.

Nesse sentido, é preciso pensar que a noção de quilombo ultrapassa a ideia de apenas um lugar de preservação, projetando a comunidade quilombola para o futuro. Saber como eles se definem e o que praticam é crucial nos avanços de reconhecimento e efetivação de direitos. Quem classifica está numa posição bastante arbitrária, pois quem é que define o outro? A discussão e o estudo responsável das comunidades, assim como de suas conceituações nos permitem evitar omissões ou erros em torno de um grupo que passa por um processo inédito de reconhecimento e valorização de sua cultura, história e território. Portanto, fica mais fácil entender tanto a proposta da educação étnico-racial para a formação de professores, quanto para a aprendizagem dos alunos quilombolas da Comunidade do Jatobá.

DISCUTINDO A EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL

É de suma importância o estudo da história dos quilombolas na afirmação da identidade do povo brasileiro e a sua inclusão no currículo da Educação Básica para a formação da nacionalidade. A educação das relações étnico-raciais institui aprendizagens entre brancos e negros, e a troca de experiências para construir uma sociedade justa e igual. Podemos dizer que a educação dos quilombolas é apenas uma ação que promove o resgate da cultura de seu povo por meio do ensino. Os cidadãos devem ser educados enquanto pessoas que convivam com diferentes sujeitos, comportamentos, a fim de formar uma sociedade multicultural pluriétnica e democrática.

Ao tratar de ensino/aprendizagem, Gonçalves e Silva (2007) discute acerca de identidade de conhecimento. Pensando no processo de inserção da cultura quilombola ao saber escolar, o Conselho Nacional de Educação (CNE), através da lei 10.639/03, introduziu a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, pois cientes das desigualdades e discriminações que atingem a população negra, grandes são os desafios para que essa temática seja implantada no currículo pedagógico das escolas das comunidades

quilombolas. Pois o objetivo do ensino é promover a igualdade entre os povos para que homens e mulheres exerçam seus direitos políticos, sociais e econômicos. Desta forma,

sendo capazes de reconhecer e valorizar visões de mundo, experiências históricas e contribuições dos diferentes povos que tem formado a nação, bem como de negociar prioridades, coordenando diferentes interesses, propósitos, desejos, além de propor políticas que contemplem efetivamente a todos. (GONÇALVES E SILVA, 2007, p.490).

Analisando tal contexto, faz-se necessário que a escola enquanto um espaço que acolhe os cidadãos propicie ações que possam combater a exclusão racial. Deve-se ter o reconhecimento e a valorização da diferença para que o respeito às minorias seja garantido. Mesmo com as garantias legais, os negros ainda têm o sentimento de não pertencimento à sociedade brasileira. Restaram a eles os piores empregos, a menor escolaridade, provocando discriminação e exclusão social. Portanto, é preciso reformular o fazer pedagógico e o modo como lidamos com a diferença. Para não nos fecharmos em uma sociedade monocultural, segundo Gonçalves e Silva (2007) é preciso redefinir conceitos, a começar pela educação.

Pode-se pensar a educação quilombola como uma ação que visa manter um ensino que promova o resgate da cultura de seu povo. É o que está expresso na Lei 10.639/03, cuja ênfase recai sobre a questão da análise do currículo político pedagógico, no qual precisa ser garantido o ensino e História da Cultura Afro-Brasileira e Africana. Mediante tal proposta, é fundamental que nos estabelecimentos de ensino seja trabalhado e problematizado o racismo que está presente tanto nos espaços escolares como nos não escolares.

No mesmo caminho, a resolução nº 8 de 20 de novembro de 2012 através do Conselho Nacional de Educação define diretrizes curriculares nacionais para a educação escolar quilombola básica. A legislação assegura políticas públicas, dando destaque ao reconhecimento e valorização da história, cultura e identidade dos quilombolas. Ainda propondo efetivar iniciativas de combate ao racismo e outras formas de discriminação, essas políticas oferecem à população negra o direito de cursarem cada um dos níveis de ensino na educação escolar, atuando como cidadãos responsáveis, participativos e que desempenham também suas funções na sociedade brasileira.

Nesse sentido, Gomes (2003) faz uma reflexão sobre a educação e diversidade cultural, na qual essas não se dão apenas no reconhecimento do outro como diferente, mas também significa pensar a relação entre o eu e o outro. É assim que cabe a presença da escola como um espaço sociocultural, possibilitando a junção e o encontro dessas diferentes culturas, sendo garantida, assim, a cidadania a todos. Faz-se necessário inserir no processo de educação

a possibilidade de discussão sobre questões como a diversidade cultural. Ao considerarmos o outro, não deixamos de focar a atenção sobre o nosso grupo, a nossa história, o nosso povo, ou seja, falamos o tempo inteiro em semelhanças e diferenças. Assim sendo, o campo da educação ainda precisa avançar e compreender melhor o que significa a diversidade cultural:

Refletir sobre a escola e a diversidade cultural significa reconhecer as diferenças, respeitá-las, acertá-las e colocá-las na pauta das reivindicações, no cerne do processo educativo [...] reconhecer essas diferenças implica romper com preconceitos, superar as velhas opiniões formadas sem reflexão, sem o menor contato com a realidade do outro (GOMES, 2003, p. 73).

Desse modo, o fato de possuímos valores comuns não nos torna idênticos. Essa é uma discussão sobre a diversidade que precisa estar presente na escola. Logo, Gomes (2003, p. 76) pensa a cultura negra e a educação a partir de certo viés, no qual negros e brancos são iguais geneticamente, mas possuem uma vivência histórico-social e cultural diversa. Infelizmente, aqueles acabaram dentro de uma lógica hierarquizada, inseridos numa prática de dominação.

Assim, tais questões precisam ser trabalhadas nos espaços escolares. É fundamental que a escola, juntamente com a sociedade civil, posicione-se quanto às ações de combate a esse tipo de exclusão. Dessa forma, a escola ajuda na localização do educador nas discussões e na inclusão de tais assuntos no currículo escolar, pois o professor também está interligado a uma postura política. De fato, os negros precisam ter conhecimento da realidade para poder transformá-la. A própria cultura negra está imbuída de influências de outras culturas, e, por isso, a escola deve evitar que a cultura negra adquira um aspecto engessado, e, conseqüentemente, aceitado de suas práticas e permanências na sociedade atual.

O que falta é a compreensão de como esses sujeitos negros reinventam tradições culturais de matriz africana e como são disseminadas por meio de variadas expressões culturais. Conseqüentemente, junto com a educação, temos uma pedagogia corporal, ambos estão interligadas, e, assim, constitui-se em um ponto que merece ser trabalhado, visando destacar a importância da cultura negra, tanto no modo de se vestir, quanto nas formas de cabelo, na qual o corpo negro passe a ser visto como símbolo de beleza.

Para isso, o entendimento da manipulação de suas diferentes partes (do corpo negro), entre elas o cabelo, pode ser um dos caminhos para a compreensão da cultura negra em nossa sociedade. Desse modo, discutir a cultura negra é “ressignificar e construir representações positivas sobre o negro, sua história, sua cultura, sua corporeidade e sua estética” (Gomes, 2003, p. 81). A mesma autora entende que a relação ensino/aprendizagem se constrói no campo dos valores, das representações e de diferentes lógicas. A autoestima da população

negra é um dos elementos fundamentais a serem considerados para que estes sujeitos sociais construam solidamente sua autonomia, pois o principal problema enfrentado pelos estudantes quilombolas é a discriminação racial.

Não obstante é necessário repensar os currículos e as práticas pedagógicas, pois isso significa um avanço para diminuir as desigualdades sócio-raciais, pois o espaço escolar deve ser o lugar onde se aprende a convivência respeitosa com as diferenças (Nascimento, s/a, p. 1). O fato de existirem poucos professores quilombolas nas escolas, faz com que a lei 10.639/2003 tenha pouca eficiência. É necessário o comprometimento das administrações municipais na formação dos educadores e no estabelecimento de gestores fixos e competentes. Para tanto, cabe a nós refletirmos que:

O processo pedagógico para as comunidades quilombola difere-se dos demais, em função de estar baseado em uma pedagogia vinculada a um movimento de luta social visando reparações, reconhecimento e valorização da identidade, da cultura e da história dos negros e negras brasileiras, que considera o conjunto das dimensões da formação humana, pois ela tem o ser humano como centro, sujeitos de direitos, ser em construção respeitando as suas temporalidades, para que eles despertem o seu próprio raciocínio'' (NASCIMENTO, s/a , p. 10).

Em síntese, a proposta da educação quilombola é a de possibilitar que professores reconsiderem e repensem novamente, à luz da experiência dos quilombos contemporâneos, o papel da escola como fonte de afirmação da identidade nacional. É obrigação da escola a transmissão da história dos quilombos contemporâneos e de sua situação atual. Difundir os saberes dessas populações entre todas as crianças brasileiras é relevante como um meio de compreensão e de afirmação de nossa identidade multiétnica e pluricultural, em que se deve basear a defesa consciente dos valores da cidadania. Tais questões são importantes na medida em que se reflete a luta dos quilombolas na busca por seus direitos e garantias de uma educação diferenciada, dando-lhes a oportunidade de ampliar suas culturas, ritos, conhecimentos, etc., a partir da valorização destes no espaço escolar.

CONCLUSÃO

O trabalho em questão visou, em vista desses aspectos, abarcar as discussões mais pertinentes relacionadas a uma proposta de educação étnico-racial na comunidade negra do Jatobá a partir de um curso de formação de professores. Tal processo não foi feito sem antes realizarmos uma reflexão que pontue o que de mais essencial une a comunidade: o ser

quilombo. A conceituação ressignificada de tal termo, atendendo as especificidades da questão, se mostrou importante na medida em que o quilombo não poderia ficar relegado a um passado que nada representa as questões do presente. Dessa forma, o projeto de educação étnico-racial, além de inserir os professores e os alunos em uma dinâmica de pesquisa e extensão que promove o desenvolvimento social, cultural e científico, promove também a produção de conhecimento que gera intercâmbios e propõe alternativas de transformação, propiciando à comunidade quilombola envolvida uma agenda e ações voltadas para a estruturação de um ensino que contemple sua história e a valorização de sua cultura e transmissão de conhecimentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Os quilombos e as novas etnias**. In: *Quilombos: identidade étnica e territorialidade*. Eliane Cantarino O'Dwyer (org) – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. P. 43-82.

ARRUTI, José Maurício. **Quilombos**. Em: *Raça: Perspectivas Antropológicas* [org. Osmundo Pinho] ABA – Editora Unicamp – EDUFBA, 2008. P. 1-33.

ASSUNÇÃO, Luiz. **Jatobá: ancestralidade negra e identidade**. Luiz Carvalho de Assunção - Natal, RN: ADUFRN- Editora da UFRN, 2009. P. 1-140

GONÇALVES E SILVA, Petronilha Beatriz. **Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil**. Em: Revista Educação. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63). set./dez. 2007. P.489-506.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e Diversidade Étnico-cultural**. Em: Diversidade na educação: reflexões e experiências. Marise N. Ramos; Jorge M. Adão; Graciete M. N. Barros (coords.) – Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2003^a. P. 68-76.

NASCIMENTO, Olindina Serafim. **Proposta de educação quilombola para as escolas das comunidades quilombolas do sapê do Norte**. s/a, p.1-18

LEITE, Ilka Boaventura. **Os Quilombos no Brasil Questões Conceituais e Normativas**. *Etnográfica*, vol. IV (2), 2000, P. 333-354.

O'DWYER, Eliane Cantarino. **Introdução – Os quilombos e a prática profissional**. Em: *Quilombos: identidade étnica e territorialidade*. Eliane Cantarino O'Dwyer (org) – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. P. 13-42.

RESOLUÇÃO Nº 8 DE 20 DE NOVEMBRO DE 2012. Conselho Nacional de Educação – Câmara de Educação Básica. Em: Diário Oficial da União Nº 224, 21 de novembro de 2012. P. 26-30.

SAÚDE EM FOCO NA WEB RÁDIO: CARTA DOS DIREITOS DOS USUÁRIOS DA SAÚDE

Suzana Carneiro de Azevedo Fernandes
Ana Géssica Costa Martins
Cindy Damaris Gomes Lira
Jéssica Micaele Rebouças Justino
Maria Kalídia Gomes Pinto

RESUMO: O modo como os indivíduos estão inseridos na sociedade é refletido diretamente no processo saúde-doença nos determinantes biológicos, econômicos, sociais, políticos e culturais. Diante disso, ressalta-se a importância de se valorizar o direito à informação como condição básica para o exercício pleno da cidadania. A rádio constitui-se como meio de comunicação acessível às diversas faixas etárias e camadas sociais da população, sendo bastante utilizado no cotidiano para veiculação de informações diversas para a população. Esse trabalho produto da experiência dos alunos do Programa de Educação Tutorial em Enfermagem de Mossoró (PETEM) da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (FAEN/UERN) tem como objetivos: promover e contribuir através do desenvolvimento de práticas de Educação em Saúde com a formação cidadã individual e social dos internautas da Universitária FM e de contribuir para a mudança dos processos de aprender e produzir em saúde dos alunos do curso de Enfermagem da FAEN/UERN. São programas realizados semanais, aos sábados das 11:00h às 12:00h na Universitária FM. O sucesso do programa “A Saúde em Foco” encontra-se na indissociabilidade estabelecida entre as atividades de ensino, pesquisa e extensão. Haja visto que essa articulação permite um crescimento acadêmico e pessoal dos integrantes do grupo PETEM ao levá-los a produzir conhecimentos que tentam responder às demandas suscitadas pela sociedade e de cultivar o senso de cidadania e de justiça social dos ouvintes da web rádio, dando a oportunidade de discutirem os seus problemas de saúde e os seus modos de andar a vida.

Palavras-chave: Saúde. Rádio. Defesa do Usuário.

* Enfermeira, Doutora em Ciências Sociais (UFRN); Mestre em Enfermagem (UFRN), Professora e Diretora da FAEN/UERN e Tutora do Programa de Educação Tutorial em Enfermagem de Mossoró (PETEM). E-mail: suzanaazevedo@superig.com.br

** Graduanda do 5º período do curso de Licenciatura e Bacharelado de Enfermagem na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Bolsista Programa de Educação Tutorial de Enfermagem em Mossoró - PETEM/ UERN. E-mail: kekinha_martins23@hotmail.com

*** Graduanda do 5º período do curso de Licenciatura e Bacharelado de Enfermagem na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Bolsista Programa de Educação Tutorial de Enfermagem em Mossoró - PETEM/ UERN. E-mail: cindydamarislira@hotmail.com

**** Graduanda do 5º período do curso de Licenciatura e Bacharelado de Enfermagem na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Bolsista Programa de Educação Tutorial de Enfermagem em Mossoró - PETEM/ UERN. E-mail: jessica.micaelle@hotmail.com

***** Graduanda do 7º período do curso de Licenciatura e Bacharelado de Enfermagem na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Bolsista Programa de Educação Tutorial de Enfermagem em Mossoró - PETEM/ UERN. E-mail: kalidiag21@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Os recursos tecnológicos e midiáticos existentes na sociedade hodierna encontram-se inseridos no cotidiano das pessoas como forma de interagir com outras, ampliar e difundir culturalmente novas formas de conhecimento, assim como oportuniza a (re) criação e adoção de novos hábitos e identidades perante o contexto social em que os indivíduos encontram-se inseridos.

Para Fernandes et al (2013) com o avanço da globalização e consequentemente dos recursos tecnológicos, a internet assume destaque nesse meio e passa a ser considerada como um dos veículos de comunicação mais eficiente, pelo fato de interligar o mundo inteiro através de um conglomerado de redes de computadores de forma que os usuários a ela conectados possam usufruir de serviços de informação de alcance mundial.

No contexto educacional enquanto mídias de comunicação contemporâneas a Internet e o Rádio em sua forma associativa (Web Rádio) apresentam-se como meios de veiculação e propagação de informações relevantes ao trabalho do enfermeiro, pois possibilita o desenvolvimento de estratégias inovadoras e habilidades interativas fundamentais para promover cuidados em saúde, devendo então, ser visualizada como ferramenta útil de promoção e valorização da condição básica para exercício pleno da cidadania.

Assim, trabalhar temas relacionados à saúde utilizando para tanto a Web Rádio como ferramenta pedagógica é de extrema relevância, uma vez que este meio de comunicação propicia uma abordagem inovadora, dinâmica, interativa e de ampla abrangência.

Atualmente, o modo como os indivíduos estão inseridos na sociedade é refletido diretamente no processo saúde-doença, o qual não está relacionado apenas aos determinantes biológicos, mas também a fatores econômicos, sociais, políticos e culturais. Logo, fatores como longas jornadas de trabalho, estresse diário, hábitos alimentares inadequados, sedentarismo, entre outros, devem ser considerados, pois possuem estreita relação com o surgimento de agravos e diminuição da qualidade de vida Fernandes et al (2013).

A concepção do processo saúde-doença como resultante de fatores bio-psíquico-sociais permeia todas as políticas públicas em saúde instituídas após a Constituição Brasileira de 1988, que define a saúde como um direito de todos os cidadãos e um dever do Estado, garantida mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução dos riscos de adoecer e o acesso universal e igualitário às ações serviços (BRASIL, 1988).

Sob a égide do arcabouço constitucional de 1988, vivemos democraticamente respaldados por leis e princípios que amparam legalmente os direitos e a participação social na (re) construção permanente de políticas públicas voltadas à saúde Backes et. al (2009).

Nesse ínterim, a participação social no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS) não está limitada apenas a garantia de acesso ao sistema, mais que isso, é primordialmente essencial despertar a conscientização política e o engajamento dos usuários na luta por melhorias nas políticas públicas de saúde, tornando-os co-participes nas decisões e implementações das ações de promoção, proteção e recuperação da saúde.

Reeditada em 13 de agosto de 2009, a Carta de Direito dos Usuários da Saúde reúne princípios que asseguram ao usuário o acesso digno ao SUS. E ainda fornece uma série de informações sobre direitos e dever do usuário na hora de buscar atendimento em saúde, traz ainda informações referentes à efetivação e a importância do controle social perante o SUS, manifestado mediante a participação social nas ouvidorias, conferências e conselhos de saúde.

A Carta dos Direitos dos Usuários da Saúde é fundamentada em seis princípios: O primeiro princípio torna explícito que todo cidadão tem direito ao acesso ordenado e organizado aos sistemas de saúde. No segundo, todo cidadão tem direito a tratamento adequado e efetivo para seu problema. O terceiro diz respeito ao direito ao atendimento humanizado, acolhedor e livre de qualquer discriminação. O quarto princípio dispõe que todo cidadão tem direito a atendimento que respeite a sua pessoa, seus valores e seus direitos. O quinto destaca que todo cidadão também tem responsabilidades para que seu tratamento aconteça da forma adequada. E, por último, todo cidadão tem direito ao comprometimento dos gestores da saúde para que os princípios anteriores sejam cumpridos (BRASIL, 2011).

Apesar da carta de Direito dos Usuários da Saúde ser considerada um meio informativo, evidencia-se que as informações contidas na carta não são tão difundidas e acessíveis aos usuários quanto o Ministério da Saúde (MS) preconiza. Tal evidência instigou os alunos do Programa de Educação Tutorial em Enfermagem de Mossoró - PETEM, a destinarem um espaço de discussão na Web Rádio para tornar público à existência da Carta e seu conteúdo, promovendo o diálogo entre profissionais de saúde experientes e atuantes na área, com web ouvintes/internautas, propiciando espaço rico de discussão que fortalece e instiga maior autonomia e participação ativa destes, no processo saúde/doença.

Desta forma, numa tentativa de contribuir para (re) construção de uma realidade social e cultural emancipadora, sob os pilares da web rádio, visando à promoção da saúde e exercício pleno da cidadania dos atores envolvidos no desenvolvimento da atividade extensionista (discentes, docentes e comunidade), esse trabalho objetiva, relatar a experiência

vivenciada em uma das atividades extensionistas desenvolvida a partir do projeto de extensão Saúde em Foco na web rádio universitária desenvolvida pelos alunos do grupo PETEM.

Partindo da compreensão da Educação em Saúde enquanto prática dialógica, o programa “A saúde em foco na Web Rádio” compromete-se com a vida do outro, a construir encontros, manter vínculos e adotar novas formas comunicativas na relação profissional-usuário, visando transcender a verticalização das ações em saúde já tão denunciadas como limitantes e insuficientes com características controladoras e dominantes sobre os indivíduos.

Para Fernandes (2010), as práticas educativas em saúde na perspectiva dialógica visam o desenvolvimento da autonomia e da responsabilidade dos indivíduos no cuidado com a saúde, porém não mais pela imposição de um saber técnico-científico detido pelo profissional de saúde, mas sim pela valorização do espaço das relações interpessoais estabelecidas nos serviços de saúde como contextos de práticas educativas dialógicas.

Nesse sentido, compreende-se que as Atividades extensionistas desenvolvidas pelo grupo PETEM vão de encontro aos pressupostos de Freire (1985) ao afirmar que, o processo de aprendizagem só se aprende verdadeiramente quando se apropria do aprendido, transformando-o em apreendido, podendo reinventá-lo e, deste modo ser capaz de aplicar o aprendido-apreendido a situações existenciais concretas.

METODOLOGIA

As atividades extensionistas consistem em um programa de rádio intitulado “Saúde em Foco” realizada semanalmente na rádio Universitária, transmitida via Web Rádio, pelo site <http://www.uern.br/universitariafm/>. O programa tem duração de uma hora para cada dia de execução, o horário dessa atividade é das 11 às 12 horas da manhã, todos os sábados, na FM Universitária da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, município de Mossoró/RN e tem como público alvo a comunidade de uma maneira geral.

Os responsáveis por essa atividade de extensão são alunos do curso de enfermagem que compõem o grupo PETEM, da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – FAEN/UERN, que se reúnem semanalmente para o planejamento, desenvolvimento e avaliação das temáticas a serem trabalhadas.

O PETEM teve sua implantação em novembro de 1991, funcionando até os dias de hoje. Atualmente o grupo é constituído por 12 alunos bolsistas e 6 alunos não bolsistas do curso de Enfermagem da FAEN, que cursam diferentes semestres da graduação, sob a

coordenação de uma professora tutora que dedicam, pelo menos, 12 horas semanais aos estudos extraclasse.

A cada programa são discutidos temas variados da área da saúde, de interesse e melhoria para a sociedade. Conta com a participação de profissionais e pessoas convidadas no intuito que estes produzam conhecimento, esclarecendo dúvidas em busca da prevenção e tratamento de patologias, preservação da vida e dos direitos que os usuários/população têm à saúde.

O programa é aberto à participação dos internautas, permitindo a estes, expor suas dúvidas e discutir sobre as temáticas que estão sendo abordadas, como também podem sugerir novos temas a serem discutidos.

A Atividade Extensionista voltada à discussão da Carta de Direito dos Usuários da Saúde foi realizada dia 09 de Março de 2013, nos estúdios de gravação da Web Rádio Universitária FM, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, campus Mossoró.

Para fomentar a discussão da temática proposta contou-se com a colaboração de uma Enfermeira mestranda, que se propôs a elucidar dúvidas, discutir e a compartilhar conhecimentos referentes ao arcabouço jurídico legal afixado na Constituição de 1988, o qual garante e enaltece a importância da participação social na construção e efetivação das políticas públicas de saúde no Brasil. A profissional em questão apresentou aos internautas, os objetivos e princípios da Carta de Direito dos Usuários da Saúde de forma clara e sucinta, conferindo-lhes espaços para exposição de vivências e questionamentos.

RESULTADOS

A realização deste trabalho oportunizou aos internautas conhecer o conteúdo implícito na Carta de Direito dos Usuários da Saúde, expressarem, enquanto cidadãos, questionamentos e exporem suas dúvidas no que diz respeito à aos seus direitos enquanto usuários do SUS. Permitiu ainda reafirmar a necessidade de ampliação e divulgação das informações contidas na Carta, pois seu conteúdo ainda é pouco divulgado pelo setor saúde. Desta forma o controle social sob a égide das políticas de saúde ainda se efetiva de incipiente e desafiadora. O que torna indispensável maior compromisso e envolvimento dos profissionais de saúde na divulgação da Carta, de maneira a contribuir para fomentação do exercício pleno cidadania, na conquista de melhores condições de saúde e qualidade de vida da comunidade.

O presente trabalho possibilitou aos alunos do grupo PETEM, vivenciar experiências não presentes em estruturas curriculares convencionais, visando uma formação acadêmica global e colaborando para uma integração no mercado profissional e uma melhor qualificação como indivíduo e membro da sociedade. Uma vez que estimulou a melhoria do ensino de graduação através do desenvolvimento de novas práticas e experiências pedagógicas no âmbito do curso de Enfermagem da FAEN/UERN.

A cada programa os discentes do PET Enfermagem conseguem contribuir ainda mais para a formação cidadã – individual e social da população do município de Mossoró ouvintes da web rádio Universitária e na divulgação/socialização das atividades realizadas pelo grupo PETEM, FAEN e UERN, com intenção primordial de socializar a universidade com a sociedade.

Essa atividade extensionista tem acontecido de forma bem participativa, proporcionando uma aproximação com a comunidade e contribuindo diretamente para transformação de atitudes em prol de melhores condições de vida, permitindo discussões a partir de necessidades sociais da comunidade, validando assim sua principal finalidade, adentrar no cotidiano dos internautas, construindo coletivamente um saber em saúde.

A participação de diversos atores da sociedade proporciona uma maior flexibilidade na aproximação com temas relevantes da saúde que por vezes são desconhecidos pela comunidade, contribuindo diretamente para transformação de atitudes em prol de melhores condições de vida, além de proporcionar ao ouvinte, conhecimentos acerca do funcionamento do Sistema Único de Saúde – SUS, tendo em vista ser este o organizador e promotor das políticas públicas de saúde que regulam a assistência em saúde atual.

Portanto, a temática discutida permitiu ao público alvo, usuários dos serviços de saúde, conhecer como participar legalmente das atividades reguladoras do SUS, entendendo que os Conselhos Comunitários de Saúde devem ser considerados locais onde as necessidades e reivindicações da população são expostas e atendidas. Permitiu ainda, a aproximação do público com a construção desse sistema, entendendo a retrospectiva da assistência à saúde no Brasil, questão bem visualizada a nível acadêmico, porém pouco discutida no meio social. Por fim, a atividade extensionista possibilitou ainda conhecimento da existência e conteúdo da Carta dos Direitos dos Usuários da Saúde.

CONCLUSÃO

A discussão sobre a Carta dos Direitos dos Usuários da Saúde foi trazida para o programa Saúde em Foco na Web Rádio, na perspectiva de instigar o empenho e comprometimento da comunidade com a defesa, manutenção e fortalecimento do SUS, bem como, maior participação na fiscalização das políticas de saúde locais com intuito de proporcionar mudanças que viabilizem a preservação do direito de todos os usuários do SUS. Compreendendo, dessa forma, a Carta como importante ferramenta que possibilita à comunidade o conhecimento dos seus direitos e deveres, contribuindo, assim, para a efetivação de um sistema de saúde mais resolutivo.

Informações viabilizadas pela Carta dos Direitos dos Usuários da Saúde devem ser encontradas em todos os locais representativos de assistência a saúde. O acesso a essas informações acentua-se quando a temática é discutida via web rádio.

O projeto está andamento, pretende-se com os demais programas instigar uma maior participação dos ouvintes e internautas, como também dos discentes e docentes da FAEN solicitando temas a serem discutidos, a fim de ampliar a disseminação de conhecimentos e ocupar os espaços de sala de aula. E especialmente, contribuir para a mudança dos processos de aprender e produzir em saúde dos alunos do Curso de Enfermagem da FAEN/UERN e de cultivar o senso de cidadania e de justiça social dos ouvintes e internautas da rádio universitária, dando a oportunidade de discutirem os seus problemas de saúde e os seus modos de andar à vida.

Portanto, essa atividade extensionista desenvolvida pelos alunos do Programa de Educação Tutorial em Enfermagem de Mossoró – PETEM da Faculdade de Enfermagem configura-se como uma das diversas formas de contribuição da universidade com a sociedade, uma vez que essa discussão possui grande potencial para fomentar o empoderamento da população de Mossoró e região, considerando a abrangência, acessibilidade e interação permitida pelo meio de comunicação utilizado.

REFERÊNCIAS

BACKES, D.S; et al. **O que os usuários pensam e falam do Sistema Único de Saúde? Uma análise dos significados à luz da carta dos direitos dos usuários.** Ciência e saúde coletiva, Rio de Janeiro, v.14,n.3, maio/junho 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413812320090003000

6&lang=PT .Acesso em:13/08/2013.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm Acesso: 21/08/2013

BRASIL. Ministério da Saúde. **Carta dos Direitos dos Usuários da Saúde**. Ministério da Saúde. 3. ed. Brasília : Ministério da Saúde, 2011. 28 p.

FERNANDES, S. C. de A. **As práticas educativas na saúde da família: uma cartografia simbólica**. 2010. 253f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais)- Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

FERNANDES, S.C.A et. al. **A Saúde em Foco na Web Rádio: Um Projeto Extensionista**. Revista *Extendere* – jan/jun 2013. Disponível em: <http://periodicos.uern.br/index.php/extendere/index> . Acesso: 19/06/2013.

FERREIRA, A. V. B. et al. **O rádio como veículo de extensão universitária: uma experiência do instituto de Ciências Biológicas na Popularização do Conhecimento Científico**. Anais do 8º encontro de Extensão da UFMG. Belo Horizonte- 3 a 08 de outubro de 2005. Disponível em: https://www3.ufmg.br/proex/arquivos/8Encontro/Comun_4.pdf. Acesso: 17/06/2013.

FLEURY, S. **A questão democrática da saúde**. In FLEURY, S. (org). *Saúde e Democracia, a luta do CEBES*. São Paulo: Lemos, 1997.

FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?** 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. Disponível em: <http://www.bonato.kit.net/Extensao_ou_Comunicacao.pdf >. Acesso: 21/08/2013.

COLEÇÃO MOSSOROENSE: INCENTIVO À LEITURA POR MEIO DA FORMAÇÃO DE BIBLIOTECAS

Marcílio Lima Falcão
Hélia Costa Moraes
Raphael Costa Torres
Micarla Natana Lopes Rebouças
Francisca Kalidiany de Abrantes Lima

Este artigo é resultado da ação extensionista direcionada à construção de espaços de leitura por meio da distribuição de títulos da Coleção Mossoroense, bem como a continuação do Projeto de Extensão intitulado *A biblioteca do Dr. Vingt-Un: o bastião da cultura mossoroense*, realizado por professores do Departamento de História da UERN no ano de 2009, através do qual foram catalogados os livros da área de Ciências Humanas que fazem parte do acervo particular do intelectual mossoroense Vingt-Un Rosado (mais de 3.500 volumes).

Entre o material catalogado, encontram-se livros da área de Humanidades e documentos que datam dos séculos XIX e XX. Material riquíssimo para a compreensão da história do Rio Grande do Norte, em especial, a história mossoroense na perspectiva que gravita em torno das correntes historiográficas vinculadas à História Social, História Cultural, História Econômica e Política. Do trabalho de catalogação do acervo, resultaram como produtos finais: catálogo, com tiragem de 500 volumes, que serve de fonte de consulta para alunos das escolas públicas e particulares de Mossoró, alunos universitários e pesquisadores de IES; outra produção foi a edição do livro *História Social e Cultural de Mossoró: métodos e possibilidades de pesquisa*, com 300 exemplares, resultado de reflexão coletiva de professores e alunos envolvidos no projeto. O livro abrangeu temas variados sobre as possibilidades de pesquisa que foram levantadas mediante contato com os livros e documentos da biblioteca de Vingt-Un. Registra-se que parte dos livros e catálogos foi doada à UERN e IES do Nordeste.

Os projetos de extensão fomentam uma via de mão dupla entre aluno e professor, pois auxiliam o estudante em seu processo de profissionalização e tornam o docente responsável pela orientação institucional, o que facilita o diálogo entre universidade e sociedade. O reflexo da vitalidade de uma instituição universitária dá-se, também, pelo desenvolvimento de projetos de extensão. Os professores e alunos do Departamento de

História da UERN, ligados ao grupo de Pesquisa *História do Nordeste: sociedade e cultura* realizaram as ações extensionistas na cidade de Mossoró, onde foram identificadas centenas de livros e brochuras da Coleção Mossoroense sem qualquer identificação e organização eficiente, bem como também foi verificada a inexistência de um catálogo atualizado das obras para consulta, pois a Fundação Vingt-Un Rosado (FVR) dispõe de inúmeros catálogos com as obras da Coleção Mossoroense, no entanto, a forma peculiar de organização de Vingt-Un Rosado, como também a grande quantidade de livros publicados após o falecimento do referido intelectual, tornam a pesquisa nos livros da Coleção uma tarefa difícil, visto que não se sabe com exatidão a quantidade de títulos da Coleção Mossoroense presentes no interior da FVR. Além disso, o ímpeto produtivo do diretor da Coleção Mossoroense, Vingt-Un Rosado deixou um universo de centenas de títulos, com cerca de cem mil livros num depósito da FVR, sob condições precárias, correndo o risco de todo esse patrimônio ser carcomido por fungos e cupins. Flagramos uma riqueza que poderá ser perdida caso não haja ações pontuais com urgência.

A FVR não tem condições de realizar a manutenção e guarda dos livros, pois o galpão onde foram acondicionados precisou ser desocupado e a mínima organização das obras foi desfeita devido a mudança. Por isso, a FVR solicitou aos professores envolvidos no projeto de extensão a continuidade dos trabalhos, dessa vez direcionados a uma tarefa urgente e maior, a distribuição dos livros à sociedade.

Além da inegável importância social de uma ação formadora de bibliotecas no Nordeste, este Projeto de Extensão divulga o relevante legado da Coleção Mossoroense, instituída em 30 de setembro de 1949, que é, indubitavelmente, a mais importante coletânea de obras acerca do Nordeste brasileiro. Esta afirmação não se refere apenas à qualidade e à diversidade das temáticas das obras, pois concentra o maior acervo bibliográfico de trabalhos sobre o Nordeste, mas também pela quantidade de títulos publicados (mais de 4000), tornando-se uma das maiores coleções do Brasil. Um patrimônio de Mossoró que carece de organização e divulgação das preciosidades contidas na Coleção.

Segundo informações da própria Fundação Vingt-Un Rosado, a trajetória da Coleção Mossoroense pode ser resumida em três etapas. Primeiramente, entre 1949 e 1973, houve colaboração da Prefeitura Municipal de Mossoró, com 293 títulos editados. Na segunda etapa, que vai de 1974 até 1994, a Coleção recebeu apoio da Escola Superior de Agricultura de Mossoró (ESAM) e da Fundação Guimarães Duque (FGD), com 1.888 títulos editados. A terceira etapa, a atual, iniciou-se em 1995, sob coordenação da Fundação Vingt-Un Rosado,

com mais de 1.454 títulos editados. A Coleção Mossoroense dividiu suas obras, ao longo de 60 anos, em 10 séries, de A a J, sistematizadas por assuntos assim distribuídos:

- A – Folhetos de grande formato (103)
- B – Folhetos (2.669)
- C – Livros (1.439)
- D – Cordéis (39)
- E – Periódicos (10)
- F – Memorial dos Mossoroenses (87)
- G – Falas e Relatórios dos Presidentes da Província do RN (08)
- H – Cadernos de Areia Branca (02)
- I – Cadernos de Carnaúba dos Dantas (02)
- J – Ruas e Patronos de Mossoró (Dicionário)

Segundo Caio Cesar Muniz, editor da Fundação Vingt-Un Rosado, o acervo estimado da Coleção Mossoroense conta com mais de 4.361 publicações. Na cidade de Mossoró, a Fundação Vingt-Un Rosado cumpre um relevante papel para o historiador, pois guarda e produz materiais de pesquisas sobre Mossoró e região oeste potiguar. Essa farta documentação ainda não foi totalmente analisada pelos historiadores, sendo os estudos sobre as elites mossoroenses, por exemplo, ainda não foram problematizados. Mas, o que impressiona aos olhos dos desavisados é a grande quantidade de livros, documentos, revistas, jornais e manuscritos presentes na FVR. A imensidão de títulos publicados e a disposição do acervo para pesquisa sugerem uma série de temas a serem pesquisados pelo corpo de historiadores. Como uma cidade de cerca de 230 mil habitantes pôde produzir uma memória histórica tão abundante? Talvez tenha relação com a prática cultural dos intelectuais mossoroenses na construção e manutenção da memória local. Boa parte dos títulos publicados pela Fundação retrata o trinômio da memória mossoroense: seca, resistência e liberdade.

Foi a partir dessas atividades ligadas ao estudo das obras da Coleção Mossoroense que surgiu a possibilidade de criação de políticas de incentivo à leitura do acervo presente na Fundação por meio da criação de bibliotecas com as obras dessa Coleção.

2 A Coleção Mossoroense e os estudos sobre o Nordeste

Criada na década de 1940 por Jerônimo Vingt-Un Rosado Maia, a Coleção Mossoroense pertence à Fundação Vingt-Un Rosado² e tem como objetivo reunir e publicar obras literárias e pesquisas acadêmicas que versam sobre história regional, religiosidade, política, viajantes, movimentos sociais, arqueologia, paleontologia e botânica, formando, ao longo de sete décadas, um acervo de mais de quatro mil títulos composto por publicações, cuja principal argamassa para sua feitura é o passado de Mossoró, cujas narrativas memoráveis sobre tipos populares, autoridades civis, militares e eclesiásticas são tecidas pela escrita de poetas, memorialistas, botânicos, paleontólogos e historiadores.

Na Coleção Mossoroense, é possível constatar as narrativas sobre o Nordeste a partir do estudo das secas, folclore, antropologia, história e da memória sobre os tipos constitutivos do homem nordestino, como “cangaceiros e beatos, tipos polares e complementares” em face de se ver o Nordeste como o espaço da violência e do misticismo (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2013, p.199). Escritores como Luís da Câmara Cascudo (*Notas e Documentos para a História de Mossoró*), Raimundo Nonato da Silva (*Lampião em Mossoró*), Raul Fernandes (*A Marcha de Lampião: assalto a Mossoró*), Renato Braga (*História da Comissão Científica de Exploração*), Thomaz Pompeu Sobrinho (*História das Secas – Século XX*), Vingt-Un Rosado (*Manuel Correia de Andrade e Mossoró*), Deusdedit Leitão (*Vingt-Un e a História Municipal*) e Hélio Galvão (*Dix-Sept Rosado*) escreveram a respeito de homens, instituições e movimentos relacionados ao Nordeste do Brasil, mais especificamente ao Oeste Potiguar.

Além dessas obras, existem títulos que reproduzem documentos históricos do Rio Grande do Norte, como é o caso das Datas e Cartas de Sesmarias³, dos Relatórios de

² A Fundação Vingt-Un Rosado localiza-se em Mossoró e se constitui em um dos espaços de promoção da cultura nordestina. Idealizada por Vingt-Un, a Fundação reforçou o compromisso da Coleção Mossoroense com os estudos sobre o Nordeste e ampliou os contatos com outros locais de produção histórica e memorialística como o Instituto Cultural do Oeste Potiguar (ICOP), Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Escola Superior de Agricultura de Mossoró (antiga ESAM), o Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (IHGB) e o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN).

³ A publicação das Datas e Cartas de Sesmaria se deu em parceria com o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte em março de 2000. Foram impressas em cinco volumes e correspondem aos anos de 1600 a 1831. Foi criada uma comissão coordenadora do Projeto Sesmarias do Rio Grande do Norte que era composta por Jerônimo Dix-Sept Rosado Maia Sobrinho, Enélio Lima Petrovich e Olavo de Medeiros Filho.

Presidentes de Província⁴, Atas da Câmara Municipal de Mossoró do final do século XIX, Jornais O Mossoroense, O Comércio de Mossoró e o periódico A Escola⁵, além da lista de Inventários Mossoroenses (cinco livros ao total) elaborada pelo ex-juiz de direito Sebastião Vasconcelos dos Santos, que também reuniu e publicou um acervo documental sobre escravidão, no qual se encontram documentos relacionados às vendas, trocas, alforrias e transações no decorrer do século XIX.

Todos esses títulos estão divididos em seis séries, de A-F, de modo que cada série trata sobre um determinado tema, sendo que a série B é composta de pequenos livretos (chamados brochuras), outras por reportagens, depoimentos e passagens da história de cidades do Oeste Potiguar. Quanto à série C, é formada pelos livros de maior porte, relacionados à história, geografia, paleontologia, antropologia e literatura. Aí se encontram os trabalhos relacionados ao cangaço⁶, documentos históricos, viajantes e biografias, o que mostra a extensa rede de contatos que Vingt-Un Rosado mantinha e sua capacidade de angariar recursos para a publicação dos estudos que seus amigos pesquisadores lhe enviavam.

Por esses caminhos, percebeu-se o potencial que a Coleção Mossoroense possuía no que diz respeito aos estudos sobre o Nordeste e, daí, a proposta de utilizar esse potencial impresso disponível em milhares de títulos para ampliar as leituras sobre a região Nordeste por meio de espaços de leituras que propiciassem aos estudantes da educação básica e superior uma vasta bibliografia sobre o passado dessa região construída discursivamente por “vários intelectuais e artistas”. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, p.92)

3 As condições do acervo da Coleção Mossoroense

A preservação de acervos no Brasil não é tarefa das mais fáceis, pois exige uma logística e recursos específicos que nem sempre estão disponíveis. Esse problema constitui, para muitas instituições, a destruição de fontes imprescindíveis sobre o passado que, pela falta

⁴ Os Relatórios dos Presidentes de Província do Rio Grande do Norte (1835-1882) compõem a Série G da Coleção Mossoroense e foram publicados em cinco volumes em 2001 em parceria entre a Editora da Fundação Guimarães Duque e a Fundação Vingt-Un Rosado.

⁵ Era uma publicação do grêmio estudantil do Colégio Diocesano Santa Luzia de Mossoró.

⁶ Quanto aos estudos sobre o cangaço, as obras da Coleção Mossoroense versam sobre personagens como Jesuíno Brilhante, Jararaca, Lampião e os trabalhos a respeito da resistência de Mossoró ao bando de Lampião em 13 de junho de 1927.

de recursos ou de gestão, não possuem políticas para a preservação do material arquivado e seu uso por profissionais das humanidades.

A situação encontrada na Coleção Mossoroense não foi diferente dessa realidade que tanto prejudica a preservação e a utilização dos indícios deixados sobre o passado da região Nordeste. Assim, os primeiros obstáculos enfrentados pelos membros do Projeto de Extensão *Coleção Mossoroense: incentivo à leitura por meio da formação de bibliotecas* foram as más condições higiênicas, devido à má acomodação de boa parte dos livros. Parte dos títulos encontrava-se deteriorada pelo mofo, rasgados, empoeirados ou molhados devido às infiltrações nos espaços em que estavam depositados. As séries estavam mal distribuídas e embaralhadas em diversos cômodos do prédio que guarda a Coleção. Essas condições reforçam as evidências de que:

Os arquivos brasileiros enfrentam, de forma geral, os sérios problemas comuns aos serviços públicos: falta de pessoal, de instalações adequadas e de recursos. [...] Mesmo na iniciativa privada, ainda hoje, é muito comum denominar-se os serviços de arquivo como ‘arquivo morto’, como que ignorando a preciosidade de muitos documentos ali esquecidos. (BACELLAR, 2006, p.49)

De acordo com o professor Carlos Bacellar, essa situação perpassa tanto os arquivos particulares como os públicos, dificultando o acesso às fontes para a reflexão sobre o passado e, muitas vezes, chega-se ao ponto de serem destruídos como forma de produção do esquecimento.

Foi no sentido de não permitir que essa documentação fosse destruída ou semiaproveitada que as primeiras atividades do Projeto foram a higienização e organização do material a partir de suas séries. Esse trabalho levou em média sete meses e exigiu dos dez alunos bolsistas uma intensa atividade de quatro horas diárias.

Como a quantidade de exemplares era enorme, muitos até com mais de cem unidades, o espaço disponível não atendeu à quantidade existente. A solução encontrada foi a organização e separação dos livros publicados em excesso, cujo objetivo foi evitar o acúmulo em um só local. Isso facilitou a formação dos *kits* destinados a doação e a localização das obras que possuem poucos exemplares e que não podem ser doados, pois se constituem em reserva técnica da Coleção.

Após essa etapa, ocorreu a triagem dos livros, que serão distribuídos às instituições de pesquisa e universidades⁷, e à revisão do catálogo da Coleção Mossoroense⁸. Os livros foram separados em “pilhas” e montados *kits* com cerca de 200 livros, sendo dois exemplares de cada um dos títulos que compõe a Coleção. Esses *kits* serão distribuídos depois de firmado o convênio com as instituições que se propuserem a receber os títulos da Coleção Mossoroense. A parceria será firmada por meio de termo assinado entre a Fundação Vingt-Un Rosado e a instituição recebedora do acervo, a qual se comprometerá na guarda e disposição dos livros, criando “espaços da Coleção Mossoroense” em suas bibliotecas ou bibliotecas próprias da Coleção.

Assim, o projeto de extensão não se vale apenas do mapeamento das obras e da distribuição de livros, mas corresponde também a elementos mais importantes que tratam, sobretudo, da criação de “espaços de conhecimento” do Nordeste brasileiro nas regiões atendidas e visa ao restabelecimento do direito ao passado das populações nordestinas, na medida em que o objetivo maior dessa ação extensionista foi difundir os estudos produzidos pelos intelectuais nordestinos sobre e para a região.

Uma das preocupações dos historiadores se concentra na ausência das discussões em torno da história local. As razões para tal “desconhecimento” partem, talvez, da falta de bibliografia adequada, como de fontes disponíveis à pesquisa, acarretando um desestímulo ao olhar lançado às particularidades locais. Essa abordagem histórica detém dupla tarefa: fomentar o conhecimento da localidade na busca da identidade regional e reafirmar o passado como elemento fundamental na compreensão da função social dos sujeitos históricos, pois conhecer o passado é uma das etapas da concretização da cidadania. É a partir dele que as gerações tomam ciência de sua atuação, dos laços que as unem aos antecessores, elemento relevante à preservação das tradições e da memória social.

Maria Célia Paoli aponta o conhecimento e reconhecimento do passado como forte elemento integrador das comunidades em prol da cidadania: “o reconhecimento do direito ao passado está, portanto, ligado intrinsecamente ao significado presente da generalização da cidadania por uma sociedade que evitou até agora fazer emergir o conflito e

⁷ Entre as universidades que serão contempladas com o material da Coleção Mossoroense estão as Universidades Federais do Ceará (UFC), Rio Grande do Norte (UFRN), Paraíba (UFPB) e Campina Grande (UFCG), as Universidades Estaduais do Ceará (UECE), Paraíba (UEPB) e de São Paulo (USP).

⁸ Esse catálogo será publicado pela Fundação Vingt-Un Rosado e será distribuído entre as Instituições de Ensino Superior que serão contempladas pelo projeto e pelas escolas da rede básica de ensino de Mossoró.

a criatividade como critérios para a consciência de um passado comum” (PAOLI, 1992, p. 27). É notório que boa parte da população norte-riograndense, incluindo os estudantes universitários, desconhece aspectos da história local e nordestina, bem como seus costumes e cultura. Isto se efetiva, sobretudo, pela falta de acesso à produção sobre o tema, bem como de estudos recentes sobre o passado potiguar. Destarte, a memória regional esfacela-se frente a modelos exógenos, que pouco contribuem para a efetivação da cidadania plena, como argumenta Paoli: “isto aponta claramente para uma sociedade destituída de cidadania, em seu sentido pleno, se por esta palavra entendermos a formação, a informação e participação múltiplas na construção da cultura, da política, de um espaço e um tempo coletivos”. (PAOLI, 1992, p.25)

Uma sociedade, como asseverou a autora, destituída de um passado comum, de informações que integrem uma identidade local é refém dos ditames do poder, perde a capacidade de união e reivindicação de direitos coletivos, pois não toma conhecimento dos processos de disputa que ocorreram em tempos passados, desvinculando-se do diálogo possível entre “os mortos e os vivos”, ou seja, entre passado e presente, uma das funções da história, como apontou Marc Bloch (2002). Edgar De Decca contribui com esta formulação ao afirmar que “hoje, numa época onde a memória coletiva foi sequestrada pela irreversibilidade do tempo histórico, resta redescobrir os lugares onde esta memória coletiva se preservou espontaneamente, em gestos, posturas, hábitos e na “sabedoria e nossos silêncios” (DE DECCA, 1992, p.130). O professor Edgar De Decca expõe preocupação relevante aos professores que se propuseram a capitanear o projeto de extensão, já que quanto mais avança o tempo, mais difícil se torna a redescoberta da memória coletiva, cabendo com este projeto o incentivo à investigação dos espaços e lugares de memória no Rio Grande do Norte e do Nordeste brasileiro, já que boa parte da produção secular do Nordeste foi publicada pela Coleção Mossoroense, criando, a partir de sua leitura crítica, novas investigações sobre temas clássicos e contemporâneos da região, como secas, cangaço, tradições populares, literatura, política, dentre outros tantos propostos pelas novas correntes historiográficas.

Nesse sentido, a ação extensionista, além do diálogo com a problemática da memória e do incentivo à leitura dos conhecimentos produzidos pela intelectualidade nordestina, refere-se, igualmente, à noção de patrimônio histórico imaterial, pois o ethos da Coleção Mossoroense é o estudo sobre o Nordeste, incluindo os livros no conceito de patrimônio histórico, pois estes registram, analisam, historicizam o passado, a cultura, as tradições e a memória regional, conforme atesta Maria Célia Paoli: “a noção de patrimônio histórico deveria evocar estas dimensões múltiplas da cultura como imagens e um passado

vivo: acontecimentos e coisas merecem ser preservadas porque são coletivamente significantes em sua diversidade” (PAOLI, 1992, p.25).

Seguindo as palavras de Paoli (1992), a noção de patrimônio histórico não pode relegar-se à expressão “pedra e cal”; em outras palavras, não se resume aos monumentos, prédios, mas sim, tradições, culturas e produção intelectual, representados neste projeto pelo legado da Coleção Mossoroense à comunidade.

Diante disto, o projeto contribui com a criação de espaços de leitura, entendendo os livros como equipamentos de suma importância para a sociedade, em consonância com os posicionamentos de Ulpiano Meneses, para quem:

Da mesma forma, a existência de equipamentos culturais, como museus, teatros, bibliotecas, arquivos etc. É, obviamente, legítima e insubstituível. O caráter institucional e a especialização são indispensáveis para assegurar a necessária ampliação do acesso, no tempo e no espaço, aos bens culturais. (MENESES, 1992, p.192).

Percebe-se que a formação de uma biblioteca, além de atender ao preceito básico que roga na cidadania e busca incessante dos direitos democráticos, também eleva o nível de conhecimento da população acerca de sua região, visto que:

No mundo atual, o conhecimento é a moeda que determina a riqueza das nações; também é o conhecimento que se transforma na chave para o nível de vida das pessoas. Assim, é responsabilidade de um Estado democrático prover educação e treinamento necessários ao longo da vida de seus cidadãos. Cada fase histórica da educação superior teve por objetivo atender a um determinado segmento da sociedade, e, no caso brasileiro atual, necessita-se suprir essa grande demanda. Para atingir maior número de pessoas nas diversas regiões, a educação superior deverá utilizar a tecnologia da informação para reduzir as limitações do espaço e do tempo. (CUNHA, 2000, p. 87).

Murilo Cunha alerta para a importância da concretização de uma política de implementação de leitura, pois é uma das chaves ao desenvolvimento econômico, cabendo à universidade, como monopolizadora da produção e difusão do conhecimento, promover ações que fortaleçam tal política, porque tal prerrogativa é vislumbrada pela Constituição Brasileira, em seu artigo 207, que roga: “As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial e obedecerão ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão”.⁹

⁹ BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 5 de outubro de 1988. Texto consolidado até a Emenda Constitucional nº 47 de 05 de julho de 2005. Disponível no sítio do Senado Federal:

4 A Coleção Mossoroense e a criação de bibliotecas

Tendo como ponto de partida colocar em prática essa ação (organizar bibliotecas), o plano para catalogar as obras da Coleção Mossoroense foi desenvolvido. A partir da observação desse acervo e da importância para o estudo das humanidades e outras áreas do saber, foi organizado o Projeto *Coleção Mossoroense: incentivo à leitura por meio de formação de bibliotecas*, cuja proposta se baseou na organização, catalogação e publicação de um catálogo do acervo – tendo em vista facilitar o entendimento e identificação do que abarcava a coleção – e, por fim, a doação de *kits* às instituições parceiras, com a intenção de promover o incentivo à leitura da comunidade, bem como da divulgação dos saberes produzido pela intelectualidade norte-riograndense e nordestina à sociedade por meio das publicações da Coleção Mossoroense, editadas pela Fundação Vingt-Un Rosado – Instituição responsável pela coleção.

A ação extensionista se efetivou inicialmente com o deslocamento e triagem dos livros e posteriormente ocorreu a revisão do catálogo da Coleção Mossoroense (digitada no software bookdb2). Após esse processo, os livros foram separados em “pilhas” e montados kits com cerca de 200 livros, sendo dois exemplares de cada um dos títulos que compõe a Coleção Mossoroense. Houve um segundo momento em que foram firmados convênios com instituições que se propuseram a receber os *kits* da Coleção Mossoroense. A parceria foi firmada por meio de um termo assinado entre a Fundação Vingt-Un Rosado e a instituição recebedora do acervo, a qual se comprometerá na guarda e disposição dos livros, criando espaços da Coleção Mossoroense em suas bibliotecas ou bibliotecas próprias da Coleção.

Tal ação tornará a cultura nordestina mais acessível à comunidade, facilitando e motivando leituras sobre a região. Foram firmados convênios com as seguintes instituições de ensino superior: Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade Estadual do Ceará (UECE), Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

Dada a variedade de temáticas exploradas pela Coleção Mossoroense e com intuito de tornar todo esse conteúdo acessível às instituições contempladas, organizou-se,

http://www.senado.gov.br/sf/legislacao/const/con1988/CON1988_05.07.2005/art_220_.htm, acessado em 22.06.2009.

ainda, um catálogo, por meio do qual o acervo foi dividido em subtemáticas específicas que contemplam desde a Antropologia, etnografia e folclore à arqueologia, paleontologia e ciências agrárias. Como assinala Rosa Corrêa, “quanto maior o universo informacional, maior a dificuldade de controlar as publicações existentes e construir formas para representá-las de modo a torná-las disponíveis e mais eficientes” (CORRÊA, 2008, p. 25). A catalogação descritiva, desse modo, teve por objetivo “o favorecimento de um controle bibliográfico eficiente para o conhecimento e acesso aos recursos informacionais disponíveis no acervo” (RODRIGUES, 2008, p. 53) e, ao mesmo tempo, permitiu que cada instituição acenasse quanto às suas áreas de interesse contempladas pela Coleção.

Além do incentivo à formação de bibliotecas e motivação de leitura sobre a região Nordeste, o acervo da Coleção Mossoroense propiciou o desenvolvimento de diversas pesquisas que resultaram em monografias de graduação, artigos científicos e projetos de mestrado e doutorado. Está prevista publicação de um livro com artigos de pesquisas realizadas por membros da equipe executora do projeto a partir do acervo da Coleção. Acredita-se que a especificidade do acervo da Coleção Mossoroense (ciências agrárias, história, memória, política, paleontologia, educação, secas, geografia etc.) propicie um contato multidisciplinar entre os diversos lugares que receberam os livros da Coleção Mossoroense. As pesquisas dos alunos participantes do projeto envolvem diversas áreas do conhecimento e serão publicadas em um Catálogo da Coleção Mossoroense – obra de referência para consulta ao acervo que constará de textos introdutórios explicativos sobre cada categoria do catálogo, com a finalidade de apresentar ao pesquisador as principais obras publicadas pela Coleção Mossoroense na categoria relacionada (em fase de revisão final) e uma coletânea de artigos dos estudantes envolvidos na ação extensionista (em fase de coleta dos artigos e correção).

O grande desafio dessa ação extensionista foi organizar o acervo da Coleção Mossoroense. Ao longo dos meses, mais de 50 mil livros foram alocados e seus títulos registrados. O trabalho de catalogação foi importante como passo inicial a ações que envolviam a utilização do vasto acervo da referida coleção na construção do conhecimento sobre o Nordeste, tanto como fontes históricas, quanto na divulgação dessas obras ao público acadêmico. Assim, com o acervo, será possível criar e estruturar programas de estímulo à leitura e pesquisa universitária. A Fundação Vingt-Un Rosado torna-se um local de divulgação, publicação e pesquisa sobre temáticas relacionadas ao Nordeste. Quanto aos resultados obtidos para a comunidade/público alvo, acredita-se que serão efetivos e eficientes, uma vez em que as obras já doadas estão disponíveis nas bibliotecas de municípios e

instituições de ensino e pesquisa, as quais possibilitarão às respectivas comunidades escolares e acadêmicas aprofundarem suas leituras e pesquisas no que se refere ao Nordeste do Brasil.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e outras artes*; prefácio de Margareth Rago. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. *Nordestinos: uma invenção do falo – Uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940)*. Maceió: Edições Catavento, 2003.

BARCELLAR, Carlos. *Fontes Documentais: uso e mau uso dos arquivos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

BRAGA, Renato. *História da Comissão Científica de Exploração*. Mossoró. Fundação Guimarães Duque. v. 200. Série C, 1982. – Coleção Mossoroense.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Notas e Documentos para a História de Mossoró*. Mossoró: 1955 (Coleção Mossoroense)

CORRÊA, Rosa Maria Rodrigues. *Catálogo descritiva no século XXI: um estudo sobre o RDA*. Orientadora: Plácida L. V. A. da Costa Santos. 2008.

CUNHA, Murilo Bastos. *Construindo o futuro: a biblioteca universitária brasileira em 2010*. Ciência da Informação, Brasília, v. 29, n. 1, p. 71-89, jan./abr. 2000.

DE DECCA, Edgar. *Memória e Cidadania*. In: SÃO PAULO (cidade). Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico (DPH): *O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania/DPH*. São Paulo: DPH, 1992.

FERNANDES, Raul. *A Marcha de Lampião: Assalto a Mossoró*. 6ª ed. Mossoró. Fundação Vingt-Un Rosado. v. 1488. Série C, 2005. Coleção Mossoroense.

GALVÃO, Hélio. *Dix-Sept Rosado*. Mossoró. Fundação Vingt-Un. v. 1328. Série C, 2002. Coleção Mossoroense.

GONÇALVES, Janice. *Como classificar e ordenar documentos de arquivo*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1998 (Projeto como fazer v. 2)

LEITÃO, Deusdedit. *Vingt-Un e a História Municipal*. Mossoró. Fundação Vingt-Un. v. 552. Série C, 1990. Coleção Mossoroense.

MAIA, Vingt-Un Rosado. *Manuel Correia de Andrade e Mossoró*. Mossoró. Fundação Vingt-Un. v. 1371. Série C, 2003. Coleção Mossoroense.

MENEZES, Ulpiano. *O patrimônio cultural entre o público e o privado*. In: SÃO PAULO (cidade). Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico (DPH): *O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania/DPH*. São Paulo: DPH, 1992.

SILVA, Raimundo Nonato da. *Lampião em Mossoró*. 6ª ed. Mossoró. Fundação Vingt-Un Rosado. v.1489. Série C, 2005. Coleção Mossoroense.

PAOLI, Maria Célia. *Memória, história e cidadania: o direito ao passado*. In: SÃO PAULO (cidade). Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico (DPH): *O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania/DPH*. São Paulo: DPH, 1992.

RODRIGUES, Rosa Maria. *Catálogo descritivo no século XXI: um estudo sobre o RDA*. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UNESP. 2008. Dissertação de Mestrado

SOBRINHO, Thomaz Pompeu. *História das Secas – Século XX*. Mossoró. Fundação Guimarães Duque. v. 224. Série C, 1982. Coleção Mossoroense.

RELATO DE EXPERIÊNCIA NO PROJETO DE EXTENSÃO
“DESENVOLVIMENTO SOCIAL UMA QUESTÃO GERACIONAL E DE GÊNERO”

Thaís da Silva Aguiar*
Ana Livia Fontes da Silva*
Viviane Santos de Lima**
Prof^a. Dra. Suzaneide Ferreira da Silva Menezes***

RESUMO: Este trabalho é um relato de experiência do projeto de extensão “Desenvolvimento social uma questão geracional e de gênero” da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), financiado pelo Programa de Extensão Universitária (PROEXT) PROEXT 2010 - Edital nº 5, que contou com a participação de 10 (dez) alunos/bolsistas de diferentes cursos de graduação da Universidade e de uma docente, para a realização de um trabalho interdisciplinar em quatro assentamentos rurais da região, denominados: São José I, São José II, São Cristóvão e Terra Nossa. Esses assentamentos se configuram como a garantia de um direito conquistado pelos trabalhadores da agricultura, sem terra ou com pouca terra que obtiveram seu título a terra a partir do programa de reforma agrária (Programa de Assentamento Agrícola), para residirem e desenvolveram atividades agrícolas para sua subsistência e comercialização. Porém, a prática aqui apresentada não visa trabalhar a atividade agrícola, mas sim o desenvolvimento de atividades sócioeducativas junto às famílias residentes nesses assentamentos, enfatizando a experiência das alunas de Serviço Social e Pedagogia, que em parceria atuaram no processo de mobilização e realização de ações afirmativas dos direitos sociais, combate ao preconceito de gênero, geração, raça e etnia. Tais ações reforçam o processo de consolidação da linha temática da extensão direitos humanos e justiça.

PALAVRAS-CHAVE: Assentamentos rurais, atividades socioeducativas, direitos sociais.

*Graduanda em Serviço Social da UERN, bolsista no Projeto “Desenvolvimento social uma questão geracional e de gênero” e voluntária no Núcleo de Estudo e Pesquisa sobre a Terceira Idade (NEPTI).

**Graduanda em Pedagogia da UERN, bolsista no Projeto “Desenvolvimento social uma questão geracional e de gênero”.

*** Coordenadora do Projeto “Desenvolvimento social uma questão geracional e de gênero” e coordenadora do Núcleo de Estudo e Pesquisa sobre a Terceira Idade (NEPTI).

INTRODUÇÃO

Com o intuito de apresentar a relevância social da atividade desenvolvida faz-se necessário fazer alguns esclarecimentos quanto ao papel do Programa de Extensão Universitária (PROEXT), sendo este um instrumento que abrange programas e projetos de extensão universitária, com ênfase na inclusão social nas suas mais diversas dimensões, visando aprofundar ações políticas e sociais que venham fortalecer a institucionalização da extensão no âmbito acadêmico, mediante a ampliação e acessibilidade a recursos financeiros necessários, principalmente as universidades estaduais que não possui, em sua maioria, orçamento específico a essa função, tão necessária ao exercício do compromisso social das instituições de ensino superior.

O projeto titulado “Desenvolvimento social uma questão geracional e de gênero” teve como objetivo desenvolver atividades socioeducativas junto às famílias residentes em quatro assentamentos rurais de Mossoró/RN denominados São José I, São José II, São Cristóvão e Terra Nossa, estes sob a responsabilidade do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). É notório que os assentamentos carecem de infraestrutura e de assistência técnica, porém há nas pessoas que residem nesses espaços, a vontade de sobrevivência em meio às adversidades e dificuldades oriundas de uma terra árida, característica do semiárido brasileiro.

O acesso à informação e ao conhecimento de seus direitos sociais individuais e coletivos sem dúvida foi necessário. No geral os assentamentos rurais são ambientes onde as famílias que antes não possuíam terra, podem ter acesso a moradia e a um espaço para atividade agrícola para garantir a subsistência da família e comercialização do que produzem, seja individualmente ou através de projeto coletivo.

No entanto, o projeto aqui apresentado é voltado unicamente para a formação política e cidadã, mediante a prática interdisciplinar entre os cursos de Biologia, Educação Física, Enfermagem, Ciências Contábeis, Serviço Social e Pedagogia. A aproximação a extensão na perspectiva rural possibilitou a reflexão acerca das potencialidades de uma formação acadêmica crítica, capaz de romper com a dicotomia teoria/prática, além da aproximação a estratégias metodológicas participativas necessárias ao processo interventivo e, consequentemente, a minimização das problemáticas emergentes e decorrentes de uma realidade em que a sobrevivência está relacionada com o saber conviver em meio a seca e a escassez de chuva.

REFERÊNCIAL TEÓRICO

A luta por terra não é um movimento que nasceu com o modo de produção capitalista, ela se origina muito antes disso, na “época da colônia e da escravidão a aquisição de um pedaço de terra para produzir e nela habitar se constitui em um sonho da maioria da população pobre do campo” (GOHN, 2003, p.141). O acesso a terra é uma problemática que tem contribuído para ampliar os espaços reivindicatórios de direitos, mas principalmente de garantia da participação popular no processo de formulação das políticas públicas específicas ao desenvolvimento rural de forma sustentável.

Para Bergamasso e Norder a criação de assentamentos rurais é uma das formas de materialização da reforma agrária no país, como política de acesso a terra, quando afirmam que,

De uma forma genérica, os assentamentos rurais podem ser definidos como a criação de novas unidades de produção agrícola, por meio de políticas governamentais visando o reordenamento do uso da terra, em benefício de trabalhadores rurais sem terra ou com pouca terra (1996, p. 07).

O termo “assentamento” apareceu pela primeira vez no vocabulário jurídico e sociológico no contexto da reforma agrária venezuelana em 1960, e se difundiu para inúmeros países, surgindo da luta dos trabalhadores rurais sem terra (Idem,1996). Nesse contexto, apesar do Brasil ainda não constituir um processo maciço de reforma agrária, os assentamentos rurais se configuram como um avanço no acesso ao direito a terra.

O Brasil é um país onde há grandes desigualdades sociais, sendo refletidas diretamente no acesso da população à educação, saúde, habitação, entre outras políticas necessárias para a vida com dignidade. A ausência de condições efetivas de investimento e permanência do homem no campo – haja vista a necessidade de se deslocarem para a zona urbana para garantirem seu sustento – é um dos motivos que evidenciam a fragilidade da reforma agrária no Brasil. Todavia, fragilizada ou não, a criação de assentamentos ampliou as possibilidades de permanência do homem no campo, abrindo um diálogo para a política de desenvolvimento rural, para a criação e efetivação do Programa Territorial de Desenvolvimento Rural, gerando programas específicos para que as universidades possam por intermédio de ações extensionistas, se aproximarem dessa realidade, tal como ocorreu com o PROEXT.

Diante das dificuldades que a população rural enfrenta em seu meio, as unidades de produção, têm como uma de suas funções conter o avanço da migração rural para as cidades, evitando que essas pessoas busquem o meio urbano na intenção de melhorar suas condições de vida e de trabalho, se deparando, contudo, com uma realidade adversa da que buscavam.

Para ampliar o leque de discussões serão agregadas algumas considerações acerca da política de extensão que balizou as ações desenvolvidas por este projeto, cujas ações estão articuladas a cidadania, políticas de desenvolvimento, geração, gênero e etnia, isto é, grupos vulneráveis, por serem os que mais sofrem com o preconceito e a discriminação. Portanto, trilharemos algumas possibilidades e limites da prática extensionista e sua vinculação com as políticas públicas de desenvolvimento rural de forma genérica, imputando a esta análise, um caráter reflexivo, dinâmico e propositivo para a indissociabilidade entre o ensino, pesquisa e extensão na ótica da interdisciplinaridade (MENEZES, 2012).

Na busca pela formação cidadã e profissional do discente, as universidades passaram a estimular a indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão, nesse contexto esta última função se aproximou das políticas públicas, com foco na efetividade das quatro diretrizes para a Extensão Universitária: Impacto e transformação; Interação dialógica; Interdisciplinaridade; Indissociabilidade ensino – pesquisa – extensão (PLANO NACIONAL DE EXTENSÃO, 1999, p.4). Nesse cenário, identifica-se a relação com a sociedade a partir da perspectiva freiriana em que o diálogo com a sociedade é uma necessidade e não uma possibilidade de superação das desigualdades e exclusão social. Portanto, adotou-se como eixo norteador o Plano Nacional de Extensão Universitária / 2011 (PNExt), esta prática compreende “*um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre universidade e outros setores da sociedade*” (PNExt/2011, p.1).

Percebe-se que a prática extensionista não é algo tão simples, requer domínio teórico/metodológico, assim como a definição de uma metodologia em que priorizemos a emancipação do homem, o empoderamento e a garantia de direitos.

METODOLOGIA

De acordo com as ações previstas no projeto, tínhamos a intenção de desenvolver as mesmas atividades nos quatro assentamentos, a fim de oportunizar a participação de todos os moradores nas atividades oferecidas. Esta, porém, não foi possível ser alcançada devido às várias situações adversas, como a falta de transporte para que a equipe executora do projeto se

deslocasse aos assentamentos, o descrédito dos assentados para com as políticas públicas e a falta de estímulo em participar de atividades que não gerassem de imediato, ganhos ligados a recursos financeiros. A pouca participação foi um desafio a ser enfrentado pela equipe, principalmente no que se refere a capacitação de jovens para a geração de renda, mediante um curso de confecção de bijuterias.

A proposta foi elaborada a partir de discussões na comunidade quanto as ações que gostariam de realizar, entre estas, destacaram-se atividades nas áreas de educação ambiental, cursos de bijuteria, palestras sobre sexualidade na adolescência, combate a discriminação e preconceitos contra mulheres, crianças e adolescentes e pessoas idosas. Além destas, foi previsto atividades de orientação a saúde, entre outras. Sem dúvida, as ações idealizadas tinham como foco atingir o máximo de pessoas possíveis, visto que essas comunidades rurais, agregam em média 24 famílias, totalizando uma média de 1.900 pessoas, entre crianças, adolescentes, jovens, mulheres, homens e idosos, ou seja, o público-alvo caracterizava a relação geracional e de gênero e que possibilitaria a inserção de discussões pertinentes ao desenvolvimento sustentável e aos direitos humanos.

Para tal, definimos como ações a serem concretizadas: palestras, cursos, oficinas, atividades desportivas, dentre outras metodologias pertinentes à realidade, interligando, transversalmente conteúdo das seguintes áreas: atividade produtiva, educação, saúde, garantia de direitos, meio ambiente, preservação e uso da água e combate a violência e discriminação. Esperava-se obter maior qualificação da interação entre universidade e sociedade, potencializar a redução do desequilíbrio social, a melhoria nas relações inter geracionais e o aumento na renda dos beneficiários diretos.

Nesse sentido, o que também contribuiu para a desmotivação com as ações anteriormente citadas, foi à demora entre a aprovação da proposta e a liberação dos recursos. Todavia, implementamos as ações nos assentamentos em conformidade com as demandas dos assentados, que definiram, as manhãs de sábado como o melhor dia para realização das atividades, pois durante a semana seria inviável, tendo em vista que a maioria dos assentados estariam ausentes por se encontrarem trabalhando ou estudando na zona urbana, ou seja, na cidade de Mossoró.

A equipe que foi capacitada nas temáticas e na metodologia participativa passando a planejar suas atividades de forma coletiva, utilizando materiais audiovisuais para facilitar a compreensão das temáticas e recorrendo a imagens visuais, uma vez que, nos assentamentos há várias pessoas analfabetas. Outras atividades foram criadas juntamente com as crianças, que confeccionaram cartazes, afluindo suas criatividade.

Frente às dificuldades identificadas fez-se necessário rever as prioridades que nos levaram a desenvolver as ações nesses assentamentos, por isso, realizamos outro processo investigativo, já que o primeiro havia acontecido há quase um ano e meio. Lembramos que para o processo de formação acadêmica e profissional, enfrentar dificuldades é um desafio que não pode ser visto de forma negativa, sendo necessário entendermos que nem sempre o planejado é possível de ser realizado, que há fatores que estão para além da vontade e competência da equipe.

Outrossim, foi importante para o grupo e para os assentados saber que o PROEXT ainda precisa ser melhorado em relação as universidades estaduais e municipais, visto que entre estas e o Ministério da Educação e Cultura (MEC) são celebrados convênios, além de dependerem de contrapartida, que nem sempre foram previstas no orçamento, assim como pode ocorrer ajustes no convênio, que pelo atraso implica em revisão da proposta, adequações orçamentária, sujeitos a licitação na compra de equipamentos ou mesmo redefinição de tempo. Todas essas possibilidades podem ocorrer simultaneamente, tal como ocorreu com o PROEXT 2010.

Com isso, tínhamos um compromisso para com a formação dos alunos envolvidos, a comunidade e a equipe, visto que acreditamos que o compromisso social da universidade é maior do que as dificuldades encontradas. Por isso, buscamos ser coerentes com os objetivos do projeto e com o intuito de uma sociedade mais justa. No tocante a este processo realizamos um novo levantamento da realidade e demandas desses assentamentos, no qual toda a equipe atuou, pois sem dúvida essa característica de complementariedade e de diálogo entre os saberes científico e popular foram os responsáveis pela superação de muitas dessas dificuldades.

Sendo assim, faz-se necessário fazer alguns apontamentos de como ocorreu esse processo investigativo.

LEVANTAMENTO DE PRIORIDADES

Os quatro assentamentos rurais mencionados anteriormente são formados cada um por 24 (vinte e quatro) casas, com uma média de 05 (cinco) pessoas em cada residência, totalizando 480 famílias de assentados, entre estes crianças, adolescentes e adultos. Para que a aplicação do questionário fosse representativo nas quatro localidades elaboramos alguns questionamentos referentes: a educação; a saúde; situação geracional, meio ambiente, fonte de

renda ou que atividades laborativas desenvolvem. Lembramos que esse é um levantamento complementar, que busca, ao mesmo tempo, aproximar os bolsistas da prática investigativa.

A aplicação dos questionários se deu por meio de visitas domiciliares, processo este que tivemos bastante dificuldade em realizar, uma vez que, algumas residências encontravam-se fechadas, pois boa parte dos moradores estavam trabalhando em Mossoró, outros não se dispuseram a responder os questionários, bem como atribuíram ao fato de que poderíamos estar a serviço de algum candidato político. Mesmo assim, ainda conseguimos que fosse respondido um número de 44 questionários no total.

Em resultado da investigação obtivemos as seguintes informações:

- Com relação à educação, há uma escola de ensino básico (1º a 4º ano) no assentamento São Cristóvão, em que as crianças desse assentamento e dos demais frequentam, quando passam dessa fase do ensino precisam se deslocar para outra escola na comunidade do Jucurí, há também casos em que os adolescentes dos assentamentos estudam na cidade de Mossoró/RN. Assim, o estudo ainda é a única atividade cotidiana de acesso para às crianças e adolescentes que residem nos assentamentos. Outrossim, no geral as adolescentes entre 14 e 16 anos abandonam os estudos por se casarem e consequentemente se dedicarem aos afazeres domésticos.
- Em sua maioria os assentados afirmaram que para ter acesso aos serviços de saúde, os moradores frequentam o posto de saúde localizado em comunidade próxima (Jucurí). Em seguida perguntamos como é o atendimento nesse local, afirmando a maioria, não ser muito bom, mas que pelo menos tinha um médico que fazia o atendimento, tendo ainda a agente de saúde que mora na localidade, tornando o contato de fácil acesso. Associado as questões anteriores perguntamos quais eram as doenças mais frequentes: em todos os assentamentos há pessoas com doenças crônicas relacionadas a diabetes e hipertensão.
- Quanto à relação de gênero, raça e etnia, há em todos os assentamentos muitas crianças, adolescentes e idosos. Entre os idosos alguns possuem além das doenças crônicas o vício do tabagismo e álcool. As crianças e adolescentes ficam em sua maioria ociosos, assim como a maioria dos moradores que ao terminarem suas tarefas domésticas não exercem outra atividade que possa gerar complementariedade de renda. Em seguida questionamos aos respondentes se conheciam seus direitos; ou se conheciam a política de defesa e proteção à criança e adolescente; a dos idosos ou a Lei Maria da Penha. Em sua maioria responderam que desconheciam seus direitos ou mesmo a política da qual nos referíamos, porém sabiam apenas de alguns benefícios,

tais como: bolsa família, auxílio natalidade, Benefício de Prestação Continuada (BPC), ou seja, o que lhes interessava eram os benefícios que lhes trouxessem condições efetivas de sobrevivência, sejam programas de transferência de renda ou garantias assistenciais.

- No que diz respeito ao meio ambiente, perguntamos se eles se preocupavam com a conservação e preservação do meio ambiente? No geral informaram que se preocupavam, porém precisavam sobreviver e isso era possível a partir da venda de madeira ou de carvão, e ainda da caça. Sabiam que tais atividades são erradas, mas que precisam gerar renda para o sustento da família. Quanto aos resíduos sólidos estes afirmaram que enterram ou queimam, pois não há coleta de lixo, muito menos de material reciclável. A queima do lixo além de provocar danos à natureza causa o desperdício de possíveis materiais orgânicos que poderiam gerar insumos ou adubos para o plantio. Há a necessidade de mudar atitudes quanto ao uso de recursos hídricos, que se encontra em processo de escassez. Em todos os assentamentos há dessalinizador, porém a água residual é jogada no solo sem o devido cuidado.

Diante do exposto é possível visualizar que os moradores dos quatro assentamentos sofrem com a precariedade do serviço de saúde da comunidade; para que as crianças e adolescentes possam estudar, necessitam se deslocar de onde moram para outra comunidade distante, sofrem com a falta de transporte público, ponto que não foi relatado pelos moradores por realmente não haver.

De posse dessas informações reiniciamos as atividades interventivas, pois identificamos que as informações adquiridas não eram diferentes das que deram origem ao projeto, tal como fica evidente quando descrevemos as ações previstas no projeto: capacitação dos bolsistas; planejamento coletivo das ações; capacitação para professores, que ainda se encontra em andamento. Esta ação compreende a inserção na escola de temáticas transversais que visem o combate a discriminação e a violência geracional, de gênero, raça e etnia, assim como será agregado temáticas vinculadas a inclusão de pessoas portadoras de necessidades especiais. Esta capacitação se constituiu de um Curso de Atualização de 60 horas, a serem ministradas em quatro módulos, de quinze horas, ministradas por professores da UERN. Esta atualização teve as seguintes temáticas:

1. Educação estratégia de combate à discriminação de gênero, geração, raça e etnia.
2. Educação e cidadania estratégica de inclusão social.

3. Política pública, uma questão de direitos.

4. O papel do educando na formação política e cidadã do aluno.

Esta atividade será ofertada aos professores, dirigentes e demais integrantes da escola e funcionará em sistema de pólo, ou seja, oportunizará a troca de experiências entre os professores de escolas diferentes.

O local será definido a partir de negociações com a Gerência Executiva de Educação e Desporto do município de Mossoró. Nas ações afirmativas de direitos estavam previstas a composição de palestras destinadas a crianças, adolescentes e adultos em função da materialização de conteúdos transversais de combate a violência e a discriminação através de atividades lúdicas e informativas, com foco na criança, adolescente, idoso, mulheres e pessoas portadoras de necessidades especiais.

Quanto à capacitação de mulheres para atividade produtiva e formação política, esta, compreendeu um momento de capacitação para a atividade produtiva, haja vista que estas produzem vassouras; doces; bolos; entre outras ações que orientadas poderiam adquirir qualidades e possibilidades de formação de um empreendimento para a venda desses produtos.

Não obstante, faz-se necessário deixar claro que o trabalho tem uma perspectiva pedagógica de valorização dos direitos, conforme especifica o referencial teórico. No entanto, é preciso especificar alguns equipamentos e materiais de consumo que serão essenciais a execução destas ações, haja vista o uso de tecnologias que tornem prazerosas a participação das pessoas, tanto para os beneficiários desta ação, como para os acadêmicos que exercitarão a interdisciplinaridade.

Quanto ao envolvimento da Prefeitura Municipal de Mossoró, esta, através das Gerências auxiliarão as atividades quanto à divulgação, mobilização e traslado dos participantes, assim como a UERN também terá momentos em que disponibilizará transporte.

Compreendemos que os objetivos deste projeto encontram-se contemplados nas ações previstas, assim como possibilita o envolvimento dos moradores dos assentamentos neste processo de formulação, gestão, execução e avaliação deste projeto. Em termos de avaliação este projeto tem como norte a avaliação de processo a cada ação em específico e de resultado, fazendo uso de instrumentos tipo questionário avaliativo, avaliações ao termino das atividades, visto que muitos são analfabetos. Assim, como serão avaliados as atividades, empenho e articulação entre os alunos.

A sistemática da avaliação contará com procedimentos, possibilitando apreender o quanto esse projeto teve impacto na vida dessas pessoas, se as ações ocorreram dentro do

programado, condições de infraestrutura; recursos humanos, financeiros; relação custo-benefício, interação entre a Universidade e a Prefeitura Municipal de Mossoró, assim como na formação acadêmica desses alunos, se gerou conhecimentos novos, e se houve produção a partir dessa experiência.

5 ATIVIDADES REALIZADAS

De posse dos dados acerca da realidade, passamos a desenvolver atividades socioeducativas relacionadas ao meio ambiente, tivemos o prazer de atuar junto a crianças e adolescentes, a mulheres, jovens e idosos, visando com isso fazer com que a população tomasse conhecimento sobre direitos sociais, meio ambiente, educação e saúde. Segundo Abreu,

A função pedagógica desempenhada pelo assistente social inscreve a prática profissional no campo das atividades educativas formadoras da cultura, ou seja, atividades formadoras de um modo de pensar, sentir e agir, também entendido como sociabilidade (2009, p. 594).

Partindo desse pressuposto a primeira atividade desenvolvida aconteceu no assentamento São José I. Aqui, vale ressaltar que este foi o assentamento onde tivemos melhor receptividade e que houve maior participação nas atividades desenvolvidas, tanto as direcionadas para as crianças e adolescentes como as direcionadas aos adultos do assentamento.

Nesse momento as bolsistas do curso de Serviço Social e Pedagogia juntamente com as bolsistas do curso de Biologia realizaram um trabalho interdisciplinar com dinâmicas envolvendo as crianças e adolescentes do assentamento. A primeira dinâmica foi realizada com a intenção de trabalhar a educação ambiental, ressaltando a importância que há em reciclar o lixo e os malefícios que há no ato de queimá-los, tendo em vista que essa é uma prática bastante utilizada na maioria dos assentamentos que desenvolvemos nossas ações.

Trabalhamos também a questão da diversidade cultural, mostrando a essas crianças e adolescentes que mesmo que sejamos todos iguais humanamente, cada indivíduo possui suas particularidades, as quais devem ser acima de tudo respeitadas, sejam essas referentes à geração, gênero, raça e etnia, buscando por meio dessa atividade o combate ao preconceito.

Para isso, fizemos a construção de um herbário, que são coleções de espécies de plantas onde seria desenvolvida por etapas um dos objetivos da atividade era identificar os diferentes tipos de folhas e suas diversas formas, confeccionando posteriormente cartazes e com isso estimulando a criatividade e o trabalho em equipe das crianças e adolescentes, e com isso, no momento em que perceberam que não era possível que as folhas recolhidas fossem todas iguais, chamamos o diálogo para a questão das diferenças que há também entre as pessoas.

Durante as atividades, seguimos orientações do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), que é um material de auxílio na realização do trabalho do professor propondo atividades voltadas para: Movimento, Música, Artes Visuais, Linguagem Oral e Escrita, Natureza, Sociedade e Matemática, tais objetos de conhecimento são de suma importância e possibilitam condições para que as crianças construam sua identidade social e autonomia.

Na mesma oportunidade fizemos ainda brincadeiras de roda com o intuito de aproximá-los e fazer com que se sentissem mais a vontade para trabalharem em grupo, facilitando com isso, a realização de trabalhos futuros e também para proporcioná-los um momento de lazer, tendo em vista que este se constitui, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA),

Art. 4º [...] dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (Estatuto da Criança e do Adolescente, (1990).

Assim, o brincar é um fator contribuinte que propõe o desenvolvimento do pensamento e da imaginação da criança onde possibilita a criação e a construção de conhecimentos a partir das interações que estabelecem com o meio, o que facilita a comunicação com outros indivíduos e seus respectivos grupos, facilitam a socialização das crianças.

Desse modo, procuramos através dessas atividades a garantia dos direitos das crianças e adolescentes residentes no assentamento, tendo em vista a falta de ações por parte do Estado e mesmo da sociedade civil voltadas para esse grupo.

Em outro momento, mas no mesmo assentamento oportunizamos a realização de uma palestra conduzida por dois profissionais técnicos do Instituto Nacional de Seguridade

Social (INSS) sobre direitos previdenciários, tema este que despertou grande interesse por parte dos assentados, devido a falta de conhecimento que tinham sobre esse assunto. Para esta atividade fizemos uma grande mobilização nos quatro assentamentos, que contou com a participação de todos os bolsistas do projeto, com o intuito divulgar ao máximo e fazer com que participassem o maior número de pessoas.

Na palestra estiveram presentes representantes de todos os assentamentos, estes estiveram bem envolvidos na atividade, ao mesmo tempo em que ouviam atentamente as informações repassadas pelos técnicos do INSS faziam perguntas para esclarecerem suas dúvidas, relatando exemplos de algumas situações que vivenciaram anteriormente pela falta de conhecimento sobre o tema apresentado, o que nos confirmou a real necessidade da realização desta palestra.

Como já foi citado, os moradores do assentamento São José I foram os que melhor nos receberam e se dispuseram a participar das atividades propostas, devido a isso, foi nesse assentamento que se concentrou nossas atividades.

Assim, realizamos uma palestra sobre saúde bucal, a qual foi conduzida pelos bolsistas do curso de enfermagem, mas com o auxílio dos demais. A mesma foi direcionada para as crianças e adolescentes, o que não impediu a participação de alguns adultos. Durante a atividade foi destacada a importância de uma boa higiene bucal, qual a forma correta de fazê-la e as consequências trazidas se realizada de forma incorreta.

Outra ação desenvolvida foi a gincana recreativa, esta feita não com o intuito de promover a competitividade entre as crianças e adolescentes, mas com a intenção de incentivar o trabalho em equipe e o espírito de coletividade entre os mesmos, principalmente em relação ao convívio grupal, ao respeito com o outro, ao combate a discriminação e a violência .

Estas foram algumas ações interessantes a serem relatadas, haja vista que além das atividades de capo houve todo um processo de preparação, planejamento e avaliação das ações ora elencadas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frente ao exposto, visualizamos a precariedade das políticas sociais voltadas para a população estudada. Nesse sentido, a experiência obtida a partir da atuação no projeto, possibilitou um maior conhecimento por parte dos alunos acerca da realidade dos assentamentos provenientes da reforma agrária, que não se diferencia das comunidades rurais,

entretanto o sentimento de pertencimento é bastante fragilizado, é como se estes tivessem perdido as esperanças de dias melhores.

Nesse processo, foi importante a associação das atividades de investigação e intervenção, com ações voltadas sempre para a perspectiva de acesso às informações inerentes aos direitos sociais. Por outro lado, percebemos o desinteresse por parte dos assentados em participar das atividades oferecidas pelo projeto, o que dificultou uma total efetivação dos objetivos iniciais e de resultados totalmente positivos. Contudo, a participação como bolsistas nesse projeto nos possibilitou uma aproximação direta com a realidade dessa população, fazendo-nos refletir sobre as condições reais de efetivação de políticas públicas voltadas para essa camada da população brasileira que está presente em todo o país.

Com isso, sentimos que é necessário que haja maior intervenção em realidades como esta não só por parte da Universidade, mas principalmente pelo Estado, pois sabemos que a primeira não pode e nem deve tomar para si toda a responsabilidade com relação à assistência que esses moradores necessitam. Nesse sentido, essa é uma prática que contribui para a formação profissional dos discentes fazendo com que estes amadureçam seu modo de pensar e de agir, frente às demandas postas na sociedade, principalmente no que concerne a realidade percebida nos assentamentos rurais por meio do projeto “Desenvolvimento social uma questão geracional e de gênero”.

7 REFERÊNCIAS

ABREL, Marina Maciel; CARDOSO, Franci Gomes. Mobilização social e práticas educativas. In: **Serviço Social: Direitos e Competências Profissional**. p. 593-608, CFESS, Brasília, 2009.

BERGAMASCO, Sônia Maria; NORDER, Luíz Antônio Cabello. **O que são Assentamentos Rurais**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, 5 de outubro de 1988.

_____. **Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)**, lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.

GOHN, Maria da Glória Marcondes. **Os sem-terra, ONGs e cidadania: a sociedade civil brasileira na era da globalização**. Ed. 3, São Paulo, Cortez, 2003.

PLANO NACIONAL DE EXTENSÃO, 1999, p. 4
FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS
BRASILEIRAS. **Plano Nacional de Extensão Universitária**. PNExt/2011.

MENEZES, S. F. S.; DANTAS, M. E. C.; CEZAR FILHO, P.; MEDEIROS, L. B. M; DUARTE, A. K. N.; PAIVA, F. J. C. **Políticas públicas e extensão: intersectorialidade e interdisciplinaridade no combate as desigualdades sociais.** Mossoró: Edições UERN, 2012.

ANEXO

Primeira atividade realizada no assentamento São José I



Palestra sobre “Direitos Previdenciários” no assento São José I



Palestra sobre saúde bucal e manhã recreativa São José I



A FASCINANTE ARTE DE CONTAR E RECONTAR HISTÓRIAS COM A TURNÊ: TEM HISTÓRIA HOJE? TEM SIM SINHÔ¹⁰!

Emanuela Carla Medeiros de Queiros*

Wandeson Alves de Oliveira**

Sandra Sinara Bezerra***

RESUMO: O presente trabalho se propõe a apresentar a trajetória do projeto Turnê: *Tem história hoje? Tem sim sinhô!* Uma iniciativa do Programa Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas – BALE, do *Campus* Avançado Prof.^a Maria Elisa de Albuquerque Maia, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Aborda as atividades de contação de histórias realizadas em espaços escolares e não escolares, situados em bairros periféricos do município de Pau dos Ferros e algumas cidades vizinhas para divulgar a contação de história como ferramenta estratégica para a formação do leitor através da mediação do personagem da arte circense (o palhaço). Para teorizar a produção foram utilizados os estudos de Abramovich (1997), Sampaio e Mascarenhas (2007), Souza (2011), Solé (1998), dentre outros. Considera-se que a arte milenar da contação de história vem perdendo seu espaço nos contextos educacional e social, ambos cenários para a formação do leitor. Nesse contexto, que tanto se deseja formar leitores para atuarem na sociedade como sujeitos ativos, essa iniciativa se configura como uma possibilidade de transformação. Considera-se que a estratégia de contação de história pela turnê tem refletido em todos os que fizeram parte da ação, de que é preciso resgatar cada vez mais essa atividade educativa, cultural e social para formar leitores.

Palavras – chave: Contação de histórias; Leitura; Formação de leitor.

* Mestranda pelo Programa de Pós – Graduação em Educação – POSEDUC – UERN, com pesquisa na área de leitura e formação de leitores. Membro voluntário do Grupo de Pesquisa e Planejamento do Processo de Ensino Aprendizagem – GEPPE, do *Campus* Avançado Prof.^a M^a Elisa de A. Maia – CAMEAM através do Programa Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas – BALE. E-mail: manumedeiros2005@hotmail.com

** Graduando em Letras/português pelo Núcleo Atualmente é bolsista do Programa Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas – BALE (7^a edição) através da CAPES com estudos na área da leitura, escrita e formação do leitor. E-mail: sr.wandesom@hotmail.com

*** Mestranda pelo Programa de Pós – Graduação em Educação – POSEDUC – UERN, com pesquisa na área de leitura, política e gestão, vinculada ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Estado, Educação e Sociedade – GEPPE, do *Campus* Central. E membro voluntário do Grupo de Pesquisa e Planejamento do Processo de Ensino Aprendizagem – GEPPE, do *Campus* Avançado Prof.^a M^a Elisa de A. Maia – CAMEAM, através do Programa Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas – BALE. E-mail: sinara_marinho@hotmail.com

¹⁰ Agradecemos as colegas professoras Diana Leite Lopes Saldanha e Francimeire Cesário de Oliveira pela revisão e leitura criteriosa do texto.

INTRODUÇÃO

*O contador de histórias é aquele que te leva aos lugares mais distantes.
Instiga a tua curiosidade. Traz à tona teus medos. Liberta teus sonhos.*
(Patrícia Rocha)

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a experiência de contar histórias, vivida durante o projeto Turnê: *Tem história hoje? Tem sim sinhô!* Trata-se de um projeto do Programa Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas – BALE, por intermédio do Prêmio Agente Jovem de Cultura – Diálogos e ações interculturais, do Ministério da Cultura – MinC 2011.

A iniciativa apresenta o personagem de um palhaço contador de histórias, o PiruliBALE¹¹, que busca despertar o gosto pela leitura por meio da contação de história entre risos e brincadeiras em espaços escolares e não escolares como hospitais, associações, praças, dentre outros, geralmente distantes dos grandes centros e de pouco ou nenhum acesso à leitura.

Este trabalho busca mostrar a atuação dessa iniciativa e as estratégias utilizadas, bem como suas contribuições e a importância de se ter atividades de literatura voltadas para o cotidiano de ambientes falhos de incentivo e promoção da leitura. Além de promover uma ação voltada para a formação de novos leitores pela arte da contação de história.

Para o respaldo teórico utilizamos alguns autores que discutem sobre a temática: Dohne (2000), Coelho (1989), Silva (2011), Soares (1988), Zilbermam (2003) entre outros, que fundamentam as discussões acerca da importância da leitura e a contação de história para a formação de novos leitores nos contextos sociais.

A estrutura do artigo está dividida em quatro sessões que viabilizam uma compreensão detalhada desta experiência satisfatória, bem como seus resultados. Tal experiência, em um período de seis meses, atingiu um grande público de mais de setecentos atendimentos diretos.

¹¹ O nome desse personagem foi criado durante a 3ª edição (2009) do Programa BALE para mediar as atividades de leitura. Devido a repercussão satisfatória o personagem ganhou destaque durante a 4ª edição (2010) e em 2013 foi protagonista da turnê.

Cenários, sujeitos e percursos metodológicos

Neste item apresentamos o cenário de atuação do projeto turnê, bem como a metodologia utilizada na realização dos encontros. Apresentamos ainda os sujeitos envolvidos durante a contação e os impactos positivos da ação na promoção da leitura.

Através do Programa de Extensão universitária Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas – BALE¹² foi realizada de fevereiro a julho de 2013 a *Turnê Tem história hoje? Tem sim sinhô!* Para sua realização foi planejado, através de encontros entre os envolvidos, as estratégias de leitura, a escolha das histórias e a organização dos encontros. A equipe constituía-se de aproximadamente 15 voluntários, entre alunos universitários, professores e comunidade externa, todos, membros do Programa BALE. As imagens a seguir mostram parte da equipe do projeto.

Imagem 01: Equipe do projeto turnê



Fonte: Arquivos do projeto Turnê

Imagem 02: Equipe do projeto turnê



Fonte: Arquivos do projeto Turnê

O personagem do palhaço PiruliBALE foi idealizado para mediar às atividades de leitura, tornando-se uma excelente alternativa de medição entre os livros e o público atendido. Diante repercussão do personagem estendemos a ação para essa iniciativa que teve duração de seis meses, tornando possível o acesso à leitura literária em lugares onde o seu acesso é limitado ou pouco explorado.

¹² Projeto de extensão Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas – BALE, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, *Campus* Avançado “Professora Maria Elisa de Albuquerque Maia” – CAMEAM, uma parceria entre os Departamentos de Educação e Letras. O BALE, é reconhecido nacionalmente pelo seu trabalho de incentivo à leitura. Objetiva motivar o gosto pela leitura nos espaços escolares e não escolares na cidade de Pau dos Ferros/RN e regiões circunvizinhas, atendendo crianças, jovens, adultos e idosos dos espaços escolares e não escolares, cuja finalidade é de estimular o gosto pela leitura de forma dinâmica, lúdica e criativa. Site: www.programabale.com.br.

Durante esse período, visitamos espaços como o Rotary Club, hospital e escolas (tanto da zona rural como da zona urbana) na cidade de Pau dos Ferros e cidades vizinhas, a exemplo de Umarizal, Marcelino Vieira e Doutor Severiano.

A escolha das histórias sempre foi um dos momentos mais importantes dessa iniciativa. Para Coelho (1989, p.20) “[...] a escolha da história funciona como uma chave mágica e tem importância decisiva no processo narrativo [...]”. Em equipe procuramos selecionar aquelas que se adequassem ao público que iríamos apresentar, bem como procuramos pensar na mensagem presente na narrativa que desejávamos repassar.

Para a realização dessa atividade, o palhaço PiruliBALE fazia uso de recurso como alguns objetos cênicos, livros e músicas. Um dos elementos principais utilizados é uma mala cheia de livros que o acompanha em suas apresentações da qual é retirado o livro da história a ser contada. As imagens que seguem, ilustram esse momento da contação.

Imagem 03: Contação de história



Fonte: Arquivos do projeto Turnê

Imagem 04: Contação de história



Fonte: Arquivos do projeto Turnê

É importante destacar que mesmo utilizando cenários, objetos e figurino durante as apresentações, a voz aparece como principal meio de apresentar a narrativa. Através da intensidade, clareza e tonicidade vocal que são produzidas as emoções as quais dão vida a contação e que se desenvolve e envolve o público.

Conforme indicado por Teixeira (1995, p. 13) ele afirma que “[...] é este aspecto de envolvimento emocional que o torna uma atividade com forte teor motivacional, capaz de gerar um estado de vibração e euforia”.

Além da contação, também realizamos outras atividades relacionadas à leitura, como recital de poesias em pernas de pau, brincadeiras com músicas, momento reconto da história entre outros que propiciam um contato entre leitor, autor e texto.

Os sujeitos envolvidos foram crianças, jovens, adultos e idosos, pessoas simples provenientes de comunidades distantes de ações culturais, bibliotecas e iniciativas de acesso aos livros. Todos os espaços foram selecionados mediante a necessidade de formação leitora, a partir de dados já constatados ao longo da atuação do Programa BALE.

Geralmente os encontros aconteciam nos pátios das escolas, quadras esportivas, espaços de praças, ruas e a própria universidade, onde realizamos o encerramento com o evento “Dedinho de Prosa¹³”, expondo os resultados exitosos desta iniciativa.

Diante da caracterização do cenário, dos sujeitos envolvidos e da metodologia utilizada, compreendemos a necessidade de envolvimento de cada membro do projeto, bem como das ações que antecipam cada contação, de modo que se possa envolver cada leitor na representação literária, estimulando seu imaginário e possibilitando seu crescimento, compreendendo-se como sujeito ativo e pensante.

Desse modo, concordamos com Cosson (2009), ao apresentar uma sequência básica para o desenvolvimento de atividades leitoras, com vistas à formação do leitor, constituída por quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação.

A motivação incide em preparar o sujeito para entrar no texto. A introdução é a apresentação do autor e da obra. A leitura é o acompanhamento do professor ou mediador tendo em vista o cumprimento dos objetivos e desenvolvimento do indivíduo e a interpretação é o momento de diálogo entre o leitor e o autor. Cosson (2009) considera esses passos relevantes para a realização de atividades de contação de histórias e leitura.

A arte de contar história: percursos da imaginação

Neste item apontamos os percursos e relevância do *contar história* para o desenvolvimento de um leitor. Apresenta ainda, como essa atividade pode contribuir para a formação humana, em uma perspectiva crítica, social e cultural.

As histórias são essenciais para o desenvolvimento da criatividade, da socialização, da linguagem, da expressão corporal e oral, bem como da capacidade de argumentar e

¹³ Esse evento foi realizado para apresentar os resultados alcançados durante a realização da turnê. Com uma programação voltada para o público participante das atividades e a comunidade acadêmica local, contamos com mesa redonda sobre contação de história; Recital e poesias, causos populares e a apresentação do documentário que narra toda a trajetória do projeto. Disponível no endereço eletrônico: <http://www.youtube.com/watch?v=erw8Pn1ireU>.

escolher, da subjetividade e da autonomia crítico reflexiva de cada sujeito envolvido na contação de histórias. Nesse item, apresentamos um pouco sobre essa arte milenar que atravessa gerações e que tem se perdido cada vez mais nos espaços de leitura.

O fantástico mundo da literatura sempre esteve presente nas narrativas, sendo assim, ouvir histórias se constitui como fundamental para a construção da infância, porque ao brincar e fantasiar seu mundo, a criança passa a entender as regras criadas pelo mundo adulto as quais têm que se submeter.

O contato com as histórias e o contador é fundamental para a imaginação e formação da personalidade, pois as histórias falam de alegrias, tristezas, aflições e outros sentimentos típicos do ser humano. Dessa forma, toda a apresentação deve resultar em emoções de fato vivenciadas, provocando um novo sentido ao ouvinte, estimulando seu imaginário e propiciando um reconhecimento do mundo e da realidade nunca antes alcançada. A naturalidade implica em segurança e simplicidade no desempenho. “[...] O contador de história não pode ser nunca um repetidor mecânico do texto que ele escolhe contar [...]” (SISTO, 2005, p. 22).

A contação de histórias configura-se como um instrumento de incentivo à leitura, contribuindo para desenvolvimento de sua linguagem na escrita e na oralidade. É um contributo para que o leitor possa fazer parte do mundo letrado, podendo experimentar novos saberes e apropriar-se do conhecimento e de cada realidade descrita nos livros, que são muitas vezes desconhecidas.

Durante a contação de histórias, o ouvinte vai criando interpretações e adentrando no mundo da literatura. Como aponta Sisto (2005, p. 20) “[...] o que vale mais é sentir a liberdade de ser coautor da história narrada e poder receber a experiência viva e criada da imaginação, o cenário, as roupas, as caras dos personagens [...]”.

A leitura que acontece por meio da contação indica que todo aquele envolvido com o mundo literário poderá sentir as mesmas emoções dos personagens, bem como conhecer e descobrir novos lugares e outros tempos que não são os seus (ABRAMOVICH, 1997).

O imaginário se apropria da história contada e começa a viver outras realidades, trazendo para perto de si o desconhecido, adquirido gradualmente e associado ao seu conhecimento de mundo.

O despertar do gosto pela leitura: contributos para a formação do sujeito leitor

Este tópico promove uma ampliação do conceito de formação do leitor a partir da

contação de história. Neste contato harmonioso entre texto e leitor, a interação é um passo para *o gostar de ler, de ouvir, de contar história*, enfim, é nessa sintonia que desabrocha a formação de novos leitores. Neste sentido, há muitas contribuições da contação para esse processo de formar leitores, o que veremos a seguir.

A leitura passou por grandes avanços, desde suas formas – impressa, digital e propagação – dos livros e multimídias à acessibilidade e aceitação. Sua concepção foi acrescida de interpretações variadas por muito tempo, sua contribuição para a formação pessoal e social foi questionada em tantos outros momentos. Até, enfim, chegarmos ao entendimento de sua importância para a constituição do sujeito leitor.

Em tempos passados, poucos tinham acesso ao livro, e conseqüentemente à leitura. Os que detinham um maior capital social possuíam alguns exemplares, embora seu conteúdo fosse controlado. O contato com o livro se deu gradualmente; no começo a leitura era principalmente a do livro sagrado, do qual o leitor se impregnava mesmo como ouvinte, uma vez que era realizada oralmente, como forma de socializar as experiências e como meio de controlar o que estava sendo lido (FISCHER, 2006).

Para o Poder Público, não seria interessante que a sociedade adquirisse autonomia crítica, por isso, o controle dos livros publicados, bem como suas leituras silenciosas que perduraram mais alguns anos.

Assim, o suporte da escrita evoluiu ao longo das épocas e dos progressos técnicos. A inovação tecnológica caminhava a passos rápidos, o barateamento na fabricação do papel, na impressão e na encadernação resultou em produções maiores e preços mais baixos (FISCHER, 2006), difundindo a prática de leitura, individualizando suas preferências e despertando o interesse por assuntos diversos, que variam entre política, religião, economia e literatura, dentre outros escritos.

De acordo com Silva (2002, p. 31), “a atividade de leitura se faz presente em todos os níveis educacionais das sociedades letradas”, podendo ser desenvolvida na interação de significados e produção de sentidos apresentados em cada texto, bem como nos elementos culturais e ideológicos do leitor.

A formação do leitor se caracteriza com uma diversidade de conhecimentos que envolvem a aquisição do saber adquirido no âmbito escolar, por intermédio da leitura e da escrita e toda sua experiência de vida. Lajolo (2004, p. 07) acrescenta que:

[...] lê-se para entender o mundo, para viver melhor. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente

se lê, num espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela.

Assim, podemos entender que, a formação do sujeito leitor está relacionada com o ato de conhecer, compreender e aprender o que foi articulado por outrem, estimulando o exercício da mente numa percepção do real em suas múltiplas significações (COELHO, 2000).

Nesse sentido, Silva (1998, p. 22) esclarece que “[...] a leitura deve ser tomada como uma prática social a ser devidamente encarnada na vida cotidiana das pessoas, e cujo aprendizado se inicia na escola, mas que, de forma nenhuma, deve terminar nos limites da experiência acadêmica”.

De acordo com esse pressuposto, compreendemos que nos dias atuais se faz necessário entender e construir mensagens diferentes, para que possamos alcançar autonomia social e desenvolver-se diante dos acontecimentos que nos rodeiam e desvendar por meio dos escritos outras culturas que são apresentadas com uma diversidade de ideias, vivências, sonhos e experiências.

Despertar o gosto pela leitura é possibilitar a formação do sujeito leitor. É necessário viabilizar o acesso ao meio literário de modo que o prazer e o gosto pelo ato de ler estimulem a busca pelo conhecimento em que cada um possa se constituir um agente transformador da sua própria realidade.

Para Silva (1985, p. 22),

O processo de leitura apresenta-se como uma atividade que possibilita a participação do homem na vida em sociedade, em termos de compreensão do presente e passado e em termos de possibilidades de transformação cultural futura. E, por ser um instrumento de aquisição e transformação do conhecimento, a leitura, se levada a efeito crítica e reflexivamente, levanta-se como um trabalho de combate à alienação (não racionalidade), capaz de facilitar ao gênero humano a realização de sua plenitude (liberdade).

Nesse sentido, a leitura não é uma prática individual que depende apenas do indivíduo, mas caracteriza-se como uma prática social que está associada diretamente ao contexto social, político, econômico e cultural dos sujeitos que vivem em sociedades coletivas.

Portanto, é uma atividade de questionamento, conscientização e libertação, resultando das interações entre as informações visuais que estão no texto e as não visuais que

são os conhecimentos armazenados, como afirma Freire (2011, p. 29) ao dizer que “a leitura de mundo precede a leitura da palavra”.

É nesta perspectiva que o BALE procura viabilizar o acesso ao texto literário, de modo prazeroso, através da contação de história e outras atividades relacionadas, incentivando o gosto pela leitura, envolvendo sua memória com o ato de ler. Instigando o sujeito a pensar com a intersubjetividade, interagindo com o texto e suas experiências, assim como a interpretação, que acontece de modo subjetivo. A fruição que favorece a continuidade do que fora lido e a intertextualidade que possibilita criar e recriar novos sentidos (YUNES, 1995, p. 194).

Tudo isso, aparece como um contributo para a formação do sujeito leitor, participante de uma sociedade e como tal, deve ser inserido nas suas diversas manifestações socioculturais.

Tem resultados exitosos? Tem sim sinhô!

Ao longo desses seis meses de atuação da turnê, contribuindo para a formação de novos leitores, nos possibilitou viver experiências importantes para a nossa vida acadêmica e social.

A contação de histórias além de instigar a imaginação dos ouvintes, nos leva também a refletir sobre nossa condição social como sujeitos modificadores do ambiente em que vivem (SOARES, 1988). Essa assertiva reforça a necessidade de se incentivar o gosto pela leitura em todos os espaços, uma vez que ampliando o acesso, estendemos também a quantidade de pessoas críticas capazes de atuar como seres ativos na sociedade pela ação da reflexão e do aprendizado contido nas histórias.

A todo o momento estamos fazendo leituras, quer lendo um romance, assistindo novelas ou ouvindo músicas, assim como também incentivando o outro a fazer leituras quando falamos dos nossos gostos. Estamos querendo que esse conheça as nossas leituras e se encante por elas. Chantal e Segré (2010, p. 13) ressaltam que ler “[...] é uma atividade integrada à vida cotidiana de cada um. Lê-se sem saber, sem querer, sem atentar para o fato, lê-se sem parar [...]”.

Nesse sentido, as ações tiveram uma repercussão satisfatória em todos os nove espaços visitados. Chegando a um total de mais de 700 atendimentos diretos. As imagens a seguir demonstram a mágica da contação de história mediada pelo palhaço contador, momento que desperta o interesse pela leitura, seja de crianças, jovens ou idosos.

Imagem 05: Interação com crianças



Fonte: Arquivos do projeto Turnê

Imagem 06: Interação com idosos



Fonte: Arquivos do projeto Turnê

Os resultados alcançados com as atividades de contação de histórias da turnê atenderam as expectativas em relação aos objetivos pensados e, se configuram como positivos, pois conseguimos proporcionar o acesso à leitura literária àqueles que nunca ou pouco tiveram contato com a leitura.

Ao contar histórias, ampliamos o nosso repertório de leitura e o repertório do outro, além de estimular a busca por outras leituras em diversas esferas da sociedade como na escola, nas vias públicas – praças, uma vez que todo espaço é digno do ato de ler.

Todavia, a equipe e o público que atendemos reconhecem o sucesso dessa iniciativa. Estimulando a leitura estamos formando leitores, sujeitos capazes de interagir e situar-se no mundo como protagonista da própria história pelo incentivo ao ato de ler (Silva, 2011). Uma vez democratizado seu acesso, tenhamos mais equidade nas ações socioculturais.

Assim, podemos afirmar que contar história é uma arte que deve fazer parte da formação de todo e qualquer sujeito. Enquanto ser social e histórico, o ato de ler ou ouvir modifica a estrutura reflexiva, proporcionando um repensar da própria existência, da própria participação. Além, de formar humanamente pela prática da leitura como um instrumento de transformação.

CONCLUSÃO

O desejo de democratizar e despertar o interesse pela leitura de textos literários em pessoas que não tiveram acesso a esse bem cultural é um dos objetivos do programa BALE. A iniciativa da turnê: TEM HISTÓRIA HOJE? TEM SIM SINHÔ! Configura-se como um contributo nessa pretensão de conseguir formar mais leitores – reflexivos, críticos e capazes

de questionar o mundo a sua volta –, tornando-os ativos na sociedade pela compreensão e acesso à leitura, sendo a contação uma das estratégias dessa formação.

A ideia de utilizar o palhaço como contador de histórias é bastante eficaz para despertar o gosto pela leitura através da arte circense milenar que promove a interação. Por meio do riso e da brincadeira estamos gerando o resgate cultural da contação de histórias, tradição realizada pela oralidade, que tanto tem sido esquecida nos dias atuais e se faz tão necessária na formação do sujeito.

Para tanto, a contação de histórias exerce um bem inigualável a formação do sujeito. Provoca em nós a reflexão acerca das práticas de leitura que estamos vivendo atualmente, e nos faz perceber a necessidade de promoção de práticas que venham ao encontro do resgate dos livros, das histórias e da formação de sujeitos leitores e por essa prática formar também para a vida a partir da compreensão. Desse modo, reconhecemos que ainda há muito que conquistar com a continuidade da turnê em momentos futuros de promoção e incentivo a leitura.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fany. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

CHANTAL, H-L. Segré, M. **Sociologia da leitura**. Tradução Mauro Gama. – Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2010.

COELHO, Betty. **Contar Histórias: Uma arte sem Idade**. São Paulo: Ática, 1989.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

DOHNE, Vânia. **Técnicas de contar Histórias**. São Paulo, SP: Informal, 2000.

FISCHER, Steven Roger. **História da leitura**. Tradução Claudia Freire. - São Paulo: Editora UNESP, 2006.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. - 51. ed. - São Paulo: Cortez, 2011. - (Coleções questões da nossa época; v. 22).

LAJOLO, Marisa. **No mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo, SP: Ática, 2004.

QUEIRÓS, Emanuela Carla de Medeiros. **Turnê “Tem história hoje? Tem sim sinhô”!** Projeto do “Prêmio Agente Jovem de Cultura”. Rio de Janeiro: MinC, 2011.

SAMPAIO, Maria Lúcia Pessoa; MASCARENHAS, Renata de Oliveira. **Projeto Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas (BALE)**: ação conjunta entre a universidade e a comunidade paufferrense. Projeto de extensão. Pau dos Ferros, 2007.

SILVA, Ezequiel Teodoro da. **Críticidade e leitura**: ensaios. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1998. (Coleção Leituras no Brasil).

_____. **Leitura e Realidade Brasileira**. 2ª ed. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985.

_____. **O ato de ler**: Fundamentos psicológicos para uma nova Pedagogia da Leitura. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 2011.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. 2ª ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2005.

SOARES, Magda Becker. **As condições Sociais da Leitura**: uma reflexão em contraponto. In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro (organizadores). **Leitura: Perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Ática, 1988. P.18-29.

YUNES, Eliana. **Pelo avesso**: a leitura e o leitor. Revista de Letras. Curitiba, nº 44, p. 185-196, 1995.